

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

ENTRE O ERUDITO E O VERNACULAR

A Leitura do Lugar da Quinta das Águas Férreas — Concepção de um Pólo de Investigação e Desenvolvimento Agrícola

Inês Marques Belo

Licenciada em Estudos Arquitectónicos

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

Professor Doutor Pedro Paulo da Silva Marques de Abreu

Professor Doutor António Miguel Neves da Silva Santos Leite

Júri:

(Presidente) Professor Doutor Hugo José Abranches Lopes Farias

(Orientador) Professor Doutor Pedro Paulo da Silva Marques de Abreu

(Vogal) Professor Doutor Michel Toussaint Alves Pereira

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, FAUL, Novembro 2019

RESUMO

Limite sul ao casario com que se desenha a povoação de Venda-Seca, lugar de Belas, a Quinta das Águas Férreas distende-se nos seus quinze hectares verdejantes como uma promessa fecunda entre traços eruditos e vernaculares, sintetizada nos contornos de uma adaptação da *Casa Portuguesa* de Raul Lino.

Apesar da sua interessante singularidade e do seu potencial poético que testemunha um passado sustentado por águas de nobres propriedades, refletidas em coloridas pedrarias de origens setecentistas, a Quinta permanece, há cerca de duas décadas, numa situação de abandono que potencia a sua degradação e a vota alheia ao conhecimento geral.

Com o presente trabalho, pretende-se a exposição e investigação de um caso que, entre muitos daqueles que tomam lugar nos perímetros suburbanos das grandes cidades — e que por isso são muitas vezes desvalorizados —, merece consideração pelo património, natural e edificado, da memória coletiva que reúne. Mas procura-se, igualmente, contribuir para a reflexão acerca do reconhecimento do conteúdo específico de cada lugar como modo de compreender a sua correspondência com o habitar humano e, assim, sustentar uma intervenção que preserve (e realce) essa identidade singular.

PALAVRAS-CHAVE

Quinta das Águas Férreas

Erudito/Vernacular

Leitura do Lugar

Genius Loci

Reabilitação

É deste entendimento que se norteia o percurso tomado ao longo da investigação desenvolvida para a Quinta das Águas Férreas. Partindo da experiência presencial do lugar, delineou-se uma abordagem onde a leitura da história, da forma e do *sentido* — como componentes cruciais ao (re)conhecimento de um espaço onde se pretende intervir arquitetonicamente — convergem para uma das várias possibilidades de interpretação dos pressupostos encontrados ao longo do processo, materializada no projeto de reabilitação.

ABSTRACT

South boundary to the houses that settle Venda-Seca povoation, place of Belas, Quinta das Águas Férreas broadens itself through the greenery of fifteen hectares as a fruitful promise between *high style* and *folk style* traits, synthesised in an adaptation of Raul Lino's thinking about the portuguese houses.

Besides its interesting uniqueness and its poetic potential — witness of a past where wealthy waters and eighteen century's stone embroidery works took place — this *villa* remains in a situation of abandonment since nearly two decades now, which intensifies its degradation state and the general unawareness by people.

It is this essay's aim to expose and look into a case that, between many of those placed in the major cities' suburban area — and which, because of that, are often undervalued — deserves consideration on account of its natural and built heritage, a gathering of collective memory. It is also an aim of this paper to contribute to the discussion about the specific content of each place as a mean of understanding its correspondence to the human dwelling and, as such, to support an architectural intervention that preserves (and enhances) that unique identity.

KEY-WORDS

Quinta das Águas Férreas

High Style/Folk style

Analysis of the Place

Genius Loci

Rehabilitation

It is from this understanding that the path taken along this investigation about Quinta das Águas Férreas is developed. Going from on-site experience, an approach was designed where historical, formal and significance analyses — as crucial acknowledgement components of a space where an architectural intervention is intended to happen — converge towards one of the several possibilities of interpreting the conditions found along the process, which becomes materialized in the rehabilitation project.

A minha Mãe, lugar primeiro

e lugar de sempre.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor António Leite pelo constante entusiasmo.

Ao Professor Pedro Abreu pelo constante rigor.

A ambos pelos ensinamentos e inspiração.

Às entidades e pessoas que, ao longo da realização deste trabalho, contribuíram atenciosamente com as informações de que dispunham.

Em especial, aos descendentes da família Abecassis Corrêa de Barros (Miguel F.A., Margarida V.P., Tereza C.M. e Sofia M.) pela confiança e pelos depoimentos que muito vieram colorir o meu entendimento das Águas Férreas.

À *dona* Glória, pelas visitas à Quinta e pela generosidade.

Ao Arquiteto António Henriques, ao Professor Amílcar Gil Pires e a Ricardo Ribeiro (*Laboratório Sustenta*), pela documentação. À Isa, pelas *cerâmicas*.

A Alexandre Quental (*Square Asset Management*), pela autorização no acesso à Quinta. Ao Arquivo e Biblioteca Municipais de Sintra.

Aos Tovar Faro Talefe, mais do que pela bibliografia, pelo acolhimento.

A Ferrara, que nos seus tijolos mais me ergueu.

Às MILC, pelos anos de descoberta, partilha e entreaajuda nesta *casa* que é a Arquitetura.

À Joana, pela presença sempre próxima.

Ao Mário, pela inabalável dedicação e ânimo ao longo deste percurso, que foi também parte do nosso.

Aos meus avós, pais e irmã pelo incessante apoio; por acreditarem que cada pequeno traço é caminho para algo maior.

A todos os que, de algum modo, inspiraram a concretização deste trabalho (e a concretização de mim mesma — *habitante, arquiteta, pessoa*), um profundo obrigado.

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO	5
1.1. Questão	7
1.2. Objeto	9
1.3. Objetivo	11
1.4. Método	12
II. O LUGAR <i>MATERIAL</i>	15
2.1. A Região: o Território de Venda Seca e Belas	17
2.1.1. Um Percorso Histórico e Geográfico	17
2.1.2. As Águas	26
2.1.3. A Contemporaneidade	31
2.2. A Quinta das Águas Férreas	41
2.2.1. A História e as Memórias	41
Reconhecimento	
Génese	
Um Passado Próximo	
2.2.2. A Questão da <i>Casa Portuguesa</i>	75
2.2.3. A Casa Portuguesa na Quinta das Águas Férreas	90
2.2.4. Outras influências	104
III. O LUGAR <i>SENTIDO</i>	117
3.1. Leitura	119
3.1.1. Introdução <i>Vegetal</i>	119
3.1.2. Aproximação	123
3.1.3. Casa e Pátio de Chegada	124
3.1.4. Torreões e Embrechados	133
3.2. Um <i>Sentido</i> para a Quinta das Águas Férreas	140

IV. O LUGAR CONTINUADO	149
4.1. O <i>Querer</i> (do Lugar e da Arquitetura)	151
4.1.1. Advertência	152
4.1.2. Pistas	153
Programa	
Formalização	
4.2. A Proposta	158
4.2.1. Desenvolvimento Programático	158
Núcleos Funcionais	
4.2.2. Materialização	163
Estratégia Geral	
O Muro como <i>Traçado Conciliador</i>	
Ambiências	
A Reinterpretação de um <i>Traço</i> Identitário	
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
VI. BIBLIOGRAFIA	179
VII. ANEXOS	191
7.1. Peças Desenhadas	
Seleção de Esquissos	249
Painéis Finais	257
7.2. Maquetas	273

ÍNDICE DE IMAGENS

1. Percursos antigos em Belas, 2018. *Esquema da autora (com base no descrito em <http://www.arqa.pt/periodos/textos/terra/estrada%20real.htm>, <http://www.viasromanas.pt/> e RODRIGUES, Rui — Quinta do Senhor da Serra (Belas). Análise Arquitectónica e Territorial. Sintra: Câmara Municipal de Sintra (Pelouro da Cultura), 2012.)*
2. Bellas - Avenida de S. Raphael, postal ilustrado, séc. XIX. A. Duarte dos Reis, in *Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Sintra*.
3. Piquenique burguês, 1907. Joshua Benoliel, in *Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa*.
4. Romeiro saloio, 1907. Joshua Benoliel, in *Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa*.
5. Romeiros em carroça, início do séc. XX. Autor desconhecido, in *Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa*.
6. Regresso da feira, entre 1950 e 1960. Helena Corrêa de Barros, in *Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa*.
7. Barragem romana de Belas. Carlos Firmino, in <https://olharescruzados.blogs.sapo.pt/29960.html>.
8. Abastecimento na fonte (Rua Falcão Rodrigues, Belas), início do séc. XX. Autor desconhecido, in *Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Sintra*.
9. Paisagem construída da vila de Belas, 2018. *Googlemaps.com*.
10. Vista geral de Belas, início do séc. XX. Autor desconhecido, in *Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Sintra*.
11. Vista aérea de Belas, 2018. *Bingmaps.com*.
12. Largo Falcão Rodrigues, Belas, início do séc. XX. Autor desconhecido, in *Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Sintra*.
13. Largo Falcão Rodrigues, Belas, 2018. *Googlemaps.com*.
14. Estrada do Bom Jardim, 1927. Autor desconhecido, in *Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Sintra*.
15. Torreões, entrada, 2017. *Fotografia da autora*.
16. "Palacete (Venda Seca)", Agosto 1947. Helena Corrêa de Barros, in *Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa*.
17. Cruz e padrão de informações, ?. Francisco d'Ollanda in SEGURADO, Jorge - Francisco d'Ollanda. Lisboa: Excelsior, 1970.
18. Planta dos Torreões, ?. Jorge Segurado, in SEGURADO, Jorge - Francisco d'Ollanda. Lisboa: Excelsior, 1970.
19. Torreões, vista do interior da Quinta, ?. Jorge Segurado in SEGURADO, Jorge - Francisco d'Ollanda. Lisboa: Excelsior, 1970.

20. Torreões, vista da estrada, ?. *Jorge Segurado in SEGURADO, Jorge - Francisco d'Ollanda. Lisboa: Excelsior, 1970.*
21. Volume da adega e primeiro tanque com ornamento de embrechados, ?. *Jorge Segurado, in SEGURADO, Jorge - Francisco d'Ollanda. Lisboa: Excelsior, 1970.*
22. Ornamento de embrechados central ao primeiro tanque, 2017. *Fotografia da autora.*
23. Espaldar de embrechados do segundo tanque, 2017. *Fotomontagem da autora.*
24. Menina com carranca por trás ("Recordação do dia 10-9-1932 aos 10 anos da Zézita. Que Bébé! Oferece à ex.ma Família Silva. Venda-Sêca."), 1932. *Autor desconhecido, fotografia cedida pelo arquiteto António Henriques.*
25. Fonte do pátio interior, 2013. *Arq.º António Henriques.*
26. Fonte do pátio interior, 2017. *Fotografia da autora.*
27. Baile de máscaras I, 1932. *Autor desconhecido, fotografia cedida pelo arquiteto António Henriques.*
28. Pátio de chegada à casa, 2017. *Fotografia da autora.*
29. Baile de máscaras II, 1932. *Autor desconhecido, fotografia cedida pelo arquiteto António Henriques.*
30. Escadaria e balaustrada, 2019. *Fotografia da autora.*
31. Menina junto da fonte ("Recordação do dia 10-9-1932 - Boneca articulada. A Zézita Silva Araújo oferece à ex.ma família Silva Venda-Sêca"), 1932. *Autor desconhecido, fotografia cedida pelo arquiteto António Henriques.*
32. Ala poente da casa, vista do pátio de chegada, 2017. *Fotografia da autora.*
33. Fortunato Carlos Bensaude Abecassis, 1936. *Meggese S. A., in <http://www.abecasis.info/>.*
34. Sophia Amzalak Buzaglo, ?. *Elias Frederico (Fred) Abecassis, in <http://www.abecasis.info/>.*
35. Crianças na quinta ("Pequenos e Ducha na quinta"), Agosto 1948. *Helena Corrêa de Barros, in Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.*
36. Crianças na quinta ("Pequenos - Venda Seca - Margarida, Tereza, Manoel, Sofia"), 1947. *Helena Corrêa de Barros, in Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.*
37. Casa da Comenda - integração na paisagem, ?. *Autor desconhecido, in <https://bpiexpressoimobiliario.pt/palacetesolar/setubal/setubal/sjuliao-ns-da-anunciada-e-smaria-da-graca/a8447526>*
38. Casa das Águas Férreas - integração na paisagem, 2017. *Fotografia da autora.*
39. Pisos da casa das Águas Férreas - espaços servidos (rosa escuro) e servidores (rosa claro), 2018. *Fotografia da autora.*

40. Corredor de acesso a quartos, Casa de Santa Maria (Cascais), 2003. *QUINTINO, José L. (textos); SAT, Claudio; TRIGUEIROS, Luiz (edit.) - Raul Lino. Lisboa: Editorial Blau, 2003.*
41. Corredor de acesso a quartos, Casa das Águas Férreas, 2017. *Fotografia da autora.*
42. Corredor de acesso a zonas servidoras, Casa de Santa Maria (Cascais), 2017. *Fotografia da autora.*
43. Corredor de acesso a zonas servidoras, Casa das Águas Férreas, 2017. *Fotografia da autora.*
44. Um aspeto dos volumes da casa, 2017. *Fotografia da autora.*
45. Casa da família Abecassis Corrêa de Barros na Praia Grande (Sintra), 1950. *Helena Corrêa de Barros, in Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.*
46. Percurso em mata na Quinta das Águas Férreas, 2017. *Fotografia da autora.*
47. Perfil longitudinal poente (território), 2019. *Desenho da autora.*
48. Perfil longitudinal nascente (território), 2019. *Desenho da autora.*
49. Perfil transversal (território), 2019. *Desenho da autora.*
50. Percurso tomado na leitura da Quinta, 2019. *Desenho da autora.*
51. Aproximação e apoios agropecuários, 2019. *Desenho da autora.*
52. Casa e pátio de chegada, 2019. *Desenho da autora.*
53. Alçado nascente (casa), 2019. *Desenho da autora.*
54. Secção nascente (casa), 2019. *Desenho da autora.*
55. Pátio interior (casa), vista para nascente, 2019. *Desenho da autora.*
56. Torreões (e garagem), 2019. *Desenho da autora.*
57. Tanques, 2019. *Desenho da autora.*
58. Jacinto das Águas Férreas, 2019. *Desenho da autora.*
59. Pomar de citrinos, 2017. *Fotografia da autora.*
60. Desenvolvimento e preservação da identidade, 2019. *Esquema da autora.*
61. O projeto como rio, 2019. *Esquema da autora.*
62. Quinta Pedagógica dos Olivais, 2018. *Fotografia da autora.*
63. Instituto Superior Agrícola (UL), 2018. *Fotografia da autora.*
64. Quinta Pedagógica dos Olivais, 2018. *Fotografia da autora.*
65. Estrutura Porticada Pilar-Viga do Novo Corpo Edificado (com muros adjacentes), 2018. *Modelo tridimensional da autora (projeto em desenvolvimento).*
66. Piscinas de Leça da Palmeira (Arq.º Álvaro Siza Vieira), 2017. *Atelier XYZ in <https://alvarosiza.divisare.pro/projects/336380-leca-swimming-pool>.*
67. WFP. Water Filtration Plant (C+S Architects), 2009. *Pietro Savorelli in <https://www.archdaily.com/48454/water-filtration-plant-cs-associati>*
68. Azulejos, 2000. *Obra de Adriana Varejão, artista plástica in <https://www.archdaily.com/319723/adriana-varejao-gallery-tacoa-arquitetos>*

69. Naufrágio da Nau da Companhia das Índias, 1992. Obra de Adriana Varejão, artista plástica in <https://i.pinimg.com/originals/24/18/c8/2418c860c059e55e81c57d50b9b0f5cb.jpg>
70. Reinterpretação de Padrão de Embrechado, 2018. Maqueta 30x30cm da autora (projeto em desenvolvimento).
71. Muro de Embrechados, 2018. Fotomontagem da autora (estudo de possibilidades de escala; projeto em desenvolvimento).

ANEXOS

1. Saloio e seus burros no Largo Falcão Rodrigues, Belas, 1906. Autor desconhecido, in *Ilustração Portuguesa*, 2ª série, n.º20, 9 de julho 1906.
2. Quinta da Penha Verde (Sintra), ?. Autor desconhecido in <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70450>
3. Paço dos Henriques (Alcáçovas), 2015. Sergiy Scheblykin in <http://www.insitu.pt/alcacovas.html>
4. Palácio Fronteira (Benfica), 2015. Franck Ripert in <http://gavetacom saber.blogspot.com/2015/08/arquitetura-em-portugal-entre-o-gotico.html>
5. Convento dos Capuchos, 2017. Fotografia da autora.
6. Helena e Eduardo Correia de Barros, 1970. Helena Corrêa de Barros, in *Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa*.
7. Espelho de Água e Belém Clube, 1961. Arnaldo Madureira, in *Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa*.
8. Colunata do Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, 2008. Therese C., in https://pt.wikipedia.org/wiki/Santu%C3%A1rio_de_F%C3%A1tima
9. Habitação Unifamiliar, Galamares, 1948. Desenhos de António Lino, in <http://tracodoarquiteto.cm-sintra.pt/antonio-lino1/>
10. Colónia de Férias CUF, Rodízio, 1948. Desenhos de António Lino, in <http://tracodoarquiteto.cm-sintra.pt/antonio-lino1/>
11. Avenida da Torre de Belém n.º 28, 1942. Desenho de António Lino in D'ALMEIDA, Patrícia Bento — *Bairro(s) do Restelo*, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, 2013.
12. Avenida do Restelo n.º21 - Rua Dom Lourenço de Almeida n.º 23, 1942. Desenho de António Lino in D'ALMEIDA, Patrícia Bento — *Bairro(s) do Restelo*, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, 2013.
13. Rua Dom Lourenço de Almeida n.º 21, 1943. Desenho de António Lino in D'ALMEIDA, Patrícia Bento — *Bairro(s) do Restelo*, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, 2013.
14. Casa das Máquinas/ Antiga Capela, 2013. Arq.º António Henriques.
- 15 a 39. Aspetos Interiores da Casa, 2017. Fotografias da autora.

40 a 43. Centro de Documentação e Informação do Palácio de Belém (Arq.º João Carrilho da Graça), 2018. *Fotografias da autora*.

44 a 62. Análise de Patologias Construtivas nas Pré-existências. *Fotografias da autora* (2017) e *Esquemas in* AGUIAR, José; PAIVA, José. V.; PINHO, Ana — *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional*. vol. I, 1ª ed. Lisboa: Instituto Nacional de Habitação e Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2006.

"Antes,
eu buscava
conhecer um lugar.

Agora,
apenas quero
um lugar
*que me conheça."*¹

¹ COUTO, Mia — (O Piso e o Passo) *Idades Cidades Divindades*. Lisboa: Caminho, 1987, p.

I. INTRODUÇÃO

"Sendo óbvio que habitamos fisicamente um espaço, sentimentalmente somos habitados por uma memória. Memória que é a de um tempo e de um espaço, memória que constantemente se vai acrescentando, e também reduzindo, no interior da qual vivemos, como uma ilha flutuante entre dois mares: um que chamamos passado, outro a que chamamos futuro. No mar do passado próximo, podemos navegar graças à memória pessoal que conservou lembrança das suas rotas, mas, para navegar no outro passado, no mar do passado remoto, temos de recorrer às memórias que o tempo acumulou, as memórias de um espaço sucessivamente transformado e afinal tão fugidio como o tempo. Esse filme único comprimiria o tempo e expandiria o espaço, representaria, por assim dizer, a memória perfeita."

²

² SARAMAGO, José - *Folhas Políticas 1976-1998*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999, p. 174 e 175.

1.1. QUESTÃO

Partindo do reconhecimento do *lugar*³ como um conjunto de especificidades pré-existent a qualquer intenção ou abordagem humana, resultante de uma abrangência de factores naturais e circunstanciais, entendemos que todos os lugares possuem uma dada ambiência particular que é delineada e promovida, em primeira instância, por esses mesmos factores. Em lugares moldados pela intervenção humana, àquelas pré-existências de ordem natural acrescem motivações que nunca são completamente alheias às primeiras ambiências captadas, mas que, ao invés, traduzem o entendimento que o Homem fez daquele dado ambiente, pré-existente àquele encontro.

Esta compreensão — de que todo o lugar possui um dado conjunto de especificidades determinantes ao seu carácter, que nos é transmitido pela sua forma física — infere ao arquiteto uma responsabilidade que se revela central ao exercício da sua profissão e que se transfigura na forma de questão perante cada lugar onde se propõe a intervir: como abordar *este* pequeno *cosmos*⁴, físico e significativo, diferente de todos os outros porque agregador (e resultante) de certas particularidades que não se repetem de igual modo em qualquer outro lugar?

Nesta questão, reveladora de uma procura pela identificação humana com o lugar (natural ou já humanizado, nos diversos graus possíveis), está subjacente uma preocupação com a própria identidade (e integridade) do mesmo — aquela conferida pelas pré-existências e circunstâncias prévias ao *nosso* contacto com ele —, na medida em que reconhecemos o valor da sua singularidade no mundo em que nos movemos; e nos movimentos do nosso *mundo*. Reconhecemos-lhe, no fundo, a sua singular importância representativa para a humanidade, enquanto espaço onde se concretiza uma habitabilidade específica, logo, uma particular correspondência significativa com (e para) o Homem, que entendemos dever ser preservada.

Da consciência destas circunstâncias, e numa revelação um tanto ou quanto paradoxal, surge, como hipótese ao percurso interventivo, o aprofundar do conhecimento acerca das próprias especificidades do lugar, que convergiram para

³ Não falamos aqui de um *lugar* específico, mas sim do conceito de *lugar* enquanto espaço significativo para o Homem — habitável.

⁴ Enquanto organismo singular, palco de dinâmicas próprias e agregador de significados.

aquela dada ambiência única. É desta compreensão, voltada à gênese e desenvolvimento (enquanto *palimpsesto*) da questão em estudo, que se irão reunir as ferramentas a adoptar no caso específico de cada lugar.

A questão da reabilitação é assim enquadrada do ponto de vista da unicidade de cada lugar, por meio de uma abordagem que reconhecemos como válida a uma mais completa compreensão do objeto em estudo, coincidente com um modo — que se prevê mais consistente — de guiar o nosso entendimento acerca da intervenção sobre a pré-existência.

1.2. OBJETO

À questão acerca da identificação do valor substancial das pré-existências como abordagem ao processo interventivo, corresponde neste trabalho o lugar da Quinta das Águas Férreas. Apesar de reconhecermos a importância de um processo interventivo baseado num entendimento informado acerca das particularidades (históricas, formais, significantes) de cada lugar, importa ressaltar que a escolha da Quinta das Águas Férreas não a estabelece como mero objeto subserviente a uma metodologia externa. Antes procuramos que seja a própria singularidade encontrada na Quinta a definir a direção do percurso de intervenção, num traçar explicativo e justificativo das características intrínsecas àquela atratividade específica que lhe reconhecemos.

É desta proximidade — estabelecida através das diversas dimensões do lugar e pelos modos de habitar sugeridos da relação entre mancha natural e construída — que resulta um acolhimento específico, percebido por entre contornos vincadamente ambíguos mas surpreendentemente harmoniosos. De facto, é da combinação tanto de aspetos da quinta rural de produção agrícola como da quinta burguesa de recreio que resulta a complexidade da Quinta das Águas Férreas; e também daqui partiu a nossa atração sobre ela.

Localizada na povoação de Venda Seca, lugar de Belas, a Quinta insere-se em parte daquela que foi a denominada *região salaia* do concelho de Sintra, distendida por entre os férteis campos dos arredores suburbanos de Lisboa — cidade que abastecia de ricas águas e alimentos. À escala da povoação, o contexto exterior da Quinta é espacialmente definido por um muro paralelo à estrada que remata o lado sul do casario de traços vernaculares, num conjunto pontuado por algumas casas de aparência senhorial. Na sua extensa presença, a Quinta demarca-se assim como denominador comum a esta povoação periférica, embora não dialogue abertamente com ela. Daqui surge também a sua força atrativa: sentimos a sua presença, mas não a podemos vivenciar, pois a Quinta é marcadamente virada sobre si mesma.

É deste mundo interior que vive a Quinta das Águas Férreas. Para além da sua situação *urbanística*, a sua posição geográfica compreende uma interessante situação topográfica e geofísica que proporciona o assentamento particular dos seus núcleos construídos, em coordenação com cursos de água e traçados vegetais. Esta atratividade seria já reconhecida no século XVII ou XVIII, quando

da edificação dos primeiros núcleos da Quinta, dois dos quais subsistentes até hoje: o conjunto de torreões de feição renascentista, que marca a entrada principal, e o conjunto de tanques, cujos espaldares ornamentados de embrechados testemunham a riqueza das águas que por ali passam.

É, porém, já aos inícios do século XX que se reporta o grande desenvolvimento da Quinta, cujo conjunto habitacional (e outras dependências de apoio doméstico e rural) se veio sobrepor a algumas pré-existências, numa afirmação da *Casa Portuguesa*, aqui adaptada pelo arquiteto António Lino. Entre o pendor erudito e o vernacular, a Quinta testemunha hoje a presença de diferentes épocas construtivas que retratam os distintos modos de pensar e habitar este lugar e que resultam num todo integrado e coerente na forma como se humanizou este território.

De acordo com as potencialidades reveladas e com o atual estado de degradação, reconhece-se a relevância de uma operação de investigação e projeto sobre o conjunto da Quinta das Águas Férreas, como hipótese à reativação e revalorização deste lugar enquanto Arquitetura — habitada pelo Homem.

1.3. OBJETIVO

Conforme anteriormente aproximado, é objetivo deste trabalho o desenvolvimento de um percurso analítico e prático, no âmbito da arquitetura, com enfoque nas dimensões histórica, morfológica e simbólica da Quinta das Águas Férreas. Esta tripla abordagem revela-se basilar ao método adoptado neste trabalho, que parte da experiência fenomenológica do lugar como etapa fulcral ao reconhecimento do conteúdo significativo, veiculado pela concordância das referidas dimensões. A procura pela compreensão da especificidade do lugar contempla ainda a exploração de conceitos tidos como pertinentes ao percurso de clarificação da experiência que o lugar nos proporciona — o caso da questão da *Casa Portuguesa*, paradigma de significados formais e simbólicos inerentes à arquitetura reconhecida na Quinta — e o confronto com registos documentais que contribuem para o adensar de conhecimento acerca da cultura material e imaterial do lugar.

No avançar do exercício, todas as variáveis referidas e participantes na investigação concorrem para o enunciar de um *significado*, um *para-mim*, que se pretende suficientemente fundamentado⁵ e reconhecidamente intersubjetivo acerca do lugar. Com isto não se pretende, porém, apontar o *significado* como uma verdade única e absoluta, segundo uma metodologia predeterminada, mas antes apresentar uma leitura operativa no contexto encontrado, que permita um perpetuar daquele valor específico — veiculado por uma memória que aproxima o passado do presente, e que nos cabe reconsolidar para o futuro — através da intervenção informada sobre o mesmo.

É deste processo unificado entre investigação e projeto, traço escrito e traço desenhado, que se trata o objetivo último deste trabalho.

⁵ Enquanto *adequado* ao lugar e ao sujeito.

1.4. MÉTODO

O método proposto para o desenvolvimento deste trabalho é determinado pelo objeto em estudo: é a partir da sua singularidade, do ponto de vista da correspondência que estabelece com o sujeito que o habita, que se define o percurso operativo para o seu entendimento e consequente abordagem interventiva.

Nesta perspetiva — e de um modo genérico —, admitimos a importância do traçar faseado de uma leitura particularizada a cada lugar como processo de aproximação do arquiteto interveniente à especificidade de cada arquitetura. Não obstante os vários modos (válidos) de percorrer este trajeto, entendemos que será apenas do (re)conhecimento das particularidades de cada lugar que se poderá apurar a que instrumentos recorrer para com ele dialogarmos segundo uma postura suficientemente fundamentada e honesta quanto àquilo que dele recebemos — e que dele importa conservar, concretizar, (re)consolidar.

Para além destes instrumentos, que numa segunda fase nos ajudam a atuar sobre o lugar (contribuindo para a definição de parâmetros para o projeto), valemo-nos numa primeira etapa dos que concorrem para informar o nosso entendimento acerca de percepções e afinidades que estabelecemos com o mesmo. Em ambos os casos, importa recorrer a paralelismos simbólicos estabelecidos entre conceitos independentes (factuais, poéticos, fenomenológicos,...) e elementos físicos do lugar, num processo não linear em que se pretende fundamentar opções de intervenção a partir do confronto entre pistas encontradas ao longo do caminho percorrido.

Do primeiro conjunto considerado tomam, portanto, parte os recursos teóricos que sustentam este processo de leitura. O percurso inicia-se aqui pela interpretação de fontes de informação histórica e geográfica que se assumem como peças necessárias a um primeiro enquadramento das particularidades do território em que se formaliza a Quinta das Águas Férreas; mas também pela articulação destes elementos com outros, de carácter mais informal (as *memórias*) que, sob forma de testemunhos ou registos fotográficos, poderão oferecer interessante apoio informativo — devidamente complementadas, sempre que útil, pelo levantar de hipóteses e interpretações que se pensa poderem contribuir para uma exploração e compreensão mais aprofundadas do lugar.

Através de uma abordagem multifocal que pretende o adensar do conhecimento do objeto nas suas várias dimensões, cruza-se esta documentação (e respetiva

interpretação) com um conjunto de conceitos (externos) que se revelam pertinentes pelos esclarecimentos tanto históricos quanto formais (e, sobretudo, *significantes*) que permitem acerca de particularidades da Quinta. Aqui se insere a noção de *Casa Portuguesa* de Raul Lino, reinterpretada sob influência *moderna*.

Para este estado do conhecimento — e ainda enquanto conceitos externos — concorrem também pontuais contributos poéticos e narrativos que se mostram de algum modo próximos a certas singularidades identificadas no lugar, estabelecendo-se assim entre estes termos um paralelismo que, apesar de subjetivo, em muito se crê clarificador da essência da Quinta das Águas Férreas.

Para além destas referências — e sobretudo —, este método em muito se reconhece nos contributos de autores que teorizaram a prática de Arquitetura enquanto *casa* de conteúdos significantes e de correspondências humanas⁶. Da maior importância se reveste também assim o processo de leitura proposto pelo Professor Pedro Abreu⁷ enquanto sólida possibilidade ao traçar desta procura pela compreensão de um lugar e contributo à construção de um entendimento pessoal, que assim se julga mais sustentado, sobre os modos de intervir em Arquitetura, e da própria disciplina, enquanto todo.

Uma vez revelada a correspondência específica que o lugar da Quinta das Águas Férreas estabelece com o sujeito seu habitante (clarificados os resultados da fase de investigação do lugar), contempla-se a concretização do projeto de intervenção que, dentro das suas limitações de ordens várias, pretende reunir um coerente conjunto de opções sustentadas pela leitura realizada.

De facto, se por um lado deverá este projeto ser intersubjetivamente enquadrado pelas lógicas anteriormente exploradas, por outro, disporá também de uma certa liberdade poética para responder de modo singular (mas não único!) a todos os factores *em jogo*. Segundo uma lógica simultaneamente formal e significativa, o projeto deverá também assim decorrer do arbítrio de um uso como parte da reabilitação da Quinta, selecionado segundo o conhecimento adquirido do lugar e considerado através de um conjunto de ambiências específicas, que se coadunem com o *sentido* ali reconhecido, perpetuando-o.

⁶ De entre esses autores, destacamos Christian Norberg-Schulz, Peter Zumthor, Louis Kahn, Gaston Bachelard.

⁷ ABREU, Pedro Marques — *Palácios da Memória II: A Revelação da Arquitectura*, Tese de Doutoramento em Arquitetura. Lisboa: FAUTL, 2007.

II. O LUGAR MATERIAL

"O que sabemos dos lugares é coincidirmos com eles durante um certo tempo no espaço que são. O lugar estava ali, a pessoa apareceu, depois a pessoa partiu, o lugar continuou, o lugar tinha feito a pessoa, a pessoa havia transformado o lugar, o tempo vem sempre depois do tempo."

8

⁸ José Saramago. SARAMAGO, José — Folhas Políticas 1976-1998. Lisboa: Editorial Caminho, 1999, p. 175.

2.1. A REGIÃO: o Território de Venda Seca e Belas

2.1.1. Um Percurso Histórico e Geográfico

A meio caminho entre Lisboa e Sintra, o lugar de Venda Seca compreende a área noroeste da freguesia de Queluz-Belas, inserida no concelho de Sintra. Por entre terrenos acidentados, vales férteis e numerosas linhas de água⁹, a região usufrui de um particular contexto geográfico que em muito terá influenciado os assentamentos humanos que dela tomaram parte ao longo dos tempos.

No que respeita à área ocupada pela freguesia, este contexto é caracterizado pela demarcação do território face à extensa planície que se estende entre a zona ocidental de Lisboa e o sopé da Serra de Sintra, aspeto conferido pelo sistema orográfico da Serra da Carregueira — que, apesar da sua pouca altitude, proporciona algum isolamento. Desta serra partem dois importantes cursos de água que se assumem basilares à estrutura ecológica da vila de Belas e seus arredores¹⁰. São eles as ribeiras de Belas e do Jamor¹¹ que, tendo também por afluentes a ribeira de Venda Seca, atravessam a vila — por sua vez rematada a poente e a nascente pelas ribeiras da Jarda e de Carenque, respetivamente.

Compreendendo também o território de Venda Seca, estes dois últimos cursos terão sido desde sempre determinantes tanto para a delimitação do termo da vila e respetivo traçado das vias de comunicação, como para a organização do povoamento dos territórios, que aqui se estabeleceu desde tempos pré-históricos¹² — e cujos testemunhos mais significativos datam de cerca de 3100 a 2500 a.C.

⁹ Estes cursos de água integram a rede hidrográfica com inícios nos cerros de Almargem do Bispo. DIAS, Guilherme (pref.) — *Roteiro de Belas*. Belas: Junta de Freguesia, 20--?, p.9.

¹⁰ Importa referir que, tanto pela proximidade geográfica como pela relevância histórica, as informações avançadas neste capítulo acerca da vila de Belas constituem-se como fundamentais a uma compreensão mais abrangente acerca da região em que se insere a povoação de Venda Seca que, embora mais periférica àquele contexto, muito deveu (em termos históricos e identitários) a esta contiguidade.

¹¹ Juntamente com a Ribeira de Carenque, estes cursos conformam mais a sul o Rio Jamor que atravessa, nomeadamente, os jardins do Palácio de Queluz. MATOS, Sarmiento — *Belas - Uma Vila Aristocrática*. Belas: Produtos de Comunicação Lda., 1996, p.7., cit. in RODRIGUES, Rui — *Quinta do Senhor da Serra (Belas). Análise Arquitectónica e Territorial*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra (Pelouro da Cultura), 2012, p.19.

¹² Assim indicam os testemunhos arqueológicos encontrados "nos terrenos basálticos do Complexo Basáltico de Lisboa, que integram ou integraram o termo da Freguesia de Belas" e que datam do Paleolítico Médio (cerca de 40 mil a 30 mil anos a.C.). DIAS, Guilherme (pref.) — *Roteiro de Belas*. Belas: Junta de Freguesia, 20--?, p.9.

Mas, para uma melhor compreensão da identidade cultural do lugar, e segundo uma perspectiva de contextualização à Quinta das Águas Férreas, importa avançar até à Reconquista de Lisboa (1147)¹³, momento determinante à doação da maioria das terras em redor da cidade a nobres ou a ordens militares e religiosas¹⁴. No caso de Belas, terá este momento sido impulsionador de um maior desenvolvimento enquanto lugar que, ainda que periférico, cada vez mais passou a acolher quintas — de maior ou menor erudição — de quem por ali se fixava ou veraneava, atraído tanto pelas condições naturais ímpares como pela proximidade à corte, cujas ligações ao Paço de Belas¹⁵ se estabeleciam desde inícios do século XIV.

Por certo, em muito terá influenciado para esta crescente fixação a privilegiada situação geográfica de Belas, entreposta aos caminhos que uniam Lisboa a Sintra e Mafra, e cujo encanto terá lembrado Camilo Castelo Branco de "*um retalho do Minho*"¹⁶. Durante vários séculos, sobretudo nobres e burgueses lisboetas procuraram os territórios de Belas e seus arredores para neles instalarem quintas de produção e recreio¹⁷; mas também vários terão sido aqueles que ali procuraram ares restabelecadores de maleitas respiratórias e muitos os viajantes

¹³ Acerca do prévio período de romanização e da influência moçárabe na região, consultar o Anexo n.º1.

¹⁴ No termo de Belas, passaram a proprietárias de herdades as Ordens de Malta e de S. Vicente de Fora, bem como o Convento de Santa Cruz de Coimbra. DIAS, Guilherme (pref.) — *Roteiro de Belas*. Belas: Junta de Freguesia, 20--?, p.12.

¹⁵ No conjunto do edificado e dos seus jardins, o Paço de Belas é também designado por *Quinta do Senhor da Serra* ou *Quinta dos Condes de Pombeiro/ Marqueses de Belas*. A história do Paço de Belas tece-se com os mesmos fios da história da monarquia em Portugal, apesar da sucessiva mudança de proprietários a que foi sujeito. Situado no centro histórico da vila de Belas, o Paço é tido como peça estruturante aos posteriores assentamentos da vila de Belas e deve parte da sua riqueza aos elementos naturais que nela participam: à encosta montanhosa, a poente, opõe-se o vale fértil atravessado pela Ribeira do Jamor, que estabelecia um acesso navegável ao interior da propriedade. Pelo seu valor histórico e arquitectónico, o Paço de Belas constitui-se como "*um dos mais importantes paços portugueses daquela época, logo a seguir ao Palácio Nacional de Sintra*". (Dicionário Enciclopédico)

¹⁶ "*Adoei logo que cheguei. A' manhã vou para Bellas. E' um retalho do Minho que está escondido a trez leguas de Lisboa. Vou convalescer d'um ataque pulmonar, vigesimo, creio eu.*" (Carta de Camilo Castelo Branco a Gomes Monteiro, 15 Maio 1863). PIMENTEL, Alberto — *O Romance do Romancista*. Lisboa: Empreza Editora de F. Pastor, 1890, p.276.

¹⁷ As deslocações a estas propriedades concretizavam-se sob diversos âmbitos: "(...) *quando queriam melhores ares, onde iam vigiar a sua produção agrícola, para as quais se retiravam quando alguma epidemia assolava a capital, onde iam e vinham por mero passeio*". CALDAS, João Vieira — *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII*, 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1999, pp.34-35.

que ali encontraram, surpreendidos, um deleitoso lugar de pausa e repouso durante os seus itinerários¹⁸.

É neste contexto — e a par da fundação do senhorio de Belas em 1501, com consequente elevação da localidade a concelho senhorial¹⁹ —, que o lugar dispunha já de uma movimentada vida social e cultural, em boa parte promovida também pelas festas organizadas na Quinta dos Marqueses. Belas e os seus arredores próximos cresciam não apenas nas zonas de vale, onde assentavam pequenos aglomerados urbanos e rurais, pela fertilidade inerente aos solos e a facilidade de deslocação, como nas áreas mais acidentadas e densamente florestadas, cenários ideais ao lazer e à caça, onde se distendiam propriedades de maior dimensão²⁰.

Com a chegada do último quartel do século XVIII, duas importantes circunstâncias determinaram o apogeu económico, político e demográfico dos territórios de Belas, já indiciado décadas atrás. A acompanhar a paisagem estava já a importante e recente obra do Aqueduto das Águas Livres; e Queluz afirmava-se como nova residência da família real, determinando assim grande proximidade à Quinta dos Marqueses de Belas, que cada vez mais se assumia ponto de interesse à elite cultural. Contudo, este áureo período da história de Belas terá sido breve,

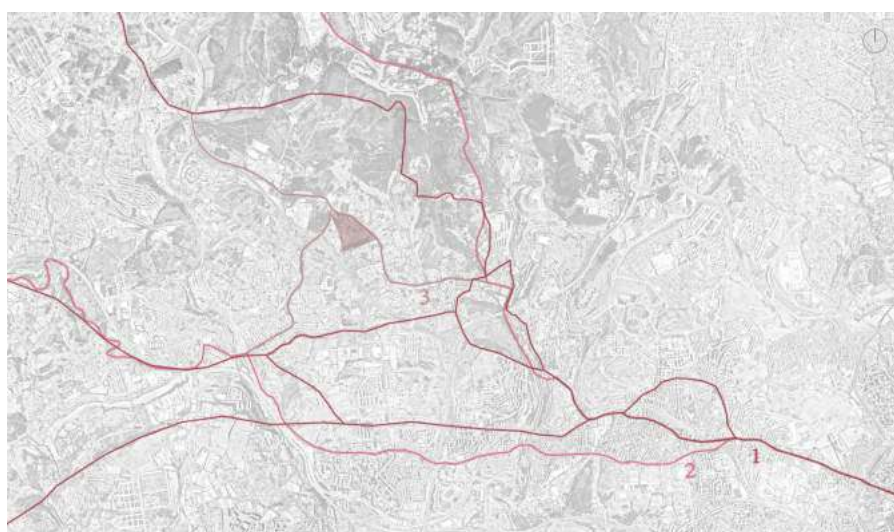
¹⁸ "Alugámos burros e fomos para Belas, uma quinta que pertence ao conde de Pombeiro e fica situada a milha e meia sueca de Lisboa. (...) O nosso passeio foi bastante agradável, porque uma grande parte do caminho empedrado desdobra-se por entre lindas casas de campo, igrejas, jardins e terras plantadas de trigo quase maduro, ou colinas risonhas (...). Os campos estão separados da estrada por muros de pedra caiados, mas nestes sítios raro tão altos que ocultem a vista dos objectos que eles pretendem vedar. Em outros pontos do caminho desenrolava-se à nossa vista um composto romântico de colinas abruptas, ravinas escarpadas, planícies, bosques, plantações de vinhas, arcos de algum aqueduto, etc. (...) Havia lá laranjeiras e limoeiros ainda com frutos em perfeita maturação. (...) O jardim de Belas, pelos seus bosques cheios de sombras, pelos seus pavilhões erguidos em sítios obscuros, pelos seus solitários bancos de relva e assentos de cortiça, desperta em nós uma doce melancolia." (Descrição de viagem de Benfica a Belas, realizada a 1 de Maio de 1799). RUDERS, Carl Israel — *Viagem em Portugal, 1798-1802* (António Feijó, trad.), vol. I. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002, pp. 49-50.

¹⁹ Embora partilhassem da mesma paróquia, os lugares de Queluz e Agualva (e, depreende-se, Venda Seca) apenas passaram a pertencer ao referido concelho senhorial de Belas em 1835. DIAS, Guilherme (pref.) — *Roteiro de Belas*. Belas: Junta de Freguesia, 20--?, p.12. A data da primeira delimitação geográfica de Belas é desconhecida, mas sabe-se que no século XII o seu território era já referido como parte do Termo de Lisboa. Apesar de, no século seguinte, já os limites da freguesia/Paróquia de Belas estarem determinados (e de parte desta ser autónomo em termos civis, administrativos e judiciais), este lugar continuou a pertencer ao Termo de Lisboa até ao século XIX. DIAS, Guilherme (pref.) — *Roteiro de Belas*. Belas: Junta de Freguesia, 20--?, p.13

²⁰ RODRIGUES, Rui — *Quinta do Senhor da Serra (Belas). Análise Arquitectónica e Territorial*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra (Pelouro da Cultura), 2012, p.19.

logo esbatido pelo triunfo do Liberalismo em Portugal e pela consequente reforma administrativa, definida durante a primeira metade do século XIX²¹.

A designação de *concelho* viria a extinguir-se com o decreto de 24 de outubro de 1855, passando a então freguesia de *Nossa Senhora da Misericórdia de Bellas* a integrar o concelho de Sintra. Anulava-se também a recém nascida freguesia de Venda Seca, lugar que passava a pertencer, daí em diante, à freguesia de Belas²².



1. Percursos antigos em Belas, esquema, 2018.

1 - Troços de estradas romanas

2 nascente/poente - troço da Estrada-Real Lisboa-Sintra

2 norte/sul - troço da Estrada-Real Lisboa-Mafra

3 - a situação privilegiada de Venda Seca, no encaixe de ambos os troços da Estrada-Real e das antigas vias romanas.



2. Bellas - Avenida de S. Raphael, postal ilustrado, s. XIX.

²¹ Possivelmente, também a inauguração do Convento de Mafra (1730) e as invasões francesas (1807-1811) terão contribuído, de certo modo, para a perda de atratividade da região de Belas. SILVA, Alves — *Memorial da Freguesia de Belas*. Amadora: Jornal da Amadora, 10.04.2003, p.9.

²² Mais tarde, em finais do século XIX, iniciava-se o processo de desmembramento da freguesia de Belas, que se prolongou até 1979. DIAS, Guilherme (pref.) — *Roteiro de Belas*. Belas: Junta de Freguesia, 20--?, p.13.

Com efeito, é já de meados do século XIX que nos chegam mais substanciais referências acerca deste povoado que, apesar de desde sempre periférico à agitação e desenvolvimento que da vila de Belas tomava parte desde há vários séculos, com ela partilhava importantes laços identitários, tanto históricos quanto geográficos e etnográficos. Não obstante esta sua condição complementar àquela pequena *urbe* que já então se detinha como "*um dos mais pittorescos e povoados suburbios da capital*"²³, a Venda Seca possuía também um carácter próprio, em muito derivado da própria orografia do lugar — cujo limite norte, estabelecido pela Serra da Carregueira, protegia e alimentava a situação de vale bastante apto à prática agrícola.

Por entre campos, desde tempos imemoriais, "(...) *muito amenos e aprazíveis, porque os refrescam e fertilizam duas ribeiras e numerosas fontes, e porque os assombram muitos pomares de laranja e outras frutas*"²⁴, conjecturamos uma marcante presença de casario de traços vernaculares (qual típico *burgo saloio*), ainda hoje reconhecível na expressão geral do povoado, e sintomático daquele modo de vida simples mas intenso a que os trabalhadores rurais estariam votados. Das parcelas exploradas, muitas estariam naturalmente subordinadas ao poderio das vastas quintas que estruturavam a região, formando um conjunto paisagístico particular e exemplificado pelo vívido retrato que Carl Ruders faz dos campos limítrofes à Quinta da Fonteira, a norte da vila de Belas: "*O calor moderado pela brisa do norte, os trabalhos do campo, onde ainda se andava na colheita do trigo, os lindos sítios que, de tempos a tempos, atraíam os meus olhos, e que eu reconhecia — tudo isso inundava o meu coração dessa alegria plácida que torna por vezes tão agradáveis certos momentos de solidão. Os trabalhadores andavam então ocupados em moer trigo já colhido e malhado. Os moinhos construídos de pedra e todos caiados, com as aspas de pano retesado, à maneira de velas, contribuem para aumentar o pitoresco da paisagem em toda esta região*"²⁵.

²³ PIMENTEL, Alberto — *Portugal Pittoresco e Ilustrado. A Extremadura Portuguesa*, vol. II. Lisboa: Empresa da Historia de Portugal, 1908, p.122.

²⁴ (Descrição dos "*arrabaldes de Belas*" por I. Vilhena Barbosa). BARBOSA, Inácio de Vilhena — *Fragments de um Roteiro de Lisboa: inédito: arrabaldes de Lisboa: arrabaldes do Norte: Bemfica, Calhariz, Porcalhota, Bellas e Queluz*. Lisboa: Archivo Pittoresco, 6.º ano, vol. 6, n.º24, 1863, p.186 cit. in RUDERS, Carl Israel — *Viagem em Portugal, 1798-1802* (António Feijó, trad.), vol. I. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002, p. 312.

²⁵ RUDERS, Carl Israel — *Viagem em Portugal, 1798-1802* (António Feijó, trad.), vol. I. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002, pp. 200-202. Esta descrição, de resto, assume-se conforme à constatação de Vieira Caldas acerca das opiniões dos viajantes estrangeiros que, frequentemente, "(...) *festejaram as propriedades suburbanas e rurais da região de Lisboa. Não tanto pela excelência e erudição da sua arquitectura, ou pela exemplaridade da exploração agrícola, como pela implantação escolhida, pelo bucolismo do ambiente em que se inserem, pelas oportunidades que oferecem, ao contrário da suja capital, de saudáveis passeios pelas hortas, pomares, matas e jardins formais*". CALDAS, João Vieira

Estas impressões seriam afinal representativas de uma certa ambiência popular, matizada pelo quotidiano de uma região onde, à tranquilidade rural, se exceptuavam dias de feiras, arraiais e romarias²⁶ que, no reunir da participação de vários extratos sociais, simbolizavam uma forte pertença ao lugar.



3. Piquenique burguês, 1907.

4. Romeiro saloio, 1907.

5. Romeiros em carroça, inícios do séc. XX.

Romaria ao Senhor da Serra (Belas)

A este acentuado carácter de pertença e permanência contrapõe-se uma também forte noção de passagem, em muito determinada pela particular circunstância morfológica do traçado de Venda Seca. Na sua topografia própria, o povoado estabelece-se como uma "*aldeia rua*"²⁷ demarcada pela passagem de uma importante via²⁸, a partir da qual se terá desenvolvido todo o assentamento edificado — que tanto se propagou ao longo desta mesma estrada, numa organização sintomática da proximidade a uma estrutura de comunicação e comércio, quanto para além dela, segundo eixos aproximadamente perpendiculares que, cruzados com outros atravessamentos, expandiram o casario para norte. A importância desta via prende-se, sobretudo, e conforme

— *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII*, 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1999, p.34.

²⁶ Ocasão representativa do património imaterial da região, a romaria anual ao Senhor da Serra, na Quinta do Paço de Belas, tinha por destino a ermida setecentista da propriedade e terá tido grande afluência durante o século XIX e inícios do próximo. Era uma tradição que reunia atividades sagradas e profanas, uma vez que para além da cerimónia religiosa, os romeiros aproveitavam as agradáveis paisagens da quinta para piqueniques. BORDALO, Francisco Maria — *Novo Guia do Viajante em Lisboa e Seus Arredores, Cintra, Collares e Mafra*. Porto: Adolpho Soares Cardozo, 1853, p.159. Mais próxima da Quinta das Águas Férreas estava a festividade anual de Nossa Senhora da Conceição, celebrada na vizinha Quinta do Bonjardim; "*A Venda Seca era famosa na zona saloia de Sintra e em Lisboa como sítio de festas e piqueniques.*" » <https://tudodenovaocidente.blogs.sapo.pt/>.

²⁷ Devemos esta designação relativa à Venda Seca a Júlio Cortez, autor do blog *Tudo de Novo a Ocidente*. » <https://tudodenovaocidente.blogs.sapo.pt/>.

²⁸ Seria esta, aliás, provavelmente parte da antiga *Estrada Real* que ligava Lisboa a Sintra; terá sido posteriormente designada por *Rua das Máquinas* e, depois do 25 de Abril de 1974, *Estrada da Liberdade*. Hoje, é referenciada como *Estrada Nacional 250*. » <https://tudodenovaocidente.blogs.sapo.pt/>.

indiciado, com o permitir a passagem e transporte de géneros a comercializar²⁹, visto que inerente a toda a exploração agrícola da região estaria, evidentemente, a atividade comercial que se estabelecia tanto de modo interno nas povoações, como, principalmente, com os grandes centros urbanos. Tal como apontado por Vieira Caldas, os arredores da capital correspondiam "(...)ao campo de expansão das quintas de recreio e, portanto, de maior influência metropolitana, à área de abastecimento a Lisboa em produtos de necessidade diária, sobretudo no que respeita aos concelhos saloios"³⁰. Para além deste tipo de proximidade, fixada através das propriedades de maior expressão, o ato comercial seria também estimulado pelos mais pequenos casais saloios de produção própria que, nas imediações de Venda Seca, tomariam lugar. Fruto de ambos os casos, por aqui passariam, no final de cada dia, "(...) ranchos de gente do campo, que vinham de Lisboa, com os seus jumentos sem carga"³¹...

Ademais, o topónimo *Venda Seca* é disto verdadeiramente paradigmático, já que se relaciona não com a presumível mas improvável escassez de águas — dada a já explicitada riqueza hidrológica da região e, particularmente, deste lugar —, mas com o antigo costume de *atravessar*³²: atividade que consistia na interseção e compra de mercadorias (de géneros alimentícios ou outros) transportadas pelos almocreves, no sentido de as monopolizar³³. Dada a localização do povoado, através do qual se deslocavam os *saloios* que se dirigiam a feiras como a de Agualva para escoarem os seus produtos, seriam os senhores das várias Quintas que ainda encontramos na Venda Seca a interpelá-los como modo de fazer com que os ditos produtos rareassem nos mercados de destino e a determinar assim uma consequente subida de preços, por forma a obterem grandes lucros com a revenda clandestina. Seria este negócio a *secar* a venda...

²⁹ Torna-se evidente o paralelismo com as antigas estradas romanas, que teriam também especial importância comercial pelas atividades económicas que ao longo delas se estabelecia.

³⁰ CALDAS, João Vieira — *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII*, 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1999, p. 21.

³¹ Descrição do retorno de camponeses a Belas. RUDERS, Carl Israel — *Viagem em Portugal, 1798-1802* (António Feijó, trad.), vol. I. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002, pp. 200-202.

³² Esta associação e devida explicação terá sido feita por Júlio Cortez, autor do blog *Tudo de Novo a Ocidente* » <https://tudodenovoaocidente.blogs.sapo.pt/>

³³ SILVA, António de Moraes — *Diccionario da Lingua Portuguesa: A-E*, Volume I (Tomo Primeiro). Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813, p.226.

De facto, a especificidade de Venda Seca em muito deve, também, à presença secular destas Quintas, em tantos aspetos estruturantes na história do povoado e contrastantes com aquelas vernaculares "*pequenas habitações marcadamente cúbicas, ou paralelepípedicas, com igualmente pequenos vãos e telhados de quatro águas de curvatura característica*"³⁴. Na sua distinção própria, estas Quintas evocariam, afinal, tanto a proximidade ao erudito pendor da vila de Belas quanto evidenciariam, também, as qualidades de um povoado descrito como "*boa estância de verão*", cujas "*excellentes (...) condições hygienicas*"³⁵ motivavam o aluguer de casas a uma burguesia lisboeta que desejava, sempre que possível, "*o voltar à Natureza*"³⁶ — dado que, "*no fundo, a terra saloia representou sempre para o lisboeta de todas as classes a satisfação de uma série de ansiedades míticas: o ar puro, a água límpida e leve, a comida viva e abundante, o vinho puro e inofensivo do lavrador — o quadro dos prazeres simples e naturais*"³⁷. De entre estes substanciais elementos, a componente hidrológica seria aquela a mais afamar o povoado de Venda Seca, dadas as excepcionais propriedades das águas que por ali abriam caminho e que da recuada história da região vincaram firme percurso...

6. (p. seguinte) Regresso da feira, entre 1950 e 1960.

³⁴ Descrição das típicas "*casas saloias*". CALDAS, João Vieira — *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII*, 2ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1999, p. 101.

³⁵ PIMENTEL, Alberto — *Portugal Pittoresco e Illustrado. A Extremadura Portuguesa*, vol. II. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1908, p.131.

³⁶ MONTOTO, Eugénio (org., selec. e dir.) — *Sintra... e suas gentes*. Sintra: Câmara Municipal, 2001, p.34.

³⁷ MONTOTO, Eugénio (org., selec. e dir.) — *Sintra... e suas gentes*. Sintra: Câmara Municipal, 2001, p.34.



2.1.2. As Águas

"Tanta água, meu Deus! Por toda a parte, caudais de boa cota. Águas saltando, sussurrantes, em borbotões de recessos frondosos, sulcando e empapando a terra inteira! Rolam filões da mais valiosa gama!"³⁸

As águas do território sintrense — e, em particular, de Belas —, possuem qualidades reconhecidas desde tempos pré-históricos, aquando das primeiras ocupações que aqui se estabeleceram. Paralelamente à presença de múltiplos cursos de água, a abundância de fontes que povoa a região é disso testemunho, numa alusão direta à crença nas propriedades terapêuticas deste elemento, antigo promotor de fortes tradições de devoção.

Mais tarde, com a permanência do povo romano na área de Lisboa, perpetuou-se (e cristianizou-se) este "*secular 'culto das águas'*"³⁹ que, puras e abundantes, corriam por entre serras e vales, "*acentuando aquela impressão de frescura e de verdes*"⁴⁰ especialmente característica dos territórios *agri* do Município Olisiponense. Como parte do legado romano, também numerosas termas e balneários ocuparam a atual cidade de Lisboa, assim como estruturas de distribuição e controlo de águas, aquedutos e barragens. A Barragem e Aqueduto Romanos de Belas, conjunto datável do século III d.C., constitui uma das principais construções de engenharia hidráulica romana da Península Ibérica e é ainda reconhecível na ribeira de Carenque. Desta localização terá tido parte influente a profusa quantidade de nascentes presente nestes territórios, que em muito auxiliaria a represa no transporte de água à cidade de *Olisipo*⁴¹.



7. Barragem romana de Belas, 2011.

³⁸ MATTA, António — *Porque mingua cada vez mais a água, quando há tanta? - Viagem pelo interior dos encanamentos das Águas Livres, em Carenque*. Sintra: Jornal de Sintra, n.º 2095, 03.08.1974, p.6.

³⁹ SERRÃO, Vítor — *Sintra*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p.85.

⁴⁰ SERRÃO, Vítor — *Sintra*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p.84.

⁴¹ REIS, Luciano — *Belas - Vila com Património*. Sintra: Jornal da Região, 27 de janeiro 2004, p.5.

O conjunto terá mesmo sido objeto de estudo para Francisco d'Ollanda⁴², que se debruçou acerca da potencialidade da antiga barragem para oferecer início a um novo aqueduto, mas seria já no século XVIII que a crescente necessidade de abastecer a capital com água potável — assim como o clima de prosperidade promovido pelo ouro do Brasil — determinou o início da construção do Aqueduto das Águas Livres que, no ano de 1730 tem origem naquela mesma ribeira de Carenque⁴³: mais precisamente, na nascente das Águas Livres, onde as haveria abundantes e puríssimas. A extensão da rede de captação foi crescendo, vindo a recolher-se água de 58 nascentes, "*todas as existentes no leste da região*"⁴⁴ e, muitas das quais, no território abrangido pela Serra da Carregueira. A região de Belas distinguir-se-ia mesmo por ser aquela que, "*de toda a Estremadura, (...) apresenta o mapa hidrológico mais completo*"⁴⁵, distendendo-se a partir deste uma complexa rede subterrânea de galerias que, no atravessar de quilómetros, pontuavam a respetiva superfície de respiradouros, indicativos de toda uma "*riqueza hídrica (...) [que] escorre para Lisboa*"⁴⁶.

Não obstante os variados usos tidos para tão abundantes e ricas águas — desde o alimento de Homens, animais e campos agrícolas, às práticas terapêuticas que desde tempos "*neolíticos e medievos*"⁴⁷ ali teriam lugar —, seria já com a chegada

⁴² Francisco d'Ollanda ou Francisco de Holanda (1517-?), pintor, arquiteto, humanista e um dos expoentes da reflexão renascentista no contexto português, terá estagiado em Roma ao abrigo da política de D. João III que "*contemplava o envio de bolseiros portugueses para os principais eixos da cultura europeia da época*" » <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69751/>; em 1571, "*in 'Da Fábrica que falece a cidade de Lisboa' desenha a barragem e chafarizes a construir em Lisboa, instando para que se reaproveitasse o aqueduto romano para trazer a água à cidade*" » http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6416.

⁴³ Embora não fazendo uso da antiga barragem e aqueduto romanos: a construção do novo aqueduto "*arrasou parte do romano (...), pois a barragem foi tida como desnecessária, dada a abundância de nascentes possíveis de captar na bacia*" » http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6416.

⁴⁴ MATTA, António — *Porque mingua cada vez mais a água, quando há tanta? - Viagem pelo interior dos encanamentos das Águas Livres, em Carenque*. Sintra: Jornal de Sintra, n.º 2095, 03.08.1974, p.1.

⁴⁵ MATTA, António — *Porque mingua cada vez mais a água, quando há tanta? - Viagem pelo interior dos encanamentos das Águas Livres, em Carenque*. Sintra: Jornal de Sintra, n.º 2095, 03.08.1974, p.1.

⁴⁶ MATTA, António — *Porque mingua cada vez mais a água, quando há tanta? - Viagem pelo interior dos encanamentos das Águas Livres, em Carenque*. Sintra: Jornal de Sintra, n.º 2095, 03.08.1974, p.1.

⁴⁷ "*A sua composição química explicava as suas virtudes milagrosas. Eram tempos em que a terapêutica usada era apenas a hídrica.*" MATTA, António — *Porque mingua cada vez mais a água, quando há tanta? - Viagem pelo interior dos encanamentos das Águas Livres, em Carenque*. Sintra: Jornal de Sintra, n.º 2095, 03.08.1974, p.6.

dos finais de setecentos que os avanços científicos viriam permitir um novo entendimento deste elemento como recurso imprescindível às práticas higiénicas⁴⁸ (numa sobreposição da saúde à estética) e melhor fundamentar antigas crenças acerca de certas propriedades *ocultas* e benéficas, então finalmente perspectivadas sob o cunho da análise científica⁴⁹.

É neste contexto, e segundo um novo entendimento da água enquanto "*modo de fortalecimento e libertação do corpo*"⁵⁰, que também para a região de Belas se adensa a investigação acerca daquelas já anteriormente referidas como "*copiosíssimas em quantidade e raras em bondade*"⁵¹. No lugar de Venda Seca terão sido particularmente estudadas as qualidades benéficas das águas que por ali brotavam e que são — com possível erro — relacionadas com a nascente da Fonte do Coxo⁵², à qual a atribuição de propriedades minerais e ferruginosas⁵³ não seria estranha, uma vez que este género de águas assomava também nas Quintas do Bonjardim e da Fonteira, entre outros locais⁵⁴. Assim, seriam também estas águas da Fonte do Coxo provavelmente engarrafadas e comercializadas em Lisboa entre finais do século XVIII e no decurso do próximo, conforme indiciam os vestígios daquela que teria sido a antiga oficina de

⁴⁸ "Os banhos de vapor e de água existiam na Idade Média, mas destinavam-se mais a outros tipos de prazer do que à lavagem.(...) Os velhos banhos romanos (...) são cada vez mais reservados a doentes". CONCEIÇÃO, Luís — *O Banho e a Higiene Doméstica em Portugal*. Universidade Lusófona: Revista Lusófona de Humanidades e Tecnologias, n.º 11, 2008, p.150.

⁴⁹ "A partir dos finais do século XVIII, é a ciência que vem justificar a higiene: limpar é proteger e fortificar o corpo". CONCEIÇÃO, Luís — *O Banho e a Higiene Doméstica em Portugal*. Universidade Lusófona: Revista Lusófona de Humanidades e Tecnologias, n.º 11, 2008, p.151.

⁵⁰ CONCEIÇÃO, Luís — *O Banho e a Higiene Doméstica em Portugal*. Universidade Lusófona: Revista Lusófona de Humanidades e Tecnologias, n.º 11, 2008, p.151.

⁵¹ Descrição das águas de Bellas, séc. XVII. AZEVEDO, Luís Marinho — *Fundação, Antiguidades e Grandezas da Mui Insigne Cidade de Lisboa*, 1.ª parte. Lisboa: Officina Craesbeckiana, 1652, p.79 cit. in MATTA, António — *Porque mingua cada vez mais a água, quando há tanta? - Viagem pelo interior dos encanamentos das Águas Livres, em Carenque*. Sintra: Jornal de Sintra, n.º 2095, 03.08.1974, p.1.

⁵² Também denominada por Fonte do Gago, a sua concepção pertence ao ano de 1840 e situa-se na área nordeste da povoação, junto à Estrada do Bonjardim. Encontrando-se as suas águas atualmente poluídas, tira-se partido das da Fonte do Lavadouro que, próxima daquela, dispõe de águas consideradas pela população como leves e digestivas. » http://www.aguas.ics.ul.pt/lisboa_fgago.html.

⁵³ Algumas das investigações acerca de águas férreas da Venda Seca reportam-se àquelas da Fonte do Coxo, descrevendo-se a sua composição como sulfatada férrea, cloretada cálcica, fria e hipossalina; o que as tornaria indicadas para aparelho digestivo e nutrição — estudos por Fernando da Silva Correia (1922) e Ascensão Contreiras (1951) » http://www.aguas.ics.ul.pt/lisboa_fgago.html.

⁵⁴ "Tambem se encontram n'alguns pontos nascentes d'agua ferruginosa de boa qualidade, e uma mina de amianto." PEREIRA, Esteves; RODRIGUES, Guilherme — *Portugal. Dicionario Historico, Biographico, Bibliographico, Heraldico, Chorographico, Numismatico e Artistico*. vol. II. Lisboa: João Romano Torres Editor, 1906, p. 269.

engarraamento, a 10 metros desta Fonte. No extremo oposto da povoação, a Quinta do Grajal⁵⁵ detinha-se também como importante referência das qualidades hídricas da região, tendo empregado alguma população no engarraamento daquelas águas com origem na Fonte do Cedro que, embora de qualidade diversa, seriam igualmente vendidas na capital.

Contudo, importa referir que é da coincidência de aspetos entre os estudos empreendidos à época e as informações de que dispomos acerca da história de Venda Seca e das suas Quintas, que cremos que as propriedades indicadas para estas nascentes poderão remeter, afinal, para aquele que é um território verdadeiramente central à povoação — e a este trabalho: a Quinta das Águas Férreas⁵⁶... "*E essas águas da Quinta da Água Férrea, ali na Venda Seca? Águas maravilhosas, sulfatadas e cloretadas calcicas, aconselhadas clinicamente para o aparelho digestivo e nutrição!*"⁵⁷

Apesar da reforma sanitária de finais do século XIX que visava um abastecimento e saneamento domiciliário de águas, a importância destas fontes de uso público prolongou-se pelo século seguinte, sobretudo em meios rurais como este⁵⁸. Atualmente, se as águas de muitas destas bicas e fontes são ainda bastante procuradas para consumo, devido à crença popular de que serão mais puras do que as fornecidas pelas redes de abastecimento público, as análises realizadas em Março de 1998 às nascentes abastecedoras de diversos fontanários públicos no território da Venda Seca indicavam porém que apenas a do Alto do Suímo era potável, em prejuízo daquelas da Fonte do Coxo e do Largo 1.º de Maio⁵⁹.

Em conformidade, uma década depois, a análise a 42 nascentes do concelho de Sintra determinou todas as respetivas águas como impróprias para consumo⁶⁰.

⁵⁵ Onde, mais tarde, se instalou uma fábrica de Cervejas *Cergal*, que talvez fizesse uso destas águas na concepção do seu produto. » <https://tudodenovoaocidente.blogs.sapo.pt/>.

⁵⁶ Sobre este aspeto nos debruçaremos adiante, no subcapítulo que concerne a todas as dimensões inerentes à caracterização da Quinta.

⁵⁷ MATTA, António — *Porque mingua cada vez mais a água, quando há tanta? - Viagem pelo interior dos encanamentos das Águas Livres, em Carenque*. Sintra: Jornal de Sintra, n.º 2095, 03.08.1974, p. 6.

⁵⁸ PATO, João Howell — *História das Políticas Públicas de Saneamento em Portugal*. Lisboa: Entidade Reguladora dos Serviços de Águas e Resíduos (ERSAR), 2011, p.89, p.92, p.137.

⁵⁹ *Nascentes*. Belas: Bellas — Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Belas, n.º0, Março de 1998, p.2.

⁶⁰ LUSA — *Nascentes do Concelho de Sintra com Água Imprópria para Consumo*, 03.04.2008 » <https://www.publico.pt/2008/04/03/local/noticia/nascentes-do-concelho-de-sintra-com-agua-impropria-para-consumo-1324693>.

Face a esta situação, é também hoje que se impõe como estratégia necessária a valorização do papel estruturante dos sistemas hídricos da região, no sentido de contribuir para a conectividade e equilíbrio dos sistemas ecológicos e de atuar na preservação deste património natural de prestígio secular.



8. Abastecimento na fonte (Rua Falcão Rodrigues, Belas), início s. XX.

2.1.3. A Contemporaneidade

As excepcionais condições naturais e os longos séculos que traçaram a história de Belas definiram vincados contornos impossíveis de dissipar e ainda hoje inscritos na identidade desta região, não obstante as múltiplas alterações a que a sua paisagem terá, inevitavelmente, vindo a ser sujeita com o passar do tempo.

Se, por um lado, terão sido estas mesmas condições a desempenhar grande influência no carácter próprio que tanto atraiu variados povos no decorrer dos tempos, devemos constatar que terão também elas concorrido para que — e em conjunto com a grande proximidade a Lisboa — a região desempenhasse desde sempre uma forte noção de subserviência à capital, tanto no proporcionar de agradáveis condições a estadias mais ou menos prolongadas em ambiente rural, como na permissão de acesso a produtos de necessidade diária.

A mudança de paradigma face a muitos destes territórios periurbanos terá vindo a desenvolver-se durante a segunda metade do século XX e a instalar-se definitivamente nas últimas décadas do mesmo, motivada pela consolidação de uma conjuntura particular que incutia a um ambiente essencialmente rural um pulsar de transformação para escalas aproximadamente urbanas. Na base desta profunda alteração terão estado os fluxos migratórios que ao longo do século se foram verificando: nas décadas de 1950 e 1960, o êxodo rural sintomático de um acentuar do processo de industrialização e terciarização da economia, que atraía populações para junto das grandes cidades; na década de 1970, a ampla chegada de portugueses das ex-colónias ultramarinas. Lisboa crescia e a necessidade de alojamento também, o que determinou a expansão de construção para territórios periurbanos⁶¹ que usufruíam de grande proximidade à capital em muito facilitada pela já desenvolvida rede de caminhos de ferro (instalada no século XIX)⁶².

⁶¹ "As cidades portuguesas cresceram muito e a um ritmo acelerado, com poucas preocupações em termos de eficiência urbana. Portugal viveu um ciclo de expansão urbana que durou aproximadamente 50 anos. A partir das décadas de 60 e 70, com o aumento da população nas cidades, em busca de emprego nas indústrias e nos serviços, desencadeou-se uma forte procura por habitação que conduziu ao aumento do parque edificado, sobretudo nas periferias urbanas". CAVACO, Cristina (coord.) — *Cidades Sustentáveis 2020, Anexo I - Diagnóstico Territorial*. Ministério do Ambiente, Ordenamento do Território e Energia, Abril 2015, p.20 » [http://www.dgterritorio.pt/static/repository/2015-04/2015-04-07185544_f7664ca7-3a1a-4b25-9f46-2056eef44c33\\$35C2E555-C85C-4720-84D1-E2D2F910E83C\\$7AB5E516-9413-4D92-9317-7ACABC232717\\$storage_image\\$pt\\$1.pdf](http://www.dgterritorio.pt/static/repository/2015-04/2015-04-07185544_f7664ca7-3a1a-4b25-9f46-2056eef44c33$35C2E555-C85C-4720-84D1-E2D2F910E83C$7AB5E516-9413-4D92-9317-7ACABC232717$storage_image$pt$1.pdf)

⁶² Acerca deste aspeto, interessante será constatar que, para a preservação de uma certa graça ainda hoje reconhecível na vila de Belas, em muito terá contribuído a peculiar circunstância promovida pelos senhores das grandes quintas que ali ocupavam lugar — o impedimento à passagem da linha férrea pelos seus terrenos, com consequente desvio da mesma para junto de Queluz. Se, hoje, esta

A ritmo veloz, alteraram-se paisagens seculares: "*dentro de meia dúzia de anos esta terra vai ser completamente diferente. (...) Qual vai ser o rosto futuro desta nossa terra? Um emaranhado de cimento e alcatrão para dormitório de uma sociedade anónima? Há coisas que não podemos alterar. (...) Parece que a palavra progresso, aliada ao factor económico, tem força suficiente para dispensar o parecer das populações*"⁶³.

E se, na década de 1960 o progresso que já dominava as redondezas afigurava-se ainda atrativo⁶⁴, terá sido sobretudo nas últimas duas décadas do mesmo século que Belas alcançou a elevada densidade construtiva que hoje lhe é própria⁶⁵, o que, se por um lado viria a perpetuar aquele já reconhecido carácter subserviente a Lisboa — Belas convertia-se em mais um dos subúrbios habitacionais ao serviço da capital —, por outro, fazia-o recorrendo ao abandono de grande parte da identidade e valor histórico-patrimonial da região... "*Aonde já lá vai Belas e seu espaço geográfico e histórico? Belas das festas campestres e dos portais ou páteos brasonados! Belas das romarias a S. Mamede ou ao Senhor da Serra e das temporadas de vilegiatura da burguesia enobrecida! Belas das Quintas de águas frescas ou dos mais celebrados hotéis dos arredores da capital; (...) Tudo se esvaeceu na noite caliginosa, dum passado tão perto dos nossos dias!*"⁶⁶

opção se revelou um desígnio-chave à conservação de uma certa pacatez da vila, à época, a população de Belas terá entendido que "*o interesse colectivo da terra [fora] sacrificado ao interesse pessoal de alguns proprietários*". SARAIVA, José Hermano — *Vamos a Belas* [programa de série televisiva], *Horizontes da Memória*, 6.ª série. Lisboa: RTP2, 11.07.1999. 1 registo vídeo (VHS) (27 min.) 4:3 PAL. » <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/vamos-a-belas/>.

⁶³ COELHO, Eduardo — *Que futuro para Belas?* (Editorial). Belas: Terra Nossa - Jornal da Paróquia de Belas, ano 1, n.º 6, agosto de 1987, p.1.

⁶⁴ Ver Anexo n.º4 (descrição de Belas no ano de 1963).

⁶⁵ A facilidade de acesso à habitação, de baixo custo e amplas áreas, assumia-se também como condição atrativa à fixação de população nestes territórios em expansão. Apesar deste inicial afluxo populacional, a tendência ter-se-á invertido: "*mais recentemente, entre 1990 e 2000, o desfasamento entre a expansão urbana e a evolução demográfica no nosso país foi particularmente notório*". CAVACO, Cristina (coord.) — *Cidades Sustentáveis 2020, Anexo I - Diagnóstico Territorial*. Ministério do Ambiente, Ordenamento do Território e Energia, Abril 2015, p. 7 » [http://www.dgterritorio.pt/static/repository/2015-04/2015-04-07185544_f7664ca7-3a1a-4b25-9f46-2056eef44c33\\$35C2E555-C85C-4720-84D1-E2D2F910E83C\\$7AB5E516-9413-4D92-9317-7ACABC232717\\$\\$storage_image\\$\\$pt\\$1.pdf](http://www.dgterritorio.pt/static/repository/2015-04/2015-04-07185544_f7664ca7-3a1a-4b25-9f46-2056eef44c33$35C2E555-C85C-4720-84D1-E2D2F910E83C$7AB5E516-9413-4D92-9317-7ACABC232717$$storage_image$$pt$1.pdf)

⁶⁶ MATTA, António. *A Freguesia de Belas — Ontem e Hoje. Das vivendas aos arranha-céus*. Sintra: Jornal de Sintra, 20.04.1990, p.50.

Com ele, o alargamento de perímetros urbanos terá trazido uma sede urbanística um tanto ou quanto anárquica que logo tolheu horizontes em troca de construções anónimas e desconectadas com paisagens pré-existentes. As palavras de Matta são esclarecedoras do descontentamento daqueles que viam diante de si a irreversibilidade trazida pelos novos "*microcosmos aberrativos, desnudos de humanização, com problemas agudizantes de cultura. (...) aglomerados fantásticos, tentaculiformes, com os seus inextrincáveis problemas urbanos e as suas débeis estruturas em crise, à procura da identidade histórica perdida*"⁶⁷. A paisagem absorvia ritmos citadinos num esquema desarticulado. "*O surto imparável do urbanismo*"⁶⁸ chegou por fim ao centro da vila, fazendo tábua rasa de quintas históricas (Samaritana, Santo António) e de estruturas vegetais, defendidas pelo arquiteto Ribeiro Teles como "*parte intrínseca da paisagem belasiana*"⁶⁹.

9. Paisagem construída da vila de Belas, 2018.



⁶⁷ MATTA, António. *A Freguesia de Belas — Ontem e Hoje. Das vivendas aos arranha-céus*. Sintra: Jornal de Sintra, 20.04.1990, p.50.

⁶⁸ MATTA, António. *A Freguesia de Belas — Ontem e Hoje. Das vivendas aos arranha-céus*. Sintra: Jornal de Sintra, 20.04.1990, p.50.

⁶⁹ MATTA, António. *A Freguesia de Belas — Ontem e Hoje. Das vivendas aos arranha-céus*. Sintra: Jornal de Sintra, 20.04.1990, p.51.



10. Vista geral de Belas, início s. XX.



11. Vista aérea de Belas, 2018.



12. Largo Falcão
Rodrigues, Belas, início s. XX.



13. Largo Falcão
Rodrigues, Belas, 2018.

As quintas ou casas apalaçadas que resistiram, parte do "*equilíbrio tradicional de um casario de séculos*"⁷⁰, foram-se tornando cada vez mais ocultas e alheias à existência contemporânea, dada a ausência de medidas de proteção e preservação para as mesmas. Muitas delas encontram-se hoje em situação de abandono e o seu valor histórico é objeto de verdadeiro desconhecimento por parte da população geral - mesmo daquela que ali reside, por vezes paredes meias com estas antigas propriedades⁷¹.

Afinal, é esta mesma questão motivada pelas "[sub]urbanizações excedentárias e avulsas"⁷² (que não é exclusiva aos territórios de Belas) a votar estas quintas a "*terrenos rústicos sobrevalorizados (...) que, por este motivo, se tornam indisponíveis para as atividades produtivas*"⁷³ e onde as memórias e histórias se

⁷⁰ MATTA, António. *A Freguesia de Belas — Ontem e Hoje. Das vivendas aos arranha-céus*. Sintra: Jornal de Sintra, 20.04.1990, p.51.

⁷¹ Alguns casos como o edifício da antiga escola primária da vila de Belas (fundada por Francisco Aboim, visconde da Idanha); o Paço de Belas que, atualmente sob domínio privado, poderia promover uma melhor acessibilidade aos seus espaços interiores, sobretudo pela sua importância na história de Portugal; ou a situação de ruína completa da ermida do Senhor da Serra, parte da propriedade do mesmo Paço, assim como a Pedra dos Mouros, hoje destruída, mereceriam tomar parte de um roteiro histórico e cultural da vila.

⁷² CAVACO, Cristina (coord.) — *Cidades Sustentáveis 2020, Anexo I - Diagnóstico Territorial*. Ministério do Ambiente, Ordenamento do Território e Energia, Abril 2015, p.17 » [http://www.dgterritorio.pt/static/repository/2015-04/2015-04-07185544_f7664ca7-3a1a-4b25-9f46-2056eef44c33\\$35C2E555-C85C-4720-84D1-E2D2F910E83C\\$7AB5E516-9413-4D92-9317-7ACABC232717\\$\\$storage_image\\$\\$1.pdf](http://www.dgterritorio.pt/static/repository/2015-04/2015-04-07185544_f7664ca7-3a1a-4b25-9f46-2056eef44c33$35C2E555-C85C-4720-84D1-E2D2F910E83C$7AB5E516-9413-4D92-9317-7ACABC232717$$storage_image$$1.pdf)

⁷³ CAVACO, Cristina (coord.) — *Cidades Sustentáveis 2020, Anexo I - Diagnóstico Territorial*. Ministério do Ambiente, Ordenamento do Território e Energia, Abril 2015, p.17 » http://www.dgterritorio.pt/static/repository/2015-04/2015-04-07185544_f7664ca7-3a1a-4b25-9f46-

vão perdendo pela degradação que o tempo traz⁷⁴. Deste desconhecimento se lamentava também o historiador José Hermano Saraiva: "*Tenho muita pena que no itinerário turístico português não exista um percurso das quintas de Belas. São uma das coisas mais bonitas que há neste país; são coisas que falam da nossa história desde o século XVI!*"⁷⁵

Como possível prenúncio de mudança face a este contexto, os últimos anos têm sido particularmente pródigos na concretização de estudos e planos de intervenção que perspetivam a região ainda como cenário propício a transformações de nível urbano (e a escalas bastante amplas) cujo objeto central é, porém, já o princípio da sustentabilidade ecológica e o reforço da identidade local. Numa procura pela melhoria de qualidade dos espaços edificados de acordo com a optimização dos recursos naturais, os planos de urbanização que abrangem a Serra da Carregueira e a demais área de Belas (PUSC, 2015 e Eixo Verde a Azul, 2016) estabelecem-se como estratégias complementares na mitigação dos efeitos do sobredimensionamento edificado⁷⁶.

Para a referida Serra, que delimita a norte a povoação de Venda Seca, prevê-se a criação de um parque natural que atuará na preservação e desenvolvimento daquela que, em conjunto com a Serra de Sintra, se afirma como área florestal primordial na estrutura ecológica da área metropolitana de Lisboa⁷⁷. De entre as

2056eef44c33335C2E555-C85C-4720-84D1-E2D2F910E83C\$7AB5E516-9413-4D92-9317-7ACABC232717\$\$storage_image\$\$pt\$\$1.pdf

⁷⁴ Para além das perdas geradas pelo abandono, também a especulação imobiliária tem persistido como ameaça à preservação destes lugares. Em 2009 discutia-se a situação da Quinta de S. Sebastião, próxima da igreja matriz de Belas, devido ao abate de árvores centenárias. Para ali estava projetada uma megaurbanização nos anos 1990, inviabilizada devido aos protestos: "*Não queremos aqui um Cacém. (...) Pretende-se qualidade de vida para os que aqui residem e para aqueles que possam vir para aqui morar.*" (Jorge Fresco, um dos fundadores da Associação de Defesa do Património Cultural e Natural de Belas). Os moradores acreditam que a propriedade devia ser preservada por se tratar de "*uma quinta secular, com um edifício de traça arquitectónica de Raul Lino. (...) isto devia ser aberto ao público e constituir uma área de lazer.*" SEBASTIÃO, João Carlos — *Quinta de D. Sebastião motiva apreensão*. Sintra: Jornal da Região, 19-25.05.2009. n.º 175, ano XIII, p.6.

⁷⁵ SARAIVA, José Hermano — *Vamos a Belas* [programa de série televisiva], *Horizontes da Memória*, 6.ª série. Lisboa: RTP2, 11.07.1999. 1 registo vídeo (VHS) (27 min.) 4:3 PAL. » <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/vamos-a-belas/>.

⁷⁶ "*Temos betão a mais e espaços verdes a menos no Concelho e é preciso corrigir essa situação*" - (Basílio Horta) in *Plano de Urbanização da Serra da Carregueira aprovado por unanimidade na CMS*. Sintra: Jornal de Sintra, n.º 4074/75, 05.06.2015, p.2.

⁷⁷ "*As duas serras são complementares, na sua vertente natural, paisagística, turística e económica, e daí que a preservação de uma deverá reflectir-se na outra.*" Prevê-se, inclusivamente, que a escala desta intervenção permita ao Parque da Carregueira assumir-se como entidade complementar ao

potencialidades consideradas, o património arquitectónico é enquadrado como dinamizador turístico, uso que se poderá desenvolver "*em espaço rural no interior das propriedades e permitindo a manutenção de usos agrícolas no restante*"⁷⁸, como modo sustentável de reabilitar paisagens e conjuntos pré-existent⁷⁹. Neste sentido, e enquanto ação distensora destes efeitos, o segundo plano propõe uma ligação *verde e azul* do futuro parque natural da Serra da Carregueira ao passeio marítimo de Oeiras, segundo um eixo pedonal e ciclável que, complementado por corredores vegetais, acompanha os percursos do rio Jamor e da Ribeira de Carenque, desde a nascente até à foz⁸⁰. Inerente a este percurso de requalificação do espaço público e dos recursos florestais e hídricos estará, não apenas a beneficiação das margens destes eixos — com aproveitamento de vários espaços residuais para, nomeadamente, a formalização de áreas para produção hortícola⁸¹ — como, igualmente, a recuperação de diversos núcleos patrimoniais (de entre os quais, a Barragem Romana de Belas⁸²).

No entanto, pelo entendimento literal de um eixo que é linear e concreto, à margem destas intervenções deverão ficar tantas outras Quintas sobre as quais não encontramos referência nestes planos, incluindo a Quinta das Águas

Parque da Pena. SEBASTIÃO, João Carlos — *Novos espaços de lazer de Belas até ao Tejo - Projecto Eixo Verde e Azul do Jamor*. Sintra: Jornal da Região, nº101, 2 a 8.11.2016, p.3.

⁷⁸ *Plano de Urbanização da Serra da Carregueira aprovado por unanimidade na CMS*. Sintra: Jornal de Sintra, nº 4074/75, 05.06.2015, p.2.

⁷⁹ Para este propósito, estabelece-se como "*essencial assegurar que as estruturas edificadas nas Quintas se enquadram arquitectónica e paisagisticamente e que o dimensionamento da oferta turística se adequa ao contexto em que se insere, garantindo o cumprimento da legislação vigente para a dimensão das unidades hoteleiras em meio rural (...) baseada na reabilitação do edificado existente além da construção nova, nomeadamente nos núcleos residenciais multifuncionais.*" in *Plano de Urbanização da Serra da Carregueira aprovado por unanimidade na CMS*. Sintra: Jornal de Sintra, nº 4074/75, 05.06.2015, p.2.

⁸⁰ Na vasta abrangência de territórios, que se prolonga numa extensão de 15km, o projeto Eixo Verde e Azul envolve os municípios de Sintra, Amadora e Oeiras e a empresa Parques de Sintra-Monte da Lua. A ideia para este projeto terá partido da constatação da necessidade de proteger a área do Palácio de Queluz de cheias cíclicas, identificada ao longo do projeto de requalificação dos jardins botânicos do mesmo. SEBASTIÃO, João Carlos — *Novos espaços de lazer de Belas até ao Tejo - Projecto Eixo Verde e Azul do Jamor*, Jornal da Região, 2 a 8.11.2016, nº101, p.3.

⁸¹ SEBASTIÃO, João Carlos — *Reabilitação Urbana em Queluz-Belas*. Sintra: Jornal da Região, 19.10.2016, p.? » http://www.andrejordangroup.pt/assets/jornalregiao_2016_10_19.pdf

⁸² O monumento, que demarca o início a Ribeira de Carenque, irá dispor de ligação a Queluz, pelo troço da Estrada Nacional 250. SEBASTIÃO, João Carlos — *Reabilitação Urbana em Queluz-Belas*. Sintra: Jornal da Região, 19.10.2016, p.? » http://www.andrejordangroup.pt/assets/jornalregiao_2016_10_19.pdf

Férreas⁸³. Apesar desta insuficiência, entendemos os referidos planos como possíveis desencadeadores à recuperação das mesmas, pelas melhorias previstas no âmbito da mobilidade e consequente dinamização de vivências, com repercussões sociais, ambientais e económicas.

Talvez devido à sua posição periférica face ao centro da vila de Belas, a povoação de Venda Seca pôde até hoje conservar o seu carácter relativamente pacato e tendencialmente rústico, em que o edificado geral, de expressão baixa e vernacular — mas também pontuado por algumas casas de aparência senhorial — é gerado a partir da estrada nacional 250, via a que deve o motivo de algum movimento e que a fixa, hoje, como ponto de passagem⁸⁴. Este particular carácter face aos demais lugares circundantes não impediu, porém, que também vários dos conjuntos edificados que aqui tomam lugar se tenham deixado expectantes, à mercê do tempo, e de que, ainda que sem concretização, se tenham perspectivado novos bairros para este povoado — particularmente, a urbanização da Quinta das Águas Férreas⁸⁵ —, o que traria um óbvio impacto à paisagem.

É de acordo com estas circunstâncias que entendemos que o território de Belas e Venda Seca já não seja o mesmo que fora aquando da construção de muito do seu *património* hoje em degradação; mas as possibilidades de requalificação do mesmo são reais e urgem de resposta, como modo de preservar e divulgar as potencialidades naturais e culturais de um território cuja riqueza histórica tem permanecido no passado. Neste sentido, prende-se como necessária uma atuação que propicie a "*reabilitação física e a expressão dos elementos significantes da sua arquitetura, (...) [aliada ao] desenvolvimento de uma cultura de pertença e de comunidade, que resulta da história e da vida comum e que se alicerça na identidade*"⁸⁶. Neste contexto, deverá tomar parte fundamental a recuperação de valores hidrográficos e vegetais enquanto potenciais expressivos da vertente vital

⁸³ Na área de Belas e no contexto do projeto Eixo Verde e Azul, apenas é referida a Quinta do Paço de Belas. SEBASTIÃO, João Carlos — *Reabilitação Urbana em Queluz-Belas*. Sintra: Jornal da Região, 19.10.2016, p. ? » http://www.andrejordangroup.pt/assets/jornalregiao_2016_10_19.pdf

⁸⁴ Este é um carácter que prevalece face à forte presença do sector industrial no limite noroeste do povoado.

⁸⁵ "*Projecta-se a urbanização da histórica Quinta da Venda Seca, do senhorial 'monte' de Francisco d'Ollanda*". MATTA, António. *A Freguesia de Belas — Ontem e Hoje. Das vivendas aos arranha-céus*. Sintra: Jornal de Sintra, 20.04.1990, p.51.

⁸⁶ CAVACO, Cristina (coord.) — *Cidades Sustentáveis 2020, Anexo I - Diagnóstico Territorial*. Ministério do Ambiente, Ordenamento do Território e Energia, Abril 2015, p.21 » [http://www.dgterritorio.pt/static/repository/2015-04/2015-04-07185544_f7664ca7-3a1a-4b25-9f46-2056eef44c33\\$35C2E555-C85C-4720-84D1-E2D2F910E83C\\$7AB5E516-9413-4D92-9317-7ACABC232717\\$storage_image\\$pt\\$1.pdf](http://www.dgterritorio.pt/static/repository/2015-04/2015-04-07185544_f7664ca7-3a1a-4b25-9f46-2056eef44c33$35C2E555-C85C-4720-84D1-E2D2F910E83C$7AB5E516-9413-4D92-9317-7ACABC232717$storage_image$pt$1.pdf)

destas terras, materializada na viabilidade agrícola enquanto "*fonte segura de alimentos de variedades locais e forma de conservação das estruturas [ecológicas] periurbanas*"⁸⁷.



14. Estrada do Bom Jardim (Venda Seca), 1927.

⁸⁷ CAVACO, Cristina (coord.) — *Cidades Sustentáveis 2020, Anexo I - Diagnóstico Territorial*. Ministério do Ambiente, Ordenamento do Território e Energia, Abril 2015, p.18 » [http://www.dgterritorio.pt/static/repository/2015-04/2015-04-07185544_f7664ca7-3a1a-4b25-9f46-2056eef44c33\\$\\$35C2E555-C85C-4720-84D1-E2D2F910E83C\\$\\$7AB5E516-9413-4D92-9317-7ACABC232717\\$\\$storage_images\\$\\$pt\\$\\$1.pdf](http://www.dgterritorio.pt/static/repository/2015-04/2015-04-07185544_f7664ca7-3a1a-4b25-9f46-2056eef44c33$$35C2E555-C85C-4720-84D1-E2D2F910E83C$$7AB5E516-9413-4D92-9317-7ACABC232717$$storage_images$$pt$$1.pdf)



2.2. A QUINTA DAS ÁGUAS FÉRREAS

2.2.1. A História e as Memórias

Reconhecimento

Decorrente da morfologia da *aldeia-rua* em que se insere, a Quinta das Águas Férreas afirma-se, em toda a sua extensão, como limite sul ao povoado de Venda Seca. Esta privilegiada situação, entreposta a diversos acessos a Lisboa, Sintra e Mafra, como anteriormente notado, atribui-lhe uma dupla condição que terá certamente pesado na sua atratividade, reconhecida pelas várias famílias que dela terão feito residência ao longo dos tempos: essa mesma proximidade aos centros urbanos e uma forte identidade, decorrente tanto da pertença a um modesto povoado, quanto do *poder* em deste se destacar, pela sua morfologia própria de quinta (cujo extenso e independente território propicia uma resguardada tranquilidade). Esta força estruturante, em muito decorrente das próprias dimensões do conjunto e da relação territorial que estabelece com o entorno — mas, sobretudo, do seu pulsar interno, expresso nas qualidades da água e da vegetação —, afirma-se hoje enquanto *condição mítica* à atratividade outrora exercida sobre uma burguesia lisboeta de inícios do século XX, que sonhava o refúgio campestre como fuga à rotina citadina.

O *quadro* que, na Quinta das Águas Férreas, veio perdurando durante décadas e que ainda hoje ali reconhecemos assume-se como paradigma disto mesmo. De facto, não obstante as mais recuadas temporalidades que formam o palimpsesto paisagístico e arquitetónico da Quinta, assume-se a década de 1930 como essencial charneira à história do lugar, enquanto *ressignificação* do mesmo. A longa permanência da família Abecassis e a abrangente intervenção encomendada ao arquiteto António Lino, com reedificação da casa e complementar conjunto de dependências⁸⁸ (1935), veio aportar ao lugar um sentido próximo ao ideal da *casa tradicional portuguesa*⁸⁹, questão profundamente estudada por Raul Lino e convergente ao gosto de uma alta

15. (p. anterior)
Torreões, entrada, 2017

⁸⁸ Desconhecemos as razões que terão levado à reformulação quase integral desta casa — se por questões de inabitabilidade da antiga estrutura ou por mero gosto pessoal dos proprietários (o que nos parece mais provável); assim como nos é também alheio o porquê da encomenda ter sido dirigida a António Lino e não a Raul Lino, dada a traça da casa edificada. O complementar conjunto de dependências abrange: casa de caseiros, celeiro, vacaria e abrigos para animais, situados junto ao limite nascente da propriedade; no núcleo de entrada principal, junto aos torreões, traçou-se uma garagem com casa para motorista.

⁸⁹ Justifica-se a abordagem deste tema ao longo do subcapítulo seguinte.

burguesia, à qual Fortunato e Sophia Abecassis pertenceriam⁹⁰. Na abrangente extensão da Quinta, o *microcosmos* resultante em muito terá assim explorado a *recriação* cuidada de uma bucólica realidade, uma ideia de *tradição* romantizada segundo um modo de vida já moderno e urbano, patente em percursos mais ou menos orgânicos que irrompem entre áreas de mata, demarcados pomares ou vastos campos de cultivo, e a que se somam núcleos de arquiteturas geralmente coevas, reminiscentes a essa particular síntese de contextos que a *recriação* do ideal de *casa portuguesa* ali possibilitou⁹¹.

E, se isto mesmo permanece, hoje, enquanto geral impressão que se nos apresenta do lugar, verdade será também que muito depende esta realidade de um segundo plano de estruturas de mais recuada época. De resto, deve-se ao continuado reconhecimento do valor dos mais antigos núcleos — um conjunto de torreões que encabeça a entrada da Quinta e dois tanques de espaldar animado por embrechados — a sua secular permanência que, apesar de enquadrada na lógica paisagística e volumétrica da Quinta, muito intriga numa primeira aproximação, dada a desfaçatez linguística em relação aos demais núcleos posteriores⁹². São ambas as estruturas referidas como que um indício das raízes deste lugar, que inevitavelmente se foi reinventando ao sabor das diversas ocupações que conheceu.



16. "Palacete (Venda Seca)", 1947.

⁹⁰ Pelos negócios que detinham na indústria química (ver Anexo n.º9). "A dona Sophia é que comprou aquilo; segundo me disse uma vez um genro, foi ela que mandou construir o prédio: que aquilo [Quinta] tinha lá uma casa pequenina e ela mandou construir o prédio" — informações fornecidas pela antiga caseira da Quinta das Águas Férreas, dona Glória. BELO, Inês Marques — *Testemunhos de dona Glória*. Venda Seca, Julho 2017. 1 registo áudio mp4 (22 min.).

⁹¹ Um gosto pela tradição campestre, de origem vernacular, embora recriada ao modo de vida do burguês citadino, sem luxos senhoriais, mas com confortos possibilitados por uma industrialização e um pensar mais funcionalista — conforme mais adiante estudaremos.

⁹² O que não implica, necessariamente, uma disparidade de *sentido*, como mais adiante daremos conta.

Génese

Assim, as origens da Quinta das Águas Férreas⁹³, apesar de incertas pelo escasso rigor de informações sujeitas à dispersão que o tempo traz, quando dele não se faz caso, parecem remeter ao século XVI⁹⁴. São as duas estruturas italianizantes que se encontram naquela que fora a entrada principal desta Quinta a melhor potenciar esta hipótese: de escala monumental e unidos por uma passagem superior sustentada por arco abatido, os dois torreões de planta quadrada e estrutura enviesada são frequentemente atribuídos à autoria de Francisco d'Ollanda⁹⁵ — associação em boa parte devida à aparência renascentista da composição.

É o arquiteto Jorge Segurado quem, com alguma certeza, primeiro refere o humanista como provável autor deste núcleo e primeiro proprietário da Quinta⁹⁶: *"foi o próprio Francisco d'Ollanda a única pessoa quem, até hoje, nos deu conhecimento de uma propriedade onde em 1571 acabou de escrever e de desenhar os seus tratados sobre Lisboa e Arte de Desenho [97] (...). A designação pura e simples de que ele se serve é a de uma só palavra: Monte"*⁹⁸. Este monte é tido como sinónimo de *montado*, *herdade* ou *quinta*, uma vez que *"(...) no século dezasseis, a designação de Monte tinha de facto o mesmo sentido e o valor de propriedade rústica(...) fora de núcleo urbano"*⁹⁹. Assim, Segurado revela, referindo-se à Quinta de Venda Seca: *"julgamos ter encontrado não só o sítio do monte, como também*

⁹³ Ou Quinta da Água Férrea, conforme referenciado em alguns registos.

⁹⁴ Apesar de haver também referência a que a Quinta tenha tido origem no século XV, é devido à falta de fontes fiáveis que corroborem esta informação ou de evidências físicas que o indiquem, que não podemos tê-la como certa. ROSA, Francisco — *Estudos d'Arte. A Quinta do Senhor da Serra*, Trabalho em Pintura. Lisboa: Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, 1983, p. 9.; Gabinete do Plano Diretor Municipal e Departamento de Cultura, Juventude e Desporto da Câmara Municipal de Sintra - *Tema 11 - Património Natural Arquitetónico e Arqueológico, Relatório de Caracterização e Diagnóstico do Concelho de Sintra*, Outubro de 2014, p. 214 » http://www.cm-sintra.pt/phocadownload/PDF/consulta_publica/revisao_pdm/documentos-consulta/relatorios-diagnostico/Tema-11-Patrimonio-Natural-Arquitetonico-e-Arqueologico.pdf

⁹⁵ Ver nota de rodapé n.º 40.

⁹⁶ ALVES, Silva — *Memorial da Freguesia de Belas*. Amadora: Jornal da Amadora, 10.04.2003, p.11

⁹⁷ "Para que Vossa Alteza saiba de quanto serve o entendimento daquela ciência e arte que em mim morre tão desestimada e esquecida; em um mato e monte que está entre Sintra e Lisboa, somente de não haver em que eu possa servir'. Estas linhas desesperadas, dirigidas ao Rei D. Sebastião, acompanham um tratado sobre Lisboa e um outro sobre a arte do Desenho que o ilustre humanista Francisco de Holanda termina em Julho de 1571". D'OLLANDA, Francisco — *Da Fabrica que falece ha cydade de Lysboa - De quanto serve a sciencia do desenho e o entendimento da arte de pintura na república cristã, assim na paz como na guerra* (1571) cit. in STOOP, Anne de — *Quintas e Palácios nos Arredores de Lisboa*. Barcelos: Livraria Civilização Editora, 1986, p.184.

⁹⁸ SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.385.

⁹⁹ SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.385.

descoberto restos de Architectura e de Decoração, muito provavelmente obras de Ollanda"¹⁰⁰.

Para além do já referido pendor renascentista e da qualidade técnica e inventiva reconhecíveis no traçado dos torreões que demarcam um primeiro momento de chegada, no encaminhamento misterioso que sugerem pela sua transposição, é também em alguns dos registos, escritos e desenhados, deixados pelo próprio Francisco d'Ollanda¹⁰¹ que se prende esta suspeição, dado o testemunho do lugar de sua propriedade como equidistante a Lisboa e a Sintra em cerca de duas léguas¹⁰², onde o contexto de campo e mato ofereceria uma agradável ambiência propícia ao desenho, à meditação, à escrita, mas também à prática agrícola — associações coerentes com o ambiente encontrado na Quinta das Águas Férreas.

É também de acordo com este entendimento que Anne de Stoop aponta para "*outros resquícios de decoração renascentista*" encontrados na região como, provavelmente, pertencentes à autoria do humanista, "*cuja peregrinação pela zona são conhecidas*"¹⁰³. De qualquer modo, e na ausência de documentação exata

¹⁰⁰ SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.385.

¹⁰¹ No códice "*Da Fabrica que falece ha cydade de Lysboa*" (1571), são várias as referências que Ollanda tece acerca de um lugar específico, tido como morada para as suas temporadas de refúgio em trabalho ou em descanso: "*Para que Vossa Alteza (D. Sebastião) saiba (...) de quanto serve o Entendimento daquela sciência e Arte que em mim Morre tão desestimada e esquecida em um mato e monte que está entre Syntra e Lysboa...*" (p.49); "*E também favorecido do ócio do Lugar em que vivo o mais do tempo no campo...*" (p.14); "*São daqui a Lysboa duas léguas. Daqui a Syntra duas léguas*" (p.24); "*...porque o contentamento e o espírito deste negócio está já de todo arrefecido em mim e perdido pelo Tempo e lugar em que hoje vivo no Monte, tratando de outra Pintura*" (p.34); "*E por que razão me venho antes fazer lavrador e viver no Monte como Homem inútil e que nada serve neste tempo.*" (p.36); "*...agora que estou já tão desenganado, que nenhuma cousa do Mundo me poderá já tirar deste Monte em que vivo: em que mais estimo enxertar uma Árvore e vê-la crescer que quantas valias nem Riquezas ha em oriente*" (p.36); "*Escrito em Julho no Monte. Ano de 1571*" (p.49) cit. in SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.385-386.

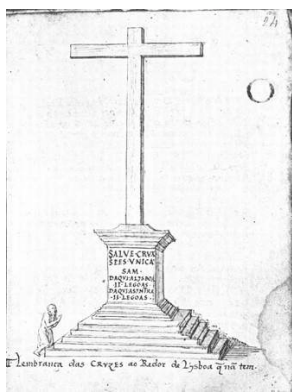
¹⁰² Conforme indicado no pedestal da cruz (padrão informativo) esboçado pelo próprio artista — ver imagem n.º 17. A confirmar-se a propriedade do humanista nestes terrenos, terá também sido aqui que Ollanda se terá refugiado com D.^a Luísa da Cunha de Siqueira, sua mulher, aquando da peste de Lisboa e crise monetária de 1569. SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.387.

¹⁰³ Para além da já comprovada associação de Ollanda aos morgados de Penha Verde (Sintra), citada já em 1632, a Ermida de S. Mamede de Janas é também referida pela autora como parte do legado do humanista, pelo "*tempietto italianizante, corpo cilíndrico situado no eixo deste templo de planta centralizada, com colonata sustentando um tambor que liga ao tecto, peça de surpreendente grandiosidade nas suas exíguas dimensões classicistas*". Dada a proximidade geográfica, a autora alude ainda ao sugestivo pavilhão com "*cúpula de gomos integrado no balcão que coroa o muro principal*" do Paço de Belas (omitindo porém qualquer indicação relativa à sua autoria). Stoop refere mesmo a suspeição de Segurado quanto à Quinta das Águas Férreas, lugar que descreve como "*uma típica construção solarenga já de recorte maneirista*" (numa provável suposição daquilo que terá sido

acerca da autoria e época de construção da monumental estrutura que demarca a entrada da Quinta das Águas Férreas — que terá, também, à partida, fundado —, parece-nos prudente afirmar que o vínculo estabelecido entre este lugar e Francisco d'Ollanda resulta pouco fundamentado, tendo sido mesmo contrariado por posteriores investigações empreendidas por Vítor Serrão (embora também elas pouco desenvolvidas)¹⁰⁴.

De facto, é da leitura dos sóbrios contornos desta estrutura possante que se sustentam paralelismos mais ou menos fundamentados relativos ao período renascentista, ao qual poderá remeter a génese desta Quinta. Do reconhecimento do objeto enquanto início de algo — que desconhecemos, que está para além daquele encontro —, o momentâneo impacto conferido pelas suas monumentais dimensões não é bastante para tolher a percepção de um franco equilíbrio entre as suas proporções. Do mesmo modo, a aparente simplicidade formal transmitida pelo conjunto não deixa de revelar a mestria e engenho com que variados elementos peculiares se encontram nesta estrutura única, onde dois corpos de duplo piso são "*graciosamente coroados de cúpulas, ligados entre si por terraço-passadiço, sobre passagem aberta e abobadada, de berço, com perfil abatido de três centros*"¹⁰⁵. De entre a expressividade da composição, Segurado destaca ainda a inventiva composição das "*cúpulas semi-esféricas coroadas por pequeno corpo cilíndrico, terminado por outra calote esférica com pináculo*"¹⁰⁶.

17. Cruz e padrão de informações, ?.



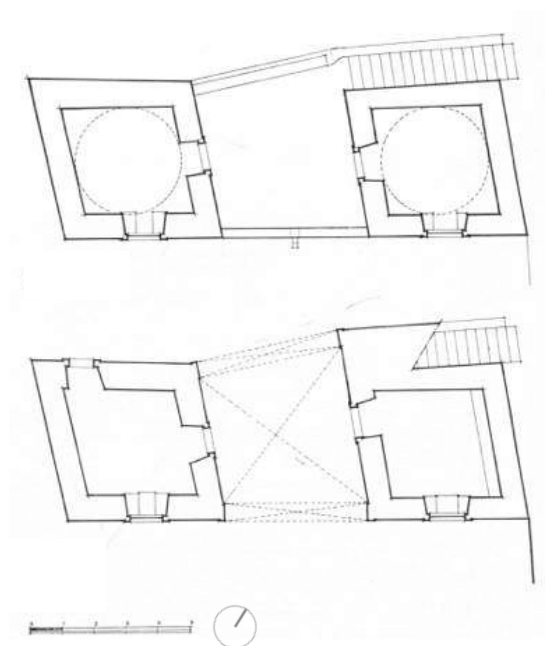
o ambiente da quinta aquando da construção dos seus primeiros núcleos). STOOP, Anne de — *Quintas e Palácios nos Arredores de Lisboa*. Barcelos: Livraria Civilização Editora, 1986, p.184.

¹⁰⁴ Vítor Serrão terá identificado um outro *monte* como morada desenhada e habitada por Ollanda: a Quinta de Nossa Senhora dos Enfermos, conjunto renascentista de meados do século XVI, alterado no século XVIII. Situada no lugar de Camarões, Almargem do Bispo (Sintra), a Quinta possui "*capela com cunhais rusticados (...) no retábulo pético do altar com as suas colunas jónicas, frontão triangular e anjo relevado na predela*". A ambiência oferecida pelo conjunto testemunharia o "*apego à vida contemplativa do campo, em oposição à pompa cortesã*". SERRÃO, Vítor — *Sintra*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 53.

¹⁰⁵ SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.388.

¹⁰⁶ SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.387.

Mas, segundo o autor, a particularidade mais notável desta construção consiste na mestria com que se obtêm paredes de diminuta espessura como suporte de cinco abóbadas¹⁰⁷: a "*perfeição técnica*"¹⁰⁸ reside nos copos laterais que, pela robustez das suas cúpulas, servem de contrafortes à aparentemente ligeira abóbada do passadiço. E, se daqui se depreende já o harmonioso valor do conjunto, para tal deverá também contribuir a particular geometrização que, apesar de evidente a partir da leitura da planta, não é imediatamente perceptível a quem circula no entorno do objeto. Consiste esta exceção na obliquidade das paredes dos torreões como valor fundamental à relação estabelecida com o eixo do caminho de ingresso na Quinta, diretriz também ela oblíqua entre o momento de transposição deste conjunto e a casa, tal como ainda hoje se mantém. Na eventualidade de ter sido Ollanda a idealizar esta singular peça, terá possivelmente entendido que o recurso a uma planimetria de ângulos não rectos iria favoravelmente ajustar-se à perspectiva de quem, a partir da entrada, olhasse em direção à *casa*, núcleo central da Quinta eventualmente já edificado naquele mesmo lugar¹⁰⁹.



18. Planta dos torreões,
Piso superior e Piso
térreo ?.

¹⁰⁷ No piso térreo contam-se três abóbadas (as que formam os tectos dos compartimentos de cada torreão e a que encima a passagem entre eles); ao piso superior correspondem as duas abóbadas de cada tecto dos compartimentos.

¹⁰⁸ SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.390. Stoop refere-se também a este aspeto: "*Essas duas massas poderosas [torreões de entrada] não deixam de ser harmoniosas, graças ao terraço suspenso por uma abóbada que as une e às cúpulas de lanternim cego que as coroam, reminiscências da arquitectura italiana*". STOOP, Anne de — *Quintas e Palácios nos Arredores de Lisboa*. Barcelos: Livraria Civilização Editora, 1986, p.184.

¹⁰⁹ Não nos referimos, obviamente, à casa que atualmente existe na Quinta das Águas Férreas, mas a outra que no mesmo lugar se erguesse.

19. Torreões, vista do interior da Quinta, ?.

20. Torreões, vista da estrada, ?.



As especificidades reconhecidas acerca deste objeto deveriam assim traduzir um particular carácter simbólico evidente num primeiro momento de aproximação à Quinta. Neste sentido, é como remota que tomamos a observação de Segurado acerca da possibilidade deste corpo de torreões ter sido "*antecedido, como era habitual, de grande pátio eirado ou pátio murado, com robusto portão rasgado à margem da primitiva entrada de Sintra*"¹¹⁰, uma vez que pela sua expressão, demarcaria provavelmente a própria construção a entrada principal da Quinta — sendo portanto, em época recuada e relativa à sua edificação, contígua a muros de delimitação da propriedade e talvez apresentando mesmo no seu desenho o próprio portão¹¹¹.

Seria, de resto, essa mesma representatividade a estar subjugada à provável — mas não certa¹¹² — coexistência de uma casa¹¹³ de habitação temporária ou

¹¹⁰ O autor deverá referir-se à estrada real Lisboa-Sintra que provavelmente contornava a Quinta das Águas Férreas. "*A entrada junto à antiga Estrada Real está na cota mais alta*". SEGURADO, Jorge — Francisco D'Ollanda. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.388.

¹¹¹ Como certa temos, porém, a originalidade da composição, que ainda hoje prevalece. Ao nível térreo, cada um dos torreões possui dependências com janelas a norte e acesso a partir da passagem coberta. A dependência do lado esquerdo possui ainda uma entrada do lado sul; "*nos seus encaixos [desenvolvem-se] bancos-poiais, de pedra*". É também a sul que encontramos o acesso ao terraço-passadiço: adossada ao torreão do lado direito, a escada exterior eleva-nos ao piso superior. Aqui acedemos a dois quartos (um de cada lado), de expressão interior simples e pavimento de madeira de sobrado à portuguesa. As dependências são ambas abobadadas, "*com seus pendentifs a descarregar nos ângulos os impulsos diagonais*". "*As cantarias de Lioz, que protegem os vãos de janelas, portas e aduelas dos arcos que com suas pilastras entestam a lisa abóbada de berço têm singelo aparelho, quase liso, sem golpes de aresta*"; a exceção pertence à guarda do terraço (do lado norte): um longo parapeito de mármore de Estremoz, composto por duas peças apoiadas, na sua junção, num único pilar abalastrado. Na base deste pilar ainda existe uma mísula de pedra rústica, que provavelmente terá servido de suporte a pedra de Armas (a que se encontra atualmente no pátio interior da casa). SEGURADO, Jorge — Francisco D'Ollanda. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.390.

¹¹² Uma vez mais, a ausência de informações acerca do passado da Quinta das Águas Férreas apenas deixa espaço a especulações acerca daquela que terá sido a sua história, não documentada ao longo dos tempos.

permanente, que se estabeleceria enquanto núcleo central desta propriedade e que justificaria, afinal, a presença de tão singular momento de introdução à Quinta. Segundo esta hipótese — e dada a caracterização já deslaçada acerca do conjunto de torreões —, corresponderia então a atual Quinta das Águas Férreas a um provável conjunto de importância senhorial, cujo vasto território se distribuiria entre atividades de recreio e de produção (agrícola e pecuária), à semelhança do verificado nas demais quintas que ali, nos lugares de Belas e de Venda Seca se vinham estabelecendo à época¹¹⁴.

Como aspeto fortemente sintomático desta possibilidade, nomeadamente no que respeita ao reconhecimento de um núcleo de habitação coevo da fundação da Quinta das Águas Férreas, é a partir de um olhar atento à casa atualmente existente na propriedade que podemos identificar francos indícios espaciais e construtivos capazes de reportar a uma arquitetura de traços mais remotos face àqueles que são próprios da construção hoje ali presente¹¹⁵. Destes espaços toma parte o compartimento abobadado ao nível térreo da ala voltada a sul, cuja

¹¹³ Referimo-nos à provável existência de uma construção primitiva à atual casa que toma hoje parte do núcleo central da Quinta.

¹¹⁴ Reconhecemos hoje a Quinta conforme designado por Caldas: "*o termo indígena é sobretudo apropriado pois nomeia uma unidade rural de dimensão muito variável que inclui terrenos abertos de cultivo, outros delimitados, por vezes murados, para hortas e pomares, construções de apoio à agricultura e à criação de animais, moradias para caseiros ou outros trabalhadores e a casa do proprietário.(...) Não se confunde, portanto, com o casal saloio, pequena casa ligada a também pequenos talhões agrícolas na região de Lisboa, nem com a herdade, gigantesca propriedade própria de uma limitada região do país — Alentejo e Ribatejo*"; o que não invalida que, à semelhança de outras quintas de Belas, não terá a mesma correspondido ao "*solar, habitação fidalga, núcleo também duma propriedade rústica mas em que a própria casa/construção se identifica com a casa instituição nobiliárquica conferindo estatuto à família que lhe está ligada e vice-versa.*" CALDAS, João Vieira — *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII*. FAUP Publicações. Porto. 1999. 2a Edição, p.34

¹¹⁵ Esta possibilidade é também avançada pelo professor Amílcar Pires no subtópico *Intervenções Realizadas* do seu estudo preliminar à Quinta das Águas Férreas: "*construção do atual edifício sobre as preexistências, reconstruídas em 1935 pelo arquiteto António Lino*" PIRES, Amílcar Gil e — *O Lugar da Villa Renascentista na Arquitetura Portuguesa - Quinta das Águas Férreas*, Ficha CIAUD. Lisboa, 2013; Jorge Segurado teria também já asseverado a construção desta casa enquanto remodelação: "*A actual casa foi remodelada e ampliada em 1935 com projecto do malgrado arquitecto António Lino*" SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, pp.414 e 416. De resto, e de um modo geral, "*por serem, as habitações, sistematicamente edificadas sobre outras mais antigas ou aproveitando meras construções de apoio à agricultura; por terem sido sujeitas a consecutivas remodelações e ampliações feitas ao sabor do nível económico e representativo dos seus detentores, das sucessivas vendas, aforamentos e heranças; por haver uma continuidade dos tipos construtivos e formais, tanto mais acentuada quanto mais pobre for a construção, resulta difícil, quase sempre impossível, o estabelecimento preciso de cronologias.*" CALDAS, João Vieira — *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII*, 2ª ed. Porto: FAUP Publicações, 1999, p.21.

composição parece remeter àquela mesma centúria quinhentista (ou seiscentista) apontada como provável à edificação do conjunto de torreões ¹¹⁶. Este compartimento, que hoje sustenta um terraço cuja cota é desfasada do restante piso superior, faz-se destacar pela maciez da sua construção, aspeto contrastante com a demais edificação atual: as paredes autoportantes em alvenaria de pedra abrem — para além da porta que assegura a individualidade do núcleo face à casa —, dois vãos de reduzidas dimensões e culminam num tecto abobadado de quatro ramos de aresta.

Pela simplicidade do seu interior, e dada a sua sintomática localização no piso inferior do edifício, podemos especular que seria este um dos compartimentos de serviço — ou mesmo, uma capela ¹¹⁷ — da eventual casa de feição senhorial que ali tomaria lugar e cuja estruturação espacial poderá ainda, em parte, relacionar-se com a que hoje encontramos na atual casa. Como circunstâncias conformes, tanto a disposição da construção hoje existente, em planta *U* ¹¹⁸, rematada por pátio murado ¹¹⁹, quanto a presença de uma *torre* ¹²⁰, no ângulo nordeste da atual

¹¹⁶ Disto nos dá conta Segurado que, com optimista convicção, aponta esta dependência como "*de certeza coeva da construção da entrada*", referindo-se aos torreões cuja autoria atribui a Francisco d'Ollanda. Aquando da sua visita, serviria o compartimento como arrumo das caldeiras de aquecimento da casa. SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.390.

¹¹⁷ Conforme nos deu conta Margarida Vaz Pinto. Ver Anexo n.º10.

¹¹⁸ Por forma a hierarquizar os compartimentos cada vez mais numerosos e especializados, surge uma tendência para a consolidação da tipologia em *U* a meados do século XVII — contributo para uma organização hierárquica dos compartimentos e para uma regularidade geral do volume (em oposição a uma organicidade até então habitual), que se tornou recorrente durante o século seguinte. AZEVEDO, Carlos de — *Solares Portugueses*, 2.ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1988, p.57.

¹¹⁹ Relacionado também com os modos de vida das culturas que mais se enraizaram no centro e sul do país, o "*pátio fechado por altos muros que isolam e protegem o lugar da habitação*" vem reforçar a ideia de fechamento em relação a um exterior perigoso e de criação de uma intimidade particular, do *viver para dentro* e da subsistência. FELICIANO, Ana Marta; LEITE, António Santos — *A Casa Senhorial Como Matriz da Territorialidade*. Lisboa: Caleidoscópio, 2016, p.50.

¹²⁰ Apesar da intrínseca relação entre os paços medievais e a ideia de pólo protetor e estruturante de um território, Vieira da Silva afirma que "*o paço em Portugal não derivou do castelo nem mesmo, quando porventura possuiu torres ou ameias, se lhe assemelhou ou tentou imitar*" (SILVA, José Custódio Vieira da — *Paços Medievais Portugueses*. Lisboa: Edições ASA com Apoio IPPAR, 1995, p.35). Por sua vez, em inícios do século XVI, estas torres foram caindo em desuso como residência, uma vez que a necessidade de expansão territorial e o clima de guerra contra os muçulmanos justificava o uso das mesmas como meio bélico, generalizando então o paço como habitação senhorial por excelência — paço este que, segundo Carlos Azevedo, fazia uso das torres previamente existentes, assumindo como formas mais comuns a "*ala residencial adossada a uma torre; (...) duas torres e um corpo de ligação; (...) a torre [que] ocupa posição central*". O autor refere ainda que "*destes três tipos, o primeiro — de todos o mais simples — foi o que se tornou mais corrente e que surgiu como a primeira e mais genuína casa nobre portuguesa de tipo rural*" (AZEVEDO,

casa, parecem confirmar a possibilidade de uma qualquer matriz antiga, que terá estado na base do edifício hoje existente. É de acordo com esta possibilidade que também a planta da atual casa da Quinta das Águas Férreas revela o singular assentamento da referida torre que, não obstante a sua sólida integração com os demais corpos da casa, surge delimitada por maciças paredes, estrutura reveladora de uma possível autonomia — e precedência — deste elemento face à demais construção ¹²¹.

Das reminiscências daqueles que poderão ter sido os mais antigos núcleos construídos a ocupar esta Quinta, identificamos também como singular elemento a parede-espaldar do primeiro de dois tanques que ocupam as imediações da casa e que se detêm como contributos fundamentais à riqueza identitária deste lugar.

Esta mesma associação teria sido já avançada por Jorge Segurado e Amílcar Pires ¹²² no reconhecimento deste núcleo, respetivamente, como coevo da construção da entrada da Quinta (e, portanto, obra também atribuível a Ollanda); e como parte das construções "*de base renascentista — séculos XVI - XVII*" ¹²³ que identificáramos na Quinta. Deve-se esta convicção não apenas ao maciço aspeto estrutural da parede em questão (atualmente integrada na dependência de dois

Carlos de — *Solares Portugueses*, 2.^a ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1988, p.26), o que não invalida os casos em que tanto a torre como a casa pertencem já ao século XVI ou posteriores, num sentido de perpetuar uma memória.

¹²¹ A localização de uma cozinha, *exterior* à ala norte, e ainda outros aspetos como a presença de escadas desde o pátio interior da casa ao piso superior, são também particularidades associáveis a uma base construtiva de época mais recuada — sobretudo considerando que a ideia de percorrer "*uma sequência de espaços individualizados*" na aproximação ao interior da casa se manteria durante a segunda metade do século XVI e que, ao existirem escadas exteriores, estas surgem lateralmente ao corpo principal, recusando uma potencial simetria e axialidade perspética e reforçando um percurso tendencialmente indireto (em oposição ao rigor das *villae* italianas) (FELICIANO, Ana Marta; LEITE, António Santos — *A Casa Senhorial Como Matriz da Territorialidade*. Lisboa: Caleidoscópio, 2016, pp. 110,111). Por outro lado, também o desfasamento entre um vão aberto na ala sul do piso superior, voltado para o pátio, e a fachada voltada a nascente, constitui um outro indício acerca de diferentes temporalidades. O referido vão afigura-se como, possivelmente, anterior à fachada voltada a nascente, uma vez que se situa muito próximo daquela — aspeto concordante com a própria cantaria que parece anterior às demais da referida fachada, e com o facto da cobertura desta mesma fachada ser *abaulada* sobre a mesma, o que tanto se poderá dever a um posterior acrescimento de cobertura como a uma questão intencional.

¹²² Professor na FA-UL e autor do trabalho de investigação *O Lugar da Villa Renascentista na Arquitetura Portuguesa*, CIAUD. Lisboa, 2013.

¹²³ Informações preliminares acerca da Quinta das Águas Férreas, conjunto que integra o estudo "*O Lugar da Villa Renascentista na Arquitetura Portuguesa*", desenvolvido no âmbito do CIAUD (Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design - Faculdade de Arquitetura) e coordenado pelo professor Amílcar Pires. PIRES, Amílcar Gil e — *O Lugar da Villa Renascentista na Arquitetura Portuguesa - Quinta das Águas Férreas*, Ficha CIAUD. Lisboa: FAUTL 2013.

pisos que limita a sul o pátio de chegada à casa¹²⁴), mas sobretudo, ao revestimento que esta sustenta na face de enquadramento ao tanque — trabalho ornamental que maior unicidade e requinte aporta de entre todo o conjunto edificado e que, pela reconhecida antiguidade da técnica aqui aplicada, contribui então à associação das origens deste núcleo (ao qual pertence também o segundo tanque) com tão recuadas épocas. Corresponde esta particular expressão à técnica de embrechado¹²⁵, ornamentação que, sendo admitida como uma das grandes inovações decorativas em Portugal e nos seus territórios de influência ultramarina especialmente durante os períodos maneirista e barroco¹²⁶, recorria à utilização de fragmentos vários, de reduzidas dimensões (de origens naturais ou fabricadas, mais rudimentares ou mais distintos¹²⁷), para criar um revestimento murário que propunha a ressignificação das suas partes a partir do todo resultante. De facto, a excepcional particularidade desta técnica que animava essencialmente espaços dedicados ao recreio ou ao culto, reside não na "*utilização de pequenos nada*s (...) [mas na] *forma extensiva e programática* como [estes materiais] *são usados*. *Preenchem todas as superfícies, criando uma espacialidade mágica, feérica pelas reverberações que produzem e pelo discurso simbólico que constroem*"¹²⁸. A obra resultante, que tanto empresta à arquitetura em termos matéricos e conceptuais é, portanto, um misto entre espontaneidade e eloquência, graça e minuciosidade

¹²⁴ Deverá o paramento reportar-se a uma anterior construção, em estrutura autoportante de alvenaria de pedra. A referida dependência, de traça concordante à dos restantes núcleos edificados aquando da reestruturação dos anos 1930, terá essencialmente abrigado funções de adega e, mais recentemente, de apoio a eventos (casamentos) e ainda como abrigo de cavalos.

¹²⁵ "Do francês 'brèche' que significa fissura, fenda, ruína ou sulco, a palavra embrechado não tem equivalência noutras línguas, definindo igualmente um tipo decorativo muito usual e, de certa forma, único nos jardins portugueses a partir do século XVII". (ALBERGARIA, Isabel — *Os Embrechados na Arte Portuguesa dos Jardins*. Universidade dos Açores: Arquipélago - Revista da Universidade dos Açores, série História, 2.ª série, vol. 2, 1997, p.459); *brèche* poderá também descrever uma rocha sedimentar de variadas cores. Tecnicamente, o termo embrechado "*consiste em cravar ou imbricar materiais diversos em argamassa fresca, no revestimento de paredes e tectos das mais variadas arquitecturas, e que conferem efeitos cenográficos e ornamentações insólitas, com características ora rudes e ingénuas, ora sofisticadas e eruditas*." Por outro lado, os "*crystaes, petrificações, coraes, escumas do mar, conchas*" (RODRIGUES, Francisco de Assis — *Diccionario Technico e Historico de Pintura, Esculptura, Architectura e Gravura*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1875 cit. in SILVA, André Lourenço e - *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.40) empregues reforçam a etimologia da própria palavra *embrechado*, que poderá advir da "*aplicação de materiais nas brechas das grutas, naturais ou artificiais*". (SILVA, André Lourenço e - *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, pp.40, 41, 44).

¹²⁶ Correspondentes, em Portugal, ao intervalo decorrido entre os séculos XVI e XVIII.

¹²⁷ Materiais cerâmicos, conquitológicos, pétreos ou metalúrgicos, utilizados em diversas combinações e composições entre si.

¹²⁸ SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.19.

que, por entre peças de diversas naturezas e efeitos cromáticos luxuriosos, possui um dinamismo ímpar e — em termos tanto técnicos quanto poéticos — próprio de uma curiosa interseção de dois mundos: "*quase como uma arte povera instituída em facetas de erudição*"¹²⁹. Na aparentemente espontânea confluência de signos, intui-se a emergência de um novo *cosmos*, específico pela íntima relação que se estabelece com uma natureza *cultivada* e controlada, afinal, assim *mimetizada* pela arquitetura.

Terão estes peculiares traços motivado a glorificação da arte do embrechado em Portugal a partir do século XVI, mas principalmente ao longo da centúria seguinte, com "*alguma da mais abastada nobreza*"¹³⁰ a recorrer a este tipo de ornamento para integrar os espaços de suas casas e jardins, no intento de afirmar a sua riqueza mediante a exposição dos artigos exóticos que compunham aqueles conjuntos¹³¹. É, aliás, a partir da época renascentista que o embrechado encontra um lugar fortemente cenográfico por entre os percursos e recantos de jardins privados, aliando-se de forma inovadora a um elemento que já lhe era

¹²⁹ SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.23. Importa reconhecer que esta associação de André Silva tem-se por contributo fulcral a uma posterior compreensão do *sentido* veiculado pela Quinta das Águas Férreas — numa analogia do *todo* a partir desta *parte*.

¹³⁰ SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.23.

¹³¹ De entre esses artigos, seriam por exemplo apreciadas as conchas das Índias Orientais. Esta arte ter-se-á assim assumido ornamento comum a outras quintas da época, nomeadamente na área geográfica próxima da Quinta das Águas Férreas — contando-se exemplos como o revestimento das capelas da Quinta da Penha Verde (Sintra), ou os conjuntos presentes no Palácio Fronteira (Benfica), testemunhos da "*influência do maneirismo europeu e que aportou ao nosso país particularmente por via flamenga*" (SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.72). Durante os séculos posteriores, a arte de embrechados foi mantendo alguma presença, tendo marcado lugar tanto em jardins de quintas e palácios barrocos do século XVIII como em espaços religiosos. Mais tarde, seriam também as correntes do romantismo e revivalismo dos séculos XIX e XX a recuperar os reluzentes brilhos e cores desta forma de arte que tanto de *delicadeza* quanto de *crueza* vive — destacam-se pela proximidade geográfica à Quinta da Venda Seca os conjuntos encontrados nos jardins da Quinta Nova da Assunção, Belas, onde a delicada composição de pedras, vidros, conchas e porcelanas reveste nichos e fontes (SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.93). Sendo certo que a época construtiva da atual casa na Quinta das Águas Férreas remete exatamente aos inícios do século XX, seria legítimo supor que também as composições de embrechado aqui encontradas pudessem ter origem nessa mesma época; constituem, porém, os estudos consultados forte indício à correspondência da técnica aqui empregue com mais recuadas centúrias.

indissociável desde os tempos da Antiguidade Clássica — a (arquitetura da) água¹³².

É neste sentido que, *"inovadora no desempenho das cores, texturas e materiais a que recorre, esta arte e técnica marcou indubitavelmente aquela que foi a época de apogeu do jardim maneirista português, de propensão para o mágico"*¹³³, já que, um pouco como o azulejo, o embrechado presta-se aos brilhos e transparências que tão bem se fundem com os reflexos aquáticos, criando uma ambiência específica, idílica: *"experimenta-se (...) um temperamento intimista, num contexto de sentimento contemplativo e passivo, tão caro à nossa essência"*¹³⁴. Deste modo, encontra o embrechado nos jardins do maneirismo e barroquismo português fundamentalmente uma posição de enquadramento da água corrente ou parada — caso dos tanques, elemento de destaque nos jardins dos séculos XVI e XVII e *"refúgio último da água antes de ser libertada para os canais distributivos"*¹³⁵ que concretizavam a rega de campos e jardins nas propriedades.

É também na Quinta das Águas Férreas que o embrechado surge como complemento ornamental e enriquecedor dos dois tanques que estão interligados no sistema de recolha, condução e rega da propriedade. São os trabalhos aqui presentes em vários aspetos possuidores de grande mestria e singularidade, no detalhe simples que se multiplica, re-imaginando-se, em contornos artesanais e sempre diversos, à larga escala de abrangência de cada espaldar, para enfim justificar e honrar aquelas que foram, em tempos, tão afamadas águas a dar nome a esta Quinta.

¹³² Surge este elemento como componente intrínseca ao tema dos embrechados, pela sua forte atuação, desde a Antiguidade Clássica, na espacialidade das grutas sagradas em que se prestava culto a divindades aquáticas — aspeto que, de resto, reforça o carácter espiritual da arte dos embrechados, aliando-os assim à ambiência onírica da água. A gruta revestida essencialmente de elementos naturais abarcava uma *"miríade de contextos — sagrados e profanos, idílicos e bucólicos, mitológicos e oraculares, teatrais e ornamentais"*, constituindo assim uma forma de arte de alusão a um pequeno cosmos. SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.51.

¹³³ SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.251.

¹³⁴ SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.252.

¹³⁵ SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.133.



21. Volume da adega e primeiro tanque com ornamento de embrechados, ?.

Deve-se, portanto, o topónimo Quinta das Águas Férreas à "*nascente de água a que os seus consumidores chamavam férrea, devido ao seu característico paladar gasoso*"¹³⁶ e cor alaranjada, que brotava em terrenos desta propriedade pelo menos desde o século XVIII¹³⁷. Terá sido esta época particularmente importante na história do lugar, dado o reconhecimento destas mesmas águas como terapêuticas por figuras como D. Maria Francisca Benedita de Bragança, filha de D. José I e então princesa do Brasil, que a elas terá recorrido no ano de 1796 e logo dado mostras de saúde restabelecida¹³⁸. Pertencia neste ano a Quinta ao mestre de campo dos auxiliares da corte Agostinho Jansen Moller e Pamplona que, satisfeito com a fama destas águas curativas, logo as terá disponibilizado gratuitamente à

¹³⁶ Gabinete do Plano Diretor Municipal e Departamento de Cultura, Juventude e Desporto da Câmara Municipal de Sintra — *Tema 11 - Património Natural Arquitetónico e Arqueológico, Relatório de Caracterização e Diagnóstico do Concelho de Sintra*, Outubro de 2014, p. 214 » http://www.cm-sintra.pt/phocadownload/PDF/consulta_publica/revisao_pdm/documentos-consulta/relatorios-diagnostico/Tema-11-Patrimonio-Natural-Arquitetonico-e-Arqueologico.pdf

¹³⁷ Acerca do hiato entre o século XVII (referido como provável período da composição dos embrechados presentes na Quinta) e o século XVIII (para que apontam os primeiros registos da existência de águas férreas na Quinta), o âmbito do presente trabalho não pôde aprofundar esclarecimentos, limitando-nos por isso a apresentar o nosso raciocínio sobre este aspeto.

¹³⁸ A 24 de Maio de 1799, a Gazeta de Lisboa noticiava que a princesa D. Maria Francisca Benedita tinha experimentado grandes melhoras com o uso desta água. MATTA, António — *Memória duma Nascente de Águas Virtuosas - Quando uma Princesa andava a Banhos na Venda Seca*. Belas: Terra Nossa - Jornal da Paróquia de Belas, ano 1, n.º 6, agosto de 1987, p. 3.

população, embora apenas por alguns meses¹³⁹. Terá, em boa verdade, sido mesmo seu pai, Pedro Jansen Moller — enquanto possível primeiro proprietário da Quinta — a promover a iniciativa de, décadas antes (1773), pedir a "*João Martins de Canessas vedor de água para haver de lhe buscar agoa de sorte q possa vir em canos para a sua quinta*"¹⁴⁰. Seriam afinal estas tão distintas águas provenientes de Caneças, captadas de uma nascente em afloramento granítico, e as mesmas a justificar naquele lugar, apartado de Venda Seca em cerca de 11 quilómetros, uma outra quinta, embora já de finais do século XIX, igualmente denominada como Quinta das Águas Férreas¹⁴¹.

Contributo incontornável à identidade e valor da Quinta da Venda Seca, aquelas ditas águas férreas, singulares pela composição e efeitos benéficos a terras e gentes, terão assim promovido, ainda que por curto período, "*a fama (...) [de] estância hidro-medicinal (...) [daquele] modesto povoado*"¹⁴² e inclusivamente, motivado o incurso a vários estudos científicos¹⁴³ empreendidos ao longo daquele e do século seguinte (XVIII e XIX) — que viriam esclarecer acerca daquelas tão únicas propriedades de qualidade mineral, comparadas até às das famosas águas termais de Pymont, na Alemanha. No entanto, interessante será constatar que, apesar dos vários estudos desenvolvidos em torno do tema, diversas são as publicações de época em que se dá conta do carácter empírico em que se sustentava aquela fama, assim como das falsificações da mesma, que se multiplicavam¹⁴⁴...

¹³⁹ MATTA, António — *Memória duma Nascente de Águas Virtuosas - Quando uma Princesa andava a Banhos na Venda Seca*. Belas: Terra Nossa - Jornal da Paróquia de Belas, ano 1, n.º 6, agosto de 1987, p. 3.

¹⁴⁰ MATTA, António — *Memória duma Nascente de Águas Virtuosas - Quando uma Princesa andava a Banhos na Venda Seca*. Belas: Terra Nossa - Jornal da Paróquia de Belas, ano 1, n.º 6, agosto de 1987, p. 3.

¹⁴¹ Esta quinta, com estância termal, abriga hoje um núcleo de alojamento e disponibiliza atividades de lazer e cultura. Perto desta, em Casal de Cambra, há ainda registo de uma outra quinta homónima, hoje profundamente arruinada e afastada do conhecimento geral das populações. As águas férreas que por aqui passariam seriam comercializadas em Lisboa, engarrafadas, tendo, em inícios do século XX adquirido o nome de *Água de Casais de Câmara* (lugar hoje denominado *Casal de Cambra*) e seriam indicadas para anemias, linfatismo e dispepsias. » http://www.aguas.ics.ul.pt/lisboa_ccamara.html.

¹⁴² MATTA, António — *Memória duma Nascente de Águas Virtuosas - Quando uma Princesa andava a Banhos na Venda Seca*. Belas: Terra Nossa - Jornal da Paróquia de Belas, ano 1, n.º 6, agosto de 1987, p. 3.

¹⁴³ Ver Anexo n.º4.

¹⁴⁴ Justificando o aviso de que as *verdadeiras* águas férreas apenas se venderiam "(...)engarrafadas de meia canada ou quartilho, as quaes terão as rolhas betumadas, e sobre ellas hum bilhete impresso, que dirá AGUA FERREA, VENDA SECA, e no mesmo, o preço de 100 Reis ou 50 Reis(...)" e dando-se conta dos locais de venda específicos em Lisboa. (Gazeta de Lisboa de 15 de Janeiro de 1799 » <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=njp.32101080468646;view=2up;seq=32>). Ver anexo n.º4.

Para além das qualidades enumeradas, seriam também, provavelmente, estas mesmas águas férreas — como complemento às naturais e abundantes linhas de água que entrecortam aqueles terrenos — a fertilizar campos e regar culturas que na propriedade pudessem ter, à época, lugar. Dada a nobre importância da família, seriam os Jansen Moller ali proprietários de uma casa senhorial¹⁴⁵ (talvez a mesma com dependência abobadada e torre), possivelmente servida por jardins de enquadramento aos tanques, cuja sumptuosa presença seria, assim como a do conjunto de torreões, pelo menos, já certa. São estas, porém, apenas especulações que tomam forma não apenas pelos últimos aspetos referidos (o prestígio das águas e dos Jansen Moller; a antiguidade dos tanques de embrechados e dos torreões), como pelo registo de que terá esta família possuído a Quinta durante o século XVIII — sendo-lhe, de resto, inequivocamente atribuída a pedra de armas "*de mármore de Estremoz (...) [e] cartela provavelmente quinhentista*"¹⁴⁶, ainda hoje presente no pátio murado da casa¹⁴⁷. Já em finais do século, o terraço de entrada da Quinta terá sido local de eleição para a princesa Carlota Joaquina

¹⁴⁵ De acordo com esta hipótese está o facto de que, enquanto membros da Inquisição (ver Anexo n.º7), os Jansen Moller deveriam ir "*prestar as suas homenagens à corte, altura em que os despachos eram mesmo feitos no palácio de Belas, outras vezes para acompanharem [enquanto inquisidores] os monarcas nas missas solenes realizadas na igreja de Santa Maria, hoje designada Nossa Senhora da Misericórdia de Belas*". (SILVA, Alves — *Memorial da Freguesia de Belas*. Amadora: Jornal da Amadora, 10.04.2003, p.9). Há também referência relativa à designação da Quinta das Águas Férreas enquanto "*Palácio dos Jansen Moller*". ROSA, Francisco — *Estudos d'Arte. A Quinta do Senhor da Serra, Trabalho em Pintura*. Lisboa: Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, 1983, p. 9.

¹⁴⁶ "O escudo é partido e apresenta, à esquerda, um leão rampante segurando uma roda de moinho de água ou rodízio. Na parte direita figuram três folhas." SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.391

¹⁴⁷ Terá sido o referido brasão — com 1,22 metros de altura por 0,88 metros de largura — colocado no topo do nicho azulejado com fonte (central ao muro deste pátio, que abre duas janelas a nascente) aquando das obras de reformulação do conjunto, em 1935, após ter sido encontrada caída no chão. (SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.391). Devemos, no entanto, esclarecer que esta certeza acerca da correspondência do referido brasão à família Jansen Moller se deve exclusivamente à investigação por nós empreendida, no sentido de apurar o significado dos símbolos representados na peça e cruzar os dados obtidos com a documentação recolhida acerca dos Jansen Moller (ver Anexos n.º 5 e 6). Apesar de ter sido o referido brasão frequentemente associado à família Morelli (Segurado, Stoop) — levando Segurado a reconhecer a possibilidade dos torreões e tanques terem sido afinal encomendados por esta família a Ollanda, justificando-se assim tanto a traça da obra, quanto a proveniência italiana dos vidros que compõem os embrechados —, de acordo com a nossa convicção estão também os registos disponibilizados pela Câmara de Sintra, nos quais se confirma que a Quinta teve como "*legítimo proprietário, o coronel Agostinho Jansen Moller e Pamplona*" (Gabinete do Plano Diretor Municipal e Departamento de Cultura, Juventude e Desporto da Câmara Municipal de Sintra — *Tema 11 - Património Natural Arquitectónico e Arqueológico, Relatório de Caracterização e Diagnóstico do Concelho de Sintra*, Outubro de 2014, p.214 » http://www.cm-sintra.pt/phocadownload/PDF/consulta_publica/revisao_pdm/documentos-consulta/relatorios-diagnostico/Tema-11-Patrimonio-Natural-Arquitetonico-e-Arqueologico.pdf).

assistir à passagem dos touros e dos campinos que se deslocavam para a cidade de Lisboa¹⁴⁸.

Poderão ser, pelo averiguado, as singulares composições de embrechado remetentes à presença dos Jansen Moller na Quinta da Venda Seca, coadunando-se a graça e o traço dos trabalhos aos tempos de enaltecimento daquelas águas férreas que por obra da família ali terão chegado para sempre marcar a identidade do lugar, nomeando-o até. É, no entanto (e uma vez mais), algo incerta a específica época construtiva das mesmas composições, dada a divergência entre fontes consultadas: enquanto Segurado propõe que os trabalhos remetam ao último terço de Quinhentos, pelo menos no que respeita ao primeiro tanque, são as posteriores investigações de André Lourenço Silva (de resto, concordantes com Anne de Stoop) a atribuir aos embrechados o último terço da centúria seguinte. Daqui parte a possibilidade de ter sido afinal a família Morelli, enquanto provável proprietária da Quinta ainda no século XVII, a encomendar tais trabalhos — justificando-se assim, de resto, tanto a traça da obra, quanto a proveniência italiana dos vidros que compõem parte da mesma¹⁴⁹...

Atentemos, porém, na materialidade e traçado de ambas as composições que, embora distintas nos elementos que figuram, comunicam entre si, pertencendo portanto a um único conjunto, já que surgem da mesma materialidade: um "*misto de mosaico, com sabor antigo, à romana*"¹⁵⁰, fragmentos de loiça oriental e vidros italianos (provavelmente oriundos de Veneza), vieiras e conchas várias.

Em particular, e conforme já vagamente enunciado, é na dependência a poente da casa principal que se desenvolve, ao longo da fachada voltada a sul, a obra de pedraria que Segurado considera ser mais antiga e mais notável quanto à qualidade plástica. Adossada a este corpo — cujas proporções, cantarias e mísulas de *estendal* nos confirmam a antiguidade (ou, pelo menos, a já referida macizez da parede-espaldar deste tanque que, posteriormente poderá ter sido integrada no restante corpo edificado) —, a composição de embrechados encontra-se hoje já parcialmente destruída e bastante degradada, sendo porém ainda notória a

¹⁴⁸ Gabinete do Plano Diretor Municipal e Departamento de Cultura, Juventude e Desporto da Câmara Municipal de Sintra — *Tema 11 - Património Natural Arquitectónico e Arqueológico, Relatório de Caracterização e Diagnóstico do Concelho de Sintra*, Outubro de 2014, p. 214 » http://www.cm-sintra.pt/phocadownload/PDF/consulta_publica/revisao_pdm/documentos-consulta/relatorios-diagnostico/Tema-11-Patrimonio-Natural-Arquitetonico-e-Arqueologico.pdf

¹⁴⁹ Sobre esta hipótese — tida como certa por Segurado e Stoop —, não dispomos porém (e ao contrário do caso dos Jansen Moller) de registos concretos que autenticuem quer a estadia da família na Quinta, quer a encomenda dos trabalhos de embrechado pela mesma.

¹⁵⁰ SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.390.

simetria do desenho, que é composto por um painel central ladeado por dois painéis com nichos esféricos (que, provavelmente, terão abrigado estátuas)¹⁵¹. Apesar da já sofrível perceptibilidade do pormenor e da geral geometria simples, compreende-se que a parte central é de maior importância para o conjunto, dada a "graça e o espírito da traça" onde surgem "duas figuras marinhas de clássica mitologia, um tritão e uma sereia [que] suportam volutas de uma cartela deitada ao baixo e simetricamente desenhada"¹⁵², mas também medalhões e enrolamentos estilo *rollwerk*¹⁵³. A delicada composição plástica do conjunto adornaria o tanque de 14,40 metros de comprimento e 5,00 metros de largura, servido por fonte aposta à referida fachada (uma *carranca* de golfinho, de pedra)¹⁵⁴. De acordo com Segurado, destacar-se-ia este primeiro conjunto — no seu entender, de construção anterior à do tanque maior — por apresentar "*requintado gosto, nada tendo a ver com o das composições, populares e ingénuas, de débil desenho que se deparam em muitos embrechados de fontes de jardins ou de casas de fresco portugueses*"¹⁵⁵.

22. (p. seguinte)
Ornamento de
embrechados central ao
primeiro tanque, 2017.

¹⁵¹ SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.391.

¹⁵² SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.391.

¹⁵³ Identificados com base SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012..

¹⁵⁴ Atualmente, em seu lugar, apenas um cano de cimento.

¹⁵⁵ SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.391.



O segundo trabalho de ornamentação com recurso à técnica de embrechado adorna, conforme já indiciado, a parede-espaldar de um outro tanque. Este, com cerca de 14,70 metros por 10,00 metros, está localizado perpendicularmente ao primeiro e já distante do conjunto edificado anteriormente descrito, segundo o eixo que parte do pátio de chegada à casa. Uma vez destacado face aos demais núcleos construídos, possui este tanque uma maior margem para se distender aos campos circundantes, polarizando assim aquele território que resulta, enfim, regido pelas simbólicas dimensões daquela grande parede que o emoldura, segundo contornos sumptuosos de recorte acentuadamente barroco e com o seu perfil superior recortado em três corpos: "*o central, mais elevado, liga-se ao laterais com curvas de suave descaimento*"¹⁵⁶. São todos estes corpos modelados em forma de nicho onde, uma vez mais, se poderá ter abrigado estatuária.

Aquela impressão de submissão dos campos relativamente a este corpo, ostensivo e deles emergente, deriva da característica ímpar, própria do "*tanque que vive do espaldar*" e que, segundo Silva, comunica "*uma característica do sul do país, uma solução alternativa às fontes de espaldar que se reconhecem nos jardins nortenhos*", concluindo que "*os espaldares são, de facto, fontes de diversos nichos com uma bica de água no centro*"¹⁵⁷. Relativamente a este maior tanque, interessante será verificar as semelhanças tipológicas e ornamentais que o autor refere face ao espaldar do horto do Paço dos Henriques¹⁵⁸, remetente este ao século XVI. Desta análise, é a clara similitude entre contornos — ambos apresentam três nichos encimados por pináculos — que denuncia ainda um outro aspeto próprio destes espaldares ornamentais: "*serviam [também eles], indubitavelmente, na maioria das vezes, de tratamento arquitectónico como solução para ocultar/resolver outras estruturas de carácter mais funcional de condução de água ou apoio às regas, como noras, sistemas de caleiras ou aquedutos*"¹⁵⁹. A este propósito, Segurado descreve ainda como no tanque maior da Quinta das Águas Férreas um *majestoso* leão de pedra, com "*mãos fincadas no esbarro da forte parede*" deixava cair de sua boca água trazida pela força de um poço oculto por detrás do tanque¹⁶⁰.

23. (p. seguinte)
Espaldar de
embrechados do
segundo tanque, 2017.

¹⁵⁶ SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.391.

¹⁵⁷ SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.134.

¹⁵⁸ Situado em Alcáçovas (Viana do Alentejo). Ver Anexo nº 8.

¹⁵⁹ SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.134.

¹⁶⁰ SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.391. Apesar deste elemento escultórico ser já omissa na composição, podemos confirmar a sua passada existência graças ao registo fotográfico concedido pelo arquiteto António Henriques.



É, porém, esta segunda composição de embrechados menos figurativa no que respeita ao conjunto ornamental resultante, tendo, ao invés, por característica uma decoração geométrica com "*função bem architectónica*" no sublinhar de "*pilastras, modilhões, cornijas, entablamentos, capitéis, ...*"¹⁶¹, detalhes de grande minuciosidade que aqui resultam, porém, de uma certa hesitação na "*execução técnica da aplicação dos materiais (...)* [comprovável no] *indeciso desenho das pilastras e capitéis que ladeiam o nicho*"¹⁶² do corpo central. É este aspeto motivo bastante para que, na opinião de Segurado, seja esta parede-espaldar posterior à do primeiro tanque descrito¹⁶³ — hipótese de resto coerente com a própria traça barroca que alegra esta composição.

Mas está para além do desenho figurativo ou geométrico destas composições o verdadeiro valor que lhes reconhecemos enquanto excepcional modo de criação artística. Aspeto basilar a cada composição, da materialidade advêm questões determinantes à *vida* do embrechado, traduzíveis na profusão de cores, tonalidades, texturas, dimensões e brilhos de cada peça, qualidades dadas a experienciar de diversos modos — "*os matizes e luminosidades oferecidos por cada um dos materiais em presença, revelam-se determinantes para a compreensão estética de cada composição e na harmonia do conjunto*"¹⁶⁴. É neste sentido que o professor Paulo Pereira¹⁶⁵ refere as porcelanas e os vidros (pela rutilância própria a estes materiais) como especialmente *permeáveis* a adquirirem diferentes *significados*, dependendo da identidade do lugar que ornamentam: os mesmos materiais que transmitem, num contexto, "*luxo ou excentricidade*", uma vez inseridos em ambientes conventuais podem "*traduzir desprendimento material*"¹⁶⁶.

¹⁶¹ STOOP, Anne de — *Quintas e Palácios nos Arredores de Lisboa*. Barcelos: Livraria Civilização Editora, 1986, p.184.

¹⁶² SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.391.

¹⁶³ Segurado refere ainda que poderá este conjunto de embrechados ter carecido do acompanhamento de Francisco d'Ollanda — aquele que crê ser o autor do primeiro tanque: "*Não obstante este conjunto denotar uma traça bem própria de Arquitecto e possuir um ar magnífico, a verdade é que a execução técnica na aplicação dos materiais de tão excelsa qualidade, não é tão esmerada e de firme desenho como a da parede do tanque menor. (...) É possível que o autor da traça não tenha orientado, e quem sabe, até trabalhado nela, como julgamos fez no outro*". SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.391

¹⁶⁴ SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.222.

¹⁶⁵ Professor na FA-UL.

¹⁶⁶ É a propósito dos conjuntos presentes no Convento da Arrábida que o autor tece esta associação (BENITO, Paula; PEREIRA, Paulo — *Convento da Arrábida: a porta do céu*. Lisboa: Fundação Oriente, 2006, p.134. cit in SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.85.);

Às porcelanas (cerâmicas) e vidros profusamente usados neste género de composição, *aliam-se*, com igual importância, materiais naturais que remetem e enaltecem a essência da terra e da água. Aos elementos de fabrico humano contrapõem-se resquícios puros, rudes, que intensificam o contraste entre pólos — pedras e materiais conquiliológicos comunicam-nos a (im)perfeição da Natureza e a *crua* verdade da existência. Socorre-se assim a pedra da sua característica geometria irregular para conferir um apontamento orgânico à composição, surgindo como ornamento de reduzidas dimensões nos tanques da Quinta das Águas Férreas, enquanto delineador de alguns dos elementos *desenhados* — nomeadamente, "*na materialização de motivos geométricos e de maior forma ou expressão*"¹⁶⁷ que assim tomam maior destaque, reconhecíveis pelo expressivo contorno¹⁶⁸.

Ainda como material natural, embora dotados de uma delicadeza própria, "*os concheados (...) quase irisados de tonalidades múltiplas*"¹⁶⁹ aportam já aos conjuntos algum contraste verificado tanto em pormenor quanto na percepção geral das composições. Pese embora a ausente relação entre as ambiências da Quinta das Águas Férreas e o tema marítimo, são estes materiais conquiliológicos "*como que intemporais (...), presentes na maioria das obras de embrechado, quer em 'tapetes escamados', de bivalves, quer em detalhes pontuais, num jogo floral ou geométrico, ou ainda a assinalar a arquitetura*"¹⁷⁰, no contributo a uma leitura ímpar do conjunto resultante pelos brilhos, cores e texturas que conduzem a imaginação não apenas ao meio marítimo mas que sobretudo contribuem à criação do *cosmos mágico*, próprio desta arte. São aqui sobretudo os bivalves contributo fundamental ao entendimento de elementos figurativos e tão representativos quanto as próprias caudas da sereia e do tritão que ocupam o conjunto central do primeiro tanque¹⁷¹.

acrescentamos: dependendo da luz incidente, da envolvente arquitectónica, da própria composição entre materiais intervenientes no embrechado.

¹⁶⁷ SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.226.

¹⁶⁸ Stoop refere que a pedra negra aqui usada é basalto — à parte das pedras de cor âmbar (STOOP, Anne de — *Quintas e Palácios nos Arredores de Lisboa*. Barcelos: Livraria Civilização Editora, 1986, p.185).

¹⁶⁹ STOOP, Anne de — *Quintas e Palácios nos Arredores de Lisboa*. Barcelos: Livraria Civilização Editora, 1986, p.185.

¹⁷⁰ SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.221.

¹⁷¹ "*Esqueleto exterior que se materializa num invólucro calcário ou córneo de alguns dos animais do filo dos Moluscos, vulgarmente apelidados de conchas e búzios*", esta classe de materiais mantém com o Homem uma relação milenar de fascínio que determinou a sua utilização para diversos fins ao longo dos séculos, como o de adorno pessoal, moeda de troca, símbolo de manifestações

Dada a modesta polidez dos concheados e restantes elementos marítimos aplicados nas composições — a natureza *controlada* —, introduzem estes uma espécie de transição entre o *rude* e o *delicado*; o *simples* e o *trabalhado*. Correspondem estes segundos termos aos materiais fabricados pela mão humana, de onde tomam particular destaque e abrangência no quadro criado os vidros, devidamente acompanhados pelas cerâmicas. Era esta última classe de materiais profusamente utilizada na composição da arte do embrechado, nomeadamente com recurso a "*fundos de pratos recortados, covilhetes ou taças em porcelana azul e branca ou em faiança policroma com decorações naturalistas, cósmicas, símbolos auspiciosos, cenas narrativas ou de outros motivos dissemelhantes*". Na Quinta das Águas Férreas, as notórias porcelanas presentes são por nós identificadas como pertencentes ao estilo *Kraak* (*Kraakporselein*)¹⁷². Símbolo de poder e de demarcação social pelo exótico fascínio que provocavam e por serem de elevado preço, é segundo Stoop que se tem por possibilidade o mais tardio acréscimo destas peças de porcelana aos conjuntos, já pós-século XVII.

Mas de entre os materiais utilizados nestes trabalhos, reside sobretudo no vidro a excepcionalidade e vibrante carácter dos embrechados que adornam e dão ímpar sentido aos tanques da Quinta das Águas Férreas. Descritos como "*uma orgia de espantosos tubos pequenos de vidro, duplos ou triplos, ligeiramente torcidos, cuja delicadeza de tintura, turquesa, índigo, violáceo, esmeralda, coral, quase os torna pedras preciosas*", são estes canudos e canutilhos¹⁷³, profusamente presentes, reunidos no "*mais aparatoso [trabalho] que se pode analisar neste material*"¹⁷⁴. A excepcionalidade deve-se, precisamente, à proveniência destes tubos de vidro:

mitológicas ou de peregrinações religiosas; tendo também frequentemente ocupado um lugar de destaque na escultura e estatuária. A grande utilidade deste material é também devida quer à situação geográfica de Portugal, com uma extensa costa marítima, quer à diáspora intercontinental que desde o século XV permitiu ao país aceder a conchas exóticas. SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.205.

¹⁷² É com recurso ao estudo de André Lourenço e Silva que tecemos esta associação. Este tipo de porcelana de tinta azul-cobalto sobre vidrado branco, "*surge no final da dinastia Ming (1368-1644), aproximadamente entre o terceiro quartel do século XVI e meados do século XVII*" e era símbolo de poder e demarcação social pelo fascínio que provocava e por ser de elevado preço — pelo que era apenas adquirido pela nobreza, clero e mercadores abastados. SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, pp.180-196.

¹⁷³ O seu processo de criação passava pelo corte da *canna di ferrazza*, tubos finos e arredondados por acção do forno e do polimento; "*As pérolas tiradas destes tubos chamavam-se paternostri a ferrazza ou margarite*". STOOP, Anne de — *Quintas e Palácios nos Arredores de Lisboa*. Barcelos: Livraria Civilização Editora, 1986, p.185.

¹⁷⁴ SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.72.

remetem possivelmente à ilha de Murano, Veneza, "*onde eram fabricados e exportados em grandes quantidades em finais do século XVI, e sobretudo no século XVII*"¹⁷⁵, tendo por destino Lisboa ou África¹⁷⁶.

É deste modo que, ainda hoje, e apesar do atual estado de degradação geral, são os conjuntos da Quinta dos "*mais ricos em quantidade, qualidade e variedade de vidro venesiano ou a fação de Venise no nosso país*"¹⁷⁷. Identificam-se, em ambos os tanques, sobretudo "*troços e fragmentos de canudos azuis e verdes, de diferentes tonalidades e secções, opacos e transparentes, cilíndricos e espiralados, quer na definição dos motivos, quer no seu preenchimento*"¹⁷⁸. No amplo traçado das composições, cilíndricos canutilhos de um acentuado e característico azul-turquesa ou índigo servem a marcação do desenho das juntas e dos arcos representados, distinguindo-os¹⁷⁹.

Complementar a este tipo de peça, também as navetas de vidro triplo e secção estrelada se materializam como notável ornamento por formarem as então famosas *rosetas*, bastante procuradas para integrarem estas composições de embrechados. Do seu modo de fabrico — "*várias camadas vítreas sobrepostas*"¹⁸⁰ — derivam as particulares configurações destas policromas contas — que se podem apresentar inteiras ou seccionadas, de diversas dimensões, "*ora estreladas,*

¹⁷⁵ De acordo com André Lourenço e Silva, a primeira reminiscência de *conterie veneziane* remonta ao século XIV, aquando da produção de contas de vidro de diversas cores e tamanhos, que imitavam pedras preciosas e compunham bordados — as denominadas *paternostri*. É apenas no século seguinte que a manufatura destes vidros é simplificada, através do processo de perfuração de longos tubos de vidro com cerca de um metro, que são posteriormente seccionados em peças de 5 a 8 cm de comprimento. SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, pp. 165-171.

¹⁷⁶ "*De um brilhante colorido e por vezes de tamanho considerável (3 cm a 6 cm), as contas de massa vítrea despertaram a atenção e a cobiça de muitos ao longo dos tempos, tendo servido de moeda de troca entre europeus e indígenas de algumas regiões onde havia interesses comerciais. (...) os melhores vidros eram os da ilha de Murano, sendo a sua importação um hábito e um negócio (...)*". SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.170; O valor deste material para a arte do embrechado vem também reforçar o intercâmbio de conhecimento e de materiais tão próprio do período renascentista na Europa, "*(...) quer nas viagens que os artistas realizavam, quer através das gravuras e desenhos que circulavam (...)*". SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.251.

¹⁷⁷ SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.178.

¹⁷⁸ SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.178.

¹⁷⁹ Existem também, em menor quantidade, canudos castanhos e avermelhados; nota da autora.

¹⁸⁰ SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.170.

ora rosáceas ou ainda listadas, numa colorida paleta cromática que alterna entre o vermelho/castanho, opalino e azul/verde"¹⁸¹.

Ao observarmos as obras de embrechado da Quinta das Águas Férreas é com algum esforço imaginativo que podemos visualizar aquele que fora o esplendor destas paredes, onde hoje uma extensa área é apenas formada, precisamente, pelas argamassas que um dia suportaram a miríade de fragmentos matéricos que ali dialogavam entre si¹⁸². Dado o valor históricos, artístico¹⁸³ — e, mesmo, patrimonial, no sentido em que testemunham parte da nossa identidade nacional — dos conjuntos em questão, a conservação dos elementos envolvidos (artísticos e arquitectónicos) é imperativa e deverá materializar-se seguindo uma prática de restauro.

Um Passado Próximo

Da passagem dos anos seguintes e, uma vez mais, devido à inexistência de registos ou testemunhos acerca dos desígnios integrais da Quinta das Águas Férreas, ficaram apenas para conhecimento presente alguns momentos-chave, fulcrais ao *puzzle* de interpretação cronológica acerca da componente edificada — a qual, dentro do estudo habitacional, sempre se faz acompanhar de nomes de famílias que por ali permaneceram e às quais se devem as sucessivas alterações operadas no lugar. Um desses momentos, que vem parcialmente preencher o hiato — cujo presente âmbito de investigação não poderá resolver — entre as épocas (vagamente) atribuídas à construção dos núcleos já tratados e as edificações que atualmente ali existem, surge retratado pelos registos fotográficos

¹⁸¹ SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.167. Nas composições da Quinta das Águas Férreas, são de tons azuis, vermelhos e brancos e apresentam-se inteiras, quebradas e cortadas transversalmente.

¹⁸² Como causas prováveis deste estado atual, André Lourenço e Silva enumera algumas que nos parecem pertinentes ao caso das Águas Férreas, como as "*práticas de vandalismo, ciclos climáticos, colonizações biológicas que imputam acções mecânicas e reacções químicas aos suportes, humidade do solo que ascende e provoca desagregações e fenómenos de eflorescências nas argamassas e o abandono e falta de acções de manutenção, quer directas ao nível do edificado, quer indirectas como por exemplo sobre a vegetação ou raízes na envolvimento*". SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.233.

¹⁸³ "*Apesar do avançado estado de degradação e de votado ao completo abandono, estas edificações contam com a maior variedade de tipos de vidros aplicados num mesmo local, onde plantas aquáticas, sereias e tritões se enlaçam num jogo de volutas, um quadro de inspiração mitológica e antiquizante*". SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.72.

datados de 1932, que mostram uma última festa dada pela família Silva Araújo¹⁸⁴, então proprietária da Quinta, pouco antes da passagem da propriedade para os Abecassis. Dos enquadramentos apresentados, é possível verificar diversos aspetos mantidos ou desaparecidos após a reedificação projetada por António Lino, em 1935, que vêm corroborar a ideia de um conjunto pré-existente, uma matriz mais antiga, já apontada como provável — mas ainda pouco passível de entendimento, dada a limitação espacial dos pontuais ambientes captados como memória fotográfica daquele dia de setembro.

As transformações mais significativas surgem nos enquadramentos fotográficos dados ao pátio de chegada, de onde se erguia um troço de fachada destoante da casa que, hoje, no mesmo lugar reconhecemos — aspeto denunciado pelas janelas de sacada, suficientes para conferir uma certa ambiência mais antiquizante ao conjunto — e que deverá reportar à habitação familiar com torre e dependência abobadada que entendemos ser pré-existentes à reedificação de 1935. Na mesma fotografia (imagem 31), entrevê-se também parte de um corpo que confrontaria aquela casa, a poente, e ainda uma fonte — hoje inexistente, permanecendo apenas para sua memória a base redonda a meio do pátio. São estes elementos melhor visíveis numa das fotografias de grupo e, segundo o arquiteto António Henriques¹⁸⁵, tratariam-se de *"uma fonte redonda com a estatueta de um menino no topo (...), por trás [da qual se vê] a adega, cuja implantação ainda se mantém ao nível da cave, mas que ao nível do piso de entrada pelo terreiro foi demolida em parte (...), provavelmente para desafogar a casa, dado que a empena nascente da adega estava próxima da fachada da casa a poente, tendo sido criado em seu lugar um terraço protegido das vistas do terreiro por uma estrutura em betão, no traçado da fachada demolida da adega"*¹⁸⁶.

¹⁸⁴ José Joaquim Marques da Silva Araújo (Braga, 1879 - Lisboa, 1948) e Julieta de Miranda Cunha; teriam duas filhas: Maria Irene (Lisboa, 1919-?) e Maria José (Lisboa, 1922-?); destes proprietários dá-nos conta o arquiteto António Henriques, que nos disponibilizou também antigas fotografias da casa, onde esta família surge. Segurado mais acrescenta que a Quinta terá anteriormente pertencido *"ao general Vieira da Rocha e anteriormente a um senhor Mendonça. Ainda o mais antigo proprietário de que ele [antigo caseiro] tinha notícia era de um senhor de apelido Caetano (...)"* (SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, pp.414-416) — informações que não podemos, de resto, confirmar, por falta de documentação.

¹⁸⁵ Arquiteto e habitante de Venda Seca com quem contactámos por intermédio do professor Amílcar Gil e Pires.

¹⁸⁶ O arquiteto defende ainda — e, de acordo com o nosso ponto de vista — que *"esta intervenção, bem como os nichos para estantes e santa no quarto [escritório], é posterior às obras realizadas em 1935, sob o projecto de António Lino"*. HENRIQUES, António — *Fotografias 10/09/1932* [e-mail]. Mensagem recebida por <nes.mb@hotmail.com> em 11/04/2017.

E, se a partir destes elementos podemos imaginar aquele que terá sido o ambiente prévio da Quinta, os restantes registos fotográficos dão-nos conta da permanência de outros aspetos, como as balaustradas da escadaria que delimita o pátio, a poente, "*em que os degraus são em tijolo burro, como os que dão acesso à adega, no piso do terreiro*"¹⁸⁷ ou, ainda, da intenção de manter outras particularidades: no mesmo lugar da fonte azulejar hoje existente do pátio murado da casa, assomava um pequeno tanque, com parede-espaldar adornada por uma *carranca* de pedra; conforme um registo mais recente, constamos que terá a carranca sido mantida na referida fonte — embora hoje já ausente.



24. Menina com carranca por trás, 1932.

25. Fonte do pátio interior, 2013.

26. Fonte do pátio interior, 2017.

(p. seguinte)

27. Baile de máscaras I, 1932.

28. Pátio de chegada à casa, 2017.

29. Baile de máscaras II, 1932.

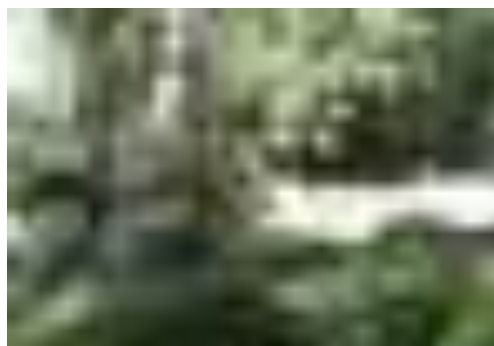
30. Escadaria e balaustradas, 2019.

31. Menina junto da fonte, 1932.

32. Ala poente da casa, vista do pátio de chegada, 2017.



¹⁸⁷ HENRIQUES, António — *Fotografias 10/09/1932* [e-mail]. Mensagem recebida por <nes.mb@hotmail.com> em 11/04/2017.



São, de todo modo, apontamentos sumários estes que em pouco permitem uma visão abrangente daquelas que terão sido as anteriores construções a ocupar o núcleo principal da Quinta das Águas Férreas — e que, assim, em pouco poderão contribuir ao entendimento da específica evolução arquitectónica deste lugar cuja história remonta, pelo menos, à centúria setecentista.

Embora poucos anos mais tarde, a chegada de Fortunato e Sophia Abecassis assume-se assim verdadeiramente essencial ao entendimento arquitetónico que fazemos, hoje, da Quinta das Águas Férreas. O plano de reedificação encomendado ao arquiteto António Lino, com casa de habitação de dois a quatro pisos, dependências de apoio agropecuário e garagem com casa de motorista, terá vindo procurar responder aos desejos de um casal burguês e urbano, de raízes inglesas, que nas Águas Férreas entendeu a promessa de tranquilidade e ares puros¹⁸⁸, em lugar não muito apartado dos centros urbanos e em posição destacada face ao humilde povoado de Venda Seca. Ademais, o potencial natural deste território, já sublinhado pelas suas estruturas pré-existentes — sobretudo os tanques e minas que irrigavam de preciosas águas os férteis solos — ter-se-á revelado à família como oportunidade à concretização de um imaginário romântico-ruralista desenvolvido no conforto do lar urbano, e por isso mesmo associado a um estilo de vida distanciado da realidade campestre. O aproveitamento do sistema de comportas e minas de água para atrair coelhos ao interior da propriedade, caçando-os depois para grandes jantares; o uso das mesmas minas como recurso a jogos entre labirintos subterrâneos; ou ainda a utilização dos próprios tanques seculares como piscina para banhos¹⁸⁹ (em subversão do seu propósito principal), dá-nos conta de uma visão mais lúdica, uma diversa concepção do espaço de quinta de produção rural e recreio, específica pela perspetiva menos erudita — mas, nem por isso, mais vernacular — do lugar.



33. Fortunato Carlos Bensaude Abecassis, 1936.

34. Sophia Amzalak Buzaglo Abecassis, ?

¹⁸⁸ Foi-nos transmitido que, provavelmente, um dos motivos que terá levado o casal, com várias residências em Lisboa, a optar pelas Águas Férreas terá sido a condição de Sophia que, sensível aos ares húmidos, de mar, terá aqui beneficiado de ares secos e são. Ver Anexo nº10.

¹⁸⁹ "Ao tanque, chamo-lhe a piscina por baixo do prédio — também podiam regar com a piscina, mas enchiam-na e no verão o pessoal ia para lá tomar banho". BELO, Inês Marques — *Testemunhos de dona Glória*. Venda Seca, Julho 2017. 1 registo áudio mp4 (22 min.).

Como tal, também a estratégia de valorização de espaços exteriores, com enquadramento a elementos notáveis (sobretudo casa, tanques e torreões) terá seguido um certo tratamento urbano — denotado pela pavimentação em calçada ou na treliça em betão do pátio de chegada — mas também de reminiscência inglesa, que terá atuado numa organização mais orgânica da generalidade dos percursos e na organização de espécies vegetais, onde surgem também alguns exemplares mais exóticos, como palmeiras e estrelicias¹⁹⁰. Essencial terá também sido a manutenção e desenvolvimento dos recursos hídricos fundamentais à vitalidade das culturas agrícolas que, também com alguma experimentação ali se vieram desenvolvendo, sobretudo alguns anos mais tarde, com a passagem da propriedade para a filha do casal, Helena, e seu marido, Eduardo Corrêa de Barros. Já em finais da década de 50, terá sido este um período de consolidação dos espaços exteriores¹⁹¹, com valorização da componente vegetal patente no contraste entre as áreas de mata e os demarcados pomares, ou campos de cultivo. Esta realidade, ainda hoje remanescente, muito seria marcada pela vasta extensão de território agrícola cuja grande fertilidade possibilitaria frutos, vegetais e subprodutos com direito a excedente e capacidade de venda. Não apenas mérito dos trabalhadores que diariamente cultivavam aquelas terras, seria, conforme dêramos já conta, da própria riqueza das águas férreas que muito dependeria esta abundância — irrigados os vastos campos por meio de minas, canalizações e poços mecanizados¹⁹², bem como, mais tarde, da inovadora técnica de rega gota-a-gota, trazida de Israel por Helena Corrêa de Barros. Para consumo doméstico, preferiam-se as límpidas águas de uma nascente brotante no pomar das pereiras, entre os torreões e a casa¹⁹³.

¹⁹⁰ Embora não tendo grande representatividade no conjunto de espécies vegetais da Quinta, será interessante reportar a existência destes exemplares ao gosto mais cosmopolita de Helena e Eduardo Corrêa de Barros. Ver Anexo n.º9.

¹⁹¹ Face ao desconhecimento quanto à exata organização paisagística da Quinta, não nos é possível traçar uma comparação entre épocas relativamente a este aspeto. Foi-nos transmitido, no entanto, o gosto e dedicação de Helena à manutenção dos jardins da Quinta. Segundo testemunho de Glória, "a mãe [Helena Abecassis] tomou sempre conta da Quinta; quando a mãe morreu, aquilo começou a ir tudo por água abaixo, porque a mãe adorava a Quinta". BELO, Inês Marques — *Testemunhos de dona Glória*. Venda Seca, Julho 2017. 1 registo áudio mp4 (22 min.); sendo possível imaginar o enquadramento dado a percursos e elementos notáveis como os tanques. "As ruas [percursos da Quinta] eram todas com pedrinhas pequeninas (...) com a patroa, não podia haver uma folhinha no chão; aquilo era um mimo!". BELO, Inês Marques — *Testemunhos de dona Glória*. Venda Seca, Julho 2017. 1 registo áudio mp4 (22 min.).

¹⁹² "A água [férrea] é mesmo cor de ferro; havia um motor lá em baixo (também já o roubaram...) que levava água lá para cima [aos campos junto da casa] para um depósito enorme (...) e há aqui um furo, mesmo na entrada [da Quinta] (...); a água dos furos, com o motor, corria a quinta toda; [a Quinta] tem muitas nascentes de água e era tudo tirado a motores". BELO, Inês Marques — *Testemunhos de dona Glória*. Venda Seca, Julho 2017. 1 registo áudio mp4 (22 min.).

¹⁹³ Ver Anexo n.º11.

Ao mesmo período se reportarão também algumas modificações na casa, que viriam acentuar o carácter tendencialmente urbano do edifício. Com projeto do arquiteto Leonardo Castro Freire, o acrescento de uma marquise de linhas sóbrias à sala de refeições, ou a incorporação de estores, terão vindo conferir um novo nível de privacidade ao edifício, mas também um maior distanciamento face ao exterior vegetal, por alguma frieza funcionalista dos referidos elementos.

Décadas passadas sobre estas vivências, de onde terá subsistido a forte identidade da Quinta, o período de eminente decadência viria, porém, acercar-se deste lugar com o falecimento de Helena Corrêa de Barros e a consequente venda da propriedade por parte dos herdeiros. A uma breve época de reconversão do pátio de chegada à casa para apoio de eventos vários, em tendas (inícios dos anos 2000), ter-se-á seguido a venda que conduziu ao completo abandono da Quinta das Águas Férreas¹⁹⁴, pelo proprietário seguinte.

A força deste lugar permanece, hoje — e apesar do já longo período de abandono —, pulsante. A imensa vitalidade vegetal prevalece como factor incitador ao cultivo de uma pequena porção de terras por parte da antiga caseira da Quinta, que distribui alguns dos produtos por vizinhos; existe também uma pouca produção pecuária e alguns cavalos. Estes indícios de apropriação espontânea do território da Quinta por parte de alguns moradores de Venda Seca revelam, sobretudo, a atratividade que o lugar continua a deter — mas, sem iniciativa mais profunda, a restante e mais representativa área, com reconhecido potencial patrimonial a nível construído e vegetal¹⁹⁵, permanece cruelmente esquecida e à mercê da decadência trazida pelo tempo e por outros agentes externos...

De entre o conjunto, e reconhecendo especial valor às arquiteturas coevas ao período Abecassis (longo e recente, de entre o palimpsesto que compõe o lugar), propomo-nos agora à exploração do tema da *Casa Portuguesa* enquanto base à específica identidade aportada à Quinta, determinante à experiência que hoje dela fazemos.

¹⁹⁴ Atualmente, a Quinta encontra-se na posse de uma sociedade gestora de fundos de investimento imobiliário (Square Asset Management).

¹⁹⁵ Por constituir um *património* ("inventariado") hoje consumido pela natureza e pelos seus próprios muros, e que foi sendo afastado do conhecimento geral e das vivências (sub)urbanas, a Quinta das Águas Férreas constitui um pólo que urge revitalizar e devolver às povoações de que um dia foi pólo central. Gabinete do Plano Diretor Municipal e Departamento de Cultura, Juventude e Desporto da Câmara Municipal de Sintra - *Tema 11 - Património Natural Arquitetónico e Arqueológico, Relatório de Caracterização e Diagnóstico do Concelho de Sintra*, Outubro de 2014, p. 214 » http://www.cm-sintra.pt/phocadownload/PDF/consulta_publica/revisao_pdm/documentos-consulta/relatorios-diagnostico/Tema-11-Patrimonio-Natural-Arquitetonico-e-Arqueologico.pdf



35. Crianças na quinta
("Pequenos e Ducha na
quinta"), 1948.

36. Crianças na quinta
("Pequenos - Venda Seca
- Margarida, Tereza,
Manoel, Sofia"), 1947.



2.2.2. A Questão da *Casa Portuguesa*¹⁹⁶

Período de profundas mudanças socioculturais no mundo ocidental, a transição entre os séculos XIX e XX desencadeou uma complexa dicotomia entre modos de pensar, nomeadamente naquilo que foi a teorização e prática em Arquitetura. No caso português, esta transição terá constituído um verdadeiro ponto de charneira para a disciplina, então agitada por um crescente sonho nacionalista e pela emergente "*questão oitocentista da invenção dos estilos e da ligação à história*"¹⁹⁷, que nesta época de instabilidade começou a impor o seu peso ideológico.

Seriam afinal os efeitos irreversíveis da industrialização e das inovações tecnológicas a contribuir para uma ruptura civilizacional e consequente crise identitária e de valores, manifestada não apenas nas relações interpessoais e ambientais mas também nas questões intrínsecas às disciplinas científicas e culturais... "*A indústria vai dividir a cultura entre progressistas, os que a abraçavam com optimismo, e românticos, os que a rejeitavam pelo que representava de utilitarismo, produção em série, de economia sem alma*"¹⁹⁸. A Arquitetura é disto caso paradigmático, tendo-se assistido a uma gradual disparidade operativa entre arte e técnica: "*de um lado estabelece-se um academismo decorativo defensor do valor espiritual da arte, do outro surge um funcionalismo operacional resultado do vanguardismo mediático das novas técnicas industriais de construção*."¹⁹⁹

¹⁹⁶ Inicialmente intitulado *O Paradigma da Casa Portuguesa*, o presente subcapítulo terá sofrido alteração de título por sugestão do arquiteto Paulo Manta Pereira, autor de *Raul Lino — Arquitetura e Paisagem (1900-1948)*, Tese de Doutoramento em Arquitectura. Lisboa: ISCTE-IUL, 2012. "*Como escreveu Raul Lino a 'Arquitetura é por excelência a arte de proporcionar', e nesse sentido permita-me contrapor ao que refere como 'paradigma da casa portuguesa' - título que é o de uma história da evolução da casa portuguesa a partir do século XVIII (Raul Lino, 1929) — uma inefável dialética das 'Casas portuguesas' (1918, 1933)*". PEREIRA, Paulo Manta — *Raul Lino* [e-mail]. Mensagem recebida por <nes.mb@hotmail.com> em 23/11/2017.

¹⁹⁷ PEREIRA, Paulo — *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 1995, p.507

¹⁹⁸ PEREIRA, Paulo — *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 1995, p.507

¹⁹⁹ PEREIRA, Paulo — *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 1995, p.507; mais tarde, a causa artística da Arquitetura em contexto nacional seria defendida por figuras como Ramalho Ortigão: "*A casa cessou de ser uma obra de arquitectura para se converter em uma empreitada de engenharia, e os delicados artistas da pedra, da madeira e do ferro forjado abdicam da sua antiga missão perante os subalternos obreiros encarregados de fundir, de amassar e de enformar a vapor a habitação moderna e o moderno edificio público(...)*". ORTIGÃO, Ramalho — *O Culto da Arte em Portugal*, in *A Arte Portuguesa*, vol. I. Lisboa: Clássica, 1943, pp.12-13 cit. in. RIBEIRO, Irene — *Raúl Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, p.87.

Para além disto, em Portugal procuravam-se respostas a um precedente século XIX arquitetonicamente incaracterístico, onde ao crescimento das cidades correspondeu uma ausência de planos urbanísticos de conjunto pela fraca industrialização do país, aliada à frágil formação académica dos arquitetos durante um período de indefinição socioeconómica e política nacional. Caía-se no marasmo da forma e da técnica importadas acriticamente e ausentes de inovação adaptativa ao contexto nacional, numa intensificação crescente dos estrangeirismos²⁰⁰.

O atraso tecnológico português deixou assim margem temporal à profusão de exemplares sobretudo romântico-revivalistas, ecléticos ou não, mas recorrentemente estrangeirados²⁰¹: era a importação direta do *Romantismo*, movimento ideológico surgido dos desejos de liberdade individual de uma emergente classe média burguesa europeia que rompia com as *certezas unívocas* do Iluminismo (valorizando a sensibilidade subjetiva em detrimento da razão) e que se afirmava perante uma aristocracia decadente²⁰². Seria, aliás, esta mesma burguesia investidora nos negócios da industrialização aquela que, paradoxalmente, reagia *contra* o poder racionalizante da máquina e a monotonia da existência quotidiana, ao manifestar-se romanticamente nas escolhas da esfera privada — literatura, música, casa (Arquitetura)²⁰³ ... "*Tal como em A Cidade e as*

²⁰⁰ "Numa busca ansiosa pela 'modernidade', encabeçada por uma burguesia sedenta de afirmação social, tomam fôlego as modas ditadas por Paris e, em consequência, todo um formulário afrancesado impregna a encomenda arquitectónica". (MACEDO, Isabel Sousa de — *A Casa da Comenda de Raul Lino: de torre medieval a residência de veraneio*. Câmara Municipal de Lisboa: Histórias de Casas e de Quem Lá Vive(u), série II, n.º 6, vol. II, julho-dezembro 2016, p.127).

²⁰¹ Abarcando já o período inicial do Movimento Moderno nos principais centros de cultura europeus e americanos, acontecimento que viria apenas a suceder anos depois em Portugal.

²⁰² LEITE, António Santos — *A Casa Romântica: Uma Matriz para a Contemporaneidade*. Lisboa: Caleidoscópio, 2015, p.50. Num anterior contexto internacional, terão sido acontecimentos fraturantes como a Revolução Francesa a estar na origem destas profundas transformações culturais cujos ecos ideológicos contaminaram toda uma Europa interdependente. Em Portugal, terá sido provavelmente a Revolução Liberal a potenciar a inclusão nacional destes novos ideais, alicerçados tanto nas ideias de igualdade entre Homens quanto na valorização do indivíduo. Para Raul Lino, seria este mesmo liberalismo a causa do *culto do original* em Arquitetura, com consequente profusão de ideias distanciadas daquilo que, para si, seria o verdadeiro carácter da casa portuguesa.

²⁰³ Podemos assim entender o Romantismo como um movimento extremamente ambíguo por consistir ele próprio numa nova "...modernidade estética que exprime uma antropologia e uma cosmivisão opostas aos princípios, aos ideais e aos valores da modernidade científico-tecnológica, da modernidade económica e da modernidade político-social de matriz iluminista, capitalista e burguesa. O Romantismo é a revolta contra a racionalidade instrumental, contra o princípio da eficiência produtiva, contra o desencantamento do Mundo, contra o utilitarismo e o conformismo, contra a mecanização da vida e da sociedade. Esta revolta exprime tanto a nostalgia de um paraíso perdido como o anseio utópico de um futuro ideal..." BUESCU, Helena C. (coord.) — *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997, p. 490 cit. in. LEITE, António Santos — *A Casa Romântica: Uma Matriz para a Contemporaneidade*. Lisboa: Caleidoscópio, 2015,

Serras (1898-1901) de Eça de Queirós, não é possível escapar ao fascínio do novo luxo urbano e civilizado, nem, paradoxalmente, à nostalgia do mundo rural e da vida provinciana. "Vanguarda" e "nostalgia" são noções que vão evoluir ao longo do novo século numa ambivalência profunda de gostos e mentalidades"²⁰⁴. Neste sentido, com o crescimento desta classe urbana com preocupações antagónicas em relação a uma reaproximação à Natureza, dava-se o aparecimento de uma "grande corrente arquitectónica erudita dedicada à habitação individual sem expressão palaciana"²⁰⁵, que iria consolidar a moradia como habitação preferencial na Europa, associada a jardins e pátios privados, e que viria fortalecer os valores de isolamento, conforto e individualismo.

Acentuando a dualidade da questão, terá o Romantismo incidido em Portugal de modo díspar. Se, por um lado, ter-se-á assumido com forte carga estrangeira, recorrendo à importação direta de exemplares arquitectónicos internacionais (não raras vezes dados a exotismos, como no caso do *chalet*) mas também a fantasias revivalistas que procuravam exacerbar sensações dentro de um ecletismo por vezes desconexo e oco de significados²⁰⁶, por outro, a reacção nacionalista²⁰⁷ que se impunha como urgente a esta "degradação e

p.57. O pensamento e modo de vida burguês seria assim repartido entre um pragmatismo público e um romantismo privado: "...o seu culto da alma e dos sentimentos individuais implicavam também o desejo de uma superação de um realismo imediato e de uma razão infinita, realidade que se confrontava paradoxalmente com o pragmatismo económico e científico do novo mundo liberal, abrindo assim enormes ambiguidades e incertezas que os românticos procurariam ultrapassar com a afirmação de mundos alternativos construídos a partir da sua imaginação e fantasia", buscando um refúgio físico e espiritual em comunhão com uma natureza sacralizada que permitiria a desmaterialização e a concretização do espírito. LEITE, António Santos — *A Casa Romântica: Uma Matriz para a Contemporaneidade*. Lisboa: Caleidoscópio, 2015, p.54.

²⁰⁴ PEREIRA, Paulo — *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 1995, p.508.

²⁰⁵ Que se popularizou sob diversos nomes (*manor*, *cottage*, *vivenda*, *moradia*, *chalet*). ALMEIDA, P. V.; TOUSSAINT, M.; FERNANDES, J. M. - *Raul Lino — 3 depoimentos em 1993*. Lisboa: (Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura de Lisboa) Edições Cotovia, 1993, p.14; na sua origem, "o alargamento das classes médias, o aparecimento da família nuclear, o aprofundamento da noção de intimidade e privacidade e a sua consagração política, bem como novas exigências de comodidade e higiene e até de relação com a Natureza". PEREIRA, Michel Toussaint — *Da Arquitectura à Teoria e o Universo da Teoria da Arquitectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, Tese de Doutoramento em Arquitetura. Lisboa: FA-UTL, 2009, p.227.

²⁰⁶ Lino entendia os modelos estrangeirados e os modelos revivalistas românticos como não mais do que "o reflexo de um reflexo" (LINO, Raul — *A Nossa Casa*, 1918, p.61), denotando no seu emprego uma carga de arbitrariedade; constituiria esta corrente estrangeirada uma "ruptura formal que rapidamente é aportuguesada, transformando-se numa mistura insuportável de sinais". RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.110.

²⁰⁷ No surgimento desta preocupação pela definição e salvaguarda da identidade nacional — por sua vez também ambíguo, porque, se por um lado esta nacionalidade está ligada ao forte isolamento

descaracterização do gosto nacional"²⁰⁸ foi também *romântica* na proposta de uma concepção da Arquitetura Portuguesa a partir de uma *idealização* da tradição histórica do país — segundo aspetos que remetiam tanto ao imaginário vernacular quanto ao erudito —, que confluiria numa suposta identidade singular²⁰⁹, num "...sentido, que se desejava profundo e autêntico, da alma e da cultura portuguesas", acedido por meio da articulação de linguagens que resultavam como *romântico ruralistas e eclético nacionalistas*²¹⁰.

Tida como "*o último surto do romantismo em Portugal*"²¹¹, o fenómeno da *casa portuguesa* vem assim confirmar-se não apenas como uma das consequências mais marcantes do movimento nacionalista, abrangente nos seus contornos disciplinares e culturais, mas também como uma das causas do próprio movimento, no sentido em que contribuiu para adensar ideias e polémicas intrínsecas à questão da conservação e exaltação dos — pressupostos — valores da pátria²¹².

É neste momento propício à discussão dos limites e conteúdos de uma *portugalidade* desejada que Raul Lino²¹³, arquiteto, surge como figura

geográfico, por outro lado é, inevitavelmente, produto de várias aculturações ao longo dos tempos —, terá também estado, para além da profusão de estrangeirismos já referida, a questão do *Ultimatum* Inglês de 1890. RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, pp. 22, 81.

²⁰⁸ SINCERO, João — *Casa Portuguesa - Renovação da Architectura Nacional*, Os Serões, 1902, I série, vol.II, p.211 cit. in RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, p.

²⁰⁹ Esta *identidade singular* não pressupunha, necessariamente, uma *formalidade singular* — pelo menos de acordo com o estudo que Raul Lino dedicou à questão da casa portuguesa. É por isto que o arquiteto consideraria *impertinente* a designação *Casa Portuguesa* "*enquanto tipo arquitectónico (...), ao mostrar-se como um aglomerado impreciso e banalizado de soluções*", vindo igualmente a rejeitar "*a rigidez da tipificação arquitectónica a que as suas propostas são sujeitas*". RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.108.

²¹⁰ (Álvaro Machado, Raul Lino)

²¹¹ LINO, Raul — *Vicissitudes da casa portuguesa nos últimos cinquenta anos*. Lisboa: Ver e Crer, n.º 8, 1945, p.34 cit. in RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, p.76.

²¹² "*A casa portuguesa propiciou o primeiro debate sobre Architectura em Portugal (...). Afinal, cabia aos architectos projectar como artistas, tal como eram considerados e se consideravam, mas não reflectir*". PEREIRA, Michel Toussaint — *Da Architectura à Teoria e o Universo da Teoria da Architectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, Tese de Doutoramento em Arquitetura. Lisboa: FA-UTL, 2009, p.188.

²¹³ Nota biográfica: nasce em Lisboa no ano de 1879, filho de uma família abastada. Seu pai, negociante de materiais de construção, envia-o a ele e ao irmão para estudar em Inglaterra. Com 14 anos prossegue os estudos na Alemanha, onde se forma numa escola de artes e ofícios, com a componente de arquitetura. Simultaneamente, começa a praticar no atelier de Albrecht Haupt, especialista na arquitetura portuguesa do Renascimento, que terá um papel fundamental no

decisivamente central: imbuído do espírito restabelecedor do *bom gosto* lusitano, adota a problemática da Arquitetura Portuguesa como sua, assumindo-se "pioneiro fervoroso" desta missão "de procurar no génio do nosso povo, no sentido e índole das nossas tradições, os fundamentos imutáveis de uma evolução lógica na nossa Arte de construir"²¹⁴: um método de projetar e viver a habitação portuguesa. Não obstante, o próprio arquiteto será, pela sua formação e pensamento, símbolo do paradoxo cultural português de oitocentos: tanto resultado de um processo de aculturações estrangeiras como da avidez de uma persistente mas frágil afirmação da nacionalidade ao longo dos tempos. Será precisamente a sua formação, de raízes inglesas e alemãs, a justificar, numa primeira instância, o distanciamento entre Lino e os arquitetos portugueses seus contemporâneos, então amplamente

percurso de Lino. Tem contato com os ideais românticos da arquitetura alemã de então, bem como o universo *Arts&Crafts*, aliados ao clima da *Secessão Vienense*. Regressa a Portugal em 1897 e inicia os seus primeiros projetos de arquitetura. Viaja pelo país — sobretudo pelo Alentejo e por Sintra (lugar das suas deambulações solitárias e românticas), escrevendo e desenhando. Em Marrocos, experimenta outra cultura e estreita a sua relação com a natureza, tendo por recurso o livro "*Walden, or Life in the Woods*". Era membro do círculo intelectual de Alexandre Rey Colaço, repleto de figuras de pensamento romântico e tradicionalista, alguns dos quais seus primeiros clientes como arquiteto. A campanha da *Casa Portuguesa* terá ganhado força em consequência da proposta de Lino para o pavilhão de Portugal na Exposição Universal de Paris de 1900, que apesar de não ter ganho, teve eco na sociedade pela arrojada composição (com elementos tradicionais de casas de vários pontos do país, épocas e estilos). Dos primeiros anos do século XX, são relevantes na sua produção o conjunto de casas marroquinas — Montsalvat, Silva Gomes, Jorge O'Neill e Vila Tânger. Nestas, os elementos arabizantes traduzem uma apropriação do habitar nas dinâmicas espaciais e simbolicamente sentimentais, não apenas restringidas a superficialismos de fachada. Depois, juntam-se as casas para José Batalha Reis e a Casa dos Patudos (1904) — sendo esta considerada como pouco inovadora por diversos autores. Em 1905, a Casa da Quinta da Comenda é um projeto que se inicia com a permanência de Lino, durante uma noite, no terreno da futura construção, de modo a experienciar a natureza e espírito do lugar. Em 1922, a Casa dos Penedos afirma-se como exemplo de uma excelente integração na paisagem poética de Sintra, ainda que segundo um programa de habitação complexo. Considerada um dos projetos mais *perfeitos* de Lino, a Casa do Cipreste, sua morada familiar (1912), reúne todas as capacidades do arquiteto para conceber espaços onde técnica e poética se aliam, resultando num acolhimento intimista e romântico conseguido por entre uma topografia acidentada e aliada a interessantes paisagens — Lino vê-a como *um gato enroscado ao sol*, pela disposição orgânica da planta. No ano de 1918 publica o seu primeiro livro, "*A Nossa Casa*". Dedicar-se também a atividades de ilustrador, cenarista e figurinista. Em 1924, projeta o Cinema Tivoli, de desenho *classizante*. Seguem-se as obras "*A Casa Portuguesa*" (1929), "*Casas Portuguesas*" (1933) e "*Auriverde Jornada*" (1937). Interveio também em vários Palácios Nacionais, tarefa em cuja competência lhe viria a valer o cargo de Diretor dos Monumentos Nacionais em 1949, onde se posicionava de acordo com os princípios mais recentes do restauro. Dos seus ensaios, proferiu também conferências e colaborou com escritos para o *Diário de Notícias* até falecer, em 1974. RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, pp.27-31 e 66-69.

²¹⁴ LINO, Raul — *Algumas considerações sobre a Architectura Alemã Contemporânea*. Coimbra: Publicações do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, 1942, p.6 cit. in RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, p.75.

habilitados segundo o academismo francês das *Beaux-Arts* e que vinham por esta altura proporcionar "*uma elegância [classizante] mais mundana que faltava na Lisboa eclética, mais ligada aos diversos revivalismos que o mundo romântico continuava a permitir*"²¹⁵.

Regressado a Portugal, Raul Lino reconhece então na questão nacionalista — latente em toda uma Europa em transformação — uma oportunidade para desenvolver uma linguagem própria, *declaração de amor* ao seu país, cujo esquema ideológico teria por base aquilo que conhecera nos países da sua formação²¹⁶ — a aplicação da tradição *nacional* em favor da construção moderna, na procura por uma Arquitetura *verdadeira*, "*quer através do uso de materiais tradicionais e locais, quer através da relação da disposição dos espaços e expressão das fachadas com a utilidade*"²¹⁷ segundo um pensamento romântico (de pendor rural e artesanal), remanescente do novo fôlego que a arquitetura doméstica tomava em Inglaterra, com o *Gothic Revival* a dar enfoque ao trabalho manual e o movimento *Arts&Crafts* a sublinhar valores como a textura, a luz e a cor na Arquitetura²¹⁸.

Num contexto português relativamente *virgem* a estes pensamentos, Raul Lino é assim "*levado a desenvolver o seu próprio modelo de romantismo*"²¹⁹, uma concepção própria que pretendia o "*progresso, articulado com a capacidade valorizadora do passado*"²²⁰, que instituiu não apenas a partir de uma seleção e

²¹⁵ QUINTINO, José L. (textos); SAT, Claudio; TRIGUEIROS, Luiz (edit.) — *Raul Lino*. Lisboa: Editorial Blau, 2003, p.13.

²¹⁶ Facto que, curiosamente, contrapõe a alegada "*fobia das fontes de gosto estrangeiro*" associada a arquiteto; nota da autora com recurso a ALMEIDA, P. V.; TOUSSAINT, M.; FERNANDES, J. M. — *Raul Lino - 3 depoimentos em 1993*. Lisboa: (Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura de Lisboa) Edições Cotovia, 1993, p.10.

²¹⁷ ALMEIDA, P. V.; TOUSSAINT, M.; FERNANDES, J. M. — *Raul Lino - 3 depoimentos em 1993*. Lisboa: (Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura de Lisboa) Edições Cotovia, 1993, p.15.

²¹⁸ (*Arts&Crafts*) de onde se destacam figuras como William Morris e Philip Webb.; valores também defendidos por John Ruskin. ALMEIDA, P. V.; TOUSSAINT, M.; FERNANDES, J. M. - *Raul Lino — 3 depoimentos em 1993*. Lisboa: (Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura de Lisboa) Edições Cotovia, 1993, p.14.

²¹⁹ RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, p.31. "*O Romantismo é o agente que tempera, que compensa ou completa o classicismo*". LINO, Raul — *Arte, Problema Humano*. Lisboa: Edições Valentim de Carvalho, 1951, pp. 22,23 cit. in RIBEIRO, Irene — *Arquitetura, Paisagem e Sintra - Raul Lino Romântico*, p.2 » <http://www.apha.pt/wp-content/uploads/boletim3/IreneRibeiro.pdf>

²²⁰ RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, p.87; proposta do "*estudo methodico dos tipos architectónicos portugueses para se substituir (...) às divulgações literárias, às syntheses audaciosas, às afirmações dogmáticas (...)*". PESSANHA, José — *Fachadas de estylisação tradicionalista*. Architecto, sr. Raul Lino. A Construção Moderna, 1903, n.º

assemblagem cuidadas das formas arquitectónicas *históricas* que povoavam o território nacional — as que, no seu entender, melhor simbolizavam e veiculavam o *caráter* português²²¹ — mas, sobretudo, a partir de um entendimento profundo das características e significados desses mesmos elementos simbólicos, "*traços fundamentais que, na sua variada expressão, atravessaram as sucessivas épocas, vinculadas ao nosso modo de sentir e resultantes das condições da nossa terra*"²²², interpretando-os como condição *sine qua non* ao progresso fundamentado (e fundamental)²²³.

Como excepcional qualidade, esta linguagem assumidamente romântica²²⁴ pretendia afirmar e estabelecer num Portugal inseguro e errante na procura de um verdadeiro *estilo nacional*, não apenas um *estilo artístico* que *embandeirasse* a causa patriótica mas, afinal, o elogio quase Renascentista do Homem (*individualismo*, mas também *tradição*), da Natureza e da Arte. Seria, de resto, nestes três valores que assentaria afinal toda a concepção da *Casa Portuguesa*²²⁵. De entre este fecundo triângulo, caberia à Arte o papel de motor educativo e consciencializador da renovação da *paisagem* portuguesa, "*na continuidade da*

102, p. 139 cit in RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.108.

²²¹ A este propósito, Lino defenderia que "*A 'Arquitectura Portuguesa' não assentava no Manuelino, mas sim numa procura de uma morfologia mais pura, que se inclinava para a Natureza e para o segundo quartel do séc. XVII, dentro de um estilo de arquitectura chã, a que Raul Lino chamara de Jesuítica*". D'ALMEIDA, Patrícia Bento — *Bairro(s) do Restelo*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.397.

²²² LINO, Raul — *A Nossa Casa*, 1918, pp.62, 63 cit. in RIBEIRO, Irene — *Raúl Lino, Pensador Nacionalista da Arquitectura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, p.159.

²²³ "*Base segura e certa para todo o movimento progressivo é aquilo que já existe: é a terra que nos serviu de berço, com suas características, com seu clima, com sua tradição, e é a índole da nossa gente*." LINO, Raul — *Casas Portuguesas*. Lisboa: Livros Cotovia 1992, p.52; Em todo o caso, e curiosamente, Lino aponta a literatura de finais do século XIX como razão para um crescente apreço pelas questões naturalistas e vernaculares, no seu entendimento essenciais à questão da Casa Portuguesa — "*Parece-me que a tentativa para o aporuguesamento da nossa casa é de origem literária; (...) Eça e Ramalho (...) começavam a pôr em relevo as coisas mais admiráveis da nossa índole, da nossa vida, da nossa paisagem e de aí o interesse que foi adquirindo o nosso habitat mais castiço, burguês e rural*" como resposta a um "*forte anseio por restabelecer a perdida harmonia no mundo da nossa arquitectura*". LINO, Raul — *Vicissitudes da casa portuguesa nos últimos cinquenta anos*. Lisboa: Ver e Crer, n.º 8, 1945, p.34 cit. in RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitectura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, p.76.

²²⁴ A este propósito, Lino concebe o romantismo como "*um estado de alma com inúmeras modalidades que não depende ou está preso a uma época (...)*" e que permite ao Homem "*defender-se contra as agruras da realidade*". LINO, Raul — *O Romantismo e a Casa Portuguesa*. Lisboa: Edições Centro de Estudos do Grémio Literário, 1974, p.2 cit. in RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitectura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, p. 117.

²²⁵ Presentes que foram estes aspetos na forte intenção crítica e pedagógica — desenvolvida tanto ao nível da obra construída quanto da obra escrita — que Lino defendeu.

*memória colectiva [Tradição] e no respeito pela ecologia [Natureza]*²²⁶ — e, à própria Natureza, o especial cunho de receber a Arquitetura como sua parte integrante, que deveria parecer “...ter nascido do próprio lugar com toda a naturalidade”²²⁷. A Paisagem resultante desta intersecção culminaria, assim, num todo coeso, numa unidade quase sacralizada entre Natureza, Arquitetura e Homem, (mas) apenas harmónica se adequada à tradição e à identidade de cada lugar — aspeto preponderante nas povoações antigas, cenários de *perfeição* no imaginário de Lino²²⁸: “a sua preocupação é, antes de mais, a de compreender a vocação do lugar a ser habitado, a de perseguir o *genius loci* cuja magia estética e protectora tenta recriar. As suas casas organicamente integradas são, neste sentido, exemplo de modernidade”²²⁹ ...

Como conjunto de princípios orientadores ao exercício da Arquitetura, Raul Lino — mais do que “o poeta das linhas, o amoroso das formas e dos pormenores”²³⁰ — define ainda dois conjuntos de aspetos orientadores da prática arquitectónica, também eles “surpreendentemente modernos”²³¹ mas também estoicamente

²²⁶ RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, p.14; Por sua vez, era na própria Natureza (na adequação às suas leis) que Lino fundamentava as origens do verdadeiro *sentimento artístico* (RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, p.114.), advertindo porém que a Arte não deve copiar a Natureza mas antes reconhecê-la como sua *musa* (LINO, Raul — *A Nossa Casa*, 2.ª ed. Lisboa: Libânio da Silva, 1947, p.13). Culminariam assim estes aspetos num diálogo franco e encadeado entre uma Natureza entendida na sua dimensão cósmica e simbólica e uma Tradição portadora de uma identidade constante ao longo dos tempos — convergentes no conteúdo último de uma obra de Arte sublime.

²²⁷ LINO, Raul — *Casas Portuguesas*, Ed. Valentim de Carvalho, Lisboa, 1933, p.83 cit. in RIBEIRO, Irene — *Arquitectura, Paisagem e Sintra - Raul Lino Romântico*, p.2 » <http://www.apha.pt/wp-content/uploads/boletim3/IreneRibeiro.pdf>. Seria esta relação de Lino com a Natureza especial tanto por influência da sua formação inicial, como pela sua própria sensibilidade romântica e, enquanto ideal, terá influído significativamente para a modelação da ideia de *Casa Portuguesa*. Mais uma vez, este era um dos aspetos que distanciavam Lino dos seus colegas portugueses formados em continuidade com a Tradição Clássica, que entendiam a Arquitetura como obra humana separada da Natureza.

²²⁸ “Aqui temos a chave que explica a razão porque há harmonia no conjunto de casas de qualquer antigo povoado. Por economia, calculada ou inconsciente; por força da tradição (...) — o construtor vai buscar os materiais que são do uso na respetiva região e que muito frequentemente apresentam caracteres pelos quais a casa construída se liga à própria paisagem”. LINO, Raul — *Casas Portuguesas*. Lisboa: Livros Cotovia, 1992, p.50.

²²⁹ RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, p.138.

²³⁰ Discurso de Varela Aldemira in *Diário de Lisboa*, 18-05-1932 cit. in RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, p.

²³¹ ALMEIDA, P. V.; TOUSSAINT, M.; FERNANDES, J. M. — *Raul Lino - 3 depoimentos em 1993*. Lisboa: (Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura de Lisboa) Edições Cotovia, 1993, pp.17, 18.

clássicos²³² e subordinados àqueles três valores fundamentais — Homem, Natureza, Arte²³³. A *naturalidade*²³⁴, a *verdade*²³⁵, a *harmonia*²³⁶, o *amor*²³⁷, o *conforto*²³⁸; e a *economia*²³⁹, a *solidez*²⁴⁰, o *isolamento*²⁴¹, o *ar*, o *sol* e a *comodidade*²⁴² espelham, enquanto rede de qualidades espirituais e materiais (respetivamente), a procura por uma Arquitetura autêntica, refúgio último do habitar humano em toda a sua expressão, segundo uma correspondência absoluta entre interior e exterior — alma e corpo, casa e mundo²⁴³ ... Seria, aliás, este

²³² A *Casa Portuguesa* — enquanto ideal romântico — vem assim, de certa forma, confrontar a noção de que o romantismo rejeitou as normas da arquitetura neoclássica, consideradas *frias*, como a *ordem*, *proporção*, *simetria* e *harmonia*, em lugar de uma apologia da irregularidade, da organicidade das formas e do pitoresco da decoração.

²³³ Termos relacionáveis com *Arquitetura*, *Paisagem* e *a Vida* (conferência realizada por Raul Lino na Sociedade de Geografia em 1957); Lino segue uma "*perspectiva heideggeriana da existência como procura incessante do Ser; a arquitetura revela-se como um monumento privilegiado desse encontro possível em que o Dasein, o homem na sua realidade individual e imediata se projecta para uma pluralidade de possíveis, tentando (...) ultrapassar assim, a angústia inevitável da existência*". RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.^a ed. Porto: FAUP, 1994, p.16.

²³⁴ "*Inimiga de tudo o que for afectado ou rebuscado*". LINO, Raul — *Casas Portuguesas*, p. 64-70 cit. in PEREIRA, Michel Toussaint — *Da Architectura à Teoria e o Universo da Teoria da Architectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, Tese de Doutoramento em Arquitetura. Lisboa: FA-UTL, 2009, p.232.

²³⁵ "*Verdade na construção é ser fiel ao princípio que a motiva*."

²³⁶ "*A construção deve estar de harmonia com o fim a que se destina e também com todas as condições do local onde ela for levantada (...)*". LINO, Raul — *Casas Portuguesas*. Lisboa: Livros Cotovia 1992, p.51.

²³⁷ "*Campo único em que o grão da beleza pode germinar*". LINO, Raul *Casas Portuguesas*. Lisboa: Livros Cotovia 1992, p.54.

²³⁸ "*Dado às casas (...) pelo bom gosto na escolha de todas as disposições*". LINO, Raul — *Casas Portuguesas*. Lisboa: Livros Cotovia 1992, p.55.

²³⁹ "*Boa ordem, exacta medida, equilíbrio entre o esforço ou dispêndio e os resultados, concordância das partes e harmonia no conjunto*". LINO, Raul — *A Nossa Casa*, 2.^a ed. Lisboa: Libânio da Silva, 1947, p.20.

²⁴⁰ "*À estabilidade que o cálculo matemático garante, devemos nós generosamente acrescentar a margem de largueza que reforça a segurança e lhe dá propriedades de duração*". LINO, Raul — *A Nossa Casa*, 2.^a ed. Lisboa: Libânio da Silva, 1947, p.21.

²⁴¹ "*Espacial e material (...) relativamente à (...) envolvente, e a cada membro da família, no interior da casa*". PEREIRA, Michel Toussaint Alves. *Da Architectura à Teoria e o Universo da Teoria da Architectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, Tese de Doutoramento em Arquitetura. Lisboa: FA-UTL, 2009, p.230.

²⁴² Estes três últimos aspetos muito dependentes da organização espacial da casa.

²⁴³ RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.^a ed. Porto: FAUP, 1994, p.17.

abrangente conjunto de valores coroado pela ideia de *proporção*²⁴⁴ que, articulada à *volumetria* e à *decoreação*, culminaria na *beleza* da obra e, sobretudo, no seu *carácter*²⁴⁵ — aspecto profundo que suplanta a dimensão material ou estética e que conduz ao "*enlevo da alma*"²⁴⁶.

E, ainda que hoje reconheçamos que esta concepção de *espaço* (assim como outros dos valores referidos) seja verdadeiramente moderna²⁴⁷, esta arquitetura *plena e intemporal* — "*esteticamente nacional e eticamente universal*"²⁴⁸ que Lino e os românticos do seu círculo intelectual desejavam, foi frequentemente apontada por derivar de concepções sobretudo sentimentais ou pouco estudadas²⁴⁹, sem recurso a investigações científicas (como mais tarde se viria a fazer no *Inquérito à Arquitectura Portuguesa*²⁵⁰ ...).

De facto, no contexto de um país pouco desenvolvido, em que o imaginário vernacular detinha grande peso²⁵¹, apoiava-se esta desejada harmonia sobretudo numa concepção mitificadora da tradição popular, coroada por uma "*certa*

²⁴⁴ Aspecto fundamental; "*Beleza em arquitectura é principalmente expressão (...) por meio do proporcionar*". LINO, Raul - *Casas Portuguesas*. Lisboa: Livros Cotovia 1992, p.62.

²⁴⁵ "*Sem esta qualidade, a que podemos chamar carácter, a construção só interessa por seus fins utilitários, materiais, e não há que considerá-la obra de arquitectura*". LINO, Raul — *Casas Portuguesas*. Lisboa: Livros Cotovia 1992, p.47.

²⁴⁶ LINO, Raul — *Casas Portuguesas*, p. 31 cit. in PEREIRA, Michel Toussaint — *Da Arquitectura à Teoria e o Universo da Teoria da Arquitectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, Tese de Doutoramento em Arquitectura. Lisboa: FA-UTL, 2009, p. 231.

²⁴⁷ "*Na primeira metade do século XX (...) a colocação do Espaço no centro conceptual reintroduziu a relação da Arquitectura com a vida, que tinha sido esquecida a favor do monumento (...) e o vector estético tornou-se menos importante*". PEREIRA, Michel Toussaint — *Da Arquitectura à Teoria e o Universo da Teoria da Arquitectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, Tese de Doutoramento em Arquitectura. Lisboa: FA-UTL, 2009, pp.184-185.

²⁴⁸ RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitectura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, p.190. Que, como já esclarecido, não seria somente um retorno às origens ou uma justaposição acrítica de historicismos (que, de resto, Lino repudia pela inadequação ao tempo e ao lugar, e pela ausência de carácter), mas uma adaptação daquilo que o próprio elegera como os aspetos mais característicos da arquitetura portuguesa.

²⁴⁹ Esta campanha de *reaportuguesamento* da casa nacional seria desde sempre polémica por especificar um *pensamento português* que corresponderia a uma certa forma de *ser* e de *estar* — e, portanto, de *habitar*.

²⁵⁰ Estudo realizado pelo *Sindicato Regional dos Arquitectos* entre 1955 e 1969, cujos resultados foram publicados sob o nome *Arquitectura Popular em Portugal*.

²⁵¹ Portugal permanecia "*um país agrário e com problemas pré-industriais, num quadro sociocultural inerte, polarizado entre a cidade e a serra*". RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.107.

*nostalgia rural*²⁵² que emprestava os seus elementos de forte carga estética à criação de uma linguagem facilmente reconhecível. A *casa portuguesa* conformava-se assim como um *vernáculo erudito*, pensado para acolher com todos os confortos a classe burguesa maioritariamente urbana²⁵³ que cultivava um fascínio pelas ideias de simplicidade e harmonia como símbolos certos da *portugalidade*, mas transfigurados a partir das "*casitas sorridentes*"²⁵⁴, pitorescas e modestas. Na defesa por uma habitação unifamiliar correspondente aos *valores materiais e espirituais* — cujo carácter único permitiria o "*refúgio do indivíduo contra a investida de todas as aberrações do colectivismo*"²⁵⁵ —, Lino reconhecia a tradição como "*muito importante, porque constitui feição particular da casa*"²⁵⁶; em particular, os beirais e o sanqueado do telhado, a telha lusa, o alpendre, os azulejos, a cantaria, os cunhais apilastrados, a caiação, as chaminés encimadas por detalhes em tijolo, apontariam para uma expressão própria do *ser português*, durante séculos fiel ao *estilo, mão-de-obra e materiais* de cada região.

Porém, terá sido também esta forte componente estética, aliada à vocação pedagógica do arquiteto²⁵⁷, a potenciar a popular generalização do "*uso de ornamentos retirados acriticamente das imagens das casas rurais ditas tradicionais*

²⁵² RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, p. 29.

²⁵³ Sobre a quinta da Comenda: "*questão da combinação entre a tradição e a modernidade subjacente (...) 'apesar do estilo da construção, (...) a casa tem todos os confortos modernos mais aperfeiçoados, não esquecendo as retretes à inglesa, tinas esmaltadas, encanamentos, autoclismos, estufas, elevador, e outras muitas máquinas e aparelhos modernos, os mais cómodos, para tornar a estância agradável'*" A *Construção Moderna* nº 104, 10 de Agosto de 1903 cit. in PEREIRA, Michel Toussaint — *Da Architectura à Teoria e o Universo da Teoria da Architectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, Tese de Doutoramento em Arquitetura. Lisboa: FA-UTL, 2009, p.209.

²⁵⁴ "(...)essas simpáticas casinhas à beira da estrada, ou entre os campos, melhor nos revelam o seu português sentido. Que alegres no seu variado matiz; que acomodadas nas proporções; que graça, que modéstia e contentamento não respiram!" LINO, Raul — *Casas Portuguesas*. Lisboa: Livros Cotovia 1992, p.72.

²⁵⁵ LINO, Raul — *Casas Portuguesas*, Lisboa: Livros Cotovia 1992, pp. 19-21 cit. in PEREIRA, Michel Toussaint — *Da Architectura à Teoria e o Universo da Teoria da Architectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, Tese de Doutoramento em Arquitetura. Lisboa: FA-UTL, 2009, p.222.

²⁵⁶ LINO, Raul — *A Casa Portuguesa, Exposição Portuguesa em Sevilha*, 1929, p. 42 cit. in PEREIRA, Michel Toussaint — *Da Architectura à Teoria e o Universo da Teoria da Architectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, Tese de Doutoramento em Arquitetura. Lisboa: FA-UTL, 2009, p.222.

²⁵⁷ "Teve uma grande influência em arquitectos mas, sobretudo, em não-arquitectos, e a sua acção estendeu-se desde o início do século [XX] até à década de [19]70". PEREIRA, Michel Toussaint — *Da Architectura à Teoria e o Universo da Teoria da Architectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, Tese de Doutoramento em Arquitetura. Lisboa: FA-UTL, 2009, p.188.

e aplicados a gosto"²⁵⁸ — privilegiando-se um esteticismo superficial, em prejuízo do modo de construir e habitar que Lino defendia. Derivado desta atenção parcial à sua obra, cremos que a densidade daquilo que propunha terá sido pouco compreendida à época. Pois apesar da assumida crença de que na *casa portuguesa* existiriam "*feições especiais, características que só a ela pertencem*"²⁵⁹, Lino reconhecia — mesmo antes da realização de qualquer inquérito — a inexistência de uma só tipologia, que nunca se poderia limitar aos aspetos estéticos²⁶⁰. Aos que lhe apontavam essa fragilidade, Lino notava o "*confundir [da] tradição morfológica na obra dos arquitectos, com [a] tradição espiritual na obra dos homens*"²⁶¹ — seria esta, afinal, a *pedra de toque* da verdadeira ideologia de *casa portuguesa* que defendeu²⁶². O compromisso entre a sua noção de arte, técnica e significado seria então algo demasiado profundo para ser catalogado, racionalizado cientificamente, receitado com medidas exatas, porque, ao não existir um tipo comum, mas uma ideia geral que se deveria moldar a cada situação, o carácter e a correspondência a um *modo de ser* deveriam, antes de mais, ser interiorizados e partir da sensibilidade de cada um.

²⁵⁸ PEREIRA, Michel Toussaint — *Da Architectura à Teoria e o Universo da Teoria da Architectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, Tese de Doutoramento em Arquitetura. Lisboa: FA-UTL, 2009, p.199.

²⁵⁹ LINO, Raul — *A Casa Portuguesa, Exposição Portuguesa em Sevilha*, 1929, pp. 5-6 cit. in PEREIRA, Michel Toussaint — *Da Architectura à Teoria e o Universo da Teoria da Architectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, Tese de Doutoramento em Arquitetura. Lisboa: FA-UTL, 2009, p.219.

²⁶⁰ Ao ignorar a "*parca investigação etnológica, conduzida na época, para a definição formal de construções típicas e regionais, [Raul Lino] pretende afastar-se, assim desse sentido tipificador, nacionalista e totalizante, considerado perturbador da sua ideia de cultura e de cultura nativa*". (RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.108); pois não haveria um tipo ou modelo específico, uma única casa portuguesa — "*se quisermos precisar o tipo completo de habitação portuguesa (...) no que respeita à sua disposição interna, nunca poderemos encontrar o exemplo que constitua esse tipo de ideal*" (LINO, Raul — *A Casa Portuguesa, Exposição Portuguesa em Sevilha*, 1929, p. 5 cit. in PEREIRA, Michel Toussaint — *Da Architectura à Teoria e o Universo da Teoria da Architectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, Tese de Doutoramento em Arquitetura. Lisboa: FA-UTL, 2009, p.219).

²⁶¹ LINO, Raul — *Auriverde Jornada*. Lisboa: Valentim de Carvalho, 1937, pp. 91-97 cit. in PEREIRA, Michel Toussaint — *Da Architectura à Teoria e o Universo da Teoria da Architectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, Tese de Doutoramento em Arquitetura. Lisboa: FA-UTL, 2009, p.249.

²⁶² "*Encontrar a expressão própria que não só convirá à solução dos problemas chãos, de todos os dias, mas que poderá também elevar-se até a representação material dos mais altos ideais que possam interessar um povo forte e consciente*." LINO, Raul — *A Nossa Casa*, pp. 7 a 13 cit. in PEREIRA, Michel Toussaint — *Da Architectura à Teoria e o Universo da Teoria da Architectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, Tese de Doutoramento em Arquitetura. Lisboa: FA-UTL, 2009, p.218.

Abarcadas estas noções na romântica dialética da *casa portuguesa*, então amplamente namorada tanto pela velha burguesia quanto, já durante a década de 1920, por clientes de estratos sociais médios, seriam os mesmos valores cultivados também por um Estado Novo que vinha recorrendo àquele modo de pensar a Arquitetura e a Paisagem para melhor consolidar o seu cada vez mais vincado "*culto da família, da ruralidade e do nacionalismo historicista*"²⁶³, das singelas *quatro paredes caídas* em que a segura tradição sustentava o pátrio orgulho. Mas se, neste sentido, terá sido reconhecida e protegida a obra ideológica de Lino, seria o mesmo governo, nos seus equívocos e contradições, que viria também, mais tarde, a admitir um compromisso com uma linha de pensamento mais modernista, embora que ainda hibridamente aliada à tradicionalidade²⁶⁴. A este respeito, Raul Lino revelar-se-ia permanentemente crítico; as "*tradições românticas e clássicas, sempre interligadas e próximas entre si*" revelavam-se já, aparentemente, inaplicáveis a uma sociedade industrializada e cada vez mais apologista da cultura de massas, que exigia reformulações políticas e sociais²⁶⁵. Prezando os tão caros valores inerentes à ideia da *casa portuguesa*, Lino não consentiria comprometer aquele tão profundo *habitar* para os modernos modelos que via como maquinal e racionalmente frios e impessoais, totalmente contrários ao *Homem*, à *Natureza* e à *Arte* — no específico sentido em que os entendia.

Lino sempre privilegiou o equilíbrio entre sensibilidade e significado, individualismo e tradição, face às *impetuosas* vagas de excessividade barroca e emoção fingida dos ecletismos de viragem de século ou, mais tarde, aos *revoltosos* tentáculos de uma *modernidade* que parecia "*fazer tábuas rasas do passado*"²⁶⁶, desnaturalizando a paisagem e desumanizando a arquitetura — amputando-lhe o

²⁶³ RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, p.182.

²⁶⁴ O que levava os arquitetos a um compromisso estético entre o *modernismo* e a *tradicionalidade* — tanto desenvolviam uma linha de *monumentalismo classizante* própria a um regime totalitário, quanto propagavam clones da *casa portuguesa* direcionada ao povo (originando o designado *português suave*: "*uma mistura doce de modernidade e regionalismo, (...) mau compromisso de linguagem entre o vernáculo e o moderno*" ALMEIDA, Pedro Vieira de — *Carlos Ramos - uma exposição retrospectiva da sua obra*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986, pp. 145,151 cit. in RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, p.183. Contra isto, nada poderia fazer Lino, tendo-se apenas posicionado contra as imitações que proliferavam no novo estilo da moda, o "*portuguesinho croché*". LINO, Raul — *Casas Portuguesas*. Lisboa: Edições Valentim de Carvalho, 1933, pp. 80,81.

²⁶⁵ QUINTINO, José L. (textos); SAT, Claudio; TRIGUEIROS, Luiz (edit.) — *Raul Lino*. Lisboa: Editorial Blau, 2003, p.7.

²⁶⁶ RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, p.189.

estatuto artístico²⁶⁷ — e, sobretudo, por tender para a anulação das manifestações de espírito, da natureza humana, pelos seus critérios de massificação e nivelamento que aniquilavam a essência dos povos e o próprio habitar poético, carácter específico de cada obra — *"que cada casa tenha alguma coisa especial a dizer de seu dono, mas que todas elas usem da mesma linguagem nacional própria da época corrente"*²⁶⁸.

Inegavelmente inovadoras que terão sido as propostas de um novo modo de pensar e habitar a arquitetura em Portugal, não se poderia, de facto, traduzir esta aversão e descrença face ao *movimento moderno*²⁶⁹ numa igual recusa pela *modernidade*, no seu sentido mais lato. Apesar do seu discurso, uma vez original e transformador, se ter tornado com o passar dos anos mais repetitivo, Lino terá sempre entendido a modernidade como aspeto fundamental ao progresso, desde que justificado pelas singulares questões de continuidade em que sustentava a sua lógica²⁷⁰. Respondendo às críticas que o classificavam como retrógrado, Lino esclareceria que em Arquitetura, à época, apenas existiriam *"dois estilos bem extremados — o que procura a continuidade, ou tradicional, e o que cultiva a descontinuidade e se diz modernista (...). O tradicional, que também pode e devia ser sempre moderno, é o que se austa espontânea e instintivamente a certas noções, menos racionadas que sentimentais, fundadas ou inspiradas na Natureza e que estão na base de toda a actividade artística"*²⁷¹.

A *Casa Portuguesa*, enquanto noção sintetizadora de traços eruditos e vernaculares ao longo de séculos *aparentados* pelos estreitos caminhos de um pequeno país, qual modo de *ser* que se desejava genuinamente parte da Natureza

²⁶⁷ "(...) mais devemos lastimar o propósito aparente de se querer banir de certa arquitectura moderníssima toda a impressão do trabalho manual que patenteie inteligência ou sentimento". LINO, Raul — *Casas Portuguesas*. Lisboa: Livros Cotovia 1992, p.66.

²⁶⁸ LINO, Raul — *Casas Portuguesas*. Lisboa: Livros Cotovia 1992, p.60.

²⁶⁹ Era "incapaz de encarar como verdadeiro um tal caminho para a modernidade, com novos princípios e obras que, para ele, afinal se resumiriam, apenas e tristemente, a construção civil." ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel; PEREIRA, Michel Toussaint — *Raul Lino - 3 depoimentos em 1993*. Lisboa: (Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura de Lisboa) Edições Cotovia, 1993, p.7.

²⁷⁰ "O progresso era, para uns, centrado na força da razão, nas possibilidades abertas pela técnica e pela ciência para a resolução dos problemas do Homem, na nova condição social e urbana; para outros, centrado na identidade cultural como forma de qualificação da sua existência, reconhecendo na tradição a garantia de continuidade, mas também de regeneração do presente liberto do peso da máquina". RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.107.

²⁷¹ LINO, Raul — *Afinidades e Analogias*. Lisboa: Diário de Notícias, 12-01-1953, p. cit. in RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, p.101.

e da Tradição, não deveria ser entendida como alheia à modernidade — que lhe era, afinal, inerente pelos valores que em si abarcava. Questões como a harmoniosa integração no lugar, mais urbano ou rural, o tratamento da luz, o acolhimento e intimismo, a correspondência ao carácter do habitante, o particular gosto pela "*ambiência (...) intensamente material, e de sentido orgânico na abordagem do espaço*"²⁷², revelariam, no seu conjunto, uma profunda dedicação à qualidade do habitar em todas as suas dimensões, abrigada numa *Casa* entendida como obra completa, em total correspondência com a *vida* em toda a sua expressão — Homem, Natureza, Arte²⁷³. E seria este, afinal, o conteúdo último (profundo cunho de modernidade) a elevar o ideal da *Casa Portuguesa* para além do que um vago preconceito relativo à tradição ou uma incauta primeira análise poderiam revelar. O valor do habitar, expresso em cada momento espacial e sublinhado a cada detalhe da obra de arquitetura, suplantaria a matéria e a função para ascender ao plano do significado humano, assim concretizando a essência dos seus habitantes.

²⁷² ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel; PEREIRA, Michel Toussaint — *Raul Lino - 3 depoimentos em 1993*. Lisboa: (Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura de Lisboa) Edições Cotovia, 1993, p.22.

²⁷³ "Invulgar atitude multidisciplinar"; "entendimento da arquitectura e das outras artes como artefacto cultural, onde natureza e homem estão intimamente associados ao seu mais importante elo: a casa". RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.107.

2.2.3. A *Casa Portuguesa* na Quinta das Águas Férreas

No âmago da questão da *Casa Portuguesa* está, portanto, este mesmo particular valor que nos fala da histórica ligação entre as arquiteturas e modos de habitar de expressão erudita e vernacular no território português e do particular cunho vincado entre *tradição* e *modernidade* — patente em determinados aspetos desde logo reconhecíveis na casa da Quinta das Águas Férreas. Para além do interessante facto de não ter sido esta encomenda dirigida ao já então conceituado arquiteto Raul Lino, a quem já amplamente esta classe atribuíra os louvores de tão característico interpretar da cultura portuguesa²⁷⁴, curioso será constatar que terá sido este, afinal, um dos primeiros projetos encomendados ao então jovem arquiteto António Lino²⁷⁵, que o traça entre 1932 e 1935. António, sobrinho de Raul Lino, terá apenas no ano de 1936 recebido diploma pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa — cuja formação facultada, de contornos convencionais e oitocentistas mas também marcadamente ecléticos, ter-se-á revelado fundamental à adaptabilidade necessária entre a execução das composições monumentalista e o treino de desenho clássico que terão distinguido o espólio deste arquiteto e igualmente permitido a hábil reinterpretação dos ideais e motivos inerentes à *Casa Portuguesa*: referência incontornável ao seu percurso profissional.

²⁷⁴ São, inclusivamente, conhecidas várias obras, de cariz público ou privado, desenvolvidas por Raul Lino nesta década — de entre as quais a casa da Rua Castilho, Lisboa (prémio Valmor 1930); a casa Max Abecassis, Cascais (1925-1932); a casa da Quinta das Romeiras, Madeira (1933); a Comissão de Melhoramentos de São Pedro de Sintra (1935); os projetos-tipo *jardins-escola* aprovados em 1935 por Duarte Pacheco; a sua própria casa familiar na Rua Feio Terenas, Lisboa (1939). Já na produção teórica, a primeira edição de *Casas Portuguesas* (1933); as palestras em São Paulo, Brasil, na Escola de Engenharia Mackenzie (1935); o livro *L'evolution de l'architecture domestique au Portugal* (1937). Quanto à produção arquitetónica, é reconhecida uma perda de inventividade, uma "deterioração da utilização da sua paleta compositiva" pelo "registo (...) acomodadamente repetido nos anos de 1920 [que terá atingido] a saturação formal nos anos de 1930". RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.118.

²⁷⁵ António de Brito Macieira Lino da Silva (Lisboa, 1909-1961) seria filho de José Lino (1877-?) — homem conceituado nos negócios de cereais em Cascais e irmão do arquiteto Raul Lino — e de Maria Emília Marques de Brito Macieira. A família terá habitado a Casa de Santa Maria, projeto de Raul Lino, entre 1918 e meados da década de 1920. FERNANDES, Raquel Silva — *A Casa de Santa Maria em Cascais, Especificidades de um Património Arquitectónico e Artístico*, Tese de mestrado em Arte, Património e Restauro. Lisboa: FL-UL, 2007, pp.36-38. Também os descendentes de Fortunato e Sophia Abecassis desconhecem as razões que terão levado à escolha deste arquiteto (Ver Anexo n.º10).

Embora afastado da lista de obras principais de António Lino²⁷⁶, dado talvez o geral desconhecimento acerca dos valores deste lugar, compreendemos que se destaca, precisamente, a casa da Quinta das Águas Férreas como um dos projetos daquele arquiteto que maior uso terá feito da linguagem reunida por Raul Lino como mais característica à temática da *Casa Portuguesa* — aquele jeito de *ser* particular — qual herança respeitosamente recebida mas, também, inventivamente considerada. De facto, em muito viria a ser a sua prática em arquitetura destoante da de seu tio, pela necessária e sintomática inclusão de discursos monumentalizantes e de uma modernidade²⁷⁷ mais *dura e depurada* — afinal, repercussão de um regime cujo nacionalismo outrora excessivamente tradicionalista se confundia agora na incorporação de um estilo internacional decorrente dos inevitáveis ventos de uma Europa em progresso, ainda que perspectivado dentro de um híbrido e postíço compromisso entre tradição e modernidade — o dito *Português Suave*²⁷⁸. Parte dessa modernidade que, finalmente, se vinha fixando em Portugal, terão mesmo sido os novos materiais desígnio fulcral à renovação do pensamento e da prática em Arquitetura que terá, contudo, vindo comprometer os *amorosos e artesanais* detalhes de que tanto vivia a *Casa* defendida por Raul Lino²⁷⁹.

É neste contexto, aliado provavelmente a uma certa ingenuidade e inexperiência linguística por parte do jovem António Lino — bem como, e novamente, à sua formação que terá também privilegiado o convencionalismo urbano, das grandes cidades em que se vinham rasgando longas e modernas avenidas (em desfavor de uma maior atenção à *ruralidade* do país) —, que a casa da Quinta das Águas Férreas, apesar de em muito transparecer a *alma* e os *jeitos* daquele tão desejado *género* português, já consistentemente estudado ao longo de décadas, não lhe concretiza, porém, grande parte do universo que lhe seria intrínseco²⁸⁰ — e que

²⁷⁶ Reúnem-se em anexo os mais relevantes trabalhos do espólio do arquiteto António Lino. Ver Anexo n.º12.

²⁷⁷ *Modernidade* enquanto *filha* do conceito de Movimento Moderno, *modernismo*.

²⁷⁸ *Corrente* em que a técnica moderna era disfarçada por elementos ornamentais clássicos; ver nota de rodapé n.º260.

²⁷⁹ "A passagem da parede espessa de pedra, para a parede fina de construção mista, de alvenaria de tijolo e pedra, e também betão, em associação com um novo tipo de encomenda e tempo de execução, tem consequências significativas no projecto de Lino". RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.118.

²⁸⁰ Terá sido solicitado a António Lino uma *verdadeira Casa Portuguesa*, à *boa maneira* dos projetos de seu tio — a que o arquiteto da casa das Águas Férreas não terá consentido ou não terá sabido corresponder na totalidade — ou, por outrem, terá sido dada suficiente liberdade ao jovem arquiteto para que se concretizasse uma reinterpretação e adaptação daqueles contornos tradicionais em algo *novo*? Qualquer uma destas hipóteses é legítima, uma vez que desconhecemos a existência de uma memória descritiva do projeto.

permitiria "a arte de relacionar o Homem com a sua circunstância"²⁸¹. E embora, como já denotado, não exista uma tipificação²⁸², um modelo único, que traduza a questão da *Casa Portuguesa*, importa confrontar alguns dos aspetos que lhe são mais significantes²⁸³, presentes de entre as obras de Raul Lino²⁸⁴, com o reconhecimento da casa das Águas Férreas, de modo a deslaçar a relação desta com aquele *ideário* — noções importantes, de resto, para a compreensão do *sentido* desta Quinta.

De facto, é de um primeiro reconhecimento à casa *Abecassis* que nos assalta a dualidade e indefinição da questão levantada, dado o particular jogo de volumes de recorte compacto e pouco lúdico, organizado numa planimetria em *U* que, a par com um linear assentamento em terreno declivoso, desde logo parece indiciar algum afastamento ao inventivo imaginário da *Casa Portuguesa*, sugestivamente preconizado — segundo o mesmo confronto entre terrenos acidentados e a articulação de corpos de diversas volumetrias e expressões — em casas como *Comenda*, *O'Neill*, *Penedos* e, ainda, *Cipreste*²⁸⁵.

Sobre estes aspetos, será necessariamente interessante a formalização da casa da Quinta da Comenda²⁸⁶ enquanto solução que, dado o aspeto compacto do seu conjunto pleno de volumes²⁸⁷ onde a *torre* pouco se destaca — à semelhança do encontrado na casa das Águas Férreas —, parece resultar mais harmoniosa pelo

²⁸¹ PEREIRA, Paulo Manta — *Raul Lino* [e-mail]. Mensagem recebida por <nes.mb@hotmail.com> em 23/11/2017.

²⁸² Conforme já denotámos, "se a atenção prestada ao lugar é uma constante na criação de Lino, também é, simultaneamente, a possibilidade de encontrar uma resposta particular". RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.112. Entendimento contrário à "cópia generalizada das suas ilustrações como modelos de casas" em que se "propõe uma arquitectura, em linguagem híbrida (conservadora por fora e moderna por dentro), como imagem reprodutível e acessível a todos". RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.112.

²⁸³ Segundo Rui Jorge Ramos, correspondem estes elementos de uma específica linguagem formal e ideológica a uma "paleta temática e compositiva" sujeita a processos de "repetição e variação" que, em Lino, sintetizam a unidade da sua obra. RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.111.

²⁸⁴ Foram selecionadas aquelas que, de algum modo, admitem relação com a casa da Quinta das Águas Férreas.

²⁸⁵ "Um erro em que muitas vezes se incorre é o de se desprezarem condições topográficas existentes que, bem aproveitadas, podem dar grande realce às linhas gerais de uma casa." LINO, Raul — *A Nossa Casa*, p.28.

²⁸⁶ Data de 1908 a construção desta casa projetada por Raul Lino para o lugar da praia da Comenda, Sesimbra.

²⁸⁷ "Espesso volume construído". ALMEIDA, Pedro Vieira de — *Raul Lino: arquiteto moderno*. in ALMEIDA, Pedro Vieira de; FRANÇA, José-Augusto; RIO-CARVALHO, Manuel de - *Raul Lino: exposição retrospectiva da sua obra*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, p. 156.

seu geral proporcionamento e, essencialmente, pelo lúdico carácter conferido pelos sempre distintos vãos que, a cada ambiente interior, associam paisagens particulares²⁸⁸. Relativamente à expressão das fachadas, são estes aspetos sobretudo sintomáticos de um grau de aprumo que transcende o elemento *gráfico* em favor do conteúdo *significante* e que é sobretudo presente nos detalhes construtivos e decorativos amplamente conseguidos nas obras de Raul Lino e frequentemente concretizados nos remates de telhados, no recorte de pedras de cantaria, no uso do arco de volta perfeita sustentado por colunas, na inventividade das aplicações azulejares²⁸⁹ e no gosto pela parede com matéria — enfim, no processo de recuperação e reinvenção dos elementos da tradição arquitetónica portuguesa em contexto inovador²⁹⁰. Ainda que de modo mais *superficial*²⁹¹, é à mesma "*paleta temática e compositiva*"²⁹² que a casa da Quinta das Águas Férreas recorre na aproximação à identidade da *Casa Portuguesa*, com a integração do mesmo *rendilhado* de duplos beirais que rematam as longas abas ou os peculiares recortes em que se ajuntam telhas de canudo²⁹³; o mesmo romper de altivas chaminés e as mesmas pedras de cantaria em vãos e cunhais; ainda os caixilhos de madeira que emolduram pequenos vidros e, mesmo, a composição em arcada dos limites *internos* do pátio da casa. Mesmo a mais moderna introdução de ferro, em guardas e vedações de janelas, (embora industrializado) parece apelar àquele tão caro sentido *amoroso* do detalhe... De facto, dir-se-ia que daquela característica "*autonomia de volumes (...), conjunto aglutinador de corpos edificados*" sobressairia "*a unidade conferida pela linha dos beirais, pelas paredes lisas rebocadas, pelos vãos pequenos e pelo uso dos mesmos materiais*", de resto, "*aspectos vulgares na arquitectura vernacular portuguesa que (...) emergem na casa burguesa, reformulando o seu ideário*"²⁹⁴...

²⁸⁸ Há uma hierarquização dos vãos, nas demais vezes com recurso a varandas alpendradas e pérgolas, que corresponde à representatividade das fachadas e que estabelece um diálogo entre a os espaços interiores (de acordo com o programa interno) e as paisagens, assim como a exposição solar.

²⁸⁹ Aqui (Quinta da Comenda) exemplificada por uma inventiva aplicação de azulejos na fachada que enfrenta o mar.

²⁹⁰ Do qual a Casa do Cipreste é exemplo máximo.

²⁹¹ No sentido de que o uso *daqueles* elementos não se revelou suficientemente sistemático para criar um significado profundo no conjunto, enquanto *casa portuguesa*.

²⁹² Terá servido esta específica gramática para o apontar de uma "*polémica invariância nacional*" aos projetos de Raul Lino. RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994, p.121.

²⁹³ Aspeto este que confere grande expressão e *organicidade* no encontro da matéria com o céu.

²⁹⁴ RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.116. De acordo com estes aspetos e, ao abrigo do conteúdo integral da *Casa*, seriam, aliás, "*a naturalidade, na sua integração paisagística, a simplicidade, na sua funcionalidade prática [e] a estética, nas suas proporções e*

Na articulação destes valores, a própria integração do conteúdo edificado na paisagem seria necessariamente paradigmática de uma unidade *superior*, uma harmonia que, indiciada pela singular expressão do traço arquitetónico, declarasse-se pela complementaridade entre obra natural e humana. Como tal, o discurso estabelecido entre a casa da Comenda e a paisagem envolvente aporta também semelhanças à circunstância da casa das Águas Férreas, dada a "*forma emergente, como um 'marco isolado na paisagem'*"²⁹⁵ com que o edifício se recorta "*contra a encosta densamente arborizada da Serra da Arrábida*"²⁹⁶; não obstante, se por um lado é aquele *encaixe* comparável em *solidez* à pequena orla em que se desenha a casa *Abecassis*, por outro reconhecemos que, em *carácter* e *naturalidade*, a Comenda esclarece-se melhor enquanto "*acção humana que contribui para a valorização da paisagem*"²⁹⁷, talvez pelo ausente sentido opulento, menor "*fantasia aristocrática*"²⁹⁸ dumas Águas Férreas onde a "*integração com tensão*"²⁹⁹ surge, paradoxalmente, menos *senhora* da natureza que a envolve³⁰⁰.

harmonia decorativa, (...) características comuns a um arquitecto tradicional não erudito". RIBEIRO, Irene — Raul Lino, *Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.^a ed. Porto: FAUP, 1994, p.157; ademais, esta "*metodologia de desenho*", diferente de uma tipologia específica de casa, remeteria não só ao estudo atento da tradição construtiva e das circunstâncias do lugar, como "*da adopção de invariantes na conformação dos espaços e suas articulações*". RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.111.

De salientar, ainda, que as restantes construções encontradas na Quinta das Águas Férreas seguem a mesma lógica pretendida para a casa (a que nos referimos como *reinterpretação* do ideal de *casa portuguesa* de Raul Lino) tanto em linguagem e proporção, quanto na escolha de materiais. Constituem estas edificações secundárias a *casa do motorista* e *garagem*, a *adeiga* e o *celeiro*; já a *casa dos caseiros* aponta mais para uma *vernacularidade* própria das casas da região saloia, sem seguir necessariamente aquela *distinção* própria da *casa portuguesa* (*reinterpretada* ou não).

²⁹⁵ ALMEIDA, Pedro Vieira de — Raul Lino, *Arquitecto Moderno*. in Raul Lino: *Exposição retrospectiva da sua obra*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, p.156.

²⁹⁶ Direção-Geral do Património Cultural, Divisão do Património Imóvel e Imaterial, Unidade de Coordenação e Classificações, Classificação do Património Imóvel, Despacho de abertura e arquivamento, 2017, p.32
http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimonio_imovel/classificacao_do_patrimonio/despachosdeaberturaearquivamento/2017/quintacomenda/er3.pdf

²⁹⁷ Direção-Geral do Património Cultural, Divisão do Património Imóvel e Imaterial, Unidade de Coordenação e Classificações, Classificação do Património Imóvel, Despacho de abertura e arquivamento, 2017, p.30
http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimonio_imovel/classificacao_do_patrimonio/despachosdeaberturaearquivamento/2017/quintacomenda/er3.pdf

²⁹⁸ Esta expressão (Direção-Geral do Património Cultural, Divisão do Património Imóvel e Imaterial, Unidade de Coordenação e Classificações, Classificação do Património Imóvel, Despacho de abertura e arquivamento, 2017, p.33
http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimonio_imovel/classificacao_do_patrimonio/despachosdeaberturaearquivamento/2017/quintacomenda/er3.pdf) refere-se à casa da Quinta da Comenda, que nos traz imagens da "*implantação tradicional dos castelos alcandorados em colinas e*

37. Casa da Comenda -
integração na paisagem,
?.

38. Casa das Águas
Férreas - integração na
paisagem, 2017.



Este sintomático afastamento partirá também da inutilização de uma diferença de cotas enquanto possibilidade edificada — opção considerada em casas como *Cipreste* e *O'Neill*³⁰¹, que concretizam uma integração mais orgânica e harmoniosa na paisagem. Enquanto que, na primeira, a articulação de corpos de diferentes áreas e alturas se funde na paisagem pelo escalonamento dos cinco pisos da construção num conjunto aparentemente baixo³⁰² — e, na segunda, a

rochedos" (ALMEIDA, Pedro Vieira de — *Raul Lino, Arquitecto Moderno*. in *Raul Lino: Exposição retrospectiva da sua obra*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, p.156). Este sentido aristocrático de uma casa que emerge altiva no seio do manto verde que a envolve, encontra porém menor escala e distinção numa Águas Férreas mais burguesas, menos conservadoras (ambas as casas revelam um pendor erudito, embora este se materialize de forma diversa, também de acordo com o *espírito do lugar* pré-existente). Sobre esta integração no lugar, Raul Lino escreveria que "antes de prosseguirmos na análise das diferentes feições exteriores duma casa, é preciso dizermos ao que devemos atender em primeiro lugar se se trata duma casa de campo cujo efeito venha a fazer parte mais ou menos importante duma certa paisagem: temos obrigação de procurar harmonizar a nossa obra com o conjunto das circunstâncias que dão o carácter especial às localidades. (...) É certo porém que o primeiro dever de ordem estética para quem constrói é o duma adaptação absoluta ao ambiente em volta da casa, e no modo como isto se consegue está a pedra de toque do valor artístico de qualquer construção no campo." Raul Lino, *A NOSSA CASA* 1918, p.27

²⁹⁹ "Plataforma abalastrada da antiga estrutura militar que fixa solidamente a casa ao solo"; ALMEIDA, Pedro Vieira de — *Raul Lino: arquiteto moderno*. in ALMEIDA, Pedro Vieira de; FRANÇA, José-Augusto; RIO-CARVALHO, Manuel de — *Raul Lino: exposição retrospectiva da sua obra*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, p. 156.

³⁰⁰ Sobre este aspeto, não disporia a casa das Águas Férreas de um "domínio total sobre o diálogo fundamental entre a arquitetura e a paisagem", que lhe permitiria integrar-se "como se de um elemento natural se tratasse", tal como reconhecemos na Comenda. MACEDO, Isabel Sousa de — *A Casa da Comenda de Raul Lino: de torre medieval a residência de veraneio*. Câmara Municipal de Lisboa: Histórias de Casas e de Quem Lá Vive(u), série II, n.º 6, vol. II, julho-dezembro 2016, p.128.

³⁰¹ E, ainda, na *casa dos Penedos* — "vemos em Sintra numa das obras que Raul Lino tenta mais voluntariamente integrar numa paisagem — na *casa dos Penedos* — o volume construído afirmar-se plasticamente contra a colina, e a atitude é a mesma de resto na *Casa do Cipreste* embora neste caso surja de maneira menos radical". ALMEIDA, Pedro Vieira de — *Raul Lino: arquiteto moderno*. In ALMEIDA, Pedro Vieira de; FRANÇA, José-Augusto; RIO-CARVALHO, Manuel de — *Raul Lino: exposição retrospectiva da sua obra*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, p. 156.

³⁰² "Articulação entre telhados, de extensas águas, volumes e programa doméstico, jogos que criam a ilusão da verdadeira altura da edificação". RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas*.

aparente imponência sobre a paisagem é suavizada pela disposição de terraços apostos ao mar e áreas de serviço semienterradas —, nas Águas Férreas depreende-se uma certa incompreensão da casa face ao meio natural, dado o linear assentamento da construção em zona de encosta. O seu volume contido a todo o perímetro (à exceção do volume da cozinha e do vestíbulo avarandado adossado à torre) atua, assim, quase como uma casa em ambiente urbano que não concretize, também, o universo *romântico* de relação com a natureza na sua plenitude, preconizado na *casa portuguesa*.

É também na casa projetada para Max Abecassis³⁰³ que Raul Lino faz uso da "diferença altimétrica" resultante de um "terreno particularmente declivoso"³⁰⁴ para concretizar a distribuição vertical do programa³⁰⁵. Na realidade, são estas semelhantes condições topográficas entre os casos apresentados determinantes não apenas para a relação que os corpos edificados estabelecem entre si e com o terreno em que se dispõem com maior rigidez ou organicidade, como para a organização de núcleos funcionais e ambiências interiores. Neste sentido, é da condição extrema da localização da casa O'Neill que resulta uma solução de grande simplicidade, onde duas salas quadrangulares (zonas sociais) são unidas por um "longo corpo de serviços com corredor"³⁰⁶. Esta opção, semelhante à encontrada nas Águas Férreas, não seria, porém, recorrente na dialética da *Casa Portuguesa*, cuja habitual organização do espaço doméstico seria sobretudo "centrada no estar [que] irradia para os espaços anexos através de um largo e

Raul Lino em Cascais. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.119.

³⁰³ Raul Lino teria já projetado a casa de Max Abecassis, na rua Castilho, n.º24, entre 1925-1932 (demolida em 1969). PEREIRA, Paulo Manta — *A Casa Max Abecassis (1925-1932). Uma Possibilidade Moderna de Continuidade na Arquitetura Doméstica de Raul Lino*. Câmara Municipal de Lisboa: Cadernos do Arquivo Municipal - Histórias de Casas e de Quem Lá Vive(u), série II, n.º 6, vol. II, julho-dezembro 2016, p.39.

³⁰⁴ PEREIRA, Paulo Manta — *A Casa Max Abecassis (1925-1932). Uma Possibilidade Moderna de Continuidade na Arquitetura Doméstica de Raul Lino*. Câmara Municipal de Lisboa: Cadernos do Arquivo Municipal - Histórias de Casas e de Quem Lá Vive(u), série II, n.º 6, vol. II, julho-dezembro 2016, p.35.

³⁰⁵ Embora neste caso (e contrariamente ao pretendido na Quinta das Águas Férreas), com o acentuar de alguma ostentação a partir do exterior: na *casa Max* encontraríamos uma forte componente cénica, acentuada pela "escadaria principal e outra de serviço, em conformidade harmoniosa com o 'modus vivendi' que é o da casa salão". PEREIRA, Paulo Manta — *A Casa Max Abecassis (1925-1932). Uma Possibilidade Moderna de Continuidade na Arquitetura Doméstica de Raul Lino*. Câmara Municipal de Lisboa: Cadernos do Arquivo Municipal - Histórias de Casas e de Quem Lá Vive(u), série II, n.º 6, vol. II, julho-dezembro 2016, p.35.

³⁰⁶ Entre si, estes espaços formam um pátio exterior. RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.118.

*luminoso espaço distribuidor, que não o esconso corredor*³⁰⁷ — possibilitando o átrio como espaço próprio à *permanência* e não apenas à *passagem*³⁰⁸. Enquanto geometrias que sublinham "*momentos especiais da casa*", seriam mesmo estas áreas agregadoras, espaços de transição, "*temática essencial nas casas de Lino*"³⁰⁹ tanto nas relações interior-exterior quanto na articulação entre compartimentos de diferentes ambiências e funções³¹⁰, ou ainda no modo em que a abertura à paisagem envolvente seria concedida. Dentro do espírito romântico e contemplativo, seriam estes momentos complementados por sinuosos percursos, passagens estreitas ou alargadas que, associados ao controlo da luz e à variância do pé-direito, evocariam importantes aspetos psicológicos *espaço/tempo* no permitir "*ao habitante uma apropriação fortemente identitária do espaço doméstico*"³¹¹.

São estes elementos profundamente explorados na Casa do Cipreste, onde é reconhecido um consistente pacto entre racionalidade e orgânica repercutido na poética componente cénica dos elementos interiores exteriorizados (e do inverso), que resultam num dinâmico *sentir do habitar*, desde a intimidade protetora da casa aos espaços lúdicos de transição e, ainda, à inerente possibilidade de uma íntima relação com a natureza³¹². Mas também na casa da

³⁰⁷ PEREIRA, Paulo Manta — *A Casa Max Abecassis (1925-1932). Uma Possibilidade Moderna de Continuidade na Arquitetura Doméstica de Raul Lino*. Câmara Municipal de Lisboa: Cadernos do Arquivo Municipal - Histórias de Casas e de Quem Lá Vive(u), série II, n.º 6, vol. II, julho-dezembro 2016, p.22.

³⁰⁸ Entendido como espaço *servido* e não apenas *servidor*; "*podemos dizer que os motivos que mais influência manifestam nos meus trabalhos de arquitectura doméstica foram a eliminação do Corredor e a sua substituição por quaisquer divisões adequadas a estabelecer ligação entre as partes da habitação sem terem de ser canalizadas por meio de um Corredor. (...)insisti sempre em que se desse a este recinto de comunicação ou ligação entre as partes da casa o nome latino de Átrio(...)*". LINO, Raul — Carta para Pedro Vieira de Almeida *cit. in* ALMEIDA, Pedro Vieira de — *Raul Lino: arquiteto moderno*. *in* ALMEIDA, Pedro Vieira de; FRANÇA, José-Augusto; RIO-CARVALHO, Manuel de — *Raul Lino: exposição retrospectiva da sua obra*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.

³⁰⁹ RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.115.

³¹⁰ Ainda que com a "*redução da área da casa e consequente simplificação das relações espaciais*", a casa de pequena dimensão (burguesa) não implicaria "*perda de dignidade ou sinal de falta de conforto*", mantendo a forte "*organização de grandes áreas funcionais*" na adequação da solução ao programa. RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Dossiê Monumentos 33, p.112 e 118.

³¹¹ RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Dossiê Monumentos 33, p.117.

³¹² Mas também na casa Max Abecassis, onde a escadaria principal do átrio atua como "*elemento dinâmico (...) bem conseguido em termos de conforto, na correta e harmoniosa relação que se verifica entre a dimensão do espelho e do cobertor dos degraus. Todavia é proporcionalmente bem mais relevante o seu acento cenográfico, ou seja a sua presença majestática na percepção do todo*".

Comenda, onde o menos inventivo esquema planimétrico³¹³ ainda assim não dispensa o acesso faseado — alpendre, vestíbulo, átrio de distribuição com escadaria — revelador da importância da ritualização da passagem para o interior da casa³¹⁴.

Esta compartimentação seria necessariamente decorrente de uma estreita relação entre *espaço e função*, par desencadeador, a nível externo, de uma "*autonomia volumétrica e compositiva*"³¹⁵ enquanto "*novo conjunto de valores*"³¹⁶, que privilegiaria uma maior adequação *edificado-função*³¹⁷ em lugar de uma retrógrada ideia de *casa monumental* como representação sociocultural. De facto, uma vez estabelecida a planta do projeto segundo a "*melhor disposição (...) para conveniência dos seus moradores*"³¹⁸, os alçados deveriam expressar, para além do "*propósito de integração da arquitetura na circunstância que é, também, construção de paisagem*"³¹⁹, a própria hierarquia funcional presente no interior da

PEREIRA, Paulo Manta — *A Casa Max Abecassis (1925-1932). Uma Possibilidade Moderna de Continuidade na Arquitetura Doméstica de Raul Lino*. Câmara Municipal de Lisboa: Cadernos do Arquivo Municipal - Histórias de Casas e de Quem Lá Vive(u), série II, n.º 6, vol. II, julho-dezembro 2016, p.35.

³¹³ "A disposição interna é convencional, sem a imaginação, fantasia, doce improviso de outras propostas". Direção-Geral do Património Cultural, Divisão do Património Imóvel e Imaterial, Unidade de Coordenação e Classificações, Classificação do Património Imóvel, Despacho de abertura e arquivamento, 2017, p.28 » http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimonio_imovel/classificacao_do_patrimonio/despachosdeaberturaearquivamento/2017/quintacomenda/er3.pdf

³¹⁴ E se, por um lado, são estas soluções remissivas de um forte contato com a cultura marroquina, são-no também relativamente ao cunho inglês na adoção do *agglutinative plan* onde "adequação, conforto, acolhimento, abertura à natureza (...) encontram nos espaços de transição a sua mais cuidada expressão" pelo "transformar [do] átrio central num lugar informal de permanência e de movimento, que corta com os sistemas tradicionais de segregação dos espaços domésticos"³¹⁴ mas que, ainda assim, constitui uma "organização [que] preserva a importância atribuída à compartimentação" RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, pp.113-114.

³¹⁵ RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.113.

³¹⁶ RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.117.

³¹⁷ Exemplo desta noção é a intervenção de Raul Lino na casa de Fortunato Abecassis (1916) — "a colocação de uma nova escada satisfaz uma nova funcionalidade do serviço doméstico (...) a inserção de um alpendre com banco na sua fachada permite outro relacionamento dos seus habitantes com o exterior." RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.117.

³¹⁸ LINO, Raul — *A nossa casa: apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples*. Lisboa: Atlântida, 1918, p.10.

³¹⁹ PEREIRA, Paulo Manta — *A Casa Max Abecassis (1925-1932). Uma Possibilidade Moderna de Continuidade na Arquitetura Doméstica de Raul Lino*. Câmara Municipal de Lisboa: Cadernos do

casa, numa concretização da *verdade* e de total *harmonia* no equilíbrio de proporções e recursos (*economia*).

Mas são também, novamente, estes pontos pouco explorados na casa de Venda Seca onde, aos espaços de transição, vieram corresponder compartimentos de carácter puramente prático — apenas espaços de passagem sem conteúdo poético e com pouca possibilidade de usufruto — e à distribuição programática, uma considerável informalidade materializada na aproximação entre ambiente familiar e ambiente serviçal³²⁰ assente, talvez, no afirmar de novas exigências domésticas patentes "*na organização dos serviços, na maior fluidez da compartimentação ou, ainda, na necessidade de outras fórmulas de segregação social*"³²¹, assim como no não menos importante facto de ser esta uma casa de segunda habitação em ambiente rural. É neste contexto que apenas um núcleo de circulações verticais se dispõe no interior de toda a casa, junto às *zonas sociais*, ou que duas *casas-de-banho* servem, indiferentemente, família e serviço no *piso nobre* — onde, de resto, um longo *corredor* permite aceder tanto a uma das entradas da *sala de estar*, como a três dos *quartos de dormir* da família³²². No afastamento daquilo que seria o ideal da *casa portuguesa*, trataria-se aqui o *corredor*, afinal, de uma inevitabilidade à circulação, dada a rigorosa morfologia em U de uma casa que, talvez ao procurar articular-se com os núcleos pré-existentes (torre e compartimento abobadado)³²³, se restringiu a uma simples

Arquivo Municipal - Histórias de Casas e de Quem Lá Vive(u), série II, n.º 6, vol. II, julho-dezembro 2016, p.33.

³²⁰ A disposição interior da casa das Águas Férreas revela uma certa informalidade na convivência entre família e serviço doméstico, cujos espaços não são relegados a uma determinada posição exclusiva em planta, conforme apanágio das soluções gizadas por Raul Lino, mas antes integram-se quase indiferentemente no todo — não existindo, também, uma circulação particular destinada ao pessoal de serviço. PEREIRA, Paulo Manta — *A Casa Max Abecassis (1925-1932). Uma Possibilidade Moderna de Continuidade na Arquitetura Doméstica de Raul Lino*. Câmara Municipal de Lisboa: Cadernos do Arquivo Municipal - Histórias de Casas e de Quem Lá Vive(u), série II, n.º 6, vol. II, julho-dezembro 2016, p.36.

³²¹ RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.111.

³²² Lino criticava, de resto, as casas com "*corredor comprido servindo indistintamente casas de todas as categorias por portas absolutamente iguais*" e apelava a "*uma disposição absolutamente clara em que a parte destinada ao serviço fique numa situação relativamente independente e não em contacto muito directo com as divisões ocupadas pelos donos da casa*". LINO, Raul — *A Nossa Casa*, 1ª ed. Lisboa: Atlântida, s. d., pp.7-13 cit. in PEREIRA, Michel Toussaint — *Da Arquitectura à Teoria e o Universo da Teoria da Arquitectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, Tese de Doutoramento em Arquitectura. Lisboa: FA-UTL, 2009, p.207.

³²³ Esta procura resultou, paradoxalmente, num sabotar do sentido mais *erudito* ou distinto daquelas pré-existências; ainda assim, a articulação dos espaços interiores da casa com o compartimento abobadado é inexistente.

organização — a qual o seu perímetro exterior acompanha, pela grande contenção de áreas e de volumes.

Sintomático desta informalidade será também o aproveitamento integral do piso térreo da maior ala para a distribuição dos generosos *quartos* do pessoal de serviço, apoiados por *casa-de-banho* e *sala comum* — mas afastados da *cozinha*, que, curiosamente, se encontra no piso superior, ao invés de ocupar o lugar da pequena *adega* semienterrada e contígua à *sala de bilhar*³²⁴. Pelo contrário, ao destacar-se da contida planta e prolongando-se sobre terrenos de pomar, a *cozinha* alude a uma pontual intenção de articulação com o exterior e a uma franca descontração na direta abordagem à *sala de jantar*.

Exemplo também pontual desta mais sensível transição no contato com a paisagem exterior é a singular varanda alpendrada que abriga a entrada principal da casa — ao nível do piso *nobre* — e o pequeno nicho (de acesso em arco abatido) que lhe fica inferior, no ingresso ao piso térreo em que um banco de revestimento azulejar solitariamente se dispõe³²⁵. São estes espaços como que anexados à torre onde, para além destes compartimentos de entrada³²⁶, se desenvolvem dois quartos nos pisos superiores, ligados por um acesso vertical próprio³²⁷. Apesar da singularidade deste elemento, é na sua parca expressão funcional que se confirma a fragilidade de uma hierarquização vertical, já indiciada pela informalidade entre compartimentos e ambientes nos primeiros dois pisos.

³²⁴ Solução recorrente em várias das casas de Raul Lino, pelo aproveitamento de cotas e criação de pátios.

³²⁵ São estes alguns aspetos que remetem, em parte, à gramática da *Casa Portuguesa* — o nicho e os pequenos recantos, o alpendre, o banco encastrado, recordam elementos da arquitetura popular sem cair no *pastiche*, mas integrando um todo coerente que reinterpreta a possibilidade de extensão para o exterior.

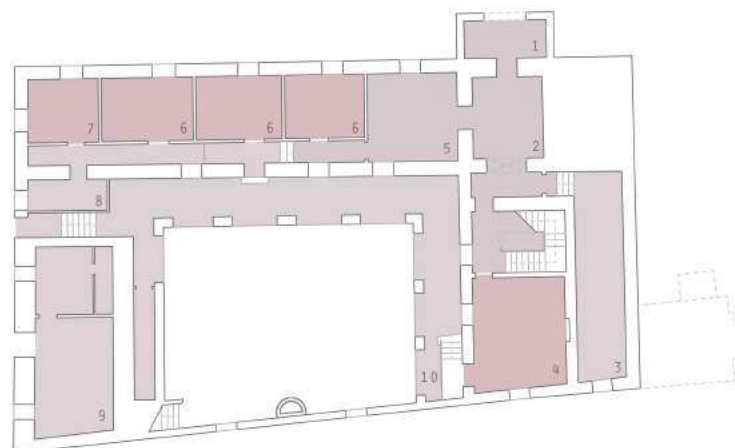
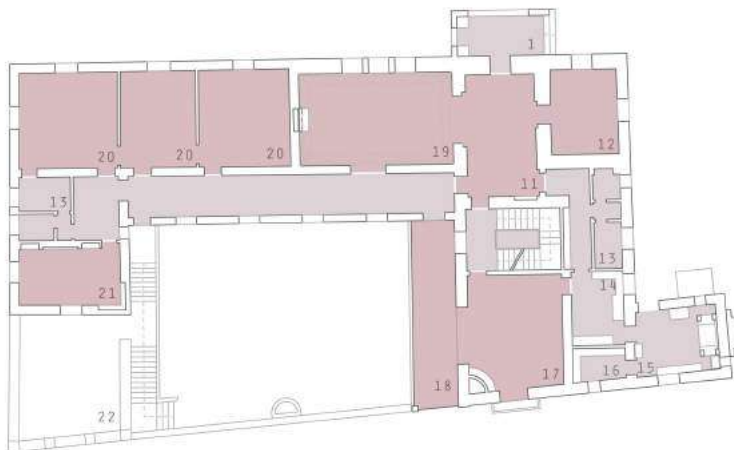
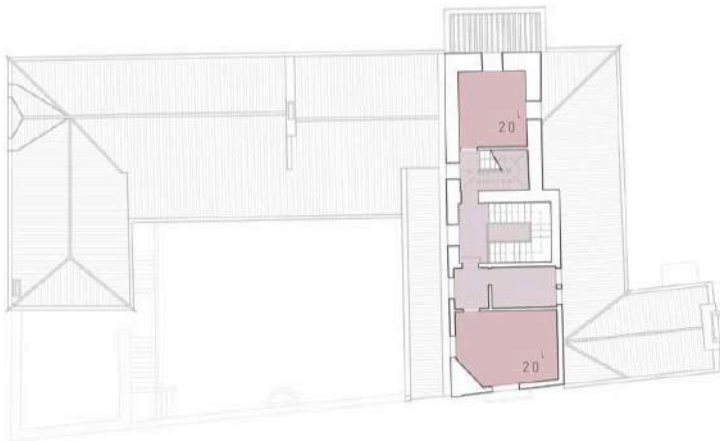
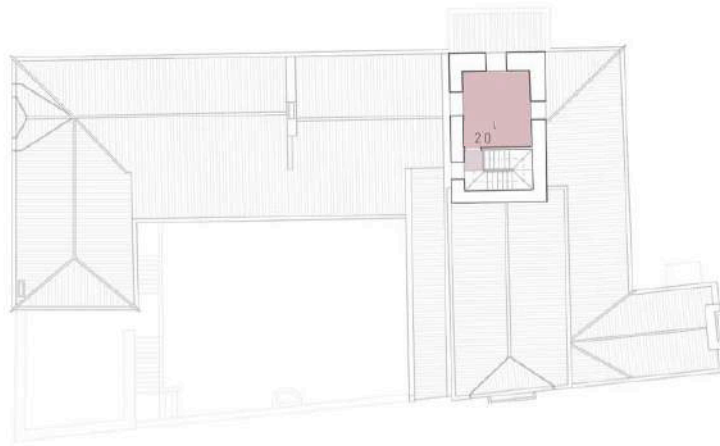
³²⁶ Deveriam estes compartimentos corresponder ao *hall*, ou *átrio* em Raul Lino, mas na sua modesta combinação entre área e pé-direito, abstinemo-nos do uso destas designações.

³²⁷ Este acesso vertical não é o mesmo que interliga os restantes pisos da casa entre si, dada a independência da torre face aos demais corpos.

39. (p. seguinte)

Pisos da casa das Águas Férreas - espaços servidos (rosa escuro) e servidores (rosa claro), 2018.

1. Nicho de entrada
2. Vestíbulo (entrada secundária)
3. Garrafeira
4. Sala de bilhar
5. Sala de criadas
6. Quartos de criadas
7. I.S. atual
8. I.S. antiga
9. Casa de máquinas (antiga capela)
10. Pátio interno com arcadas
11. Vestíbulo (entrada principal)
12. Quarto ?
13. I.S.
14. Copa
15. Cozinha
16. Despensa
17. Sala de jantar
18. Varanda (*marquise*)
19. Sala de estar
20. Quartos
21. Escritório
22. Terraço



Mas, para esta pouca expressividade geral, contribuem também os interiores que, sem o "gosto da parede com matéria [azulejos] ou as moldurações [madeiras] que absorvem e adoçam as chapadas de luz"³²⁸, pouco manifestam a modernidade inerente à *casa portuguesa*, cuja "precisa organização proposta, com o mobiliário e os percursos entre compartimentos assinalados no pavimento"³²⁹, denotaria uma integração total, dotada de uma forte noção de acolhimento doméstico. Em cada divisão, ao invés de tomar parte relevante o *artesanal* como enriquecimento dos ambientes³³⁰, embate-se numa ingénua simplificação da complexa gramática da *Casa Portuguesa*, presente numa transversal homogeneidade entre quartos e pisos. Neste desprendimento³³¹, arredam-se parte das virtudes *espirituais*, as que expressariam a *alma* da casa na adequação do pormenor aos aspetos intrínsecos ao lugar.

É assim que reconhecemos na casa das Águas Férreas a disponibilidade para acolher os valores de ordem *material* que Raul Lino enumerara — proporção, solidez, bom-senso, economia —, mas, na ausente delicadeza do transversal *detalhe (romântico)*³³² e da transição entre espaços como parte fundamental à consolidação do *carácter*, sintomática de uma superficial relação com a Natureza, apartados ficam os demais valores de ordem *espiritual*, aqueles que nos falam da *harmonia* do habitar, da *naturalidade* e da *verdade* dos aspetos considerados pela tradição e pela compreensão do espírito do lugar em que a casa se insere.

³²⁸ ALMEIDA, Pedro Vieira de — *Raul Lino: arquiteto moderno cit. in* ALMEIDA, Pedro Vieira de; FRANÇA, José-Augusto; RIO-CARVALHO, Manuel de — *Raul Lino: exposição retrospectiva da sua obra*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, p.142.

³²⁹ RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.116.

³³⁰ "É ao nível do desenho de pormenor que melhor percebemos a transversalidade do projeto de arquitetura de Raul Lino, que extravasando a mera definição do espaço (...), visa construir ambientes"; Na casa de Max Abecassis, por exemplo, a "virtude espiritual bem patente no desenho de pormenor (...) relativo a um lambrim de madeira que é lareira, armário, prateleira e que, fundindo-se na parede, é indistinguível da arquitetura". PEREIRA, Paulo Manta — *A Casa Max Abecassis (1925-1932). Uma Possibilidade Moderna de Continuidade na Arquitetura Doméstica de Raul Lino*. Câmara Municipal de Lisboa: Cadernos do Arquivo Municipal - Histórias de Casas e de Quem Lá Vive(u), série II, n.º 6, vol. II, julho-dezembro 2016, pp.38, 39.

³³¹ Apenas pontualmente enriquecido pelo recorte de nichos simples ou revestidos a madeira — particularidade melhor desenvolvida no *escritório*.

³³² Não nos referimos aqui a um detalhe específico, um elemento específico - mas *detalhe* enquanto conjunto de aspetos integrados na arquitetura, que procura vincar o acolhimento e a habitabilidade através da poética nele contida.

40. Corredor de acesso a quartos, Casa de Santa Maria (Cascais), 2003.



41. Corredor de acesso a quartos, Casa das Águas Férreas, 2017.



42. Corredor de acesso a zonas servidas, Casa de Santa Maria (Cascais), 2017.



43. Corredor de acesso a zonas servidas, Casa das Águas Férreas, 2017.



2.2.4. Outras influências

Mas a procura pela compreensão dos formalismos e significados da casa presente na Quinta das Águas Férreas está ainda, e pelo menos, dependente do confronto com as evolutivas interpretações da ideia de *Casa Portuguesa* pelas então novas gerações de arquitetos já formados em clima de ânsia modernista, nas quais se incluía António Lino.

De facto, é após um primeiro período de "*indiferença ou tolerância*"³³³ face a uma emergente *linguagem modernista* por parte de um novo regime — a quem a urgência de obras públicas carecia do recurso a novas técnicas construtivas — que, já numa segunda fase (de 1932 a 1937), mais se procurou uma respeitável "*arquitetura oficial*"³³⁴ que representasse a larga escala os valores da "*autoridade, [d]a disciplina, [d]a ordem, por um lado, e por outro o culto da nacionalidade, da família e do mundo rural*"³³⁵ — tanto no âmbito público quanto privado.

Ora como já referido, teriam encontrado estas noções sólido refúgio nos estudos de Raul Lino para a *Casa Portuguesa* que, até então, melhor ou pior viriam sendo adoptados como solução aos desígnios de um país de "*brandos costumes*"³³⁶. Porém, viria "*o surto desenvolvimentista da capital nos anos 30, a modernização dos seus equipamentos e, principalmente, o plano de extensão da cidade*"³³⁷ — aliado àquele desejo de uma arquitetura figurativa do regime — necessariamente

³³³ FERNANDES, José Manuel; PEREIRA, Nuno Teotónio — *A arquitetura do Estado Novo de 1926 a 1959*, in *O Estado Novo – Das Origens ao Fim da Autarcia (1926-1959)*, Actas do Colóquio, vol. II. Lisboa: Editorial Fragmentos, 1987, p. 323 cit. in UCHA, Maria Margarida Mariño — "*Português Suave*" e "*Arquitetura Doce*", *Contributos para uma historiografia da Arquitetura Portuguesa*, Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015, p.86.

³³⁴ Também sintomáticas de "*uma nova onda de nacionalismo*" que vinha renascer "*a partir das convulsões europeias*". ACCIAIUOLI, Margarida — *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes - Restauração e Celebração*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.596.

³³⁵ FERNANDES, José Manuel; PEREIRA, Nuno Teotónio — *A arquitetura do Estado Novo de 1926 a 1959*, in *O Estado Novo – Das Origens ao Fim da Autarcia (1926-1959)*, Actas do Colóquio, vol. II. Lisboa: Editorial Fragmentos, 1987, p. 324 cit. in UCHA, Maria Margarida Mariño — "*Português Suave*" e "*Arquitetura Doce*", *Contributos para uma historiografia da Arquitetura Portuguesa*, Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015, p.86.

³³⁶ Os "*brandos costumes*" intrínsecos à identidade cultural do povo português — expressão também posteriormente relacionada com o "*português suave*". UCHA, Maria Margarida Mariño — "*Português Suave*" e "*Arquitetura Doce*", *Contributos para uma historiografia da Arquitetura Portuguesa*, Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015, pp.162,163.

³³⁷ ACCIAIUOLI, Margarida — *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes - Restauração e Celebração*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.597.

reajustar os até então vincados contornos da dualidade tradição-modernidade³³⁸ que, por mais sintetizada e experimentada que fosse na concepção de Raul Lino, revelar-se-ia, pelas interpretações e adaptações entretanto generalizadas, já produto de *colagens* e *incompreensões* e incapaz de, sem a sua dignidade original, enfrentar o progresso³³⁹. É precisamente neste contexto que surge o *Português Suave* enquanto estilo híbrido, assim chamado porque "*articulava de forma 'suave' uma linguagem vernácula*"³⁴⁰ numa tecnologia moderna e que, enquanto "*arte de aparências, volúvel e educadora, quer do passado, quer do mundo rural, quer do estrangeiro*"³⁴¹, não seria alheia ao já deturpado legado da *Casa Portuguesa*.

Por seu lado, a nova geração de arquitetos que questionava a permanência daquele passado³⁴², encontrar-se-ia, de certo modo, condicionada a uma "*atitude de cumplicidade*"³⁴³ e colaboração com o poder³⁴⁴. Ora, esta expressiva

³³⁸ Termos assentes, respetivamente, nas tendências "culturalista" e "progressista" (conceitos definidos por Françoise Choay em CHOAY, Françoise — *L'urbanisme, utopies et réalités. Une anthologie*. Paris: Éditions du Seuil, 1965.) PEREIRA, Michel Toussaint — *Da Arquitectura à Teoria e o Universo da Teoria da Arquitectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, Tese de Doutoramento em Arquitectura. Lisboa: FA-UTL, 2009, p.327.

³³⁹ Para além de não possuir a *casa portuguesa* "uma vocação urbana, justificada ou não numa inexistência histórica dessa vivência em Portugal". ACCIAIUOLI, Margarida — *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes - Restauração e Celebração*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.597.

³⁴⁰ Ou uma "*linguagem vernácula [que] surge macia e brandamente condimentada com algumas referências à arquitectura moderna*" (FERNANDES, José Manuel; PEREIRA, Nuno Teotónio — *A arquitetura do Estado Novo de 1926 a 1959*, in *O Estado Novo – Das Origens ao Fim da Autarcia (1926-1959)*, Actas do Colóquio, vol. II. Lisboa: Editorial Fragmentos, 1987, p. 145 cit. in UCHA, Maria Margarida Mariño — "*Português Suave*" e "*Arquitetura Doce*", *Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa*, Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015, p.142.), fazendo uso inclusivamente de novas técnicas de construção e materiais como o betão armado — sobretudo a "*década de 40 vai refletir a contradição entre inovação com a utilização generalizada do betão armado como material estrutural, e o regresso aos temas do passado*" (UCHA, Maria Margarida Mariño — "*Português Suave*" e "*Arquitetura Doce*", *Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa*, Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015, p.100).

³⁴¹ D'ALMEIDA, Patrícia Bento — *Bairro(s) do Restelo*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.249.

³⁴² "Os arquitetos modernos da década de 30 tinham assim duas noções de passado, que rejeitavam" — o "*passado fundamentalista*" de Viollet-le-duc, das Beaux-arts, dos restauros tendenciosos; e o "*passado operacionalizado*" de António Ferro, da história heroica e mítica manipulada pelo nacionalismo do Estado Novo. UCHA, Maria Margarida Mariño — "*Português Suave*" e "*Arquitetura Doce*", *Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa*, Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015, p.145.

³⁴³ UCHA, Maria Margarida Mariño — "*Português Suave*" e "*Arquitetura Doce*", *Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa*, Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015, p.92.

ambiguidade se, por um lado, viria revelar a versatilidade do traço desta geração, cujo ecletismo permitiria o domínio mais ou menos experimentado do "Clássico", do "Português" e do "Modernista" — apesar de, por vezes, com certo embaraço³⁴⁵ — por outro, manifestaria a fragilidade e, mesmo, incompreensão³⁴⁶, dos valores de uma modernidade latente e de uma cada vez mais distanciada interpretação da ideia de *Casa Portuguesa* formulada por Raul Lino, já vulgarmente entendida apenas como *manual ilustrado* por esta geração que ia acedendo à "*vontade de re-actualizar uma tradição*"³⁴⁷. Assim, no extremo da tónica do *Português Suave*, viriam surgindo "*versões que declinaram até ao absurdo do mito da Casa Portuguesa em modernizações mesquinhas a que só as grandes áreas de construção emprestavam uma nota de grandeza, em dissonância de proporções*"³⁴⁸, materializadas segundo "*hibridismos informes quer em complicadas pesquisas decorativas quer em simplificações bucolizantes*"³⁴⁹ e que favoreciam o valor estilístico em detrimento do carácter³⁵⁰.

³⁴⁴ Seria esta a "geração do compromisso" — arquitetos que tentaram "criar as condições de desenvolvimento da arquitetura moderna dentro do quadro político-cultural existente". FERNANDES, José Manuel e Nuno Teotónio Pereira — *A arquitetura do Estado Novo de 1926 a 1959*, in *O Estado Novo – Das Origens ao Fim da Autarcia (1926-1959)*, Actas do Colóquio, vol. II. Lisboa: Editorial Fragmentos, 1987, p. 112 cit. in UCHA, Maria Margarida Mariño — "*Português Suave*" e "*Arquitetura Doce*", *Contributos para uma historiografia da Arquitetura Portuguesa*, Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015, p.131.

³⁴⁵ Note-se o exemplo acerca do arquiteto Jorge Segurado: "*é com um certo embaraço que compreendemos a opção do arquitecto em afastar-se da arquitectura Modernista [presente no projeto da Casa da Moeda, edifício público] para, como o próprio referiu, 'cultivar a casa portuguesa' (...) tirar partido de telhados rematados com pontas cerâmicas decorativas (...) em seta (...) ou em pirâmide, terraços com alegretes e chaminés salientes colmatadas com cata-vento em ferro forjado [opção dos projetos de arquitetura doméstica privada]*". D'ALMEIDA, Patrícia Bento — *Bairro(s) do Restelo*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.263.

³⁴⁶ "Durante algum tempo, a 'casa portuguesa' foi trabalhada e desenvolvida em si mesma, como entidade autónoma, algo que fazia parte de um património nacional adquirido sem que, contudo, se soubesse bem como se processava ou que destino lhe dar num tempo em que as novas exigências modernas pediam espaços afins". ACCIAIUOLI, Margarida — *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes - Restauração e Celebração*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.598.

³⁴⁷ ACCIAIUOLI, Margarida — *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes - Restauração e Celebração*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.618.

³⁴⁸ ACCIAIUOLI, Margarida — *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes - Restauração e Celebração*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, pp.618, 619.

³⁴⁹ ACCIAIUOLI, Margarida — *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes - Restauração e Celebração*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.619.

³⁵⁰ Enquanto qualidade espiritual veiculada pelos valores expressivos do espaço e da luz.

Própria àquela mesma versatilidade na abordagem a um leque de *subestilos* conciliadores do *moderno* e do *tradicional* seria também a obra de António Lino, que entendemos refletir, assim como o percurso traçado por Carlos Ramos ou Jorge Segurado, a tendência *culturalista* e a *progressista*³⁵¹. A compatibilização dos vários universos assim presentes no legado de António Lino dever-se-ia, em grande parte, à já mencionada formação *beauxartiana* do arquiteto — comum à de seus contemporâneos, que viriam uniformemente aderir "*à monumentalidade e às construções-tipo impostas pelo Estado, pontuando o país com 'arquitetura portuguesa'*"³⁵² —, mas também à intrínseca *familiarização* com os *jeitos* de uma tradição conceptualizada na *Casa Portuguesa* e, ainda, a um pessoal gosto e curiosidade por um pulsante espírito modernista.

Exemplo deste eclético pensamento e amplitude de traço viriam a ser as mais emblemáticas das suas obras: tanto as desenvolvidas no âmbito da Exposição Mundial de 1940³⁵³ onde, ao pedido do desenvolvimento de uma "*arquitectura moderna e portuguesa*"³⁵⁴, o geral pendor monumentalista das construções (posteriormente presente no seu porticado do *Monumento ao Cristo Rei*, 1959), foi sabiamente amaciado nas linhas modernistas de um *Restaurante Espelho d'Água* (1940)³⁵⁵; como na interpretação classicizante de um solene *Santuário de Fátima*; ou ainda na concepção de um equipamento público como a *Colónia de Férias da CUF*, onde à estilização já recorrente do *Português Suave* (destoante da

³⁵¹ "O Estado Novo aproveitou mais ou menos conscientemente a dinâmica que ainda subsistia na geração Modernista alimentada pelo seu fundo eclético. (...) A diversidade dos estilos relacionados com a decoração será então fruto de uma consciência da modernidade em erupção para a qual ainda não se tem uma resposta satisfatória, até porque essa modernidade é entendida ainda como não totalmente estabelecida. E, de facto, os arquitectos da geração Modernista praticaram os três estilos, muitas vezes misturados." PEREIRA, Michel Toussaint — *Da Arquitectura à Teoria e o Universo da Teoria da Arquitectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, Tese de Doutoramento em Arquitectura. Lisboa: FA-UTL, 2009, pp.334-335.

³⁵² D'ALMEIDA, Patrícia Bento — *Bairro(s) do Restelo*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.303.

³⁵³ António Lino integra esta exposição enquanto autor de vários espaços, tais como o *Parque de Atracções* (em conjunto com Keil do Amaral), os *Jardins do Ultramar* (com direcção artística de António Lino), o *Parque Infantil*, o *Jardim dos Poetas*. ACCIAIUOLI, Margarida — *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes - Restauração e Celebração*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.168.

³⁵⁴ Seria pretendido um "*vocabulário fascizante, cenográfico, para as comemorações e exposições do regime, e um vocabulário ruralizante para as evocações e reconstituições históricas, que se encontram ambas da Exposição do Mundo Português, evento considerado momento-chave na consolidação de uma arquitectura oficial*" do Estado Novo. UCHA, Maria Margarida Mariño — "*Português Suave*" e "*Arquitetura Doce*", *Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa*, Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015, p.91.

³⁵⁵ Das poucas obras que terá permanecido em Belém de entre o conjunto daquela Exposição.

Casa Portuguesa enquanto "sólida afirmação de volumes"³⁵⁶, por vezes um pouco embrutecida pelo seu "hibridismo de casarão, com varandas e alpendres"³⁵⁷ e fazendo uso de "elementos cuja função era [puramente] decorativa, deslocando-os da original necessidade que historicamente lhes deu algum carácter"³⁵⁸), vem-se, em parte, contrapor a sagaz adaptabilidade do sobrinho de Raul Lino relativamente à expressão (ainda que maioritariamente estética) da mesma *Casa Portuguesa*³⁵⁹.

Assim como na então recente zona da Encosta da Ajuda³⁶⁰, onde António Lino terá desenvolvido numerosos projetos para clientes privados, privilegiando, desde inícios dos anos 1940 e meados de 1950, precisamente o cariz neotradicionalista do *moderno Português Suave* tão ao gosto de uma burguesia salazarista que pretendia conciliar uma certa aparência tradicional com uma postura ativa, de procura não apenas pelas vistas, como também pelo *ser visto*³⁶¹.

³⁵⁶ ACCIAIUOLI, Margarida — *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes - Restauração e Celebração*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.614.

³⁵⁷ ACCIAIUOLI, Margarida — *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes - Restauração e Celebração*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.614.

³⁵⁸ ACCIAIUOLI, Margarida — *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes - Restauração e Celebração*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.599.

³⁵⁹ E embora não fugindo, contudo, a uma certa homogeneidade que "os vários desenvolvimentos regionalistas recordavam, numa feição comum" a qualquer parte do país — "... maneira, aliás, contraditória de respeitar as diferenças de cada região" que a ideia de *Casa Portuguesa* pressupunha. Seria precisamente este cunho regionalista a justificar o subtipo neotradicional em que preferivelmente se projetava este tipo de equipamentos públicos - de entre os quais, postos de "CTT, sedes de distrito, escolas primárias do plano dos centenários, pousadas regionais e moradias em bairros periféricos", caracterizados todos pela "utilização de elementos retirados dos estudos de Raul Lino". UCHA, Maria Margarida Mariño — "*Português Suave*" e "*Arquitetura Doce*", *Contributos para uma historiografia da Arquitetura Portuguesa*, Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015, p.25.

³⁶⁰ Data de 1938 o plano de urbanização para a Encosta da Ajuda (Restelo), por João Faria da Costa, na sequência das políticas desenvolvidas por Duarte Pacheco — "*às portas da Exposição do Mundo Português (1940), procurava-se dar uma nova imagem ao limite ocidental da 'capital do império', cujo cenário se pretendia que passasse de rural a urbano (...) no mais breve período de tempo*". D'ALMEIDA, Patrícia Bento — *Bairro(s) do Restelo*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.3.

³⁶¹ Aspeto conseguido pela manipulação de cotas em relação à rua, "*como se a implantação oferecesse um certo estatuto ao proprietário*" (D'ALMEIDA, Patrícia Bento — *Bairro(s) do Restelo*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.248). Interessante será, contudo, notar que nestas "*vivendas modernas*" (ACCIAIUOLI, Margarida — *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes - Restauração e Celebração*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.621) onde a decoração exterior seria o centro de todas as preocupações, a *arte* de António Lino viria, ao longo da década

Embora anterior a estes desígnios, a casa da Quinta das Águas Férreas, obra concluída ainda em 1935, viria inevitavelmente transparecer alguns indícios dos novos tempos que se avizinhavam quanto à reinterpretação da *Casa Portuguesa* por António Lino, que aqui terá, provavelmente, entendido uma feliz oportunidade para o *ensaiar* desta problemática que deveria sintetizar as noções erudita e vernacular *próprias* à tradição portuguesa, embora já em contexto histórico de pulsante modernidade. É assim que à encomenda³⁶² desejada pela família Abecassis, provavelmente concordante com os gostos de um meio burguês cujas raízes estrangeiras potenciavam o apreço pelos "*elementos de significação tradicionalista*"³⁶³, deverá ter correspondido um projeto esteticamente alusivo à *Casa Portuguesa*. Mas, na linha da formação eclética que António Lino terá recebido, *antecâmara* de um modernismo pulsante, não deixaria a casa ultimada de também refletir uma ainda ténue linha *progressista* mas curiosamente "*inserida no espírito Beaux-Arts*" que atentaria numa "*arquitetura de composição' racional do espaço, na utilização dos materiais, [e] na (...) função prática*"³⁶⁴. No entanto, mais do que um "*racionalismo brando, adocicado com um certo decorativismo*"³⁶⁵ próprio do *Português Suave* que posteriormente se viria a afirmar noutras construções, é esta casa resultado de uma profunda *familiaridade*³⁶⁶ (mas não total *compreensão*) do universo da *Casa Portuguesa*, ainda que já enquanto expressão *moderna*.

referida, passar de uma mais inventiva articulação de corpos e elementos para uma maior solidez (talvez sintomática de uma crescente depuração do vocabulário na procura pela síntese entre *tradição e modernidade* em contexto urbano).

³⁶² Conforme anteriormente referido, desconhecemos a existência de uma memória descritiva do projeto, pelo que podemos apenas especular acerca das motivações da família Abecassis para esta casa.

³⁶³ "*Certos pormenores da nossa construção, tais como os arcos de volta perfeita, os telhados e respectivos beirados e soleiras, as cantarias, os revestimentos de azulejos, etc.*" — a descrição destes elementos, que figuram na casa das Águas Férreas, remete àquele que seria o gosto dos clientes estrangeiros, na opinião do arquiteto António Varela. VARELA, António, Obra N.º 8401, Processo N.º 48652/948, Folha 2 e Obra N.º 8418, Processo N.º 46840/948, Folha 2, Arquivo Municipal de Lisboa – Núcleo Intermédio *cit. in* D'ALMEIDA, Patrícia Bento — Bairro(s) do Restelo, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.394.

³⁶⁴ UCHA, Maria Margarida Mariño — "*Português Suave*" e "*Arquitetura Doce*", *Contributos para uma historiografia da Arquitetura Portuguesa*, Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015, p.150.

³⁶⁵ UCHA, Maria Margarida Mariño — "*Português Suave*" e "*Arquitetura Doce*", *Contributos para uma historiografia da Arquitetura Portuguesa*, Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015, p.158.

³⁶⁶ Não esqueçamos que, para além do próximo parentesco entre Raul Lino e António Lino, este terá passado os primeiros anos da sua vida na Casa de Santa Maria (Cascais), projetada pelo seu tio.



44. Um aspeto dos volumes da casa, 2017.

E se, de um modo geral, encontram-se estas noções formalizadas nos volumes que, como já referido, se distinguem pela abordagem aparentemente mais compacta e prosaica que numa obra assinada por Raul Lino — dada, por exemplo, a pouca correspondência dos vãos, estáticos e sóbrios, ao recorte de um telhado que acentua alguns momentos da fachada —, é na estilização pontual dos elementos de ordem secundária que se confirma uma tendência para a simplificação dos contornos *tradicionais* numa *moderna* intenção, talvez embrionária de uma posterior síntese do *Português Suave*. Afinal, bastante pontual terá resultado a estilização destes elementos na casa das Águas Férreas, relativamente à linguagem que pouco tempo depois seria associada ao Estado Novo, "*sobrevalorizando os alçados e carregando-os de elementos simbólicos, reduzindo-os assim, frequentemente, a simples cenografia*"³⁶⁷. Por seu lado, concretiza-se esta casa por uma grande sobriedade que instintivamente lembra as arquiteturas chãs que ali na Venda Seca tomam lugar, nas quintas renascentistas das imediações (*Bonjardim, Molha-Pão*), e que afasta das Águas Férreas a excentricidade das "*vastas mansões, com motivos inspirados nos palácios da nobreza rural dos s. XVII e XVIII*"³⁶⁸ próprias de uma Encosta da Ajuda. Mas,

³⁶⁷ FERNANDES, José Manuel; PEREIRA, Nuno Teotónio — *A arquitetura do Estado Novo de 1926 a 1959*, in *O Estado Novo – Das Origens ao Fim da Autarcia* (1926-1959), Actas do Colóquio, vol. II. Lisboa: Editorial Fragmentos, 1987, p. 328 cit. in UCHA, Maria Margarida Mariño — "*Português Suave*" e "*Arquitetura Doce*", *Contributos para uma historiografia da Arquitetura Portuguesa*, Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015, p.89.

³⁶⁸ PEREIRA, Nuno Teotónio — *A Arquitectura de Regime, 1938- 1948 cit. in* BECKER, Annette (org.); TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried — *Portugal: Arquitectura do Século XX*. München, New York, Frankfurt, Lisboa: Prestel, 1998, p. 36 cit. in D'ALMEIDA, Patrícia Bento — *Bairro(s) do Restelo*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.247.

ainda assim, é numa pretensa atualização de vários elementos que reconhecemos a influência de um novo pensamento (e prática) em Arquitetura: no remate inferior da pedra que reveste os cunhais, acentuando a verticalidade dos corpos pela simplificação de um motivo secular; no tratamento das guardas do terraço e da varanda da sala de jantar, a modo de pesadas *ameias* intercaladas pela estrutura em ferro que se repete por vários vãos sempre no mesmo motivo industrializado; nos robustos *cachorros* que sustentam o varandim do quarto principal; e ainda no próprio tratamento dos vãos que, geralmente de cantaria simples, cedem ao decorativismo nos dois vãos da sala de jantar; bem como no pragmatismo de outros dois pares de vãos geminados em cantaria única. Com determinante peso, reflete-se ainda esta transição de pensamento na portentosa materialização das chaminés, ademais desproporcionadas aos volumes que encimam — traço, de resto, comum a posteriores casas de António Lino³⁶⁹. Mas é no mesmo recurso ao betão que possibilita estas chaminés e que compõe o vigamento dos pisos, que a casa das Águas Férreas suaviza parte do seu impacto, pela combinação com a alvenaria de pedra que constrói as paredes e pelo revestimento exterior, sobretudo ao nível das arcadas do pátio que, não constituindo a "*colunata de estilização clássica verticalizante ou em arco*"³⁷⁰ própria das interpretações do *Português Suave*, também não recorre à dominante composição de pedras recortadas a diversas dimensões, tendência das casas que posteriormente se viriam a construir sob aquele *estilo*. Na sua menor aspereza, a sua solidez é até conciliada com um certo aspeto amoroso e inócuo da *Casa Portuguesa*, que procuraria, afinal, "*numa suave ligação dos elementos, os beirais, o desenvolvimento largo dos telhados, os alpendres, as chaminés e tudo o mais, dar-nos a casa moderna em todo o seu esplendor, sem deixar no olvido a característica da chamada construção portuguesa*"³⁷¹ ...

É nesta aproximação a uma modernidade — e ainda recuperando a questão da informal organização funcional da casa — que se aponta o escritório como momento que, particularmente, parece apelar a um sentido inovador na

³⁶⁹ Como na casa da Avenida do Restelo, n.º 24, 1942 (D'ALMEIDA, Patrícia Bento — Bairro(s) do Restelo, vol. II, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.57), onde estas chaminés surgem, contudo, já mais integradas na subida das águas dos telhados; este tratamento dos telhados denota-se também no projeto da Colónia da CUF e atua como traço caracterizador do *Português Suave* (ver Anexo n.º12).

³⁷⁰ UCHA, Maria Margarida Mariño — "*Português Suave*" e "*Arquitetura Doce*", *Contributos para uma historiografia da Arquitetura Portuguesa*, Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015, p.96.

³⁷¹ *Casa de habitação. Vivendas Modernas em Lisboa, na zona residencial do Restelo (Encosta da Ajuda)*, n.º 10. Lisboa: Revista Arquitectura, Dezembro 1946, pp. 221-225 cit. in D'ALMEIDA, Patrícia Bento — Bairro(s) do Restelo, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.270.

abordagem do espaço, ao integrar-se no núcleo do quarto principal e pela proximidade que mantém com o terraço (embora não comunicando com ele³⁷²). É também esta mesma organização funcional que poderá, na realidade, advir de uma possível economia de meios que terá tido também determinante peso na expressão dos interiores, conferindo assim grande simplicidade ao conjunto no contraste entre um ambiente mais sóbrio e um exterior de *moderna* pretensão *erudita*. A este quadro viria, já nos anos 1950, tomar parte particularmente expressiva os contornos de um acrescento traçado pelo arquiteto Leonardo Castro Freire³⁷³, que viria alterar a varanda contígua à sala de jantar: uma *marquise* coberta em remate *pesado* e ademais destoante da restante concepção da casa³⁷⁴ — e que refletiria, afinal, a paradigmática tensão entre o *rural* e o *urbano* numa época de mudanças e constante adaptação entre termos³⁷⁵.

Outro paradigmático exemplo deste encontro de noções díspares, e do gosto pela ideia de *Casa Portuguesa modernizada*, viria a ser uma outra casa³⁷⁶ encomendada pela mesma família Corrêa de Barros para o Alto do Rodízio, em frente à Praia Grande, cuja autoria desconhecemos (de resto próxima daquele que

³⁷² Aspeto recolhido da descrição da casa n.º26 da Avenida Dom Vasco da Gama, Restelo (1959), projeto dos arquitetos Artur Pires Martins e José Gomes Bastos: "o escritório, [até então] divisão fechada e autónoma das restantes dependências - sobretudo das áreas de serviço -, para recolha do dono da casa, abre-se, tal como as salas, para uma grande varanda-solário cujo limite curvo se debruça sobre o jardim". D'ALMEIDA, Patrícia Bento — Bairro(s) do Restelo, vol. II, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.317.

³⁷³ (1917-1970); arquiteto também conhecido pelo maior pendor modernista do traço das suas obras.

³⁷⁴ Embora tendo, de certo modo, "como referência os solares e palácios que, inicialmente no século XVIII, seguem princípios renascentistas e de arquitetura chã, caracterizados pela planta regular, que a partir do pombalino se organizam em torno de um pátio", a formalização da casa das Águas Férreas não reflete totalmente "o 'português suave', neobarroco, [que] vai apresentar as características das fachadas da casa nobre barroca, no sentido da composição horizontal evidenciada pelo andar nobre, a verticalidade marcada através dos pináculos, a centralidade marcada pelo portal e janela de sacada, e pela estilização de elementos decorativos" (UCHA, Maria Margarida Mariño — "Português Suave" e "Arquitetura Doce", *Contributos para uma historiografia da Arquitetura Portuguesa*, Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015, p.49), preterindo parte deste rigor e representatividade para uma mais singela concepção.

³⁷⁵ Circunstância singularmente exemplificada pela encomenda de uma moradia para José Pereira Caldas, na encosta da Ajuda, ao arquiteto Cottinelli Telmo: "vindo de Benfica, (certamente) acostumado aos 'ares do campo' — ou influenciado pel'Os Maias (...) este cliente também quis incluir na sua moradia (citadina) (...) anexos campestres como uma cavaliça, galinheiro, coelheira, lago para patos e estufa-fria". D'ALMEIDA, Patrícia Bento — Bairro(s) do Restelo, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.252.

³⁷⁶ "Nova fábula das construções de 'casas de fins-de-semana', matriz de um também novo modo de estar na vida e de viver na cidade". ACCIAIUOLI, Margarida — *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes - Restauração e Celebração*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.592.

seria o *Bairro dos Arquitectos*, anos 1940, exemplo de uma nova *modernidade* na utilização de elementos tanto tradicionais quanto modernos, mas já segundo uma capaz compreensão do espaço e integrada relação com a paisagem natural³⁷⁷). Ainda que amplamente estilizada pelos híbridos valores plásticos entre o *tradicional* e o *moderno*, a casa da Praia Grande é capaz de transmitir o mesmo gosto pelo *rústico* encontrado na casa das Águas Férreas, embora aqui mais *lúdico*, próprio a um novo modo de habitar e de se expor; constatamos também que, construtivamente, terá sido privilegiado o mesmo recurso à técnica mista (alvenaria de pedra e betão).

45. Casa da família
Abecassis Corrêa de
Barros na Praia Grande
(Sintra), 1950.



³⁷⁷ No Rodízio ter-se-á desenvolvido uma atitude que refletiu sobre dois aspetos: "o português regionalista e o modernista já não moderno", "que respeitou a paisagem" e retomou o respeito pelo "valor real dos materiais, como a pedra, a madeira ou o azulejo, esquecidos ou relegados pela argamassa do betão e suas formas escultóricas próprias" do Português Suave; ou seja, retomando parte das virtudes espirituais que Raul Lino teria associado à dialética da Casa Portuguesa, já "num contexto de modernização dentro de parâmetros nacionalistas que deu alento a 'um género' de natureza híbrida que ficou sendo conhecido como 'rústico'". ACCIAIUOLI, Margarida — *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes - Restauração e Celebração*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, pp. 593, 594.

Por fim, do reconhecimento ao lugar material da Quinta das Águas Férreas, durante este capítulo tecido a partir das suas referências históricas e formais, entendemos-lhe já uma específica identidade, uma particular habitabilidade que remete à reinterpretação da tradição, voltada já para o modernismo da técnica e da função, mas ainda próxima dos enraizados valores de *bom gosto* — próprio a um habitar nacionalista que tinha imposto o seu forte cunho (nem que, apenas estético) desde algumas décadas atrás.

Para além deste contexto específico, torna-se agora necessário clarificar a *experiência* do lugar, que nos dará conta das suas ambiências particulares. Do âmbito *subjetivo* ao *objetivo*³⁷⁸, a *experiência* estabelece uma ligação reveladora da *utilidade* própria e insubstituível que o objeto tem para o sujeito, uma vez que a sua identidade é única. Essa *experiência* — "*a parte de dentro de todas as coisas, que é por onde elas têm contacto com a minha alma*"³⁷⁹ — sugere um *encontro*, e "*nesse entendimento realiza-se uma ação de unificação do outro comigo, que constata no 'fazer sentido'*"³⁸⁰. É este o troço que de seguida percorremos.

³⁷⁸ A sensibilidade do sujeito e a realidade da obra, respetivamente.

³⁷⁹ PESSOA, Fernando — *Livro do Desassossego* por Bernardo Soares, p.546 » <https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/11/Livro-do-Desassossego-.pdf>

³⁸⁰ ABREU, Pedro Marques - *Palácios da Memória II: A Revelação da Arquitectura*, vol. I, Tese de Doutoramento em Arquitetura. Lisboa: FAUTL, 2007, p.87.

III. O LUGAR *SENTIDO*

*"Gozar uma flor é estar ao pé dela inconscientemente
E ter uma noção do seu perfume nas nossas ideias mais apagadas."*³⁸¹

³⁸¹ PESSOA, Fernando — *Poemas Inconjuntos. Poemas de Alberto Caeiro*, 10.º ed. (João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor, not.). Lisboa: Ática, 1993, p. 98.



3.1. LEITURA

3.1.1. Introdução *Vegetal*

Conforme anteriormente descrito³⁸², o território em que se distende a Quinta das Águas Férreas usufrui de uma grande proximidade à Serra da Carregueira. Esta condição confere-lhe um assentamento topográfico particular — inserido na mais abrangente área de conformação de vale entre esta Serra e a de Sintra —, que aqui é concretizado por um declive relativamente acentuado, tomando a direção dominante norte-sul. É também segundo esta direção que o terreno é recortado por uma expressiva zona de vale, rematada por outra, mais a sul, já segundo a direção nordeste-sudoeste. Estas axialidades são fortemente sentidas quando percorremos a Quinta, não apenas pela demarcação lateral dos seus limites — que se encontram, naturalmente, a cotas topográficas mais elevadas, aspeto enfatizado pela vegetação³⁸³ — mas também pelo realce conferido pela água, elemento inerente à conformação dos vales³⁸⁴. Duas linhas de água percorrem o território segundo as mesmas direções e contribuem decisivamente para estabelecer vários aspetos que se revelam como característicos do lugar, nomeadamente a fertilidade proporcionada aos terrenos de cultivo, que assim abundam de variada vegetação, ou a sensação da sua presença vital em vários momentos da Quinta, mesmo quando a própria não é distintamente visível à superfície³⁸⁵.

Realidades complementares, topografia e rede hidrográfica dialogam entre si num entendimento dinâmico e inventivo preconizado na riqueza vegetal³⁸⁶ que, na sua variada altimetria e volumetria, ora liberta e influi no ordenamento do espaço apto ao cultivo agrícola e ao trabalho dos campos, ora se condensa em manchas onde as copas, na sua folhagem difusa, filtram a luz solar e formam, sobre nós,

46. (p. anterior)
Percurso em mata na
Quinta das Águas
Férreas, 2017.

³⁸² Ver cap. II. *O Lugar Constante* — 2.1. A Região: 2.1.1. O Território de Venda Seca e Belas).

³⁸³ "The feeling of a boundary is strengthened by the vegetation". NORBERG-SCHULZ, Christian — *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1984, p.84.

³⁸⁴ "The plain, thus, makes extension as such manifest, whereas the valley is a delimited and directed space. (...) the presence of water may emphasize the place-structure of the surface relief. A valley is literally "underlined" by a river". NORBERG-SCHULZ, Christian — *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1984, pp.37 e 39.

³⁸⁵ Para além dos já referidos factos acerca da nomenclatura da própria Quinta, cujas águas *férreas* terão sido tidas como medicinais (ver cap. II, 2.1. *O Lugar Constante* - 2.2. A Quinta das Águas Férreas).

³⁸⁶ "The hill and the river are opposed but complementary forces, which make nature become alive with expressive power". NORBERG-SCHULZ, Christian — *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1984, p.92.

como que um tecto baixo e abobadado que esboça um ambiente convidativo à contemplação e ao passeio *romântico*³⁸⁷.

De facto, ao percorrermos os diversos caminhos que a Quinta nos apresenta, por entre uma dificuldade própria do abandono a que foi sendo votada, afiguram-se-nos como constituintes da paisagem vegetal vários elementos caracterizáveis como próprios do imaginário *romântico*. Por entre subidas e descidas num terreno extenso mas irregular — um jogo de compassos rítmicos ora curtos, ora longos —, serpenteamos por entre troncos massivos e recantos sombreados e sentimo-nos inseridos num ambiente cujo sistema de orientação é essencialmente topológico e a riqueza advém da variedade de situações experimentadas. Pelo caminho, surgem marcas deixadas pelos sistemas de recolha e condução de água que aludem àquela que ali foi uma presença constante e fundamental...



³⁸⁷ "Seen from an extended open plain, the sky becomes a complete hemisphere (...), its appearance is all-embracing and truly grandiose. In places with a pronounced surface relief or rich vegetation, however, only a sector of the sky is seen at the time. Space contracts, and the landscape becomes intimate or even constricted." NORBERG-SCHULZ, Christian — *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1984, pp.39-40.

Mas não apenas de um carácter mais onírico (e até, misterioso) se constitui a *fisionomia natural* deste lugar. Existe também uma crueza que o complementa — e equilibra — e que podemos relacionar com a *paisagem clássica* identificada por Norberg-Schulz³⁸⁸, afinal, paradigmática da área geográfica em que Portugal se insere. Nas áreas mais despidas de arvoredo alto, o solo parece-nos mais extenso, assim como a presença do céu; observamos a definição clara dos seus contornos, iluminados por um sol que ali parece mais generoso (por vezes, até, hostil). É-nos permitido o entendimento de uma realidade que ali se apresenta *crua* e prática, associada à imagem dos campos de cultivo; já não nos sentimos pequenos, como junto àquelas árvores imensas que oferecem um recolhimento propício à idealização, mas parte de um todo: inseridos no vale alargado ou junto aos pomares, somos *do nosso tamanho*, na escala humana que nos é devolvida. Sentimo-nos mais próximos do real e da *concretização* de algo...³⁸⁹

É este interessante confronto, afinal, muito próprio destes lugares acercados de Lisboa onde ainda perdura alguma da realidade dos extensos campos saloios, abrigados pela proximidade de serra cujo encanto vegetal muito equilibra a nudez daqueles. No contexto das Águas Férreas, porém, é a robusta expressão de mata que parece tomar ênfase no conjunto geral (sobretudo junto aos núcleos construídos, a norte), por irromper no nosso percurso com grande intensidade — dado que as transições entre diferentes ambientes são aqui bastante orgânicas. Pois, não obstante o peso que os campos de cultivo terão tido no conjunto, depreendemos uma perspectiva própria na relação com a ruralidade, revelada no entrecortar da secura agrícola com ambiências de pendor mais romântico, de uma envolveria mais intimista... Uma provável matriz menos formal ter-se-á, provavelmente, vindo sobrepor a uma organização mais regrada (ainda remanescente entre os núcleos mais antigos) e vindo proporcionar uma mais

(p. anterior)

47. Perfil longitudinal
poente (território),
2019.

48. Perfil longitudinal
nascente (território),
2019.

49. Perfil transversal
norte (território), 2019.

esc. 1/2500

³⁸⁸ "The ground is simultaneously continuous and varied (...); all dimensions are 'human'; (...) 'receives' light without losing its concrete presence (...). In general the classical landscape may be described as 'a meaningful order of distinct, individual places'. (...) He [man] places himself in front of nature as an equal 'partner'. (...) The union of man and nature is rather expressed through the practical use of agriculture, which accentuates the landscape structure as an 'addition' of relatively independent, individual places. (...) harmonious equilibrium of earth and sky" NORBERG-SCHULZ, Christian — *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1984, pp. 45-46.

³⁸⁹ "A forte ruralidade destas propriedades, porque todas elas se destinavam fundamentalmente à produção agrícola, raramente permitia, porém, que a água e as plantas fossem usadas para puro deleite ou recreio. As fontes haviam de embelezar mas teriam de fornecer a água para a habitação e para os animais, os lagos seriam também tanques de rega, os jardins com espécies ornamentais não podiam ser plenamente usufruídos sem o complemento do pomar, da horta e dos caramanchões que os ligavam". CALDAS, João Vieira — *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII*. FAUP Publicações. Porto. 1999. 2a Edição, p.147

intensa alternância de experiências que, apesar de complementares, dão impressão de impulsividade e de maior liberdade. Esta variedade e intensidade de cenários apresentados na componente vegetal da Quinta já a torna, por si só, bastante atrativa, permitindo um quase total desprendimento da urbanidade ali próxima e a aceitação de um ritmo mais tranquilo no contacto com uma natureza cuidada.

Nas suas diversas manifestações, terra e água configuram-se de um modo particular, que sugere o potencial pulsar de uma afirmação latente, dando impressão de uma maturidade por consolidar, de um todo por equilibrar. A força e o dinamismo invocados pelos diversos momentos que se experienciam ao longo dos percursos, ritmados pela alternância de cotas topográficas e pela variedade vegetal — bem como pela própria luminosidade cambiante —, não se traduzem numa natureza hostil, mas antes incitam à descoberta e ao entendimento, um apelo à relação *de igual para igual* entre Homem e paisagem. É da efetivação desta correspondência que a componente construída se concretiza, estabelecendo-se não apenas de acordo com as condicionantes da estrutura física do lugar mas, não menos importantemente, com os significados simbólicos veiculados a partir dessas mesmas condições, uma vez passados pelo filtro da interpretação humana.

De acordo com este entendimento, de entre o conjunto edificado, reconhecemos particular interesse em três momentos centrais da Quinta: o núcleo da casa, o núcleo dos torreões e o núcleo dos embrechados, como estruturas significantes fundamentais, melhor capazes na concretização dos simbolismos captados e interpretados pelo Homem a partir das condições daquela paisagem vegetal específica³⁹⁰.

Considerando a intervenção de António Lino enquanto importante charneira da existência do lugar, por atuar como nova habitabilidade e, até, *ressignificação* integrada num palimpsesto vegetal e construído de mais recuadas épocas, consideramos a casa como momento central e representativo dessa nova perspetiva sobre a Quinta, que aqui nos propomos entender.

³⁹⁰ Arquitetura como estrutura de significados — "*The man-made environment where he lives is not a mere practical tool or the result of arbitrary happenings, it has structure and embodies meanings.*"; "*the meanings which are gathered by a place constitute its genius loci.*" NORBERG-SCHULZ, Christian — *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1984, p.50 e p.170.

3.1.2. Aproximação

Importará ressaltar que, para o reconhecimento destas estruturas, e de entre os percursos pré-existentes, foi identificado um percurso principal que, embora não sendo o mais formal na aproximação aos elementos, foi o que mais naturalmente a morfologia do lugar apontou, o que identifica o *gesto*³⁹¹ inerente à Quinta.

50. Percurso tomado na leitura da Quinta, 2019.

O troço a pontilhado surge como complemento



Percorrida a longa estrada que nos fora apresentando uma Venda Seca sobejamente pacata e humilde — a mesma que contorna o lado nascente da Quinta —, somos chegados ao grande portão de ferro com que as Águas Férreas timidamente saúdam o largo da povoação. É esta, afinal, apenas uma entrada secundária que logo nos apresenta um núcleo de apoios agropecuários e uma casa de caseiros, coevos à intervenção de António Lino. Não obstante alguns indícios de parentesco urbano, como a estilização de um frontão que encima a fachada da vacaria, ou mesmo a organização algo industrializada do seu interior, é este um ambiente que desde logo grande impressão de ruralidade nos traz, como uma introdução ao propósito maior da Quinta.

Daqui partem dois caminhos que nos impelem a imergir no território: para poente, um acesso que logo acede às parcelas agrícolas que subsistem em zona de vale, dando-nos conta da fértil imensidão daqueles terrenos, pulsantes de vida espontânea; para sul, o caminho que tomamos.

³⁹¹ Por *gesto*, entende-se “o encadeamento ordenado dos movimentos — do andar e do olhar — e dos sentimentos (...) com que a obra, mediante a sua forma, se imprime no sujeito que a experimenta”. ABREU, Pedro Marques — *Palácios da Memória II: A Revelação da Arquitectura*, Tese de Doutoramento em Arquitectura. Lisboa: FAUTL, 2007, p.227.



51. Aproximação e apoios agropecuários, 2019.

Os apoios agrícolas sucedem-se e abre-se, a poente, o referido vale que nos separa da casa — que ao longe emerge de uma cota superior, demarcando-se do *verde* que abunda, o *verde* que é toda a Quinta... Inflitando já o percurso, é este cenário inusitadamente entrecortado por uma zona de mata que nos faz alhear do que até ali conhecêramos. A alta vegetação contrai-se sobre nós, permitindo uma breve pausa intimista e revelando uma outra dimensão própria a este lugar.

3.1.3. Casa e Pátio de Chegada



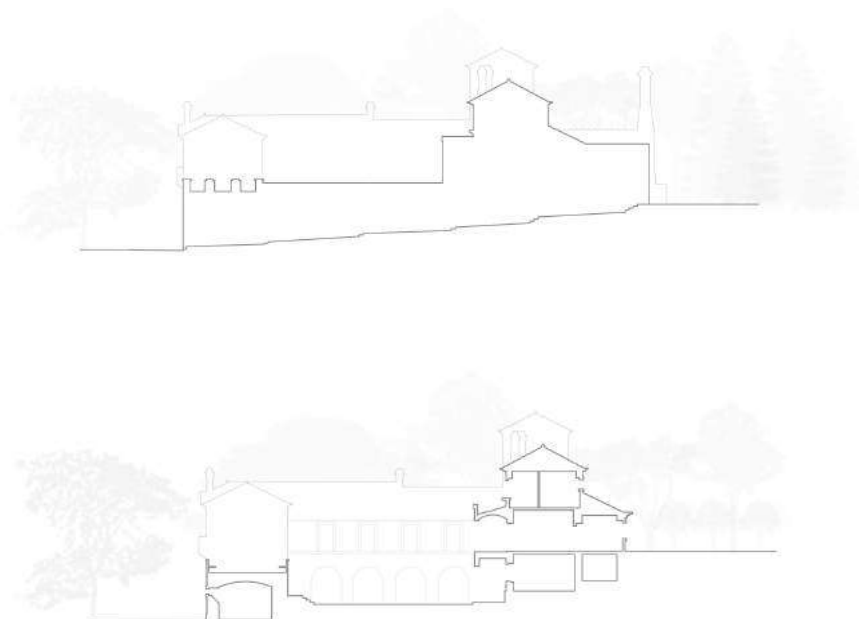
52. Casa e Pátio de Chegada, 2019.

A casa assoma no recorte do horizonte como uma presença forte, assente numa elevação topográfica (cerca de quatro metros acima da cota mais baixa da zona de vale). Dos seus contornos, retemos a imagem de uma composição

volumétrica de ar massivo mas suficientemente irregular (nas suas altimetrias), para que nela reconheçamos, imediatamente, uma analogia àquelas impressões que achámos presentes na paisagem *natural* — preconizadas na articulação entre momentos mais estáticos e outros mais dinâmicos. A este entendimento não será alheio o fundo de plátanos que emoldura a orla poente da casa, acentuando daquele lado sombras sugestivamente românticas e nostálgicas, e o extenso renque de ciprestes que parece dar seguimento à fachada oposta, abraçando o vale agrícola a norte³⁹². Na sua conformação *em U*, a casa ancora o seu peso robusto no demarcado assentamento horizontal com que enfrenta o vale. Mas é do seu toque pouco linear com um céu já profusamente recortado por altas copas — às quais se somam as possantes chaminés que encimam os generosos telhados — que a sua verticalidade ganha expressão, dotando o conjunto de um certo *dinamismo* que, porém, não alcança a *elegância* — aspeto declarado na sua torre, pouco alta e distinta face à demais construção³⁹³.

53. Alçado nascente
(casa), 2019.

54. Secção nascente
(casa), 2019.



³⁹² "In the tree heaven and earth are also united, not only in a spatial sense because the tree rises up from the ground, but because it grows and is 'alive'. (...) In general vegetation is the manifestation of living reality". NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1984, p.25.

³⁹³ Sobre estes aspeto teríamos já confrontado a dualidade *horizontal/vertical* também presente na casa da Quinta da Comenda, de Raul Lino (ver cap. II, 2.2. *A Quinta das Águas Férreas* - 2.2.3. *A Casa Portuguesa na Quinta das Águas Férreas*).

De facto, é esta torre um dos elementos que aponta para a tendência de polarização do território por parte da casa que, tanto na sua formalização quanto na sua implantação³⁹⁴, sugere uma intenção de articulação com o todo vegetal. Ainda que se tenha a torre como pré-existência, é esta uma intenção, no entanto, pouco *segura*: uma potencial relação mais direta entre casa e *natureza*, num sentido operativo, estruturante e simbólico, é preterida em favor de um tendencial isolamento da casa que, ao *fechar-se* sobre si mesma num aparente *individualismo* e contenção, comunica pouco *à-vontade* na tomada de posição frente à vasta envolvente exterior³⁹⁵. As razões para isto conduzem-nos ao essencial do sentido desta Quinta e chegam-nos a partir dos traços físicos emergentes da casa, assim como da habitabilidade que esta sugere na relação com o meio.

Detemo-nos. Ainda enleados pelo atravessamento da mata que irrompeu no nosso caminho, sentimo-nos, já diante da casa, algo alheados do bucolismo que até ali nos envolvera. De facto, se toda esta atratividade campesina e as suas valências naturais foram atuando ao longo dos tempos como *âncora* aos assentamentos humanos que tomaram parte na Quinta, é este facto verdadeiramente paradigmático para o período de reedificação ao qual a casa pertence. Mas, nesse encontro com o campo — desejada fuga a um destino premeditado, tecido pelas invariabilidades do quotidiano citadino —, este particular carácter burguês³⁹⁶ não se desfez da raiz urbana que lhe era mais confortável (presente num pensamento mais pragmático, materializado na depuração das formas).

Pois, ainda que numa primeira impressão seja óbvia a articulação de traços reminentes a uma gramática da *Casa Portuguesa* — que, da particular síntese dos valores caros à tradição de um país, resultaria também capaz na integração no lugar e na natureza —, é num olhar mais atento que reconhecemos aqui uma particular inibição operativa das *virtudes materiais e espirituais*, vitais à concepção de Raul Lino: a autenticidade que protegeria a *bem-querida* concepção de *ruralidade* de se revelar algo limitada ou demasiado romantizada, apenas presente enquanto objeto de deleite burguês. Por seu lado, ao ficar-se por uma

³⁹⁴ Conforme já referido, a implantação da casa situa-se a uma cota superior à zona onde se estendem os vales com potencial agrícola, circunstância que permite que os telhados, limites superiores dos vários corpos da casa, se disponham a uma altitude semelhante à das altas copas — o que, simbolicamente, indica um desejo de alcançar a mesma magnificência da natureza.

³⁹⁵ Sobre este aspeto teríamos já referido a inutilização de cotas como possibilidade construída, o que denota uma *incompreensão* da casa face ao meio natural.

³⁹⁶ Determinado pelos traços da casa, *entre o vernacular e o erudito*.

leve adaptação daquelas noções amplamente reinterpretadas, a casa das Águas Férreas pragmatiza a questão *da casa portuguesa* pela articulação de alguma da linguagem própria àquele imaginário, sem porém conseguir conter muitos dos significados nela presente³⁹⁷. Entrevemos-lhe uma inovadora mas frágil concepção de modernidade, que não chega a desafiar a tradição³⁹⁸. Daqui decorrerão necessariamente outros temas anteriormente explorados, como a concretização destes pensamentos no recurso aos novos materiais, ou uma certa manifestação inicial do híbrido *Português Suave*³⁹⁹; circunstâncias que viriam enfim afirmar, a par da *"sólida afirmação de volumes"*⁴⁰⁰, uma disponibilidade e adaptabilidade próprias de um *jovem* entendimento da Arquitetura, mas, também, uma fragilidade no entrecruzar daquelas noções a que se propunha corresponder: a modernidade própria do *seu tempo* e a particular tradição do *seu lugar*. Há portanto uma tendência para a simplificação desta tradição, aliada a uma certa depuração própria de um novo modo de pensar e construir em Arquitetura que, pelo parco domínio das linguagens e da *"suave ligação dos elementos"*⁴⁰¹, desloca o foco do *carácter* para a *estética* e faz resultar o todo numa mais prosaica e compacta composição⁴⁰².

³⁹⁷ Principalmente quanto à relação com a envolvente natural, mas também na profundidade entre a relação do Homem com um habitar mais poético, em comunhão com o lugar e com a arte; o modo superficial a que recorre àquela *"paleta temática e compositiva"* (RAMOS, Rui Jorge Garcia - *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.111) não produz conteúdo significante. *"A geração Modernista praticou também uma arquitetura marcada visualmente pela aposição de signos nacionalistas, mais que intrinsecamente tradicionalista, portanto também longe do pensamento e prática de Raul Lino"*. PEREIRA, Michel Toussaint — *Da Arquitectura à Teoria e o Universo da Teoria da Arquitectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, Tese de Doutoramento em Arquitetura. Lisboa: FA-UTL, 2009, p.253.

³⁹⁸ Herança respeitosamente recebida mas não totalmente compreendida, logo, também inventivamente considerada.

³⁹⁹ Para esta realidade tomarão parte fundamental duas circunstâncias que concorrem também para a originalidade verificada: se, por um lado, a autoria do projeto daquela casa ter-se-á devido a António Lino, arquiteto cujo espólio viria a incluir obras essencialmente modernistas, por outro, a já emergente questão construtiva do uso de betão armado (ainda que empregue de forma mista com as alvenarias de pedra) ter-se-á demarcado enquanto solução a forçosamente determinar implicações à identidade final do objeto, pelo simplificar das suas linhas — afastando-a dos contornos mais refinados (e, afinal, sempre mais próximos da *natureza*) — de uma *verdadeira Casa Portuguesa*.

⁴⁰⁰ ACCIAIUOLI, Margarida — *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes - Restauração e Celebração*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.614.

⁴⁰¹ D'ALMEIDA, Patrícia Beirão V. Bento — *Bairro(s) do Restelo*, vol. I, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, p.270.

⁴⁰² Quanto àqueles elementos passíveis de aspeto mais refinado (quando comparados a obras de Raul Lino).

De facto, ainda que na implantação dos núcleos seja sugerida uma jovem intenção de articulação operativa sobre os campos, como uma intuitiva busca pelos desafios e a liberdade que a ruralidade inspira, esta mesma representatividade procurada no exterior, em linha com o *bom gosto tradicional* e remanescente de um poder sobre o meio (de contornos, até, senhoriais), é sintomática de um desejo de afirmação num meio que não lhe é próprio. Como uma *insegurança* na concretização dessa correspondência operativa, vêm os contornos urbanos suspender aquele conteúdo próprio ao sensível encontro entre arquitetura e natureza — e, mesmo, arquitetura e Homem, na correspondência a um habitar poético e significativo⁴⁰³. Ainda que de modo subtil — dada a adaptabilidade do arquiteto em fazer transparecer na expressão da casa aquela familiaridade que mantinha com uma certa estética da *Casa Portuguesa* —, esta emergente modernidade sugere também uma proteção e contenção face àquele entorno vegetal, como se, afinal, não houvesse uma *preparação* real para lidar com aquele meio que grande fascínio exerce.

No encaixe do nosso percurso, e depois de visitado o compartimento abobadado que, integrado no volume da casa, mantém acesso independente, alcançamos por meio de alguns degraus (e segundo uma entrada secundária) o pátio para onde deitam as arcadas da casa nas suas três fachadas interiores⁴⁰⁴. Não obstante o fechamento pelo muro que remata o seu lado nascente — aludindo a planta própria de casa secular, com recurso ao mesmo tipo de elementos clássicos (fonte, escada lateral, muro) —, é este pátio lugar sintomático de uma sugestiva atratividade que o exterior-*natural* exerce sobre a casa, apesar da verificada inibição ou pouca permeabilidade entre termos — *construído e vegetal*. Disto nos dão conta os elementos que tendem para a concretização desse diálogo, como o desenho dos espaços de transição entre interior e exterior que, embora motivadores dessa relação, não concretizam na totalidade as suas potencialidades⁴⁰⁵; os dois vãos que abrem o olhar através do muro que remata a casa na sua conformação em *U*⁴⁰⁶, num avanço tímido aos campos agrícolas da

⁴⁰³ No entanto, será interessante notar que esta dimensão agro-rural nem é, sequer, própria às casas de Raul Lino, mas sim às quintas seculares senhoriais que cremos estar na origem da Quinta das Águas Férreas. A *Casa Portuguesa*, apesar de estar mais voltada para uma burguesia urbana e de não incluir uma operatividade sobre o meio rural propriamente dito, conseguia relacionar-se com esse meio através da componente artesanal, fundamentada, e de uma geral adaptação ao meio.

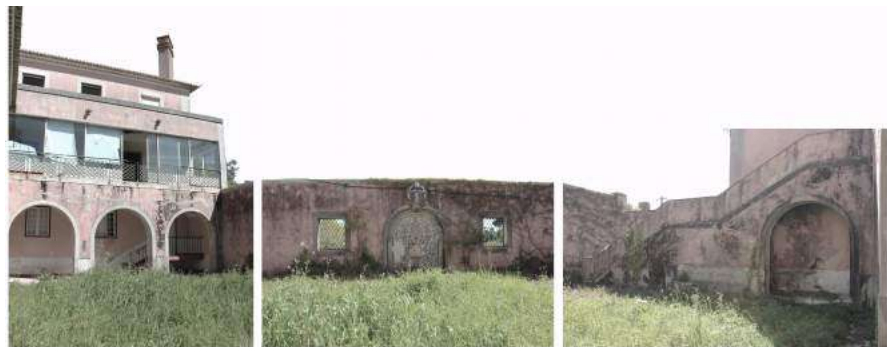
⁴⁰⁴ Consultar o esquema funcional da casa. Ver Anexo n.º13.

⁴⁰⁵ Nicho de entrada na casa a partir do pátio de chegada, mas também alpendre do pátio interior e varanda da sala de jantar. Ver cap. II, 2.2. A *Quinta das Águas Férreas* - 2.2.3. A *Casa Portuguesa na Quinta das Águas Férreas*).

⁴⁰⁶ Reproduzindo o que Norberg-Schulz considera, na paisagem clássica, "*the enclosed garden or 'paradise' (...); the harmonious middle [where man] may reach 'out' as well as 'in'; 'holes' in a*

zona de vale; ou o terraço que se estende para os mesmos campos e demais orla vegetal a sul, ainda que desamparado na sua cota não correspondente ao interior do quarto que lhe está adjunto (escritório). Esta relação, que aqui se estabelece essencialmente ao nível do piso térreo, é retomada nos pisos superiores da casa, como do pátio conseguimos com o nosso olhar afiançar — numa *marquise* de linhas assumidamente modernistas, com o seu envidraçado coberto pelo peso das depuradas linhas do betão⁴⁰⁷, em remate *impermeável* ao exterior; ou mesmo no panorama aberto pela torre que, oferecendo a paisagem a sul, plena de campos e frondosas copas, deixa-se conter pela proximidade aos telhados do piso inferior⁴⁰⁸.

55. Pátio interior (casa), vista para nascente, 2019.



É sobretudo nos interiores da casa que as potencialidades identificadas, mas não concretizadas — uma maior correspondência da arquitetura com o meio e com o habitar significativo — encontram maior margem para desenvolvimento. Transposta a porta que liga o pátio à sala de bilhar, é no percorrer das sucessivas divisões em esquema funcional informal, conforme já notáramos, que entendemos de imediato uma notória discrepância entre a representatividade

massive wall give emphasis to enclosure and interiority". NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1984, p.67.

⁴⁰⁷ Intervenção do arquiteto Leonardo Castro Freire em 1956; remate ademais destoante da restante concepção da casa — e que traduziria, afinal, a paradigmática tensão entre o *rural* e o *urbano* numa época de mudanças e constante adaptação entre termos.

⁴⁰⁸ Dada a sua formalização e localização no conjunto da casa, torre e terraço concretizam assim dois momentos particularmente aptos na comunicação de alguns conteúdos significantes em que importa atentar, principalmente no que concerne a esta particular relação entre núcleo construído e o seu entorno. O terraço é um momento que atua sobre a natureza dos campos agrícolas; a formalização a cota mais baixa sugere essa relação, assim como a franca abertura ao entorno e a inexistente comunicação com o interior da casa; possui dimensão operativa porque induz à proximidade com os campos, dentro do perímetro da casa, e à reflexão sobre eles. A torre alude a uma certa representatividade e polarização do lugar; eleva-se sobre a paisagem e permite a dimensão romântica pelo afastamento.

exterior, onde as proporções e a formalização de aspetos *clássicos*⁴⁰⁹, mas também a *atualização* de aspetos tidos de *bom gosto* e tradição, concorrem para uma *sensação* formal, no enobrecimento daquele primeiro impacto; e a simplicidade de um interior de onde foram apartadas não apenas estas intenções, como muitas das circunstâncias que contribuiriam para uma certa *densidade* (ou *poética*)⁴¹⁰ do habitar, substituída que foi pela uniformização de ambientes entre compartimentos, de onde o pouco detalhe deriva da alternância de cores dadas aos paramentos ou da presença de nichos encastrados — tendência, de resto, demasiado pontual para poder ser consistente como intenção. Porém, é sempre mantido um ar de dignidade, uma *sóbria* mas *fresca* compostura que sugere um potencial conforto, como uma certa distinção vinda de um fundo de singeleza: no recorte da espessura das paredes no encontro com os vãos nas salas e quartos; no incorporar de um sóbrio tecto acaixotado em gesso na sala de estar; na cómoda dimensão dos degraus em madeira da escada interior; mas também na seleção dos materiais⁴¹¹, de onde se depreende o valor dos discretos detalhes numa agradável apresentação. Ademais, para o carácter percebido, maior importância toma a seleção de cores que cobrem as madeiras, uniformemente brancas, com apontamentos verde-escuro, num apelo a uma certa rusticidade de entre um contexto de latente sofisticação. Apenas no escritório a cor das madeiras dos nichos encastrados é mais escura (ao natural), como se deste espaço emanasse uma expressão mais *profunda* e *madura*. De facto, é esta divisão uma das que maior procura pela qualidade do habitar sugere, naquele conforto materializado pelo maior uso da madeira e pelo assumir de uma potencial modernidade na abertura do vão que induz a uma ligação direta com o terraço — que, porém, não se verifica⁴¹².

⁴⁰⁹ Como o pátio (com pequena fonte de revestimento azulejar datado de 1935, encimada pela pedra de armas dos Jansen Moller, e pavimento em tijoleira semelhante ao do Paço de Belas, por intervenção de Raul Lino), arcaria, torre e a própria disposição da planta em U.

⁴¹⁰ Vejam-se as qualidades espirituais do habitar *poético* da *Casa Portuguesa*, anteriormente referidas; ver cap. II, 2.2. *A Quinta das Águas Férreas* - 2.2.2. *A Casa Portuguesa*).

⁴¹¹ Figuram na casa, enquanto materiais mais recorrentes, a tijoleira nos pavimentos do piso térreo e áreas servidoras; a madeira nos pavimentos dos restantes quartos (em realce da geometria da divisão), caixilharias, moldurações de vãos e paredes, portas, nichos e escadas interiores; os estuques em tectos falsos; a pedra nas cantarias de vãos e no forno da cozinha.

⁴¹² De resto, esta moderna concepção espacial aqui singularmente tida muito vai de encontro à ideia de casa portuguesa — que, porém, não encontra repercussão nos espaços de transição, onde uma desejada poética se esfuma no pragmatismo formal que apenas serve a função (no distender de um extenso corredor que uniformiza a transição para cada divisão servida; ou na incorrespondência entre o mundano movimento de passagem e a representatividade dada pela sucessão de vãos de sacada no mesmo corredor).

Nesta pouca expressividade interior geral, que homogeneiza ambiências que se pretendem *únicas*, distintas entre si, é revelado um certo recato ou, novamente, *superficialidade* na abordagem a um *valor material* (estético) e *espiritual* (significante) que se revela bastante díspar daquilo que presumiríamos julgando pelo seu exterior e que, na sua neutralidade, nem se permite ao mais complexo diálogo com uma artesanidade dos materiais — como, por exemplo, numa casa das Azenhas⁴¹³ onde, à semelhante depuração formal dos interiores, corresponde porém um mais profundo *coração* da casa, no *sentir* artesanal do detalhe. Ademais, as posteriores intervenções — como a introdução de *estores* ou a já referida *marquise* — viriam desvirtuar ainda mais estas noções, pelo vincar de uma incauta aproximação à *modernidade*⁴¹⁴.

Mas se, por um lado, reconhecemos neste particular carácter uma fragilidade na habitabilidade que produz — sobretudo quando inserido naquele meio campestre tão rico —, por ficar por amadurecer um determinado tipo de acolhimento muito decorrente do valor artístico que Raul Lino sublinhava (que supunha o cunho artesanal e a verdade dos materiais e das intenções espaciais na relação com o meio) é, afinal, esta procura por uma modernidade (ainda pouco definida e ainda *com um pé* na tradição veiculada pela *Casa Portuguesa*, sobretudo encarada de forma estética) própria de uma jovem urbanidade adquirida, onde se começava a privilegiar o funcionalismo e a expressão da técnica face à componente artística e ao habitar mais poético, do acolhimento da alma e da conexão à natureza. Esta tendência não inviabiliza, porém, um certo alheamento romântico cultivado na esfera íntima, que aqui é reproduzido nesta atração sobre a natureza rural que, de algum modo, se deseja repercutir na casa.

De novo atravessada a passagem por onde acedêramos ao referido pátio, agora para o exterior, a nossa direção volta-se para poente, no encontro ao assombreado terreiro de chegada cujas frondosas copas parecem revelar uma intimidade até aqui escondida pelos traços urbanos e mais pragmáticos da casa (burguesa e centrada sobre si mesma). Na realidade, parece-nos agora encontrar uma nova envolveria, dada pela filtragem da luz solar e por uma conformação específica que permite um enlace mais uno entre entorno construído e vegetal — que em muito contrasta com os campos até aqui percorridos, mas que lembra o encantamento romântico sentido na zona de mata. Esta forte correspondência

⁴¹³ Casa nas Azenhas do Mar (1920), Raul Lino.

⁴¹⁴ Apontamos aqui para o ambíguo sentido de *modernidade* — por um lado, o habitar poético mas *moderno* da *casa portuguesa*, na articulação inventiva entre espaços e profundo sentido das ambiências na correspondência da arquitetura com o meio e com o habitante; por outro, a *modernidade* da *máquina*, que resulta pouco profunda, sem grande conteúdo quando transportada a um lugar com estas características — naturais e construídas.

entre as estruturas ali dispostas deriva de uma articulação fortemente humanizada⁴¹⁵ de vários elementos significantes que, ali estáticos sob o ondular das imensas sombras, exalam uma melancolia intimista que permite a reflexão após o passeio pelos campos vastos e inundados de sol, onde a energia é voltada para o *futuro*. Este controlo sobre a paisagem menos rural é também remanescente a uma época passada da Quinta, mais formal e regrada, da qual esta estrutura faz parte⁴¹⁶; há uma formalização do território, no sentido de o enobrecer, e há uma sensação de pausa e demora. Aqui descansamos e sentimo-nos acolhidos pela *maternal* companhia dos plátanos que nos embalam no encantamento e sonho, nas reflexões bucólicas propiciadas. Para além das particularidades até aqui reconhecidas como parte do sentido da Quinta, descobrimos agora nesta melancolia uma sensação de algo que ficou por concretizar, por *ser*. O tempo distende-se e, como se a natureza lamentasse um tempo perdido — "*a árvore torna-se, de certo modo, a aliança de dois símbolos contraditórios: a liberdade e o enraizamento no tempo*"⁴¹⁷ —, da melancolia emerge a ideia de um passado que poderia ter sido diferente (talvez relativo ao sonho de um maior poder na relação com a terra, contido num passado senhorial). Como uma perda de referências, ou como se os planos e sonhos de uma ação jovem sobre a paisagem, passada pela representatividade da casa, tivessem ficado inacabados — quase como a nostalgia de uma juventude inacabada. Algo que ficou estagnado no tempo e que poderia ter sido cumprido de outro modo, aportando uma certa mágoa que não é imediata à nossa percepção, mas como que um enleio da alma, ao alhearmo-nos da estruturação física do lugar e apenas levados pelo balanço das sombras das volumosas copas, que parecem almejar o toque com todo o recinto construído e connosco mesmos.

⁴¹⁵ Apesar da contenção formal da casa permanecer, esta conciliação deriva provavelmente do pátio ser uma estrutura fortemente humanizada e, afinal, de também algum pendor urbano; no fundo, esta natureza é também menos dependente do trabalho humano do que a dos campos agrícolas.

⁴¹⁶ Ver cap. II, 2.2. *A Quinta das Águas Férreas* - 2.2.1. *A História e as Memórias*; descrição dos elementos pré-existentes que indicam uma prévia humanização deste pátio.

⁴¹⁷ STOOOP, Anne de — *Quintas e Palácios nos Arredores de Lisboa*. Barcelos: Livraria Civilização Editora, 1986, p.23.

3.2.4. Torreões e Embrechados

56. Torreões (e
Garagem), 2019.



Na procura por um encontro com as pré-existências à reedificação da Quinta, representativas de um passado secular onde a relação operativa sobre a paisagem terá sido mais forte, encetamos primeiro caminho para norte, dirigindo-nos ao portão principal, num movimento de saída. O percurso que aqui se nos apresenta entre a casa e o núcleo de torreões que coroa o momento de entrada na propriedade é único e direto desde o pátio onde nos encontrávamos. Neste sentido, que é ascendente, vemo-nos ladeados por muros que, a poente, retêm as terras de uma frondosa zona de mata e, a nascente, delimitam o pomar de pereiras que daqui se distende até ao renque de ciprestes, e entre a casa e o volume da garagem. Terminado o extenso percurso, somos recebidos pela possante presença de uma estrutura reminiscente do imaginário renascentista, misterioso personagem de abóbadas, arcos e pináculos que demarca, em expressiva composição, um primeiro momento de introdução à Quinta das Águas Férreas⁴¹⁸. Já do lado do portão principal, experimentamos um enigmático

⁴¹⁸ Como complemento à leitura que aqui apresentamos, transcrevemos as impressões de Jorge Segurado no seu reconhecimento a estes primeiros momentos da Quinta das Águas Férreas:

"Através as grades de um portão, várias vezes a nossa curiosidade fora despertada pela presença de uma senhoril entrada, com dois torreões de dois pisos, coroados por elegantes cúpulas e abraçando um passadiço terraço, sobre arco abatido. Arvoredo. Insólito e simples trecho de boa Arquitectura. Agradável composição. Mistério!"

Um dia, sobressaltados, resolvemos parar o carro. O portão escancarado, parecia convidar-nos a entrar... Apeamo-nos. não resistimos. Rapidamente apercebemo-nos de que na verdade tínhamos à nossa frente algo de importante e com todas as probabilidades de uma obra do século de Quinhentos. A ideia de ter sido ali o Monte do Ollanda assaltou-nos numa impressionante intuição. A originalidade da invenção naquele compor; a presença gémea das cúpulas semi-esféricas coroadas por pequeno corpo cilíndrico, terminado por outra calote esférica com pináculo... Enfim, aquele ar de família certo e bem nosso conhecido vieram perturbar-nos ainda mais. Olhámos. Passámos sob o arco.

momento proporcionado pela articulação entre esta arquitetura e a difusa vegetação, conjunto que sugere um encaminhamento, pela sua simetria. Estas "duas massas poderosas"⁴¹⁹ que em muito traduzem uma "mestria técnica à maneira clássica" ou um "sábio equilíbrio" capaz de ser apontado à pena de Francisco d'Ollanda⁴²⁰, traduzem uma verdade firmemente expressa na "encantadora singeleza"⁴²¹ das proporções — que, numa primeira aproximação, não deixam de ser *monumentais*, talvez exacerbadas pela sensação de estranheza mas respeito face àquele objeto inusitado e inserido num ambiente de vegetação romântica. Na sua austera macicez, o conjunto informa-nos da sua segurança e autonomia naquela que terá sido a primitiva estruturação daquele território, e do seu simbolismo *fundador* enquanto ponto de partida tanto temporal (o passado da Quinta), quanto espacial (a entrada oficial daquela propriedade). Da sua particular articulação de volumes, compreendemos-lhe um carácter defensivo⁴²², protetor e algo austero na sua imagem quase militar, pela simétrica disposição de dois (ainda que pequenos) torreões interligados, com suas cúpulas e cegos lanternins que parecem dominar o lugar e conferir-lhe forte carácter. Mas a mesma morfologia, também amaciada pelo arco abobadado sob o terraço, pelas cúpulas que encimam cada torreão em coroamento *celestial* e pela "bela e simples guarda do terraço"⁴²³, sugere um encaminhamento, uma permeabilidade ao

Fomos caminho fora à procura de alguém. A moderna casa, no fim da suave rampa, lá em baixo, estava fechada. Ninguém. Voltámos e mirámos ainda o que pudemos. Era quase noite. (...)

A entrada junto à antiga Estrada Real está na cota mais alta. Daqui, em suave declive muito desce a encosta a caminho do sul, para depois, bastante longe, começar novamente a subir por ali fora. A propriedade é grande. Seria já assim no século dezasseis?

Segunda visita. Foi com alvoroço que deparámos com restos notáveis de tempos idos, além daquele que senhorialmente emoldura a entrada, que é sem dúvida o mais importante." SEGURADO, Jorge — Francisco D'Ollanda. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, pp. 387, 388.

⁴¹⁹ STOOP, Anne de — *Quintas e Palácios nos Arredores de Lisboa*. Barcelos: Livraria Civilização Editora, 1986, p.184.

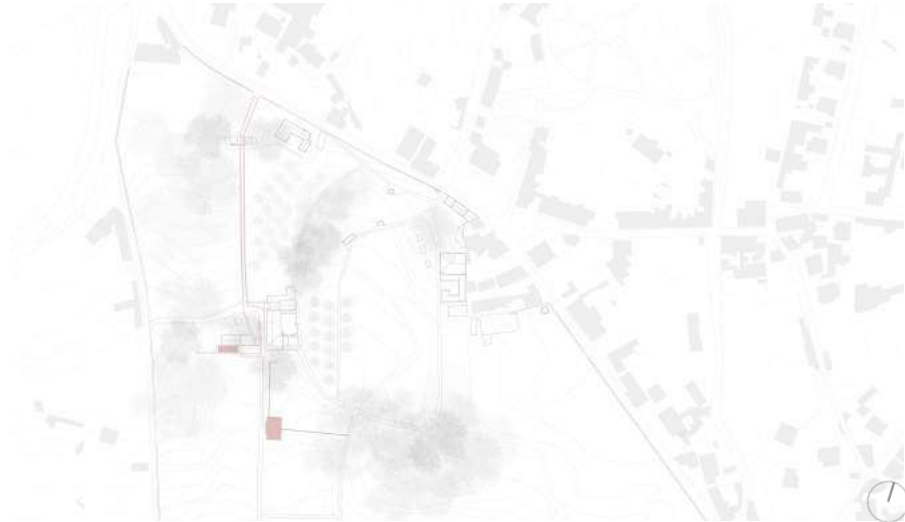
⁴²⁰ SEGURADO, Jorge — Francisco D'Ollanda. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, pp.388 e 390. Conforme anteriormente explicitado (Ver cap. II, 2.2. A Quinta das Águas Férreas - 2.2.2. A Casa Portuguesa, nota de rodapé n.º 88, p. 44.), é este um vínculo pouco fundamentado, pela ausência de estudos mais aprofundados acerca da hipótese; situamo-nos assim de acordo com Stoop: "à falta de documentos, temos por agora de nos contentar em construir hipóteses sobre a atribuição desta obra ao arquiteto Francisco de Holanda". STOOP, Anne de — *Quintas e Palácios nos Arredores de Lisboa*. Barcelos: Livraria Civilização Editora, 1986, p.184.

⁴²¹ SEGURADO, Jorge — Francisco D'Ollanda. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.390.

⁴²² A este aspeto não será alheia uma certa imagética bélica renascentista, onde se enquadram várias estruturas gizadas por Francisco d'Ollanda.

⁴²³ "No lado da entrada, frente principal, que, de sóbrio desenho, (...) [forma] longo parapeito, lintel de duas peças espaçadas a meio sobre um único e original pilar abalastrado, o qual descansa, por sua vez, em sóbria base proporcionada"; peça em mármore de Estremoz. SEGURADO, Jorge — Francisco D'Ollanda. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.390.

Homem e à natureza⁴²⁴. Não obstante a representatividade do conjunto e a operatividade que este consegue sobre o meio, há uma honestidade nas proporções que não alcança a sumptuosidade — talvez pela depuração das suas linhas, simplificadas na singela correspondência com o meio, na aproximação a uma escala humana e na completa simplicidade dos seus interiores...



57. Tanques, 2019.

Tornamos agora em direção ao pátio de chegada, num movimento que seria o próprio de quem entraria na Quinta, partindo do portão principal e tendo transposto o complexo torreado em primeiro lugar. É este "*eixo estruturante que relaciona o momento de entrada com o acesso ao pátio*" o mesmo que virá depois sofrer "*uma leve inflexão face à fachada principal da casa (...)* [com direção a sul], *definindo o caminho para o tanque principal*"⁴²⁵. De facto, há uma estruturação mais formal neste percurso, que interliga os principais núcleos construídos da Quinta, denotando uma humanização do território anterior ao momento de reedificação e comprovada pelos pontos de partida (torreões) e de chegada (tanque maior) que polarizam o lugar. Atravessando de novo o pátio, de onde a vista do terraço prometia já a extensão dos campos a sul, descemos à cota de implantação da adega e o romântico enquadramento da natureza é aqui continuado, sobretudo pelo bailado de sombras e brilhos que a singular

⁴²⁴ Permeabilidade enquanto situação de equilíbrio, não de sobreposição; essa sobreposição terá existido aquando da permanência dos Abecassis na Quinta — "*Numa excessiva exuberância a romântica hera reveste em demasia quase toda a Arquitectura, não só escondendo-a e mascarando-a em grande parte, mas também, o que é pena, prejudicando o efeito belo da pureza de linhas e de proporções*" (como um apossamento da *Casa Portuguesa* e dos seus ideais românticos sobre esta construção, desvirtuando-a). SEGURADO, Jorge — *Francisco D'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.388.

⁴²⁵ PIRES, Amílcar Gil e — *O Lugar da Villa Renascentista na Arquitetura Portuguesa - Quinta das Águas Férreas*, Ficha CIAUD. Lisboa: FAUTL, 2013, p.3.

composição de embrechados aporta, nos três painéis que encimam o tanque (pequeno) aposto àquela fachada. Parte do conteúdo significativo da Quinta, estes conjuntos artísticos causam-nos, à partida, grande admiração pelo tema iconográfico, marítimo e arcaizante⁴²⁶, que, obviamente apartado do ambiente próprio à Quinta, detém a sua força pela alusão ao imaginário mitológico e idílico na relação com a água, permitindo assim uma *poética* conceptualização do elemento natural enquanto correspondência significativa. Por outro lado, é no recorrer a esta mesma temática que se assegura um maior enraizamento àquela que, desde a Antiguidade Clássica, fora uma relação próxima entre água e embrechados, dotando-se assim a obra de um valor que deveria suplantar a técnica, o lugar ou o tema: tomaria maior expressão o simbolismo arcaizante da relação entre arte e natureza, assim *protegida* por estas entidades mitológicas, honrando o poder da água de forma quase sagrada. A esta ideia não são também alheios os materiais escolhidos para compor as figuras — sobretudo os concheados, vidros e cerâmicas que, nos seus brilhos, transparências e reflexos, muito potenciam o inspirador valor do conjunto. Não obstante estas românticas concepções no entendimento da água enquanto superior elemento, com devida homenagem pelas suas qualidades férreas (terapêuticas e fertilizantes), o diálogo estabelecido entre arte e natureza vale-se desta representação por procurar ser mais uno e *operativo* — recorre aos materiais da natureza, ali dispostos em situação humanizada, para formar um *cosmos* específico. De facto, é do artesanal uso dado a alguns materiais naturais — "*pequenos nada*s"⁴²⁷ que grande unicidade conferem ao conjunto — que, afinal, se busca esta específica compreensão, um diálogo mútuo e próximo, uma correspondência natural e plena entre arquitetura e meio, ali sintomaticamente procurada no momento de "*refúgio último da água antes de ser libertada para os canais distributivos*"⁴²⁸. Como se, em linha com o universo mitológico referido, também os materiais

⁴²⁶ É apresentado um "*quadro de inspiração mitológica e antiquizante, com uma cena aquática onde aparecem tritões, sereias e enrolamentos de plantas marinhas*" (ALBERGARIA, Isabel — *Os Embrechados na Arte Portuguesa dos Jardins*. Universidade dos Açores: Arquipélago - Revista da Universidade dos Açores, série História, 2.ª série, vol. 2, 1997, p.485); a iconografia temática deste tipo de ornamentação nunca terá sido, de resto, muito aprofundada ou explorada/diversificada, tendo-se sempre preferido as composições geométricas ou não-figurativas. Relembre-se que esta seria uma técnica que se prestava a ornamentar diversos contextos, "*sagrados e profanos, idílicos e bucólicos*" (SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.51), pelo que o tipo de representações (predominantemente geométricas) não deveria diferir muito de caso para caso.

⁴²⁷ SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.19.

⁴²⁸ SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.133.

concorressem para o *abençoar* das águas, que assim aportariam maior riqueza aos campos.

Há, realmente, o entendimento de uma *tradição* (tema iconográfico e materialidade) enquanto possível correspondência mais forte ao meio, à natureza; mas o modo de o conseguir recorre a elementos que não são específicos nem próprios ao lugar⁴²⁹, o que revela a busca por uma representatividade mais erudita que demonstre um poder sobre a polarização daqueles campos. Além disto, o uso do artesanal não depreende aqui uma verdadeira transformação física das matérias-primas naturais pelo Homem, pelo que o prolongamento da natureza para a arquitetura (tanque) ocorre de forma pouco crítica⁴³⁰. Esta ingenuidade entendida "*quase como uma arte povera instituída em facetas de erudição*"⁴³¹ denota uma certa devoção e amor pela natureza, na procura por lhe corresponder de forma profunda, *plena* (*contemplativa e operativa*), embora desviada pela ideia de *dever seguir* uma tradição *de bom gosto* ou sofisticação. Apoia-se esta procura por uma natureza cultivada (mais que mimetizada, *ressignificada*), no valor do artesanal, síntese entre obra humana e obra natural⁴³², que recorre à honestidade expressa na inalterabilidade dos materiais que, com suas próprias tonalidades e texturas e articulados num todo de "*características ora rudes e ingênuas, ora sofisticadas e eruditas*"⁴³³, revelam um quadro de espontaneidade e eloquência, graça e minuciosidade que reporta o pendor erudito a qualquer coisa de *naïf*.

De todo o modo, inequívoca é a riqueza destes trabalhos: advêm de uma certa sensibilidade espontânea que entende as valências escondidas dos materiais, naturais ou não, como parte de um pensamento artesanal que não deixa de elevar o espírito da obra — como uma sofisticação que advêm de um fundo de singeleza, ou a busca pela verdade que a natureza aporta, com delicadeza, procurando uma noção de habitar mais poética; uma adaptação da matéria natural ao habitar humano.

⁴²⁹ O tema iconográfico de alusão marítima, como já referido, e em termos de materiais, por exemplo, o uso de porcelana chinesa.

⁴³⁰ Há um mimetismo face à natureza mas apenas físico, estético, sendo que o significado dessa apropriação poderia ser mais alusivo à história e à identidade do próprio lugar.

⁴³¹ SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.23.

⁴³² Os materiais naturais e os de fabrico humano encontram-se na possibilidade de *ressignificarem* aquilo que individualmente representam.

⁴³³ SILVA, André Lourenço e — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1ª ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012, p.44.

O mesmo acontece para o segundo tanque. Percorrido ainda algum caminho que desce em direção a sul — aquele sul que muito se estende pela imensidão dos campos ali dispostos — deparamo-nos, do lado esquerdo, com um aparatoso tanque que desde logo nos surpreende pelas suas dimensões, de longe tolhidas pela imensa vegetação. O recorte tripartido e barroco da composição, bem como a isolada implantação, parecem pressupor uma consistente polarização do lugar, ali plenamente vegetal... É, porém, num atento reconhecimento ao trabalho de embrechado presente neste tanque que — apesar da excessiva degradação e perda de materiais —, entrevemos aquele que seria um simétrico jogo de volutas; não já as plantas marinhas da primeira composição, mas formas de um mais clássico pendor, regrado, geométrico e menos orgânico. De igual modo, já não figuram aqui entidades mitológicas, em favor de arcos e colunas que emolduram cada um dos três nichos — e, em oposição à carranca esculpida em simpático golfinho, existiria um "*majestoso leão*"⁴³⁴. Todos estes elementos, de resto concordantes com as consideráveis dimensões do objeto — parecem concorrer para aquele sentido mais sério e responsável na polarização de um lugar, na promessa de uma humanização do território pelo diálogo estabelecido entre arte e natureza.

Elementos indispensáveis à compreensão do passado material e imaterial da Quinta das águas Férreas, torreões e tanques com seus espaldares em embrechado concretizam uma habitabilidade necessariamente distinta daquela produzida pela reedificação da casa e demais apoios. Da sua linguagem própria a um entendimento do território como experiência mais senhorial, a operatividade que induzem sobre o meio resulta mais forte (reconhece-se um maior controlo sobre a paisagem, decorrente da formalização própria a estas arquiteturas ou da integração de uma componente artesanal, que estreita ligações entre intenção humana e natureza).

Ainda assim, e considerando que o ambiente matricial à Quinta corresponde a origens rurais e humildes, reconhecemos também que nem mesmo estas pré-existências se permitiram a ser exatamente nobres, magnificentes, mas um projeto disso mesmo, como que simplificado pelo ambiente natural que as envolve. Como tal, e lembrando a análise tecida à casa, entendemos um paralelismo destas pré-existências às intervenções dos anos 1930, relativo ao desejo de *ser mais* (ou representar mais) do que aquilo que *se é* na correspondência com o meio campestre, buscando a integração no mesmo. Apesar do hiato temporal, a intervenção de António Lino terá vindo considerar estas pré-existências como *preâmbulo* a esta noção de superação perante o ambiente campestre, buscando na sua representatividade uma orientação que não

⁴³⁴ SEGURADO, Jorge — *Francisco d'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970, p.391.

deixa de ser melancólica por remeter a um passado estagnado e depender de uma natureza romântica (não esquecendo que, humanizada) para melhor articular os diferentes tempos construtivos (como visto no pátio de chegada). Estas referências emergem na já mencionada procura por uma certa representatividade em linha com uma ambiência mais senhorial que, apesar de denunciada por uma urbanidade própria burguesa (um jeito moderno pouco desenvolvido que não permite a mesma sensibilidade face à paisagem) concretiza essa proximidade estética — e, sobretudo, significativa — com as pré-existências: a procura pela representatividade e operatividade sobre a paisagem natural campestre, ainda que pouco concretizada. Este arco de harmonia desenhado entre os dois principais tempos de humanização da Quinta resultam num acolhimento melancólico, introvertido, mas que se *abre* perante a possibilidade romântica dos campos como concretização de uma vontade de desenvolvimento e atualização de tradições ligadas ao habitar rural.

3.2. UM SENTIDO PARA A QUINTA DAS ÁGUAS FÉRREAS

*"Mas qual é o âmbito da arquitectura erudita em Portugal? São não só de definição como de aplicação difícil os próprios termos "popular" e "erudito", especialmente no caso português. Poderemos considerar erudito o desenho que é informado por "uma saber vasto e variado", de autor que alie, de preferência, a formação escolar e tratadística ao conhecimento da mais recente moda internacional. Não é, porém, a própria arquitectura dos palácios tanto ou mais influenciada por hábitos construtivos locais que por modelos cultos? E onde acaba a classificação de popular? Se aceitarmos que esta arquitectura se resume às soluções sóbrias e rudimentares, de grande imutabilidade, dependentes das condições naturais da região que visam não só a satisfação funcional de necessidades básicas, que vamos então chamar a todo um rol de edificações rústicas e pobres com marcadas influências urbanas e cultas, com preocupações decorativas e de representação que excedem largamente as limitações referidas? Não estará a arquitectura doméstica portuguesa, acima de tudo, ligada a um vernaculismo que transcende épocas, categorias estilísticas e situações socioeconómicas?"*⁴³⁵

Ao longo das várias fases da leitura realizada, tornou-se clara a representatividade da paisagem vegetal e da casa enquanto momentos capazes de conter e transmitir parte dos significados que consideramos imprescindíveis a uma completa compreensão do *sentido* da Quinta das Águas Férreas — tanto pela expressão que cada um destes momentos encerra em si mesmo, quanto pela relação estabelecida entre eles. Perante este entendimento, pudemos reconhecer aspetos comuns entre um e outro elemento que, a partir dos seus dinamismos próprios, representam particulares dualidades partilhadas: a crueza e o romantismo das paisagens vegetais (mais naturais ou mais humanizadas) encontram paralelo numa apropriação da *Casa Portuguesa* (síntese entre o erudito e o vernacular da tradição portuguesa) reinterpretada à luz de um *accidental* pragmatismo moderno⁴³⁶. Ambiguidades estas que, ao apontarem para determinadas expressões há muito enraizadas naquele mesmo lugar⁴³⁷, tanto adensam o interesse e a complexidade de cada elemento, quanto lhes aportam

⁴³⁵ CALDAS, João Vieira. *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII*. FAUP Publicações. Porto. 1999. 2ª Edição, p.20.

⁴³⁶ Não há, portanto, uma concretização erudita (o contexto de construção da casa não é concordante com uma aparência secular mais senhorial — provavelmente aquela que terá sido, em tempos, a ambiência e identidade da Quinta, dado as pré-existências que dessa época lhe reconhecemos), mas também está longe de uma concretização vernacular, apesar da simplicidade dos interiores.

⁴³⁷ Ambiguidades estas que, de resto, também em muito são representativas do próprio contexto histórico-social da região em que a Quinta das Águas Férreas se insere - conforme apontáramos, durante séculos fortemente polarizada entre as culturas *erudita* e o *vernacular* e, mais recentemente, próxima de uma modernidade frágil, ditada por um contexto de *suburbanidade*.

também a fragilidade de um todo por equilibrar e de uma certa maturidade por consolidar... No entanto, é este um espectro de noções ainda abrangente e que deverá ser aqui sintetizado no apontar de um sentido específico ao lugar da Quinta, explicitador da correspondência que estabelece connosco e da habitabilidade que nos propõe — como mais à frente o notaremos.

Como dizíamos, apesar de se verificar uma correspondência da casa ao seu meio — na medida em que com este partilha um certo conjunto de impressões específicas⁴³⁸ —, denota-se apartada dela, enquanto lugar humanizado, uma certa *segurança* no diálogo que pretende estabelecer com essa mesma envolvente⁴³⁹. Este tipo de fragilidade, que à partida dificulta a tão desejada operatividade por parte da arquitetura quanto à paisagem, aos campos agrícolas, ao entorno vegetal, potencia por outro lado a dimensão romântica e contemplativa desta relação. Pois inerente à *leve e jovem* disponibilidade do lugar, no seu *dinâmico* fulgor, há uma tendência para poeticamente interpretar aquela massa vegetal, símbolo da ruralidade ali presente. Porque, se numa primeira instância esse desejo de *servir a paisagem* é essencialmente motivado por aquele sentir vibrante e romantizado da natureza, da ruralidade, é essa mesma abordagem (sem grande conhecimento prático que permita um entendimento pleno das suas circunstâncias), que admite a interiorização do *sonho* — de desenvolvimento enquanto meio sustentável, onde a tradição rural não deixa de estar presente, integrada numa atualização — enquanto possibilidade operativa. Mesmo como que se desconhecendo quais os passos a tomar para concretizar aquelas vontades, para lidar com os desafios a que se propõe, impele o sonho de *ser* mais naquela correspondência a um agir só pela emoção, antes de grandes raciocínios ou planos. Como se as ideias do universo rural se instaurassem como *bordados floridos* no *coração* da casa, que almeja uma permeabilidade àquela envolvência, idealiza-se também a capacidade do agir prontamente — como experienciado por Jacinto, de *A Cidade e as Serras*, que na chegada à sua Quinta de Tormes quer saber tudo sobre as árvores, num

⁴³⁸ "To be meaningful, however, the inventions of man must have formal properties which are structurally similar to other aspects of reality and ultimately to natural structures". NORBERG-SCHULZ, Christian — *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1984, p.169.

⁴³⁹ "The man-made place has to know "what it wants to be" relative to the natural environment". NORBERG-SCHULZ, Christian — *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1984, p.180; arquitetura deve *saber* o que *quer ser* - adaptação e interpretação, também com base nas circunstâncias históricas.

ímpeto sonhador de quem poeticamente imagina poder operar transformações instantâneas na paisagem⁴⁴⁰.

Podemos assim apontar que a Quinta das Águas Férreas surge como promessa fértil a um modo de viver burguês e urbano, que procura a correspondência campestre a partir das tradições próprias a este meio (sobretudo de modo estético) e como apaziguação da alma, mas que também não pretende dispensar os confortos civilizados e inovações industriais que tem como adquiridos. Como alternativa *última* à vida urbana, o *retorno* à ruralidade, a busca pelos ares são, pela água pura e pela terra fértil, apresenta-se como salvação ao Homem moderno e citadino numa concepção próxima do imaginário veiculado pelos romances literários da viragem de século XIX-XX: como uma nostalgia sobre algo parcialmente conhecido, distante, mas onde se desejava imergir. Aqui, embora menos intensamente do que no romance de Eça, esta transição aporta consigo os confortos e recursos tecnológicos (próprios dos anos 1930) necessários a uma adaptação segura, o que denota um receio face ao novo meio.

Assim, apesar de, no plano das intenções, haver um sonho romântico acerca da relação que ali poderia ser estabelecida com a envolvente vegetal e com um conceito de tradição (representativas do meio rural)⁴⁴¹, por outro lado, há um pragmatismo relativo a um modo de estar, expresso no parentesco urbano e técnico (denotado, por exemplo, na edificação da casa) que, paradoxalmente,

⁴⁴⁰ Transcrevemos algumas passagens da referida obra de Eça de Queirós, que consideramos transmitir um entendimento do lugar análogo àquele que reconhecemos na Quinta das Águas Férreas:

"— Como a inteligência aqui se liberta, hem? (...) A vida não se limita a pensar (...). A vida é essencialmente vontade e movimento: e naquele pedaço de terra, plantado de milho, vai todo um mundo de impulsos, de forças que se revelam, e que atingem a sua expressão suprema, que é a forma." (p.123)

"Depois de tanto comentar, o meu príncipe, evidentemente, aspirava a criar." (p.131)

"E agora sonhava uma Tormes toda coberta de árvores, cujos frutos e verduras, e sombras, e rumores suaves, e abrigados ninhos, fossem a obra e o cuidado das suas mãos paternais." (p.132)

"Mas quando (...)desembocávamos da alameda de plátanos, e diante de nós se dividiam matutidamente, mais brancos entre o verde matutino, os caminhos coleantes da quinta, toda a sua pressa findava, e penetrava na natureza com a reverente lentidão de quem penetra num templo." (p.136)

"O meu príncipe era então uma alma que se simplificava - e qualquer pequenino gozo lhe bastava, desde que nele entrasse paz ou doçura." (p.140). QUEIRÓS, Eça de — *A Cidade e As Serras*. Mem-Martins: Publicações Europa-América, 19--?

⁴⁴¹ Uma aproximação operativa que é já expressa na implantação dos volumes, na ambiência do pátio de chegada, no romantismo da própria vegetação organizada em mata (humanizada) e nas próprias pré-existências; enfim, na representatividade geral que emana da arquitetura e dos campos expectantes.

reveste aquelas primeiras intenções de uma involuntária frieza na interpelação à natureza⁴⁴².

Como tal, se se depreende do lugar uma intuitividade relativa a esse *sonho*, tido com jovem intensidade e urgência (*trazido* por um ritmo citadino e mais imediato), este não é facilmente concretizável, dada a dificuldade em *tomar iniciativa* face a questões práticas e reais no tratamento do território, meio diverso ao conhecido. De facto, em pouco o sonho suportará a realidade daqueles vastos campos perdidos em si mesmos e, sem firme mão humana, entregues ao selvagem abandono. Como que dispersa nas suas joviais energias presentes e futuras, a *casa* (como momento sintetizador deste paradigma relativo à reedificação da Quinta) perde-se nas suas expectativas, enleia-se nas suas ingénuas pretensões e distrai-se das lições de um certo passado⁴⁴³ (incompreendido), que ali ainda toma parte significativa e que tanto traria de profícuo a uma relação próxima com a natureza⁴⁴⁴. Mais do que os joviais ímpetos e as românticas impulsividades (por vezes mascaradas de *segurança* sob um pretexto de *modernidade*), traria precisamente aquele saber *prático* sobre um habitar sensível ao campo, uma maturidade, uma (re)ligação à terra (proximidade, permeabilidade) — de encontro à *verdade* nas expectativas, ações e resultados acerca do *querer* da Quinta das Águas Férreas.

Por isto se recorre também a um certo valor estético que ingenuamente procura numa certa representatividade de bom gosto tradicional (de parentesco senhorial) uma afirmação e operatividade sobre a paisagem. Não obstante a interessante composição estética daqui advinda, experimentando a mudança de paradigma do moderno-tradicional que o *Português Suave* viria a procurar, esta intenção revela-se inconsistente à relação com aquele meio por não concretizar uma certa poética da habitabilidade nos interiores da casa (por exemplo), onde falta complexidade na abordagem da matéria, no diálogo entre a *verdade* e potencial artesanidade dos materiais, que poderiam ser entendidos como expressão de carácter inerente ao lugar e não apenas como parte de um funcionalismo (tido como moderno e

⁴⁴² Declarado numa ausente inventividade no aproveitamento de cotas para a construção, na depuração geral das linhas da casa e na estilização dada a alguns elementos próprios à casa portuguesa, assim como ao próprio *peso* geral da composição que mais remete a um modo de habitar urbano do que a uma permeabilidade desejada numa habitação de campo (seja ela mais vernacular ou erudita).

⁴⁴³ Arreda-se assim da casa aquele cunho do antigo, do secular (contido nas pré-existências), que nos fala de uma respeitosa e sábia relação da Arquitetura com o Homem e com o lugar — enfim, com o *habitar*. Dessas lições do passado, enquanto pistas de um futuro, tomam parte os torreões e embrechados, conforme víramos; mas também a própria ideia de *Casa Portuguesa*, naquilo que concretizaria de próximo com a natureza.

⁴⁴⁴ Esta não é uma *atitude arrogante* mas como que uma *ingénua distração*.

urbano). Esta apropriação de algo que não lhe é próprio, denunciada por uma geral simplificação dos traços (vinda de uma urbanidade que lhe é própria e confortável, da qual não se quer dispensar), resulta numa denegação das potencialidades intrínsecas a essa mesma tradição, considerada apenas como deslumbre pela representatividade que encerra.

Assim, e face às pré-existências da própria Quinta — que, inalteradas na sua essência, comunicam as intenções de um passado onde a vivência daquele meio terá sido mais senhorial e, conseqüentemente, mais operativa sobre a paisagem⁴⁴⁵ —, terá talvez havido uma subversão desse entendimento mais ruralizante, onde os elementos antigos atuavam como parte de um sistema de apoio aos campos agrícolas: os tanques terão servido não apenas como ornamento pelos seus embrechados, como efetivamente para auxiliar a rega dos campos; os torreões, para além de uma representatividade nobre sobre a entrada da Quinta, terão realmente polarizado e defendido o território⁴⁴⁶. Esta provável subversão terá também contribuído assim para a perda de uma ruralidade *crua* e senhorial, secular, para uma ruralidade *romantizada* sob propósitos modernos e urbanos; como uma apropriação da estética antiga como parte de uma nova modernidade⁴⁴⁷.

Inerente ao sentido do lugar está este desvio opcional e inevitável (pela jovem inquietação que aspira liberdade e a concretização de uma correspondência mais significativa à sua existência) a um destino traçado, urbano e maquinal, em favor de um ambiente que traz oportunidades de desenvolvimento em contexto rural e de onde permanece uma intrínseca vontade de conhecimento pelos feitos próprios.

O Homem (o habitar) já é outro, assim como o modo de perspetivar a sua contemporaneidade e o futuro, mas permanece acima de tudo um deslumbramento sobre a natureza e a tradição que se sonha enaltecer e atualizar. Há assim um sentido de provação face a novos desafios (e face a um passado, uma tradição), externos àquilo que seria expectável e que advém dessa ruralidade

⁴⁴⁵ No sentido de estabelecer uma humanização mais forte, não necessariamente construída.

⁴⁴⁶ Adiantamos também esta leitura pelo conhecimento de que, à época dos Abecassis-Corrêa de Barros, por exemplo, o tanque maior terá servido como piscina de banhos; o compartimento abobadado que terá sido capela, terá servido como casa de máquinas; e os torreões terão sido utilizados como arrumos; as próprias minas de água terão servido como labirintos subterrâneos para jogos entre jovens. Estaria, portanto, presente uma visão mais funcionalista do espaço, segundo um modo de vida mais prático e urbano. A habitabilidade quotidiana dos espaços careceria assim da dimensão poética que, por outro lado, é presente face à ideia de ruralidade, expressa na vegetação romântica.

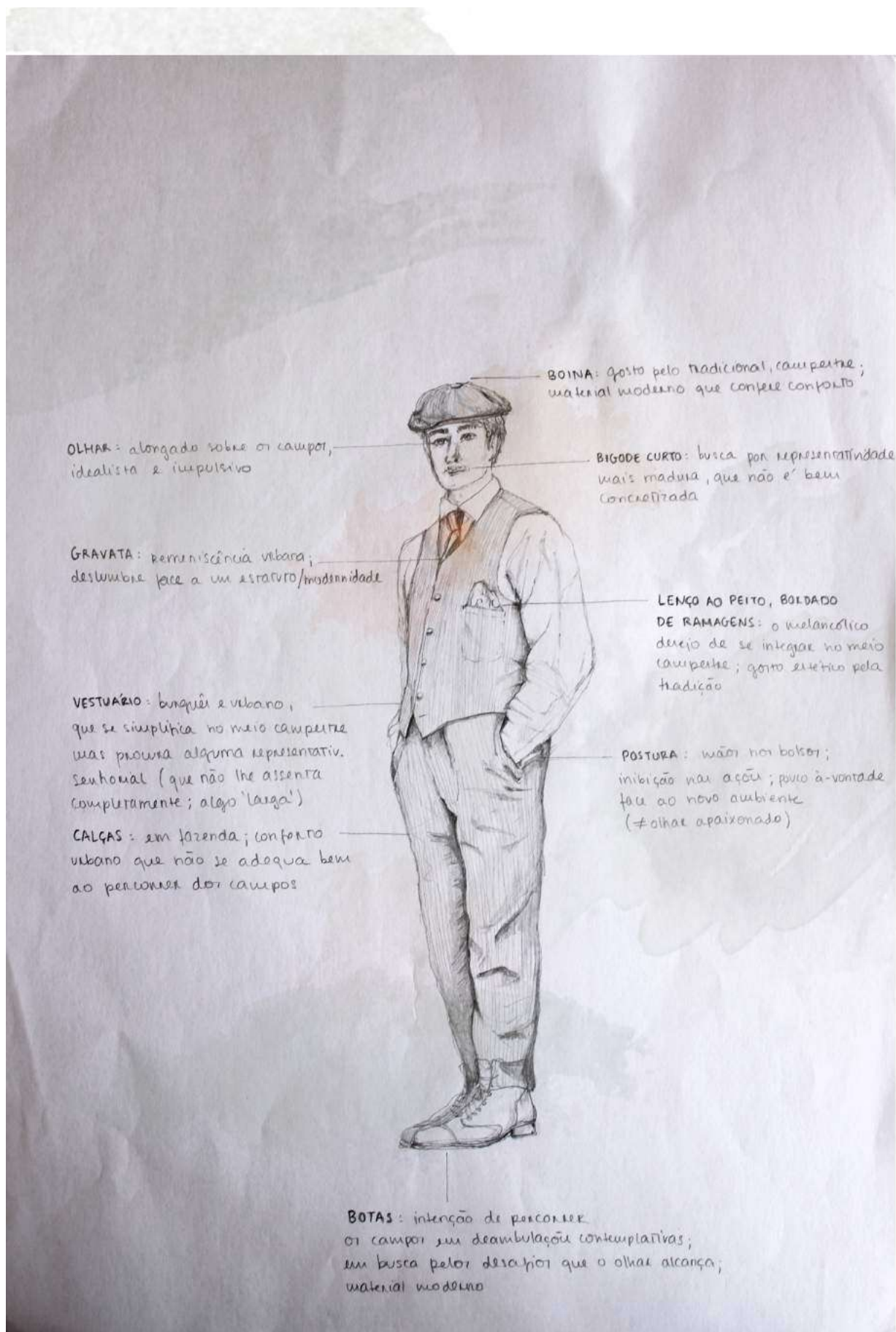
⁴⁴⁷ De facto, a procura pela *atualização* daquele ambiente campestre não recorre, necessariamente, a uma estética mais moderna (embora isso tenha, inevitavelmente, acontecido).

ainda idealizada, romantizada e carente de conhecimento prático que sustente opções mais concretizáveis dentro daquele encontro entre o urbano e o rural, o tradicional e o moderno, em que se reflete um amor e cuidado pela natureza que, porém, ainda é algo distanciado e passível de evoluir. Este sonho de um recomeço (sem apagar o passado) implica também a redescoberta de uma utilidade quanto ao mundo rural — a uma primeira vista, algo simplificada, pois a relação com o trabalho na lavoura não é encarada como provação sobre a conquista de operatividade sobre o meio, bastando a sensação de que há essa possibilidade (uma ideia, um plano). Pois esta modernidade latente aponta para um sentir jovem e uma fuga à realidade urbana que ali se tentou (re)concretizar por si mesma — procurando uma correspondência àquele meio; mas onde os planos de *ser mais* se ressentiram na permanência de algumas amarras (urbanas) e na insegurança na tomada de ação, por fugir ao destino premeditado do quotidiano citadino. Na abordagem a este meio, depreendemos assim a vontade de uma liberdade operativa na relação com o meio mas que, como pela ausência de maturidade, resulta apenas num projeto disso mesmo, presa à moldura urbana que conhece/que lhe é própria.

O especial carácter da Quinta advém desta conjugação de fatores que é sobretudo única por enquadrar um pensamento de pendor urbano e laivos tradicionais (entendidos esteticamente) num meio de grande qualidade vegetal — e, até, patrimonial — que é considerado idealisticamente, lembrando-nos da interessante possibilidade da ruralidade enquanto resposta a um habitar atual, que não deve deixar de ser poético, e que induz à reflexão acerca dos valores de uma tradição, já de si moderna, como parte de um progresso. Transversal aos vários momentos da Quinta, emerge uma ambiência geral que muito explicita o sentido deste lugar, e que identificamos como *industrial-campesina*, decorrente de um encanto burguês face a uma ideia de ruralidade — o convívio íntimo e as deambulações pelos campos, o solitário conforto acompanhado de uma natureza romântica, o refúgio dos ritmos citadinos — sem por isso implicar a perda de uma proteção tecnicista a um estilo de vida que não é totalmente natural àquele meio. Esta certa urbanidade, que hoje reconhecemos como parte indissociável à existência da Quinta, lembra-nos de um certo conforto que as regalias mundanas e industrializadas aportam àquela existência simples mas profunda, com grandes potencialidades ao habitar pleno. Mais do que o encanto da natureza e da procura pela felicidade na correspondência com este meio, aporta-nos a Quinta das Águas Férreas uma comovente beleza sobre um tempo *jovem* e inacabado, o desejo de superação pelo concretizar de um plano romântico sobre os férteis campos rurais, em conciliação com um estilo de vida que não deixa de ser urbano e progressista.

58. (p. seguinte) *Jacinto das Águas Férreas*

Como exercício meramente intuitivo à clarificação do sentido, esboçámos um personagem que apresenta características análogas às encontradas no lugar (ver Anexo n.º 14).



IV. O LUGAR CONTINUADO

"No fluxo e refluxo das águas do mar, no eterno contraponto da rebentação das ondas, é preciso reconhecer-se um sentido oculto e imutável. A este sentido, que nos seduz e cativa, chamemos continuidade." ⁴⁴⁸

⁴⁴⁸ LINO, Raul — (Lino, DN, 28-4-1960)



4.1. O QUERER (do Lugar e da Arquitetura)

"Préparer l'avenir ce n'est que fonder le présent."⁴⁴⁹

Uma vez desvelada a correspondência que a Quinta das Águas Férreas, enquanto lugar significante e insubstituível, estabelece connosco, propomo-nos agora a desenvolver uma continuidade operativa com o meio e a arquitetura, na perspectiva de, partindo da necessidade e vontade de reabilitar o lugar, potenciar os aspetos que são fundamentais ao abrigo e transmissão do seu *sentido* e, por outro lado, colmatar as particularidades que durante a leitura se revelaram *aquém* na revelação desse mesmo *sentido*. Assim, partindo da dimensão poética da experiência do lugar e da leitura realizada a partir do mesmo, cabe-nos a passagem dos valores ali entendidos para um projeto de intervenção — como uma *(re)concretização* dos significados apreendidos, à luz das *aspirações* reveladas pelo lugar para o seu próprio desenvolvimento e da contemporaneidade com que nos vemos confrontados.

Partindo do pressuposto de que a preservação dos conteúdos do lugar admitirá várias modalidades de reabilitação, mas não qualquer uma⁴⁵⁰, importa, em primeiro lugar, reunir um conjunto de premissas capazes de direcionar a nossa intervenção — procurando justificar opções que, embora não exclusivas, contribuam para a consolidação desse *sentido*. Chamemos a estas premissas, que partem da leitura realizada, o *querer*⁴⁵¹ — do lugar e da arquitetura da Quinta das Águas Férreas.

Recordando o *sentido* reconhecido, demos sobretudo conta da atratividade que o meio rural exerce sobre um modo de estar *jovem* e urbano, que naquele lugar deposita as suas *expectativas* românticas e almeja a transformação. Subjacente a esta noção, a *inquietação* reforçada pela pulsante vegetação, não alheia à

59. (p. anterior)
Pomar de citrinos, 2017.

⁴⁴⁹ SAINT-EXUPÉRY, Antoine de — *Citadelle*. Feedbooks, 1948, p.240.

⁴⁵⁰ Conforme nos dera conta o Professor Pedro Abreu: uma dada intervenção não é resolução única ao problema identificado, porque pressupõe a participação de uma componente subjetiva (raciocínios e limitações do arquiteto); ao contrário da leitura que, partindo do objeto, se pretende intersubjetiva.

⁴⁵¹ A partir da leitura, entendemos que o próprio sentido reconhecido na Quinta apontava para um conjunto de vontades, as quais devemos considerar na intervenção a realizar; de acordo com Louis Kahn, "o que é que a obra quer ser?". KAHN, Louis — *Talk at the conclusion of the Otterlo Congress* (1959) cit. in KAHN, Louis — *Essential Texts*. New York, London: W.W. Norton, 2003, pp.37-38, 39, 40, 41-42, 44, 48, 55 cit in. ABREU, Pedro Marques — *Palácios da Memória II: A Revelação da Arquitetura*, Tese de Doutoramento em Arquitetura, vol. I. Lisboa: FA-UTL, 2007, p. 172.

arquitetura da casa, impele à proximidade operativa com aquele *outro*, *exterior*, que primeiro pressupõe a superação de um *bloqueio interior*⁴⁵² (potenciado pela idealização do meio rural, em vez do conhecimento da sua realidade). É este um dos aspetos a considerar enquanto identidade, mas também enquanto *vontade* deste lugar e da sua arquitetura: o *desejo de concretizar-se* na correspondência com aquele meio rural, embora não perdendo as suas particularidades citadinas, burguesas, tendencialmente *modernas*.

4.1.1. Advertência

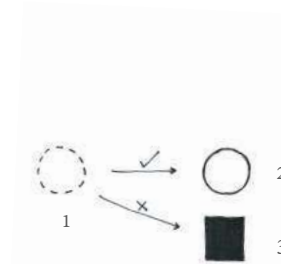
Do reconhecimento destes aspetos, que devem orientar a nossa intervenção arquitetónica, surge como incontornável questão a ausência de uma *resposta* concreta para colmatar a inibição face a uma correspondência mais *natural* com o meio rural, derivada de um pragmatismo de raiz urbana, que não permite o assumir dessa ruralidade de forma mais crua. De igual modo, ao concorrerem os principais elementos dos diversos núcleos da Quinta para o reconhecimento desse mesmo *sentido*, entendemos que as particularidades (arquitectónicas e vegetais) que identificamos *aquém*, que podem ser desenvolvidas com recurso a uma intervenção, dizem respeito não a uma mais eficaz transmissão do *sentido*, mas sim ao traçar de um *caminho* que potencie um envolvimento mais profundo e operativo com o meio rural.

Assim, importante na intervenção a desenvolver para a Quinta das Águas Férreas será, então, não a resolução total destas questões subjacentes ao seu *sentido* (pois isso subverteria a sua original identidade enquanto lugar que *almejar ser mais* na correspondência com o meio campestre; que ficaria assim resolvido⁴⁵³), mas o estabelecer de *meios* (aplicados ao conjunto da Quinta, tanto construído, quanto vegetal) que esboquem esse processo controlado, de diálogo e amadurecimento, que considere o todo da identidade⁴⁵⁴.

⁴⁵² Referimo-nos aqui à pouca correspondência entre representatividade interior e exterior da própria casa.

⁴⁵³ Uma vez que, desse modo, ficariam essas *vontades* já resolvidas; a identidade da Quinta transformar-se-ia noutra que não aquela que lhe reconhecemos hoje, pelo que seria um procedimento prejudicial ao conteúdo da arquitetura e à correspondência que estabelece connosco — visitamos a Quinta porque precisamos do encontro com este *amigo* que também procura *respostas*; mas que simultaneamente já reúne pistas sobre como as obter (aqui deverá atuar a nossa intervenção).

⁴⁵⁴ Este contacto, que nunca deverá ser demasiado próximo, permeável, servirá como *fio condutor* ao alinhar de intenções, base ao sustentar de *ações*, mas também *fim em aberto* à idealização de novos planos. Através do processo de reabilitação destas pré-existências (sobretudo da casa), não se



60. Desenvolvimento e preservação da identidade, 2019.

1. Já se entende qual o *sentido* do lugar e quais as *vontades* implícitas ao mesmo.
2. Pretendemos trabalhar essas *vontades* (relação mais desenvolvida com o meio rural), mantendo o mesmo *sentido*.
3. Ao criar uma correspondência una (e acrítica) com o meio rural, *preencheríamos* a *vontade*, mas também subverteríamos o seu *sentido*, transformando-o em algo que não é.

4.1.2. Pistas



61. O projeto como rio,
2019.

Ideia explicada pelo
prof. Pedro Abreu

Esta intenção será conseguida considerando os parâmetros (*pistas*) que auxiliam a formalização do projeto. O *sentido* reconhecido poderá assim ser perpetuado e fortalecido a partir de um *uso programático* adequado e materializado através de indicações formais que melhor sugiram esses significados, acolhidos nas *ambiências* de cada momento do projeto. São estas pistas agora estudadas e no próximo subcapítulo desenvolvidas, já enquanto intervenção.

Programa

"No início,
eu queria um instante.
A flor.

Depois,
nem a eternidade me bastava.
E desejava a vertigem
do incêndio partilhado.
O fruto.

Agora,
quero apenas
o que havia antes de haver vida.
A semente."⁴⁵⁵

Das particularidades identificadas na Quinta das Águas Férreas, surge esta prevalência da componente vegetal em todo o domínio do território, qual força fundadora do lugar que se impõe sobre a componente construída (que face a ela se deseja afirmar). Neste sentido, incontornável à estratégia programática da intervenção proposta está este cunho *ruralizante*, evidente pelo potencial agrícola que desde há muito se verifica no lugar e que, ainda atualmente, continua a permitir alguma área de cultivo (embora pouco representativa para o contexto geral)⁴⁵⁶.

deverá assim pretender um *amadurecimento* total, mas procurar um equilíbrio entre o original espírito aberto, romântico, e uma mais sensata e informada abordagem às circunstâncias.

⁴⁵⁵ COUTO, Mia — (O Piso e o Passo) *Idades Cidades Divindades*. Lisboa: Caminho, 1987, p.

Podemos traçar um paralelismo entre o poema de Mia Couto e a caracterização do *genius loci* reconhecido à Quinta: como Jacinto (de *A Cidade e as Serras*), o sujeito urbano e burguês assim se sentia antes e durante a estadia no campo; a terceira estrofe enquadra-se como pista ao que também aqui propomos: uma aceitação da realidade, da simplicidade rural, para a partir daí construir neste meio o seu futuro.

⁴⁵⁶ Atualmente, apenas há manutenção de terras nos pomares e nos terrenos que designámos como *vale agrícola*, de proximidade à casa e aos apoios agropecuários da entrada secundária da Quinta.

Ademais, acresce a adequabilidade da vertente de prática agrícola que propomos desenvolver pelo próprio *sentido* que reconhecemos ao lugar — que aponta para a compreensão de uma natureza *humanizada*, mais do que *idealizada*. À *vontade de amadurecer*, de *se concretizar* perante a extensão dos campos — que pressupõe o *semear*, *crescer* e *colher* a um ritmo próprio, que deve ser o da Natureza —, propõe-se um (re)encontro com a simplicidade dos elementos, interpretando os saberes tradicionais como base à evolução e atualização necessários ao cultivo daquela realidade.

Não obstante, e como valioso complemento a essa vertente prática, considerou-se também necessário que o mesmo uso programático integrasse uma abordagem teórica, investigacional, que atendesse à intenção de estudar a biologia do meio rural, permitindo simultaneamente o estudo de novas propostas e técnicas (aliadas aos saberes tradicionais e à prática vernacular, buscando uma reconciliação⁴⁵⁷). Esta vertente apoia-se na identidade tendencialmente jovem e moderna, propulsora de mudança. Como tal, não poderia este tipo de *apelo* coadunar-se a uma vertente museológica, por exemplo, que considerasse a Quinta como lugar apenas expositivo e contemplativo.

Em terceiro lugar, entendeu-se também como necessidade decorrente do reconhecimento do *sentido* um perpetuar da dimensão de acolhimento intimista e imersivo. Esta componente vem justificar as condições de alojamento temporário como parte integrante do Pólo de Investigação e Prática Agrícola que para aqui se propõe (e que mais adiante especificaremos) — sendo que este alojamento não poderia ser meramente turístico, dada a necessidade do *sentido* do lugar em corresponder a algum propósito *maior* no contacto com aqueles campos.

Assim, da necessidade de estabelecer uma *operatividade* sobre a componente vegetal (de onde os campos agrícolas tomam maior importância por melhor representarem a concretização humana sobre a natureza), propõe-se que as potencialidades da Quinta (tanto físicas como de significado), se entrecruzem numa opção programática de forte vertente cultural na (re)aproximação das populações urbanas ao meio rural, em perspetiva imersiva de aquisição e prática de conhecimentos.

⁴⁵⁷ “The union of man and nature is rather expressed through the practical use of agriculture, which accentuates the landscape structure as an ‘addition’ of relatively independent, individual places. (...) cultural landscape indeed expresses the classical ‘reconciliation’” NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1984, pp. 45-46.



62. Quinta Pedagógica dos
Olivais, 2018.
Núcleo Pecuário

63. Instituto Superior
Agrícola (UL), 2018
Laboratório

64. Quinta Pedagógica dos
Olivais, 2018.
Núcleo Agrícola



Indicações Formais

Para além da construção programática, entendemos como parâmetro necessário à concretização do projeto o delinear de algumas indicações *formais* à intervenção que, igualmente decorrentes do *sentido*, tanto orientem face aos aspetos a manter e a alterar nas pré-existências, quanto apontem para uma estratégia de desenvolvimento integrado.

Como tal, em primeiro lugar, reconheceu-se que a articulação dos atravessamentos pré-existent propicia uma informalidade tendencialmente orgânica do traçado geral, numa adaptação ao relevo topográfico — que é sintomática da experiência da ruralidade e contrária à imposição de um sistema rigoroso e geométrico. Deste conjunto demarcam-se, porém, os caminhos do núcleo central da Quinta que, na sua linearidade, atestam a importância dos momentos a que nos conduzem (a ligação entre os torreões da entrada e o pátio de chegada à casa, e deste com o tanque maior)⁴⁵⁸. A par desta representatividade, entendeu-se ser também da delimitação do perímetro da Quinta que resulta a sua força enquanto organismo individual, catalisador de uma particular identidade que em muito depende do povoamento vegetal que ali se desenvolve e alterna, entre o enlevo dos recantos sombreados *de sonho* e a aspereza dos campos cultivados *de realidade*.

Por outro lado, as águas que no passado aportaram nobre significado a este lugar detêm, atualmente, pouca expressividade face à extensão do território (que continuam, *secretamente*, a fertilizar). De facto, a abundante vegetação parece ainda indiciar aquela forte presença; mas é no percorrer dos campos que o abandonado sistema de recolha e condução (poços, tanques, encanamentos) nos dá conta da necessidade de reativar esta realidade tão essencial à identidade da Quinta.

Como parte de uma totalidade, os elementos referidos deverão ser intervencionados segundo uma lógica que respeite a topografia e *hierarquia* do território, atuando simultaneamente na manutenção de atravessamentos pré-existent e no desenvolvimento de uma rede de percursos secundários⁴⁵⁹, bem

⁴⁵⁸ De entre o conjunto edificado, é este o núcleo que consideramos também possuidor de uma lógica de assentamento mais reconhecível, demarcando, portanto uma hierarquia superior face ao núcleo de apoios agropecuários situados no limite nordeste da Quinta (aglomerado mais orgânico).

⁴⁵⁹ De forma análoga, também os acessos à Quinta careceram de adequação às novas vivências, permitindo, de forma controlada, ações esporádicas como cargas e descargas de apoio às atividades agrícolas e uma consequente melhoria de controlo da área em que se distende o território da Quinta. Mantiveram-se e recuperaram-se as duas entradas no limite norte da Quinta — a principal, na qual se transpõe o conjunto de torreões seculares (os torreões como demarcação da própria entrada: os muros exteriores convergem neles), e a secundária, de apoio imediato ao núcleo rural. Contemplou-se também um acesso próprio a estacionamento subterrâneo de apoio a visitantes, em posição recuada mas com ligação direta ao núcleo central da Quinta.

como na reestruturação dos cursos de água (corrente e parada). Dever-se-á assim desenvolver uma *lógica imagética*⁴⁶⁰ que, mais do que um sistema geometrizado, apele à organicidade reconhecida aos percursos, aos próprios assentamentos edificadas e ao *sentido* contido na expressão geral pré-existente. Esta intenção, que deverá contribuir para uma coerência operativa sobre o meio, deverá promover uma continuidade a um certo *modo de estar*, um certo *tema* próprio àquela *atmosfera* geral: a ideia do *industrial campesino*, que promova o diálogo entre um pragmático *estilo de vida* urbano e o romântico sonho rural — e que deverá encontrar eco tanto na abordagem às pré-existências a reabilitar, quanto no projeto de novos corpos.

Assim, relativamente às pré-existências, entendeu-se necessário manter a expressividade geral percebida a partir do exterior, reveladora da particular relação que esta arquitetura estabelece com a envolvente vegetal. As pontuais intervenções a este nível deverão já incidir sobre os espaços de transição interior/exterior, de modo a potenciar uma maior permeabilidade — como a articulação do escritório com o terraço, ou a supressão da *marquise* e estores, elementos que, pelo excessivo peso urbano, comprometem a percepção do *sentido*. Por outro lado, conforme denotado anteriormente, é nos interiores destas pré-existências (adega e casa) que se verifica a necessidade de um adensamento de *conteúdo*, que sublinhe o valor da arquitetura na correspondência à envolvente exterior (tanto construída, quanto vegetal). Entrevê-se, portanto, o interesse em desenvolver uma abordagem ao nível da autenticidade dos materiais (ou até mesmo artesanal) que confira um "*acentuar de carácter*"⁴⁶¹ para além de um entendimento funcional dos espaços — e ainda sob o mesmo *tema*.

Um outro aspeto decorrente desta relação entre casa e meio diz respeito ao seu assentamento que, do lado nascente, parece requerer um remate (pelo contacto desamparado com o vale agrícola). À *vontade* veiculada pelo *sentido*, sobre este aspeto de aproximar-se (com alguma salvaguarda) dos campos, considera-se a intenção de um novo *tempo*⁴⁶²; um novo corpo que, apostado a esta vulnerável fachada da casa, estabeleça uma transição controlada entre os espaços. Esta

⁴⁶⁰ "Language of symbolic forms (style). Such a language consists of basic elements which may be varied and combined in different ways. In other words it depends on systematic formal articulation" NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1984, p.53. Ou como têm de ser os ambientes para que se tenha aquela determinada experiência?

⁴⁶¹ LINO, Raul — *Casas Portuguesas*. Lisboa: Livros Cotovia, 1992, pp.58-59.

⁴⁶² Esta concepção, esta noção da evidência do tempo em Arquitetura, vai, de resto, ao encontro do defendido por Raul Lino: uma "*adição de novas partes que, requalificando o existente, perfazem uma nova totalidade*"; onde "*é relevante que esta decisão de não continuar a transformar a construção de raiz permita aceitar a adição de um novo tempo e de uma nova construção, que terá implicações na transformação global da casa e do lugar*". RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011, p.117.

articulação — que permite também abrigar o novo programa —, deverá inserir-se no conjunto de novos corpos que se estabelecem como subservientes às arquiteturas pré-existentes, de modo a valorizá-las, e que poderão entrecruzar novas técnicas e materiais com um gosto mais tradicional — promovendo um discurso de autenticidade que eleve a poética, mas já segundo meios contemporâneos, potenciando uma continuidade operativa e evolutiva face ao *sentido*. Entendeu-se também assim que, dada a extensão da Quinta, a intervenção deveria situar-se junto dos núcleos já construídos, integrando-se no todo humanizado que polariza os campos.

4.2. PROPOSTA

*"Faço paisagens com o que sinto."*⁴⁶³

4.2.1. Desenvolvimento Programático

Conforme já avançado, o Pólo de Investigação e Prática Agrícola que propomos para a Quinta das Águas Férreas procura corresponder aos desígnios reconhecidos no *sentido* do lugar, sobretudo pelo entrecruzar da vertente prática à vertente investigacional, que assim permite uma abordagem dinâmica ao meio (considerando tanto os ritmos rurais inerentes, quanto permitindo a inovação técnica). Para além disto, e como elucidação à estratégia de projeto, foram também estudadas outras valências que este uso traria ao lugar, vistas à luz da contemporaneidade.

De facto, as alterações do mundo moderno muito terão relegado a um passado certas práticas e saberes do mundo rural que hoje ressurgem enquanto interessante (e, muitas vezes, única) resposta a variadas problemáticas atuais, como a utilização de químicos de síntese ⁴⁶⁴ em produtos agrícolas, potencialmente prejudiciais ao ambiente e aos consumidores, ou outras (que transcendem o âmbito agrícola), como a poluição de vários tipos e consequentes alterações climáticas, o perigo da escassez de água, entre restantes ameaças que o Homem moderno tem vindo a colocar à vida na Terra.

Pretendendo-se um reencontro ⁴⁶⁵ com os ritmos da natureza e com os sábios valores que esta transmite, toma importante valor para o programa da Quinta a

⁴⁶³ PESSOA, Fernando — Livro do Desassossego por Bernardo Soares, vol.I. Lisboa: Ática, 1982, p.12.

⁴⁶⁴ A agricultura biológica não utiliza químicos de síntese, artificialmente produzidos em laboratório, mas adubo biológico.

⁴⁶⁵ Note-se que, no passado, a Quinta das Águas Férreas terá precisamente reunido um conjunto de atividades agropecuárias na larga extensão dos seus terrenos, com exportação de vários produtos ali

atenção ao modo como estes saberes ancestrais e práticas tradicionais se têm vindo a aliar à inovação científica e tecnológica⁴⁶⁶ no traçar de hipóteses e respostas a uma mudança de paradigma, de reaproximação ao *essencial*. Assim, práticas como a agricultura biológica e a permacultura estabelecem-se como interessantes pontos centrais à componente empírica das aprendizagens aqui necessárias, de recurso a um saber pragmático e *vernacular*. Em complemento, sugere-se que semelhante peso seja concedido à vertente investigacional, que permitirá o estudo laboratorial de novas propostas neste âmbito, em articulação com o saber teórico.

A delineação das especificidades deste uso para o lugar das Águas Férreas derivou também assim da pesquisa de alguns casos que, pela inclusão de semelhantes usos, em muito contribuíram para orientar a materialização do programa — sobretudo na compreensão do leque de atividades possibilitadas e no ordenamento de espaços exteriores (de distinta vegetação e dedicados aos diferentes tipos de uso: desde o lazer ao trabalho agrícola). Do mesmo modo, apoiaram alguns destes casos a organização de espaços interiores relacionados com a investigação laboratorial — embora considerássemos que a materialização dos espaços não devesse em tudo plasmar os exemplos em estudo (dadas as especificidades de cada lugar), mas *apenas* procurar entender as dinâmicas que lhes estariam subjacentes. Dos lugares e projetos consultados, destacamos o Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa e a Escola de Educação Ambiental da Quinta da Gruta⁴⁶⁷ como casos que reúnem muitas das funcionalidades pretendidas para integrar o território da Quinta das Águas Férreas —nomeadamente este último, onde, para além da importância do programa, conflui a reabilitação de uma quinta com casa oitocentista, cuja estratégia⁴⁶⁸ vai de encontro à nossa posição para a Venda Seca.

criados (flores, frutas, vegetais, ovos), sobretudo para revenda em praças e feiras. BELO, Inês Marques — *Testemunhos de dona Glória*. Venda-Seca, Julho 2017. 1 registo áudio mp4 (22 min.).

⁴⁶⁶ O que é válido em vários sectores disciplinares, da arquitetura à agricultura.

⁴⁶⁷ Projeto do arquiteto João Álvaro Rocha para Castelo da Maia, 2008; mas também o Centro Ambiental da Quinta do Passal (Gondomar, 2013). » <http://www.joaoalvarorocha.pt/escolaambiental/escolaambientalpt.html>.

⁴⁶⁸ "A quinta na sua actual configuração já possui a sua própria 'casa'. A escola, enquanto edifício, deve ser uma casa mas sem ser a casa da quinta — a sua presença deve apagar-se e não impor-se. A sua condição relativamente à casa existente e agora transformada é a de elemento secundário, como que um anexo, cuja forma resulta do exterior e da relação de dependência que com ele quer manter. Tudo deve ser simples e directo como sempre tem sido na tradição construtiva rural. Isto porque uma casa é sempre, apenas e só, uma casa...". João Álvaro Rocha Arquitectos, Escola de Educação Ambiental » <http://www.joaoalvarorocha.pt/escolaambiental/escolaambientalpt.html>

Por outro lado, recorreu-se também à exploração de centros de investigação e educação não-formal como as eco-aldeias, projetos onde são desenvolvidas práticas como a agricultura biológica e a permacultura (Eco-aldeia de Janas⁴⁶⁹), e ainda a parques e quintas pedagógicas (Quinta do Pisão, Quinta Pedagógica dos Olivais⁴⁷⁰), que propõem o envolvimento de comunidades e visitantes nas práticas rurais (usos agrícolas e pecuários). Este é também um ponto relevante à adequação do uso ao *sentido*: permitir que visitantes e residentes temporários⁴⁷¹, habituados ao estilo de vida urbano, (re)descubram uma utilidade face ao mundo rural e em que moldes se pode essa correspondência estabelecer — sobretudo os mais jovens.

Núcleos Funcionais

HABITAÇÃO TEMPORÁRIA

De encontro ao programa considerado para a intervenção, propõe-se que a *habitabilidade* da Quinta das Águas Férreas se concretize (para alguns) não apenas em horário laboral, mas que pressuponha uma mais imersiva experiência do conjunto e das atividades oferecidas. Como tal, previu-se a construção de cinco volumes de habitação temporária⁴⁷² em que, enquanto arquitetura de baixo impacto, sugerem uma submissão face à casa. Fronteiro à zona de mata da entrada da Quinta, este troço construído procura a integração na envolvente vegetal e o aproveitamento das estruturas pré-existentes do pátio de chegada (escadas, muros). Enquanto núcleo relativamente independente dos restantes espaços da Quinta, este conjunto poderá permitir estadias temporárias de ciclos curtos (*workshops*) ou longos (estágios).

Em complemento a este núcleo, três outros quartos tomam parte dos dois pisos superiores da ala norte da casa, concretizando assim uma mais plena habitabilidade da torre enquanto lugar *romântico* na polarização do lugar e proporcionando uma outra experiência de estadia, num sentido mais *permanente*, de contacto direto com a pré-existência arquitetónica. Em articulação com estes quartos estão ainda a *sala de estar* e a *cozinha*, no primeiro

⁴⁶⁹ Como também a Quinta dos Sete Nomes (Sintra), o centro de permacultura Terra Alta (Sintra) ou a Ecoaldeia do Vale (Mafra).

⁴⁷⁰ Mas também a Quinta Pedagógica Armando Villar (Cascais) ou o Parque Biológico da Serra da Lousã.

⁴⁷¹ Para além destes residentes temporários, que participam em *workshops* ou estágios, a Quinta deverá acolher, em horário específico, outros grupos de visitantes — escolas, famílias ou visitantes individuais — que pretendam participar nas atividades oferecidas ou apenas passear nos espaços exteriores da Quinta.

⁴⁷² Três alojamentos individuais e dois alojamentos duplos.

piso desta ala que, ao permitirem o acesso tanto de residentes quanto de visitantes, sugerem uma informalidade dos ambientes habitados (concordante com o *sentido* veiculado por esta casa, enquanto pré-existência). Sem distinção, qualquer destes núcleos poderá abrigar instrutores ou instruendos.

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E PRÁTICA AGRÍCOLA

núcleo 1

antigo - biblioteca e apoios

De modo a facultar a *experiência* da casa a todos os visitantes da Quinta — e favorecendo um atravessamento entre *antigo* e *novo* —, entendeu-se que todo o piso superior das alas poente e sul da casa deveria contemplar espaços de acesso público que, de acordo com o programa proposto, se materializam na adaptação dos antigos quartos, escritório e sala de estar em biblioteca e de salas de estudo.

O nível térreo desta ala da casa deverá acolher um pequeno arquivo de apoio à biblioteca e algumas salas de administração da Quinta.

novo - salas de formação e laboratórios

Se à casa atribuíramos a conservação de uma certa componente *intelectual*, mas também intimista, entendemos que o novo volume adjacente a esta pré-existência deveria permitir a transição entre este ambiente (mais cuidado) e os campos agrícolas, de vertente mais prática. Enquanto espaço que permite a articulação destas experiências distintas, o novo volume desenvolve-se a partir de um novo piso subterrâneo à casa, que se expande para nascente, e acolhe, ao nível térreo, salas de formação e laboratórios (assim como os respetivos apoios) para suporte à investigação e partilha de saberes; ao nível superior da sua ala norte, situam-se vários volumes individuais que poderão impulsionar o empreendedorismo face às atividades desenvolvidas na Quinta.

exterior - campos agrícolas

Parte fulcral ao desenvolvimento das atividades centrais à Quinta, sobretudo na sua vertente prática, os campos agrícolas correspondem à materialização dos estudos desenvolvidos nos espaços anteriormente referidos. Dada a extensão do território inerente à Quinta, são estes campos de dois tipos: de proximidade, com culturas rotativas e aptos à experiência — onde se inclui um herbário, o *pomar das pereiras* e o *pomar da água* (limoeiros e laranjeiras); e um horto de maior extensão, com culturas permanentes e possibilidade de exploração com recurso a meios pesados. São ainda propostos terrenos de vinha e áreas de pastagem (de apoio ao gado que integra a quinta pedagógica).

núcleo 2

restauração e auditório

Enquanto parte deste centro de investigação e prática agrícola, foi também prevista a possibilidade da Quinta acolher pequenas palestras e conferências, adensando o conteúdo do lugar enquanto pólo de partilha de conhecimentos e experiências. De acordo com o baixo impacto pretendido para a intervenção, o auditório formaliza-se no limite poente do pátio de chegada, achando-se a sua cobertura ao nível deste. A sul, estabelece uma relação próxima mas controlada com os jardins de enquadramento aos tanques de embrechados (*jardins do tesouro*).

Como apoio, a antiga adega acolhe uma cafetaria. Um segundo espaço de restauração é proposto para ocupar o antigo celeiro/vacaria, de modo a oferecer a possibilidade de confeccionar refeições a partir de produtos da Quinta, com a participação dos visitantes. Dadas as suas dimensões interiores, este poderá funcionar mesmo enquanto restaurante.

núcleo 3

mercado

Este pequeno *mercado* surge da expectável necessidade de escoar os produtos gerados na Quinta — ação sustentável do ponto de vista ecológico e económico. Por outro lado, ao promover a reabilitação da *casa do motorista* e respetiva *garagem*, o mercado atua enquanto elemento desencadeador de uma proximidade, pelo fomentar de uma relação de pertença à comunidade de Venda Seca e arredores.

quinta pedagógica (+apoios agropecuários)

Como complemento ao programa central proposto, aposta-se paralelamente numa vertente educativa que, de modo sobretudo empírico, transmita conhecimentos acerca da prática agropecuária a gerações mais jovens. O núcleo preferencial às atividades desenvolvidas neste âmbito é constituído pelo complexo junto à entrada secundária da Quinta que, pelo seu original carácter *vernacular* e pelas funções que sempre abrigou, se coaduna com estas experiências de grande proximidade à terra.

apoios

De entre os apoios aos espaços descritos, tomam maior importância os apoios agropecuários situados no extremo nascente da Quinta, em direta articulação com os campos de cultivo e com os espaços dedicados à quinta pedagógica. São assim previstos alguns volumes destinados a abegoaria (palheiro/celeiro, abrigos

para gado e para alfaías agrícolas) e ainda um espaço destinado aos funcionários de manutenção dos campos e animais, com balneário e sala comum.

4.3.2. Materialização

O juízo operativo tecido na primeira parte deste capítulo, de onde derivou também a seleção do uso, estabelece aqui a sua concretização física na abordagem ao lugar, mediante escolhas que sempre se consideraram como respostas à permanência e reforço do *sentido* encontrado na Quinta.

Estratégia Urbana

Do ponto de vista urbano, e atentando na situação privilegiada que a Quinta ocupa, tanto pelas acessibilidades, quanto pelo seu contexto geofísico — e ainda pela sua identidade própria que aqui pretendemos realçar com o novo uso —, considerou-se o potencial da sua integração no projeto *Eixo Verde a Azul*⁴⁷³, que aproveita a estrutura natural (cursos de água e mancha vegetal) da região para promover a pedonalidade entre pontos de interesse e requalificar o espaço público. Propomos assim que, em articulação com o futuro parque natural da Serra da Carregueira, se estabeleça um circuito (pedonal) entre as várias quintas da região como mote à sua reabilitação e divulgação do seu conteúdo patrimonial. Esta estratégia, que deverá considerar o aproveitamento de alguns territórios para cultivo agrícola⁴⁷⁴ (para além de outras valências), situa-se de acordo com os pressupostos do referido projeto para a região e resgata estes lugares do passado, incluindo-os nas vivências atuais.

Apostando nos recursos patrimoniais locais (naturais e construídos), esta estratégia promoveria a sustentabilidade ecológica e o reforço da identidade da região, para além de atuar como conjunto coeso face à expressiva mancha edificada destes subúrbios.

Já à escala aproximada da povoação, propõe-se igualmente o estreitar de relações entre a Quinta das Águas Férreas e o edifício devoluto diante desta (do outro lado da estrada da Liberdade), parte de outra quinta⁴⁷⁵; mas também face à Quinta do

⁴⁷³ Ver cap. II, 2.1. *A Região: o território de Venda Seca e Belas* - 2.1.3. *A Contemporaneidade*.

⁴⁷⁴ Como, de resto, já se faz a grande escala na Quinta do Molha-Pão (Venda Seca), quanto à agricultura biológica.

⁴⁷⁵ Provavelmente a Quinta "*Olhos d'Água*" atribuída como sendo da família Camburnac (donos de uma importante tinturaria em inícios do século XX). Ver anexo n.º10.

Grajal⁴⁷⁶ — segundo o prolongamento de estruturas lineares (muros, mudança de pavimento) que identifiquem estes lugares como conjunto reativado, sem que nenhum deles perca a sua identidade.

O Muro como Traçado Conciliador

A estratégia desenvolvida à escala da Quinta deriva da já referida necessidade em promover uma estruturação e ordenamento mais inteligível entre elementos pré-existentes — e que integrasse também novos elementos propostos, sem por isso comprometer a geral lógica orgânica inerente ao lugar e própria à experiência da ruralidade. O canal que possibilitou esta intenção foi, uma vez mais, a condição topográfica tão própria ao lugar. Partindo deste recurso, e do *sentido* — na medida em que se insere dentro da lógica imagética que evoca aspetos pré-existentes da Quinta — desenvolveu-se a intenção do *muro* como princípio gerador tanto da contenção do terreno, quanto da conformação da nova massa edificada, que responde às necessidades do uso.

O *muro*, conjunto enviesado e repetido longitudinalmente nos principais núcleos da Quinta, materializado em betão rosa (pigmentado a óxido de ferro)⁴⁷⁷, estabelece-se assim como uma possibilidade habitável, um *entre*, que se vai adaptando aos diversos momentos percorridos no território, tomando diversas altimetrias e modos de ser experimentado (mais operativos ou contemplativos — abrigando circulações verticais, mas também manifestações artesanais; mediando a transição entre espaços ou promovendo a permanência). Esta estratégia que, apesar de linear, deve a sua organicidade à adaptabilidade topográfica, conforma-se também como desencadeadora de uma rede de percursos secundários e da reativação dos cursos de água; *resposta* parcial às *vontades* acerca de uma operatividade sobre o meio rural.

A reconsolidação de percursos atua sobre os caminhos já existentes, destacando-os pela pavimentação em calçada — que remete a um certo parentesco urbano e que é prolongada aos terreiros —, e pelo traçar de uma sub-rede de caminhos, decorrente das necessidades funcionais de um novo programa e materializada em brita de granito. São também considerados apontamentos em tijolo *burro*,

⁴⁷⁶ Lugar da "nascente da magnífica água da fonte do Cedro", como inscrito numa das fachadas dos seus edifícios.

⁴⁷⁷ Esta materialidade/cor assumem-se coerentes à lógica imagética proposta, pela ligação que estabelecem com as arquiteturas de António Lino neste lugar — tanto o uso do betão como a pigmentação a cor-de-rosa; de resto correspondentes à representatividade (nobre) procurada pelo lugar, mas também à tendência moderna refletida no mesmo.

sobretudo junto das áreas agrícolas, e em blocos de granito irregulares, intercalados com brita, junto à zona de lago. Propõe-se assim uma lógica de distinção material entre tempos, mas uma coerência formal pela íntima correspondência com o contexto topográfico percorrido (seja ao longo do muro ou não). De igual modo, a reintegração das águas na estruturação do território da Quinta apoia-se tanto nos sistemas pré-existentes, como no próprio muro, que deverá incorporar meios complementares para a sua recolha, armazenamento e transporte — como calhas e pequenos tanques de apoio ao núcleo agropecuário, que permitem a reintegração humanizada deste elemento na paisagem⁴⁷⁸. Ainda que assim conduzidas, as águas deverão também ganhar expressão pelo itinerário próprio que tomam por entre os diferentes tipos de solo e vegetação, trilhando continuidades e descontinuidades entre espaços de trabalho e de recreio — e acolhidas, em cada caso, conforme a ambiência específica ao local. É neste sentido que se propõe para a cota mais baixa do vale agrícola junto à casa um pequeno lago ou bacia de retenção, na transição entre campos cultivados e zona de mata; ou que, imperativamente, se reativam as fontes e os seculares tanques de embrechados, em comunhão com o *romantismo* de um novo arranjo ajardinado. Estes novos vínculos estabelecidos com o território assumem-se fundamentais também para a estruturação de novos corpos edificados que, enquanto *massa* mais *leve*, se desenvolvem a partir do muro, seguindo-lhe as direções e enquadrando-se na paisagem como intervenção de baixo impacto volumétrico e expressivo — coerentes com a intenção de salvaguardar o valor das pré-existências e contribuindo para lhes realçar o *sentido* reconhecido.

Assim, do primeiro par de muros formaliza-se a delimitação poente do pátio de chegada a casa, enquanto tempo último à humanização daquele lugar. Da permanência de todas as estruturas pré-existentes (nomeadamente, do terraço com antigos degraus e balaustradas), entendeu-se que a nova construção deveria situar-se semienterrada, apenas com fachada para sul (onde a relação com os jardins e tanques é controlada por sistemas de obturação do vão do auditório); este espaço articula-se internamente com a antiga adega (cafetaria) e é acessível através de um pequeno *coreto* ao nível do pátio (que aponta para o romantismo deste lugar). O restante troço sul deste muro remata os jardins de enquadramento ao tanque e, do lado oposto, encerra o estacionamento subterrâneo de apoio à Quinta. É também neste primeiro conjunto que, a norte, se dispõem os volumes

⁴⁷⁸ Dadas as condições do meio físico em que se insere este lugar, entendeu-se igualmente a importância de reestruturar e enaltecer não apenas o percurso das águas férreas, como das próprias linhas de água que atravessam o território em duas direções — salvaguardando, porém, que pelo desconhecimento da localização exata destes cursos (naturais ou mecanicamente conduzidos) este é um exercício conceptual que apenas pretende delinear pistas para abordar uma eventual situação real.

de habitação temporária, próximos deste forte momento que é a casa e o pátio de chegada. Procurou-se aqui que os gerais traços exteriores evocassem alguns elementos próprios ao tema considerado, como os tradicionais vãos em arco ou a cobertura em telha, mas também o pendor urbano conferido pelas cantarias em betão branco.

Já o segundo par de muros estabelece-se como essencial à estruturação do território, por ser adjacente à fachada nascente da casa, sugerindo-lhe um *embasamento* que se prolonga para norte, em remate do imponente renque de ciprestes⁴⁷⁹. Como que sugerindo uma maior estabilidade à pré-existência, esta arquitetura vem também propor uma transição mais qualitativa com o vale agrícola que ali se abre; a articulação à casa faz-se através de um novo piso, a ela inferior e com acesso a partir do pátio murado⁴⁸⁰. Adjacente ao troço sul deste conjunto de muros, em volume corrido, desenvolve-se o corpo de salas de formação/aulas, paralelo à casa e ao vale. O troço norte abriga, em piso subterrâneo, os laboratórios, e, em relação direta com os campos agrícolas, um piso superior de *ateliers* independentes — volumes a que se apõem pequenos tanques e intercalados por escadas exteriores que conduzem ao pomar de pereiras a norte da casa.

Por fim, o último conjunto de muros situa-se no prolongamento do núcleo agropecuário, junto à entrada secundária. Aqui, para além de delimitar algum território, constitui-se sobretudo como apoio técnico a estes usos (integrando arrumos e sistema de águas). Em cada conjunto, foi ainda considerada a formalização de pátios de apoio a pisos subterrâneos que, além de permitirem condições de habitabilidade a estes espaços, favorecem a permeabilidade poética da arquitetura face ao exterior.

Construtivamente, pretendeu-se que os novos corpos desenvolvidos ao longo do sistema de muros possibilitassem uma continuidade com as pré-existências. Neste sentido, e reconhecendo o bom estado de conservação geral do sistema misto (parede autoportante em alvenaria de pedra - viga de betão) das pré-existências de 1935, pretendeu-se dotar as novas arquiteturas do mesmo aspeto maciço, recorrendo para isso à estrutura porticada pilar-viga em betão — complementada pela laje fungiforme sempre que o vão a vencer é amplo.

⁴⁷⁹ Acerca da formalização deste corpo, consultámos o Centro de Documentação e Informação do Palácio de Belém (arquiteto João Carrilho da Graça, 2002) pela sua concepção linear, semienterrada e com pátios; articulado à arquitetura pré-existente, ao jardim e à água — "*A massa de terra sob a plataforma de relva é escavada e construída de dentro para fora.*" Ver Anexo n.º15.

⁴⁸⁰ Apesar do aumento a que fica sujeita a área pré-existente da casa, este encontro dá-se de forma controlada e pontualmente visível a partir do exterior, evocando assim uma permeabilidade à novidade, que cria proximidade aos campos (a ligação à terra).



65. Estrutura Porticada Pilar-Viga do Novo Corpo Edificado (com muros adjacentes), 2018.

Modelo tridimensional da autora (projeto em desenvolvimento).



66. Piscinas de Leça da Palmeira (Arq.º Siza Vieira), 2017

67. WFP. Water Filtration Plant (C+S Architects), 2009

Exemplos da espacialidade dos muros na Arquitetura.

Ambiências

Decorrente do uso e do tema, as ambiências esclarecem-se como conteúdo último do projeto, permitindo habitabilidades específicas a cada momento da Quinta. Assim, e de acordo com a abrangência territorial da intervenção, considerando as particularidades expressivas de cada núcleo, procurou-se dotar o conjunto de uma coesão linguística, decorrente do tema *industrial campesino* — reconhecido ao geral ambiente pré-existente e que consideramos relevante manter e realçar. Dadas as especificidades encontradas — e as pretendidas, para os novos corpos — considerámos importante conceber esta lógica imagética, linguística, como um *intervalo* que permite que cada ambiente tenda mais para o intimismo romântico ou para o pragmatismo técnico (noções também necessárias à função que cada espaço abriga), mas sempre de acordo com a mesma *paleta* (materiais, escalas, luz).

Em geral, pretende-se dotar os ambientes de um acolhimento intimista que incite à reflexão bucólica, onde a expressão dos materiais⁴⁸¹ tome parte fundamental tanto pela atribuição de conforto, como de autenticidade. Como exemplo à delineação destes ambientes, que deverão também considerar a vertente urbana já reconhecida às pré-existências, atentou-se em casos como a casa-estúdio de Frank Lloyd Wright em Oak Park⁴⁸², que aponta para a reminiscência *Arts&Crafts* já sob perspectiva moderna, ou para a estilização de alguns aspetos clássicos, conciliando a verdade dos materiais (de onde se destacam as madeiras) à depuração de volumes, com grande integração e sensibilidade poética. Entendeu-se também que, em termos de escala, o pé-direito deverá ser normalmente baixo, salvo em momentos de exceção, que formalizem a articulação de espaços amplos ou que incitem à reunião — como o pátio interior de articulação entre a casa e o novo corpo, ou o auditório, que recorrem ao elemento circular (escadas em caracol, alinhamento de assentos) como impulsor de uma intimidade. A luz,

⁴⁸¹ Estes materiais não deverão possuir uma estética desgastada, mas também não deverão ser demasiado polidos.

⁴⁸² 1889, Illinois, E.U.A. <https://flwright.org/>

inevitavelmente variável em cada espaço, deverá ser geralmente filtrada, nunca demasiado invasiva, sobretudo nos momentos voltados a poente⁴⁸³; nas divisões voltadas ao vale agrícola, de trabalho, permite-se uma maior luminosidade natural.

Nos interiores da casa procurou-se instituir uma habitabilidade conforme à representatividade notada no exterior e dotar os espaços de um carácter mais expressivo no encontro com a *natureza*. Apostou-se sobretudo na construção de uma lógica contínua a partir da madeira de riga⁴⁸⁴ que, surgindo em tábuas corridas no pavimento, percorre também alguns dos paramentos — atribuindo aos ambientes uma espacialidade mais rica, tanto apenas superficialmente (em painel), quanto funcionando como arrumos e integrando-se nos nichos pré-existent das divisões⁴⁸⁵. Esta coerência formal aporta também apontamentos artesanais (*trelis*) que contribuem para adensar o carácter reconhecido à casa — a ambiência burguesa, cujos quotidianos *maquinais* se vão diluindo no contacto com a natureza própria à Quinta. Nos espaços de transição, na torre, optou-se pelo revestimento cerâmico (azulejo verde), em apelo à relação mais próxima entre interior-exterior; material também usado em divisões de serviço.

Procurámos que esta lógica se propagasse nos interiores dos novos corpos construídos, sobretudo nos *ateliers*/gabinetes e habitações temporárias (que permitem o mesmo tipo de ambiência intimista), porém, com maior depuração — dada a submissão destes face às pré-existências, mas também atendendo ao uso mais técnico de alguns destes espaços, como os laboratórios. Assim, as ambiências aqui desenvolvidas permitem-se também à expressão mais autêntica de materialidades associadas a um carácter mais industrial, que são aqui assumidas como parte integrante de uma estética de gosto tradicional, pelos elementos formalizados — como nas cantarias em betão branco de acabamento bujardado mas, sobretudo, na apropriação do *muro* enquanto parte da lógica imagética, artesanal, que imprime ao espaço uma habitabilidade para além do funcional.

⁴⁸³ Dada a melancolia reconhecida ao pátio de chegada à casa.

⁴⁸⁴ Considerámos a possibilidade do pinho, mas resultaria demasiado rústico. A riga aponta também para o carácter jovem reconhecido na casa.

⁴⁸⁵ Atentou-se também em detalhes como o aumento da altura de rodapés e a aplicação de apontamentos vegetais no estuque do tecto da sala-biblioteca.

A Reinterpretação de um *Traço* Identitário

Conforme apontado ao longo da leitura do lugar, o valor das composições de embrechado (de ornamento aos tanques da Quinta) assume-se fundamental à sua identidade. Dada a intenção de estabelecer a já referida continuidade imagética com as pré-existências — e procurando a expressão do artesanal na arquitetura —, desenvolveu-se uma reinterpretação desta forma de arte para integrar o *muro*, nos principais momentos que este acompanha.

Partindo da recolha de parte do padrão de um dos espaldares de embrechado, procedeu-se à sua *atualização* por meio da interpretação dos seus traços principais, materialidades e escala — isto é, procurou-se coadunar a antiga técnica à contemporaneidade (pela diversa materialidade, que agora recorre ao betão) e ao próprio *sentido* reconhecido à Quinta (o gosto pela representatividade tradicional, embora à luz de uma intenção moderna).

Não pretendendo que este trabalho ornamental substitua qualquer outro pré-existente, entendeu-se que o enriquecimento plástico e poético conferido à intervenção decorreria da composição de um novo padrão, à escala do muro, que não deixa de transmitir a matriz própria desta secular manifestação artística. Do mesmo modo se situam também os trabalhos da artista plástica Adriana Varejão e as composições de Eduardo Nery, pela reinterpretação que tecem sobre a arte azulejar, em termos da desconstrução de um padrão, *repropondo* uma tradição.

Ao longo dos principais momentos desenvolvidos ao longo do muro, pretende-se recriar a atmosfera sugerida por esta forma de arte, em que a incidência da luz (estimulada por um rasgo da cobertura, ao longo do muro, potencie brilhos, uma ambiência romântica e melancólica.



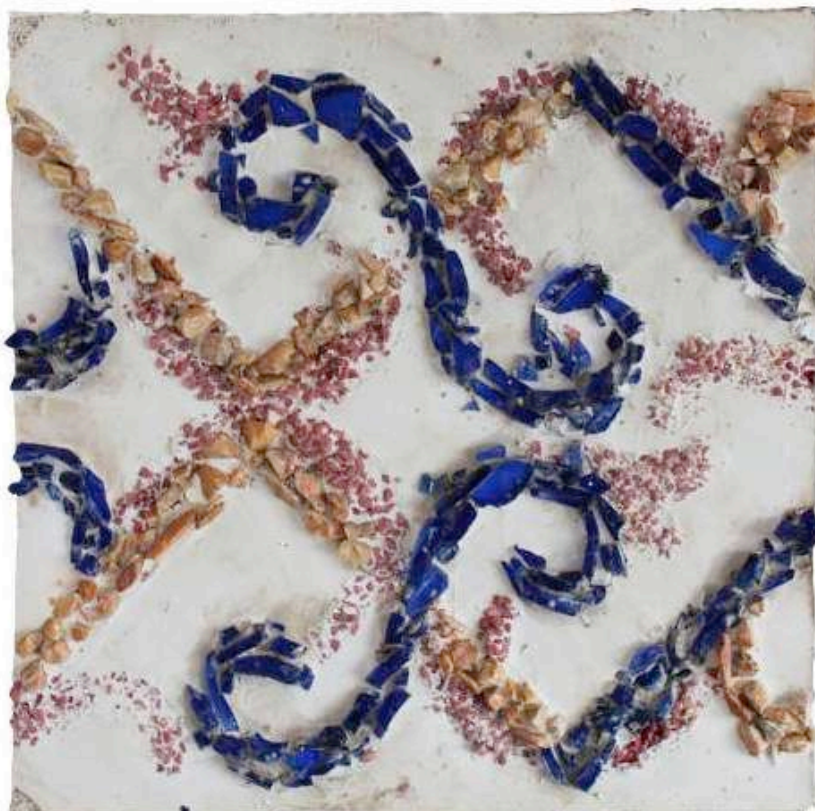
69. Azulejos, 2000.

68. Naufrágio da Nau da Companhia das Índias, 1992.

Obras de Adriana Varejão,
artista plástica

70. Reinterpretação de
Padrão de Embrechado,
2018.

Maqueta 30x30cm da
autora (projeto em
desenvolvimento).



71. Muro de
Embrechados, 2018.

Fotomontagem da
autora (estudo de
possibilidades de
escala; projeto em
desenvolvimento).



V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"O fim da viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre."*⁴⁸⁹

⁴⁸⁹ SARAMAGO, José - *Viagem a Portugal*. 1981.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contacto próximo que desde sempre mantivemos com vários lotes expectantes da região de Belas, quintas muradas à margem do tecido (sub)urbano que um dia polarizaram, potenciou a nossa atenção sobre estes lugares remi­niscen­tes de um passado que importa reativar, pelo património material e imaterial que encerram. No encaço de uma pequena povoação de ainda vincados traços rurais, a Quinta das Águas Férreas revelou-se assim interessante paradigma disto mesmo mas, sobretudo, atrativo *microcosmos* a que nos propusemos analisar e sobre o qual intervir no presente trabalho final de mestrado.

Sob a vontade de nos orientarmos por um método que permitisse aprofundar o conhecimento acerca das especificidades deste lugar como caminho à sua fundamentada reabilitação arquitetónica, considerámos a leitura das suas particularidades históricas, físicas e imateriais que, como conjunto uno e indissociável, contribuíram para clarificar a atratividade que lhe reconhecemos e o porquê da sua especificidade enquanto lugar arquitetónico e vegetal.

Encetámos assim pela leitura histórica à escala da localidade, desde época relacionável com a génese da Quinta, de modo a compreender que dinâmicas contribuíram para a sua origem. Daqui depreendemos já que tanto razões socioculturais como particularidades geofísicas do território (sobretudo a riqueza vegetal e hidrológica inerente) vincularam desde cedo estes territórios como refúgio campestre a *élites* maioritariamente urbanas; um meio profundamente marcado pela crueza dos campos agrícolas e das tradições vernaculares, que com o passar dos anos se foi cada vez mais ajustando a dinâmicas citadinas, tanto pela chegada dessa *élites* quanto, posteriormente, pela evolução das acessibilidades — que determinaram, desde há cerca de meio-século, a sua propensão a *subúrbio-dormitório* de Lisboa.

Aproximando-nos à escala da Quinta, a leitura das suas temporalidades próprias constituiu-se essencial ao entendimento das estruturas que lhe demarcaram a forte identidade. Num processo misto entre o estudo de fontes históricas e considerações subjetivas, tecidas acerca de aspetos cronológicos menos claros, pudemos relacionar a fundação da Quinta das Águas Férreas com os séculos XVI-XVII — período a que pertencem singulares estruturas como os tanques ornamentados a embrechado ou os torreões, que demarcam o próprio momento de entrada. Não obstante a importância destes elementos, terá sobretudo derivado de um passado mais recente a consolidação da identidade da Quinta, assim como hoje a reconhecemos. A abrangente intervenção operada por António Lino na década de 1930, que muito aponta para o desejo de um (re)encontro com a ruralidade, sob a perspetiva romântica de uma burguesia que

procurava alhear-se dos quotidianos maquinais e citadinos (sem, porém, deles se desprender), assumiu-se determinante ao estudo atento do fenómeno da *Casa Portuguesa* das reinterpretações e reinvenções que se lhe seguiram já em clima de modernidade. Entrecruzado com a leitura formal das arquiteturas da Quinta (de onde a casa é momento central), veio este estudo propor já algumas noções próprias do *sentido*, manifestadas a partir da própria morfologia, mas ainda ambíguas: como os pares *erudito-vernacular*, *urbano-rural*, *moderno-tradicional*.

Procurando sintetizar e explicitar o conteúdo signifiante da Quinta, entendemos o interesse de traçar um *percurso fenomenológico* pelo seu território, que nos permitiu atentar em cada núcleo e associar os vários momentos sugeridos a uma só expressão conjunta, um *modo de ser* unificado. Pudemos então compreender, essencialmente, a proposta *ideal* de uma realidade isolada, fértil, mas também facilmente acessível, a que um *modus operandi* burguês e urbano procurou corresponder através de uma perspectiva romântica da natureza, revestida de alguma representatividade tradicional (a pragmatização *moderna* da *Casa Portuguesa*).

Para além da contribuição das leituras até então realizadas à formulação deste entendimento acerca do particular significado da Quinta das Águas Férreas, justificou-se também um breve paralelismo à obra de Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*, como a outros menores registos acerca da burguesia dos séculos XIX e XX e da dicotomia *rural-urbano*, que muito vieram apoiar a construção de um conhecimento sensível do lugar, perante a sua autenticidade.

À ideia do *industrial campesino* como síntese do ambiente ali entendido, que hoje permanece enquanto potencial *refúgio* aos ritmos urbanos dali próximos, procurámos corresponder com um projeto de intervenção arquitetónica que perpetuasse e realçasse o mesmo conteúdo simbólico — tanto quanto à reabilitação de pré-existências, como na construção de novos corpos.

Dada a já forte expressividade das arquiteturas da Quinta e, sobretudo, o sentido através delas veiculado, entendemos como necessária uma intervenção de baixo impacto formal que viesse enfatizar o valor das pré-existências e estabelecer uma aproximação controlada entre as mesmas e o meio vegetal em que se inserem. A estratégia que possibilitou esta intenção passou pelo enfoque na reabilitação dos interiores das pré-existências (sobretudo da casa e da adega) que contribuiu para a sua consolidação na correspondência às qualidades exteriores encontradas (da própria envolvente construída e da envolvente vegetal) e, a nível geral, o traçar de uma lógica imagética que reativasse vários aspetos significantes da paisagem, transportando-os para o presente (como a reinterpretação da técnica de embrechado ou outros elementos formais como tanques e nichos). Este conjunto,

que se pretendeu uno e coerente em cada momento intervencionado ao longo da grande abrangência territorial da Quinta, foi em muito possibilitado pelo sistema de muros introduzido, que veio não apenas colmatar desafios topográficos como gerar o novo edificado que, discretamente, aponta ao enaltecimento das pré-existências e permite o recurso à expressão autêntica dos materiais, tanto modernos quanto intemporais, na construção de uma poética conforme ao *sentido* do lugar.

Esta abordagem não estaria completa sem que o profundo entendimento do lugar, que cremos ter desenvolvido, se refletisse igualmente na escolha de um uso apropriado à sua reativação. Assim, a criação de um pólo de investigação e prática agrícola veio não apenas potenciar os recursos naturais do território, fundamentais à sua identidade, como enaltecer o próprio *sentido* da Quinta, na medida em que se responde de forma operativa e informada ao apelo acerca da concretização dos campos.

Por fim, e a nível pessoal, resta-nos apontar para o enriquecimento que o processo de análise e projeto aqui tomado sobre o lugar da Quinta das Águas Férreas nos possibilitou acerca do mesmo mas, sobretudo, como contributo ao adensar de um modo próprio de *ver, sentir e praticar* Arquitetura.

De igual modo, esperamos com este trabalho ter aberto espaço à reflexão sobre questões necessárias à contemporaneidade, como a redescoberta, revalorização e revitalização de um património que, à margem dos grandes centros, se vai perdendo para a densificação de uma mancha suburbana muitas vezes alheia à história e identidade dos lugares que ocupa. Sobre estes aspetos, esperamos ter também contribuído para elucidar acerca da importância de um estudo dedicado às componentes históricas, materiais e imateriais de cada arquitetura como base a uma intervenção que permita a sua reinserção na contemporaneidade, fazendo prevalecer o seu valor único e irrepetível, expresso pelas estruturas particulares que lhe são inerentes.

"The function of real things is therefore to concretize or 'reveal' life in its various aspects. (...) We dwell poetically when we are able to 'read' the revealing of the things which make up our environment. Things are made with the purpose of revealling; they gather world, and may themselves be gathered to form a microcosmos. (...) The concept of gathering implies that natural meanings are brought together in a new way, in relation to human purposes. (...) Things gather world and thereby reveal truth." ⁴⁹⁰

⁴⁹⁰ NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1984, pp. 169-170.

VI. BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, José; PAIVA, José. V.; PINHO, Ana — *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional*. vol. I, 1ª ed. Lisboa: Instituto Nacional de Habitação e Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2006.

AIRES, Matias — *Reflexões sobre a vaidade dos homens e a carta sobre a fortuna*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1982.

ALMEIDA, Pedro Vieira de; FRANÇA, José-Augusto; RIO-CARVALHO, Manuel de — *Raul Lino: exposição retrospectiva da sua obra*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970

ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel; PEREIRA, Michel Toussaint — *Raul Lino - 3 depoimentos em 1993*. Lisboa: (Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura de Lisboa) Edições Cotovia, 1993.

AZEVEDO, Carlos de — *Solares Portugueses*, 2.ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.

AZEVEDO, Carlito; DIAS, Tânia; SUSSEKIND, Flora. — *Vozes Femininas*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2003.

BACHELARD, Gaston — *A poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BORDALO, Francisco Maria — *Novo Guia do Viajante em Lisboa e Seus Arredores, Cintra, Collares e Mafra*. Porto: Adolpho Soares Cardozo, 1853.

BORREGO, Nuno — *Cartas de Brasão de Armas*, vol. II. Lisboa: DisLivro Histórica, 2005.

BORREGO, Nuno — *Cartas de Brasão de Armas*, Colectânea. Lisboa: Guarda-Mor, Edição de Publicações Multimédia Lda, 2003.

CALDAS, João Vieira — *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII*, 2.ª edição. Porto: FAUP Publicações, 1999.

CARITA, Hélder — *A Casa Senhorial em Portugal*. Lisboa: Leya. 2015.

CHOAY, Françoise — *L'urbanisme, utopies et réalités. Une anthologie*. Paris: Éditions du Seuil, 1965.

DIAS, Guilherme (pref.) — *Roteiro de Belas*. Belas: Junta de Freguesia, 20--?

FELICIANO, Ana Marta; LEITE, António Santos — *A Casa Senhorial Como Matriz da Territorialidade*. Lisboa: Caleidoscópio, 2016.

FERNANDES, José Manuel; PEREIRA, Nuno — *A arquitetura do Estado Novo de 1926 a 1959*, em *O Estado Novo – Das Origens ao Fim da Autarcia (1926-1959)*, Actas do Colóquio, vol. II. Lisboa: Editorial Fragmentos, 1987.

HAUPT, Albrecht — *A Arquitectura do Renascimento em Portugal*, 1.^a edição. Lisboa: Editorial Presença, 1986.

KAHN, Louis — *Conversations With Students*, 2.^a ed. Rice University School of Architecture: Princeton Architectural Press, 1998.

KUBLER, George — *A Arquitectura Portuguesa Chã. Entre as Especiarias e os Diamantes: 1521 - 1706*. Lisboa: Editorial Vega, 1988.

LEITE, António Pinto (coord.) — *Raul Lino - Artes Decorativas*. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva e Museu de Artes Decorativas Portuguesas, 1990.

LEITE, António Santos — *A Casa Romântica: Uma Matriz para a Contemporaneidade*. Lisboa: Caleidoscópio, 2015.

LINO, Raul — *A Nossa Casa*, 2.^a ed. Lisboa: Libânio da Silva, 1947. 1918

LINO, Raul — *Casas Portuguesas*. Lisboa: Livros Cotovia, 1992.

LINO, Raul — *A Casa Portuguesa*

MARQUES, Gentil — *Lendas de Portugal*, vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores, 1997.

MERLEAU-PONTY, Maurice — *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1999.

MONTOITO, Eugénio (org., selec. e dir.) — *Sintra... e suas gentes*. Sintra: Câmara Municipal, 2001.

NORBERG-SCHULZ, Christian — *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1984.

ORTA, Teresa Margarida da Silva e — *Aventuras de Diófanos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

ORTA, Teresa Margarida da Silva e — *Obra Reunida*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993.

PALLASMAA, Juhani — *The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses*. Chichester: John Wiley and Sons Ltd, 2005.

PEREIRA, Esteves; RODRIGUES, Guilherme — *Portugal. Dicionário Histórico, Biográfico, Bibliográfico, Heraldico, Chorográfico, Numismático e Artístico*. vol. II. Lisboa: João Romano Torres Editor, 1906.

PATO, João Howell — *História das Políticas Públicas de Saneamento em Portugal*. Lisboa: Entidade Reguladora dos Serviços de Águas e Resíduos (ERSAR), 2011.

PEREIRA, Paulo — *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 1995.

PESSOA, Fernando — *Poemas Inconjuntos, Poemas de Alberto Caeiro*, 10.º ed. (João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor, not.). Lisboa: Ática, 1993.

PIMENTEL, Alberto — *O Romance do Romancista*. Lisboa: Empreza Editora de F. Pastor, 1890.

PIMENTEL, Alberto — *Portugal Pittoresco e Illustrado. A Extremadura Portuguesa*, vol. II. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1908.

QUEIRÓS, Eça de — *A Cidade e As Serras*. Mem-Martins: Publicações Europa-América, 19--?

QUINTINO, José L. (textos); SAT, Claudio; TRIGUEIROS, Luiz (edit.) — *Raul Lino*. Lisboa: Editorial Blau, 2003.

RIBEIRO, Irene — *Raul Lino, Pensador Nacionalista da Arquitetura*, 2.ª ed. Porto: FAUP, 1994.

RODRIGUES, Rui — *Quinta do Senhor da Serra (Belas). Análise Arquitectónica e Territorial*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra (Pelouro da Cultura), 2012.

ROMEIRO, Adriana — *Um Visionário na Corte de D. João V - Revolta e Milenarismo nas Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

RUDERS, Carl Israel — *Viagem em Portugal, 1798-1802* (António Feijó, trad.), vol. I. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de — *Citadelle*. Feedbooks, 1948,

SARAMAGO, José — *Folhas Políticas 1976-1998*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

SARAMAGO, José — *Viagens a Portugal*.

SAT, Claudio (edit.) — *Telhados Contemporâneos na Arquitectura Portuguesa*. Lisboa: Editorial Blau, 2005.

SEGURADO, Jorge — *Francisco d'Ollanda*. Lisboa: Edições Excelsior, 1970.

SERRÃO, Vítor — *Sintra*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

SILVA, André Lourenço — *Conservação e Valorização do Património, Os Embrechados do Paço das Alcáçovas*, 1.^a ed. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012.

SILVA, António de Moraes — *Diccionario da Lingua Portuguesa: A-E*, Volume I (Tomo Primeiro). Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

SILVA, José Custódio Vieira da — *Paços Medievais Portugueses*. Lisboa: Edições ASA com Apoio IPPAR, 1995.

SITTE, Camillo — *L'Art de Bâtir les Villes (L'Urbanisme selon ses Fondements Artistiques)*. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

STOOP, Anne de — *Quintas e Palácios nos Arredores de Lisboa*. Barcelos: Livraria Civilização Editora, 1986.

ZUMTHOR, Peter — *Atmosferas*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

ZUMTHOR, Peter — *Thinking Architecture*. Baden: Peter Zumthor and Lars Muller Publishers, 1998.

INVESTIGAÇÕES E PROVAS ACADÉMICAS

ABREU, Pedro Marques — *Palácios da Memória II: A Revelação da Arquitectura*, Tese de Doutoramento em Arquitectura. Lisboa: FA-UTL, 2007.

ACCIAIUOLI, Margarida — *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes - Restauração e Celebração*, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, 1991.

D'ALMEIDA, Patrícia Bento — *Bairro(s) do Restelo*, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: FCSH-UNL, 2013.

FERNANDES, Raquel Silva — *A Casa de Santa Maria em Cascais, Especificidades de um Património Arquitectónico e Artístico*, Tese de mestrado em Arte, Património e Restauro. Lisboa: FL-UL, 2007.

PEREIRA, Michel Toussaint — *Da Arquitectura à Teoria e o Universo da Teoria da Arquitectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, Tese de Doutoramento em Arquitectura. Lisboa: FA-UTL, 2009.

PEREIRA, Paulo Manta — *Raul Lino - Arquitectura e Paisagem (1900-1948)*, Tese de Doutoramento em Arquitectura e Urbanismo. Lisboa: ISCTE-IUL, 2012.

PIRES, Amílcar Gil e — *O Lugar da Villa Renascentista na Arquitectura Portuguesa - Quinta das Águas Férreas*, Ficha CIAUD. Lisboa: FA-UTL, 2013.

ROSA, Francisco — *Estudos d'Arte. A Quinta do Senhor da Serra*, Trabalho em Pintura. Lisboa: ESBAL, 1983.

UCHA, Maria Margarida Mariño — *"Português Suave" e "Arquitetura Doce", Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa*, Tese de Mestrado em História Moderna e Contemporânea. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015.

ARTIGOS

ABREU, Pedro Marques — *A Ideia de "Habitação"*. Congresso Internacional da Habitação no Espaço Lusófono. Lisboa: CIAUD, 2013.

ABREU, Pedro Marques — *Arquitectura: Monumento e Morada*. ArtiTextos, vol. 1, n.º 4. Lisboa: CEFA, 2007.

ALBERGARIA, Isabel — *Os Embrechados na Arte Portuguesa dos Jardins*. Universidade dos Açores: Arquipélago - Revista da Universidade dos Açores, série História, 2.ª série, vol. 2, 1997.

ALVES, Silva — *Memorial da Freguesia de Belas*. Amadora: Jornal da Amadora, 10.04.2003.

CAVACO, Cristina (coord.) — *Cidades Sustentáveis 2020, Anexo I - Diagnóstico Territorial*. Ministério do Ambiente, Ordenamento do Território e Energia, Abril 2015.

COELHO, Eduardo — *Que futuro para Belas?* (Editorial). Belas: Terra Nossa - Jornal da Paróquia de Belas, ano 1, n.º 6, agosto de 1987.

CONCEIÇÃO, Luís — *O Banho e a Higiene Doméstica em Portugal*. Universidade Lusófona: Revista Lusófona de Humanidades e Tecnologias, n.º 11, 2008.

LINO, Raul — *Diário de Notícias*, 28.04.1960.

MACEDO, Isabel Sousa de — *A Casa da Comenda de Raul Lino: de torre medieval a residência de veraneio*. Câmara Municipal de Lisboa: Histórias de Casas e de Quem Lá Vive(u), série II, n.º 6, vol. II, julho-dezembro 2016.

MATTA, António — *A Freguesia de Belas - Ontem e Hoje. Das vivendas aos arranha-céus*. Sintra: Jornal de Sintra, 20.04.1990.

MATTA, António — *Memória duma Nascente de Águas Virtuosas - Quando uma Princesa andava a Banhos na Venda Seca*. Belas: Terra Nossa - Jornal da Paróquia de Belas, ano 1, n.º 6, agosto de 1987.

MATTA, António — *Porque mingua cada vez mais a água, quando há tanta? - Viagem pelo interior dos encanamentos das Águas Livres, em Carenque*. Sintra: Jornal de Sintra, n.º 2095, 03.08.1974.

PEREIRA, Paulo Manta — *A Casa Max Abecassis (1925-1932). Uma Possibilidade Moderna de Continuidade na Arquitetura Doméstica de Raul Lino*. Câmara Municipal de Lisboa: Cadernos do Arquivo Municipal - Histórias de Casas e de Quem Lá Vive(u), série II, n.º 6, vol. II, julho-dezembro 2016.

RAMOS, Rui Jorge Garcia — *A Perspectiva das Coisas. Raul Lino em Cascais*. Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: Revista Monumentos, n.º31, 2011.

REIS, Luciano — *Belas - Vila com Património*. Sintra: Jornal da Região, 27 de janeiro 2004.

SEBASTIÃO, João Carlos — *Novos espaços de lazer de Belas até ao Tejo - Projecto Eixo Verde e Azul do Jamor*. Sintra: Jornal da Região, nº101, 2 a 8.11.2016.

SEBASTIÃO, João Carlos — *Quinta de D. Sebastião motiva apreensão*. Sintra: Jornal da Região, 19-25.05.2009. n.º 175, ano XIII.

SILVA, Raquel (coord.) — *Histórias de Casas e de Quem Lá Vive(u)*, vol. II. Lisboa: Revista Cadernos do Arquivo Municipal, 2.ª série, n.º 6, Julho - Dezembro 2016.

TAVARES, Pedro — *Paraísos perdidos, paraísos proibidos: o Novo Mundo na Inquisição. Prefigurações emancipalistas da monarquia brasileira*. FLUP: Península, Revista de Estudos Ibéricos, nº2, 2005.

TOUSSAINT, Michel — *A paisagem segundo Raul Lino*. Lisboa: Jornal Arquitectos, n.º 206, 2002.

(Basilio Horta) in *Plano de Urbanização da Serra da Carregueira aprovado por unanimidade na CMS*. Sintra: Jornal de Sintra, nº 4074/75, 05.06.2015.

Diário do Governo. Lisboa: Imprensa Nacional, ed. 152-230, 1822, p. 18.

Feira da Ladra - Revista Mensal Ilustrada, tom. IV, n.º 1. Lisboa, 1932, p. 114 e 115.

Gazeta de Lisboa de 15 de Janeiro de 1799

Gazeta de Lisboa, n.º165. Lisboa: Imprensa Nacional, julho 1828.

Nascentes. Belas: Bellas - Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Belas, n.º0, março de 1998.

Plano de Urbanização da Serra da Carregueira aprovado por unanimidade na CMS. Sintra: Jornal de Sintra, nº 4074/75, 05.06.2015.

Secção "Avisos". Lisboa: *Gazeta de Lisboa*, n.º146, 23 de junho de 1819.

Secção "Avisos". Lisboa: *Gazeta de Lisboa*, ed. 1-153, n.º153, 30 de junho de 1820.

Suplemento n.º 34, Diário do Governo. Lisboa: Imprensa Nacional, ed. 77-151, 21 de Junho de 1822.

Concelho de Sintra, Outubro de 2014 » http://www.cm-sintra.pt/phocadownload/PDF/consulta_publica/revisao_pdm/documentos-consulta/relatorios-diagnostico/Tema-11-Patrimonio-Natural-Arquitetonico-e-Arqueologico.pdf

Direção-Geral do Património Cultural, Divisão do Património Imóvel e Imaterial, Unidade de Coordenação e Classificações, Classificação do Património Imóvel, Despacho de abertura e arquivamento, 2017 » http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimonio_imovel/classificacao_do_patrimonio/despachosdeaberturaearquivamento/2017/quintacomenda/er3.pdf

João Álvaro Rocha Arquitectos, Escola de Educação Ambiental » <http://www.joaoalvarorocha.pt/escolaambiental/escolaambientalpt.html>

FERNANDES, Júlio Cortez — *As Águas da Venda Seca*. Tudo de Novo a Ocidente, 19.03.2015 » <https://tudodenovoaocidente.blogs.sapo.pt/>

FERNANDES, Júlio Cortez — *Toponímia Sintrense, Significado de 'Venda Seca'*. Tudo de Novo a Ocidente, 23.03.2018 » <https://tudodenovoaocidente.blogs.sapo.pt/>

FLORES, Conceição — *História da Educação Feminina no Século XVIII: Teresa Margarida da Silva Orta, Escritora Brasileira*. UFRN: Artigo para o 13.º COLE (Congresso de Leitura do Brasil), 2001 » http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais13/arquivos/seminarios/flores_conceicao.htm

Plano Diretor Municipal e Departamento de Cultura, Juventude e Desporto da Câmara Municipal de Sintra - *Tema 11 - Património Natural Arquitetónico e Arqueológico, Relatório de Caracterização e Diagnóstico do Concelho de Sintra*, Outubro de 2014, p. 214 » http://www.cm-sintra.pt/phocadownload/PDF/consulta_publica/revisao_pdm/documentos-consulta/relatorios-diagnostico/Tema-11-Patrimonio-Natural-Arquitetonico-e-Arqueologico.pdf

HENRIQUES, António — *Fotografias 10/09/1932* [e-mail]. Mensagem recebida por <nes.mb@hotmail.com> em 11/04/2017.

LUSA — *Nascentes do Concelho de Sintra com Água Imprópria para Consumo*, 03.04.2008 » <https://www.publico.pt/2008/04/03/local/noticia/nascentes-do-concelho-de-sintra-com-agua-impropria-para-consumo-1324693>

MUCZNIK, Esther — *Os Judeus em Portugal, Presença e Memória*. Comunidade Israelita de Lisboa » http://www.cilisboa.org/hpt_esther.htm

PEREIRA, Paulo Manta — *Raul Lino* [e-mail]. Mensagem recebida por <nes.mb@hotmail.com> em 23/11/2017.

PESSOA, Fernando — *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*, p.546 » <https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/11/Livro-do-Desassossego-.pdf>

PONA, Diogo de Paiva e — *Moller e Muller*. Genealogias » http://genealogias.info/1/upload/ma_ller.pdf

SEBASTIÃO, João Carlos — *Reabilitação Urbana em Queluz-Belas*. Sintra: Jornal da Região, 19.10.2016, p.? » http://www.andrejordangroup.pt/assets/jornalregiao_2016_10_19.pdf

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69751/>

[http://www.cm-](http://www.cm-sintra.pt/phocadownload/PDF/consulta_publica/revisao_pdm/documentos-consulta/relatorios-diagnostico/Tema-11-Patrimonio-Natural-Arquitetonico-e-Arqueologico.pdf)

[sintra.pt/phocadownload/PDF/consulta_publica/revisao_pdm/documentos-consulta/relatorios-diagnostico/Tema-11-Patrimonio-Natural-Arquitetonico-e-Arqueologico.pdf](http://www.cm-sintra.pt/phocadownload/PDF/consulta_publica/revisao_pdm/documentos-consulta/relatorios-diagnostico/Tema-11-Patrimonio-Natural-Arquitetonico-e-Arqueologico.pdf)).

<https://geneall.net/pt/nome/32548/fortunato-carlos-bensaude-abecassis/>

<https://www.myheritage.com.pt/site-family-tree-8462181/de-sousa-e-brito?rootIndivudalID=11003764&familyTreeID=11>

<http://www.abecassis.info/>

http://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/OsProcuradoresdaCamaraCorporativa%5Chtml/pdf/b/barros_eduardo_correia_de.pdf

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6416

http://www.wikiwand.com/pt/Cabe%C3%A7o_de_Montachique

http://www.aguas.ics.ul.pt/lisboa_fgago.html

<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=njp.32101080468646;view=2up;seq=32>).

OUTROS

Exposição

BELÉM, Margarida; CASELLA, Gabriella; PROVIDÊNCIA, Francisco (projeto expositivo e curadoria) — *Francisco D'Holanda: Desejo, Desígnio e Desenho (1517-2017)*. Lisboa: Museu do Dinheiro, Junho 2017.

CORDA, Isabel; CUNCA, Paula; GOMES, Marta (direção e curadoria) — Helena Corrêa de Barros: Fotografia, a minha viagem preferida. Lisboa: Arquivo Municipal de Lisboa (Fotográfico), Fevereiro 2019.

Registo Áudio

BELO, Inês Marques — *Testemunhos de dona Glória*. Venda Seca, Julho 2017. 1 registo áudio mp4 (22 min.).

BELO, Inês Marques — *Testemunhos de Margarida, Miguel, Sofia, e Tereza ("Corrêa de Barros")*. Lapa, Março 2019. 1 registo áudio mp4 (163 min.).

Registo Vídeo

SARAIVA, José Hermano — *Vamos a Belas* [programa de série televisiva], *Horizontes da Memória*, 6.^a série. Lisboa: RTP2, 11.07.1999. 1 registo vídeo (VHS) (27 min.) 4:3 PAL. » <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/vamos-a-belas/>.

VII. ANEXOS

Anexo n.º1 ROMANIZAÇÃO E INFLUÊNCIA MOÇÁRABE NA REGIÃO
DE BELAS E VENDA SECA⁴⁹¹

É sobretudo do período da Romanização que se reconhece uma relevante ocupação populacional desta região, complexa na sua organização e distribuição territorial. A este povo atribui-se o início da exploração mineira do Monte Suímo que, integrado na Serra da Carregueira, se estabelece como limite nordeste da povoação de Venda Seca. Daqui se extraíam piroxenas e jacintos⁴⁹², pedras de tons coloridos muito apreciadas sobretudo aquando do reinado de D. Dinis⁴⁹³ e durante o século XV, época em que os trabalhos de exploração terão voltado a ser mais intensos. Terá sido pelo menos até à centúria seguinte, reinado de D. Manuel I, que as minas permaneceram na posse da família real — dado tanto o valor da pedraria como a qualidade das nascentes de águas minerais, também anteriormente reconhecidas e fruídas pelo povo romano⁴⁹⁴.

⁴⁹¹ Deste período, correspondente ao Neolítico final/ Calcolítico inicial, toma destaque o Complexo Megalítico do Monte Abraão. Este complexo funerário terá pertencido às comunidades de economia agro-pastoril que constituíram a primeira grande fixação de população nesta região e que formaram os povoados da *Espargueira* (Carenque-Amadora), *Leceia* (Barcarena-Oeiras) e *Olelas* (Almargem-Sintra). São também notáveis as Antas da Agualva, da Estria e da Pedra dos Mouros/ Pedra Alta (parte dos terrenos do Paço de Belas) e ainda a Galeria coberta de Carenque. SERRÃO, Vítor — *Sintra*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p.23. DIAS, Guilherme Correia (pref.) — *Roteiro de Belas*. Belas: Junta de Freguesia, 20--?, p.10

⁴⁹² Cristais obtidos a partir de rochas ígneas ou metamórficas; pedras semipreciosas. Estas minas são tidas como "*as mais antigas que se teem explorado no paiz*" e o monte em que se inserem atinge os 291m de altitude no lugar do vértice geodésico. PEREIRA, Esteves; RODRIGUES, Guilherme — *Portugal. Diccionario Historico, Biographico, Bibliographico, Heraldico, Chorographico, Numismatico e Artistico*. vol. II. Lisboa: João Romano Torres Editor, 1906, p. 269. RODRIGUES, Rui - *Quinta do Senhor da Serra (Belas). Análise Arquitectónica e Territorial*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra (Pelouro da Cultura), 2012, p.23. Durante o século XVIII, Caldas Barbosa descrevera também estas minas, que citadas e estudadas por diversos autores, viriam a ser abandonadas na segunda metade do século seguinte.

⁴⁹³ "*No inventário dos atavios do Infante D. Dinis, datado de 1278, mencionam-se 'onze pedras jagoças [designação arcaica para jacintos] de belas almandinas'*" CACHÃO, M. [et al]. — *A mina de granadas do Monte Suímo: de Plínio-o-Velho e Paul Choffat à actualidade*, VIII Congresso Nacional de Geologia, na Revista Electrónica de Ciências da Terra. » <http://metododirecto.pt/> cit. in RODRIGUES, Rui — *Quinta do Senhor da Serra (Belas). Análise Arquitectónica e Territorial*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra (Pelouro da Cultura), 2012, p.24.

⁴⁹⁴ Tal seria o apreço por estas minas que mesmo o próprio topónimo *Belas* poderá significar uma alusão às *belas* pedras que se retiravam do Monte Suímo; poderá, porém, indicar as *belas* águas da região (SILVA, Alves — *Memorial da Freguesia de Belas*. Amadora: Jornal da Amadora, 10.04.2003, p.9) ou advir do Deus fenício *Bel* ou *Baal* que aqui talvez tenha tido culto. ROSA, Francisco — *Estudos d'Arte. A Quinta do Senhor da Serra*, Trabalho em Pintura. Lisboa: Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, 1983, p.4. Dada a incerteza da origem do topónimo, são frequentes as referências a lendas que fantasiam explicações para este nome, como a Lenda das Meninas de Belas (ver Anexo n.º2.). Sabe-se no entanto que até ao século XVI, o seu orago terá sido *Sancte Marie de Bellis*,

"Também n'este sítio ainda se respeita o precioso monte, que no seu rico seio gerara e gera, para esmaltar a corôa dos nossos reis, muitas pedras preciosas. Eram das minas do Suímo as que se assemelham à rubida grã da coroada romã; e assim o eram as roxas ametistas. E igualmente se acharam alli os graciosos jacinthos, os formosos rubins, e as verdes esmeraldas, que, nos antigos thesouros, apparecem enriquecendo muitos dos atavios dos nossos primeiros príncipes e senhores. Estas pedras lhes serviam, antes que as ousadas quilhas portuguezas trouxessem do descoberto berço da aurora, as pérolas reluzentes, e outras pedras brilhantes, com que as nossas não se envergonharam de emparelhar." ⁴⁹⁵

Dada a importância das minas do Suímo — cujos materiais pétreos assomam em vestígios construtivos em torno da Serra da Carregueira⁴⁹⁶ —, estabelecia-se (provavelmente desde os inícios da exploração) a necessidade de traçar percursos que convenientemente apoiassem os trabalhadores nas suas deslocações. É neste sentido que se conjectura a existência de um centro logístico de apoio às minas na antiga povoação de Belas, ligado àquelas através de uma estrada de época romana que partiria da Carregueira e do Monte Suímo para depois passar aos terrenos da Igreja Matriz de Belas⁴⁹⁷ e por fim circundar o perímetro do Paço Real da vila⁴⁹⁸. De facto, o planeamento e pavimentação de vias terá sido um dos mais importantes legados romanos no território continental português e este seria um dos tantos caminhos que atravessavam os territórios rurais de Cascais, Sintra, Alenquer e Torres Vedras, formando uma rede secundária à via (principal) que ligava, pelo litoral, a cidade de *Olisipo* a *Turres Veteras*⁴⁹⁹. E, se da referida via romana de Belas é ainda possível reconhecer troços de calçada, é da abundância de vestígios luso-romanos achados nesta região que se pode supor a existência passada de vários outros caminhos romanos — que hoje desconhecemos pela possível sobreposição a que foram sujeitos por outros percursos medievais e modernos⁵⁰⁰.

passando depois a ser *Nossa Senhora da Misericórdia de Belas*, até à atualidade. O nome *Santa Maria* reportar-se-á à Reconquista, pois assim se passavam a denominar comumente os territórios conquistados aos mouros.

⁴⁹⁵ BARBOSA, Caldas — *Descrição da grandiosa quinta dos senhores de Belas* cit. in REBOCHO, Nuno - *Rubis, granadas e jacintos escondem-se em mina abandonada perto de Lisboa*. Lisboa: Jornal o Século, 16.10.1986, p.2.

⁴⁹⁶ RODRIGUES, Rui — *Quinta do Senhor da Serra (Belas). Análise Arquitectónica e Territorial*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra (Pelouro da Cultura), 2012, p.27.

⁴⁹⁷ "(...)desconhecemos a data da sua fundação, mas deve ter sido erguida depois da nacionalidade". ALVES, Silva — *Memorial da Freguesia de Belas*. Amadora: Jornal da Amadora, 10.04.2003, p.9.

⁴⁹⁸ RODRIGUES, Rui — *Quinta do Senhor da Serra (Belas). Análise Arquitectónica e Territorial*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra (Pelouro da Cultura), 2012, p.23.

⁴⁹⁹ Denominações da língua latina para *Lisboa* e *Torres Vedras*, respetivamente.

⁵⁰⁰ Do mesmo modo podemos relacionar a ausência de evidências acerca da existência de *villae* nos territórios de Belas (apesar de ser conhecida a relação direta entre a sua localização e as vias

Relativamente ao povo árabe, devemos referir, ainda que brevemente, que da sua ocupação terão permanecido contributos fundamentais à caracterização dos povoados rurais da península de Lisboa (enquanto território delimitado a sul pelo rio Tejo e a norte pelos atuais concelhos de Torres Vedras e Alenquer). Como parte ocupante dos territórios *Agri*⁵⁰¹ da vasta área do *Município Olisiponense* — assim designados aquando da Reconquista Cristã —, a cultura autóctone moçárabe terá sido responsável por muitos dos traços identitários da posteriormente nomeada *região saloia* que os *çahroi* (habitante/ trabalhador do campo⁵⁰²) perpetuaram através de modos de vida e atividades agrícolas e artesanais transmitidas ao longo de gerações⁵⁰³. Dada a forte permanência deste povo na área atualmente pertencente ao concelho de Sintra, é nesta região que ainda hoje subsistem vários núcleos habitacionais mais ou menos conservados, testemunhos deste património vernacular que reflete, na sua simplicidade formal⁵⁰⁴, "(...) a condição do meio físico em que se insere, bem como a situação socioeconómica do morador"⁵⁰⁵. Em particular, o lugar de Venda Seca encerra ainda hoje marcas associáveis a este povoados, reconhecíveis tanto na morfologia do conjunto edificado como no carácter individual de várias estruturas e casas que ali encontramos⁵⁰⁶.

romanas) com a forte possibilidade de algumas das posteriores quintas ocuparem essas mesmas áreas — ou, talvez, devido a um parco investimento na exploração arqueológica destes terrenos. DIAS, Guilherme Correia (pref.) — *Roteiro de Belas*. Belas: Junta de Freguesia, 20--?, p.11.

⁵⁰¹ O território *Agri* designa uma "zona agrícola subdividida em múltiplas villae de tipo latifundiário, com uma economia basicamente rural, abrangendo senhores romanos e descendentes de uma antiga aristocracia autóctone, já romanizada, ora detendo cargos municipais". SERRÃO, Vítor — *Sintra*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p.24.

⁵⁰² LOPES, David — *Cousas árábico-portuguêsas: algumas etimologias*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1917, in MONTÓITO, Eugénio (org., selec. e dir.) — *Sintra... e suas gentes*. Sintra: Câmara Municipal, 2001, p.35. O vocábulo *salio* é de etimologia incerta: poderá advir de *çalá* (oração moura antiga); *Çalé* ou *Salé* (cidade marítima da Mauritania); *salama* (saudação maometana); *çalaio* (pagamento em troca de pão cozido). PIMENTEL, Alberto — *Portugal Pittoresco e Ilustrado. A Extremadura Portuguesa*, vol. II. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1908, p. 6.

⁵⁰³ "A horta saloia, verdejante e humida, regada pela nora, permanece inalteravelmente a mesma de geração em geração". PIMENTEL, Alberto — *Portugal Pittoresco e Ilustrado. A Extremadura Portuguesa*, vol. II. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1908, p.7.

⁵⁰⁴ Estruturas como o lagar, forno, adega, estábulo e curral, assim como as coberturas de quatro águas e os vãos contidos são marcos constantes neste tipo de arquitetura austera mas pitoresca.

⁵⁰⁵ MONTÓITO, Eugénio (org., selec. e dir.) — *Sintra... e suas gentes*. Sintra: Câmara Municipal, 2001, p.93.

⁵⁰⁶ A própria toponímia associada aos eixos percorráveis da povoação denuncia também a proximidade ao imaginário *salio*: *Azinhaga das Tílias*; *Travessa das Laranjeiras*; *Rua do Lagar*.



1. Saloio e seus burros no
Largo Falcão Rodrigues,
Belas, finais s. XIX.

"Algumas d'estas quintas são contiguas à villa, a saber: a da Assumpção que pertence ao commendador José Maria da Silva Rego e a sua irmã D. Maria das Dores Rego Leão d'Oliveira. Tem palacio, jardim e dois mirantes d'onde se disfrutam interessantes panoramas.

Quinta do snr. J. Wimmer , com aguas ferreas e pittorescos passeios.

Quinta da Hespanhola, que pertence à snr.^a D. Raphaela Gimens, com palacio e jardim.

Quinta do Conde de Villa Franca (hoje dos herdeiros) com palacio, jardim e boas sombras.

Quinta Villa-Adelaide - com palacio, jardim e excellente agua de mesa. Pertence ao snr. Manuel Vicente Nunes.

Quinta da Samaritana, com chalet, jardim, boas sombras e excellente agua de mesa. Pertence ao snr. Jacob Abeccassis.

Mais distantes da villa, ha outras quintas, a saber:

De Molha-Pão, que fica a 4 kilometros de Bellas. Pertence ao visconde de Alverca, e está arrendada a longo prazo ao sr. Armando Navarro.

Quinta das Aguas Livres que fica a 2 kilometros aproximadamente, encostada ao aqueduto do seu nome. Pertence à sr.^a D. Maria da Assumpção Barros Lima, sogra do snr. Carlos Eugenio d'Almeida, o qual mandou construir um grande palacio e capella. Tem boa agua e boas sombras.

Quinta do Bomjardim, que fica a 2 kilometros, e pertence ao marquez de Borba. Tem palacio antigo, jardim, matta, e boa agua. Na capella faz-se uma festa todos os annos no dia de Nossa Senhora da Conceição.

Quinta da Fonteira, que pertence ao snr. Eduardo Ferreira Pinto Basto e fica a 1 kilometro. Tem palacio, jardim, mattas, pinhaes, e a Fonte do Castanheiro, a que já nos referimos, e cuja agua é ferrea.

*Quinta do Grajal, no logar da Venda Secca - a dois kilometros da villa de Bellas. Pertence ao sr. Serra e é afamada pela excellente agua da Fonte do Cedro."*⁵⁰⁷

⁵⁰⁷ PIMENTEL, Alberto — *Portugal Pittoresco e Illustrado. A Extremadura Portuguesa*, vol. II. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1908, p.127.

"Belas, pequena mas atraente, lança-nos a cada passo o eco longínquo, quase abafado, de civilizações que hoje são mundos de curiosidade para a ciência e para o turismo. Há vozes de outras épocas que chegaram até nós, estranhas ao atropelo dos ventos da história, encerradas em monumentos e grutas onde se retratam as mãos rudes e a mentalidade tosca do homem pré-histórico. É um espólio milenário de destacada importância e Belas, actualmente, figura nos roteiros turísticos. Os seus dólmens visitam-se com interesse e é este mesmo interesse o estímulo que nos leva até às grutas do Monte Serrano.

Mas é também, a paisagem, onde tudo se coloca harmoniosamente, que nos extasia, o horizonte soberbo derramado segredos e recordando lendas. Aqui, são ruas tortuosas de calçada irregular, onde o tempo parece não ter passado; acolá, são locais aprazíveis que nos oferecem repouso e meditação. É nesta vastidão panorâmica que agrada, onde as planícies se orlam de outeiros em anfiteatro, divisa-se, ainda o espaço do homem de hoje, quer curvado sobre a terra, como se as mãos calorosas acalentassem o seu ventre fértil, quer erguido sobre andaimes, moldando casas, gerando bairros e transformando, pouco a pouco, a fisionomia primitiva.

Porém, Belas alinda-se e moderniza-se sem se divorciar do passado. Ela guarda religiosamente essas relíquias vetustas. (...) Situada entre terras onde o progresso é um facto, tendo de um lado Amadora, de outro Queluz, ela reflecte, também, como é óbvio pensar, o entusiasmo que aquelas duas importantes urbes respiram. Todos os embaraços que impedem o seu desenvolvimento são removidos a Belas [que], agora, confiante, vê abrir-se diante de si o futuro."

⁵⁰⁸ Publicação "A Hora" cit in Dicionário Enciclopédico.

NOTÍCIAS

"Na Botica de Antonio Feliciano Alves de Azevedo, no Rocio N.º88, se vende agua ferrea da Venda Seca, vinda todos os dias em garrafas de quartilho a 100 réis cada huma, e com garrafa a 160 réis."⁵⁰⁹

*

"Na Botica de Antonio José de Souza Pinto, rua dos Capellistas N.º 113, se achão aguas ferreas de Sedlitz, Seydschutz, e de Pymont chegadas ultimamente por intervenção, e mercê do Senhor Moller."⁵¹⁰

*

"Vende-se bem a accreditada Agua Ferrea da Venda Seca, á boca da mina a 160 réis a canada, tendo-se até ao presente vendido a 240 réis: dar-se-hia gratuitamente se a sua boa conservação não exigisse contínuas despezas: não obstante isto, dar-se-ha á boca da mina; áquelle que apresentar Certidão attendivel da sua pobreza; por conta do proprietario, vende-se nesta Cidade sómente na Botica de Antonio José de Souza ao Campo de Santa Anna N.º99, pelo preço de 120 cada garrafa de meia canada, e 60 réis a de quartilho, trazendo as garrafas: toda a garrafa, que não tiver sobre a rolha lacrada a marca circular=Agua Ferrea Venda Seca=he falsificada, e desde já o Proprietario protesta contra o falsificador."⁵¹¹

*

"Agua ferrea da Venda Seca vende-se na Botica de Antonio José de Sousa no campo de Santa Anna N.º99 pelo preço de 160 réis cada garrafa de meia canada, 80, que quartilho e 60 réis de meio quartilho, trazendo garrafas; sendo esta a unica que se vende em Lisboa conduzida e por conta de seu proprio dono Jansen(...)"⁵¹²

ESTUDOS

O primeiro estudo das capacidades medicinais destas águas viria a ser realizado pelo médico João Nunes Gago no trabalho "*Memoria das Aguas Mineraes ferreas do logar da Venda-çeca*" (que apresentou à Academia Real das Ciências em 1779), onde se atesta a existência de ferro na sua composição, bem como se descreve o sítio das nascentes e os processos de obtenção destas águas no território em questão.⁵¹³

⁵⁰⁹ Secção "Avisos". Lisboa: Gazeta de Lisboa, n.º146, 23 de junho de 1819.

⁵¹⁰ *Diário do Governo*. Lisboa: Imprensa Nacional, ed. 152-230, 1822, p. 18.

⁵¹¹ *Suplemento n.º 34, Diário do Governo*. Lisboa: Imprensa Nacional, ed. 77-151, 21 de Junho de 1822, p.1032.

⁵¹² Secção "Avisos". Lisboa: Gazeta de Lisboa, ed. 1-153, n.º153, 30 de Junho de 1820.

⁵¹³ MATTA, António — *Memória duma Nascente de Águas Virtuosas - Quando uma Princesa andava a Banhos na Venda Seca*. Belas: Terra Nossa - Jornal da Paróquia de Belas, ano 1, n.º 6, agosto de 1987, p. 3.

Durante o século XIX empreendem-se mais investigações científicas acerca do tema. Em "*Experiencias sobre as Agoas Mineraes de Venda Seca*" — estudos empreendidos por José Martins da Cunha Pessoa (médico) e também enviados à Academia Real das Ciências —, analisa-se a composição destas e comprova-se uma vez mais a sua qualidade mineral, que é neste caso comparada à das famosas águas termais de Pymont, Alemanha.⁵¹⁴

*

"Guilherme Eschewege na sua *Memória Geognóstica, ou golpe de vista da estratificação de diferentes rochas, de 1831, classifica estas águas como águas férreas e diz haver várias nascentes. (cit. Acciauli 1944/II,127) O deputado Tavares Macedo apresentou às cortes, na sessão de 20 de Julho de 1839, a proposta "... que o governo seja autorizado para dar à sociedade Pharmaceutica um conto de reis para trabalhos chimicos, especialmente a análise de águas mineraes [...] vamos dar uma prova e estima a uma sociedade muito importante, uma sociedade que está fazendo grandes estudos, o que vai fazendo muita honra ao nosso Portugal". (...) Transformada em lei a 31 de Julho de 1839, a Sociedade Farmacêutica Lusitânia realizou ainda nesse ano a análises das nascentes nos arredores de Lisboa: Casal de Barras; Vale de Camarões; Quinta da Sadinho; Quinta dos Ribeiros; Quinta do Botão de Baixo; Cabeço de Montachique; Venda Seca e Vale de Lobos*"⁵¹⁵

*

Em 1835 Bernardino António Gomes, procede a uma nova análise — *Composição química das águas férreas, ditas do Jences, na Venda Seca.*⁵¹⁶

Em 1839, a Sociedade Farmacêutica Lusitânia inicia uma série de análises das nascentes nos arredores de Lisboa, entre elas, as de Venda Seca e Casal de Cambra e, em 1842, a mesma entidade publica uma análise química que esclarece que a mina de onde as águas da Venda Seca brotam "(...)encontra-se a 20 metros de profundidade, abaixo da superfície do terreno, com cinco clarabóias; brotando a água com mais força em três pontos" num terreno composto por "quartzito arenaceo aglomerado e de pirite marcial decomposta ou hepática".⁵¹⁷

Já em 1892, Alfredo Luís Lopes também se refere esta águas na obra *Le Portugal Hydrologique*, vol. III - "na Quinta de Janses, existe uma grande profunda mina de água férrea, que borbulha de uma rocha de quartzito e pirite..."⁵¹⁸

⁵¹⁴ MATTA, António — *Memória duma Nascente de Águas Virtuosas - Quando uma Princesa andava a Banhos na Venda Seca*. Belas: Terra Nossa - Jornal da Paróquia de Belas, ano 1, n.º 6, agosto de 1987, p. 3.

⁵¹⁵ http://www.wikiwand.com/pt/Cabe%C3%A7o_de_Montachique

⁵¹⁶ http://www.aguas.ics.ulisboa.pt/lisboa_fgago.html

⁵¹⁷ MATTA, António — *Memória duma Nascente de Águas Virtuosas - Quando uma Princesa andava a Banhos na Venda Seca*. Belas: Terra Nossa - Jornal da Paróquia de Belas, ano 1, n.º 6, agosto de 1987, p. 3

⁵¹⁸ http://www.aguas.ics.ulisboa.pt/lisboa_fgago.html

"PEDRO JANSEN MOLLER VAN PRAET, recebeu a seguinte carta (283)

(283) Manuel Artur NORTON, Armas e Troféus, III série, Tomo II, 1973, págs. 99-109.

*"Portugal Rey de armaz principal neste Reynos de Portugal do muito alto e Poderoso Rey Dom João quinto nosso Senhor por Graça de Deoz de Portugal e dos Algarvez daquem e dalém már (...). Faço saber (...) que por parte de Pedro Jansen Moller de Praet natural desta Cidade de Lizboa occidental me foy feyta petição dezendo que (...) constava ser o suplicante descendente das nobrez e illustres familias dos de Moller e Praet que neste Reyno são Fidalgoz antigos de Cota de armas por ser filho legitimo do Dezembargador Henrique Jansen Moller e de sua mulher Donna Jozefa Valleria e pela parte Materna neto de Jacome Vam Praet e de sua mulher Donna Michaela da Sylva Vampraet doz quaes todoz dezcendia elle suplicante e que sempre se tratarão á ley da nobreza com cavallos e criados sem que nelles ouvesse rassa de judeu mouro ou mulato ou de outra infecta nasção e por tal lhe estava julgado na ditta sentença e por senão peder a memoria de seus progenitores e de sua antiga fidalguia e nobreza queria elle para conservação della hum brazão de armas pertencente ás dittas familias de **Moller e Praet** (...): E vista a ditta sua petição e sentença e mais documentos nella incertos que ficão no Cartorio da nobreza e por ella consta estar o suplicante julgado por legitimo dessendente das dittas familias pello haver asim provado e justificado largamente na ditta sentença da qual achei deduzido todo o contheudo na ditta petição em virtude da qual provy o Livro da fidalguia e nobreza do Reyno que em meu poder tenho e nelle achei registadaz az armas que ás dittas Linhagens pertencem que são as que nesta lhe dou devizadaz e illuminadas a saber **hum escudo pozto ao balom partido em palla na primeyra palla as armas dos de Moller que são em campo de ... de ouro hum Leão rompente pardo com huma roda de moyinho preta nas maos na segunda palla as armaz dos de Praet que são em campo de prata tres folhas de golfão verdez poztaz em roquete. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e cores das armas Timbre o dos de Moller que hé o mesmo Leão das armas e por diferença hum trifolio vermelho posto no canto direyto do escudo e por que estas são as armaz que az dittaz linhagens pertencem (...). Dada e passada nesta Corte, e Cidade de Lizboa occidental em o primeyro de Dezembro de mil sette centos e dezanove(...).**"*

⁵¹⁹ BORREGO, NUNO G. P. — *Cartas de Brasão de Armas*, Colectânea. Lisboa: Guarda-Mor, Edição de Publicações Multimédia Lda, 2003, p. 371.

"António de Praet, recebeu a seguinte Carta (45):

(45) IAN/TT, Feitos Findos, Processos de Justificação de Nobreza, Maço 18, N.º 17; BA, cota 54-IX-55

*Portugal Rei de Armas principal nestes Reinos de Portugal, do muito Alto e Poderoso Rei Dom João o Quinto, nosso Senhor, por graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves, d'áquem e d'além mar (...). Faço saber a quantos esta minha Carta e certidão de Brasão de Armas, Fidalguia e Nobreza, disigna de fé e crença virem, que por parte de António de Praet, natural e morador na cidade de Lisboa, me foi feita petição dizendo que (...) constava ser o suplicante descendente da nobre e Ilustre Família dos Praet, por ser filho legítimo de Jácome de Praet, natural de Anvers, Província e condado de Flandres e Barbante, Neto pela parte paterna de António de Praet (...). Dos quais todos descendia ele suplicante, e que sempre se trataram à Lei da Nobreza, com cavalos e criados, sem que neles houvesse raça de Judeu, Mouro ou Mulato, ou de outra infecta nação, e por tal lhe estava julgado na dita Sentença, e por se não perder a memória de seus progenitores e de sua antiga Fidalguia e nobreza, queria ele para conservação dela um Brasão de Armas pertencente à dita Família dos **de Praet**, pelo que me pedia lhe mandasse passar Carta de Brasão de Armas em forma, assim como ele as havia de ter e delas usar. (...) achei registadas as Armas que à dita Linhagem da Fidalguia e Nobreza do Reino, que são as que nesta lhe dou divisadas e iluminadas, a saber: **Um escudo posto ao Balon, e em campo de prata três folhas de trevo verdes, postas em roquete. Elmo de prata, aberto, guarnecido a ouro. Paquife dos metais e cores das Armas. Timbre uma das folhas das Armas, e por diferença um trifólio vermelho.**(...)Dada nesta Corte e cidade de Lisboa Ocidental, em doze de Agosto de mil e setecentos e dezanove.(...)"*

⁵²⁰ BORREGO, NUNO G. P. — *Cartas de Brasão de Armas*, vol. II. Lisboa: DisLivro Histórica, 2005, p.73 e 74.

Agostinho Jansen Moller e Pamplona (? - Belas, 1814) — primeiro proprietário da Quinta das Águas Férreas de que temos conhecimento —, filho de Pedro Jansen Muller Van Praet (? - Belas, 1793) e de Tereza Margarida Jansen Muller Van Praet (S. Paulo, Brasil 1711 - Belas, 1793), seria Coronel de infantaria do Regimento Militar de Lisboa Ocidental. Sua mãe, sob o pseudónimo de Dorothea Engrassia Tavadreda Delmira, foi a primeira romancista brasileira. O pai desta, José Ramos da Silva, fez fortuna no Brasil e ao tornar a Portugal tornou-se provedor da Casa da Moeda e fundou a Quinta de Nossa Senhora do Monte do Carmo (ou Quinta da Fidalga), no Cacém, localidade vizinha de Venda Seca, onde a família terá também residido.

Do primeiro casamento, com Maria do Carmo Jansen Muller, Agostinho teve nove filhos; em 1813 viria a casar-se com Tereza José Xavier Jansen Muller.⁵²²

*

"No sacrifício de Pedro de Rates Henequim o tribunal da fé acabara de desempenhar um papel político de largo alcance. Da dimensão do Brasil."

"6. Epílogo em forma de "chave" para cabal dilucidação de tão dramático caso e constante de precioso documento, descoberto por Ernesto Ennes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Desembargo do Paço, ano 1791, maço 1590, nº1): passados 47 anos sobre estes factos, o Inquisidor Joaquim Jansen Moler, em reforço dum requerimento de seu sobrinho, Agostinho Jansen Moler e Pamplona, dirigido à rainha D. Maria I, pedia à soberana um juiz administrador que governasse e repartisse todos os rendimentos que haviam ficado por falecimento de seus pais e avós, e – surpreendentemente – atrevia-se a alegar, a seu favor, o seguinte: «seja-me lícito nesta aflição lembrar a Vossa Magestade a primeira e segunda difícil prisão, conseguidas pelos meus parentes do protervo Pedro de Rates Hanequim, cuja intenção danada, e cuja vida, história e morte fatal, creio não são ocultas a Vossa Magestade, e creio também que este serviço feito à Coroa basta para fazer esta família digna de durar feliz».

Afinal, mais palavras para quê?"

"138. Joaquim Jansen Moler, licenciado em cânones, tornara-se inquisidor na Mesa

⁵²¹ Grafia portuguesa, adaptada de Müller. BORREGO, NUNO G. P. - *Cartas de Brasão de Armas*, Colectânea. Lisboa: Guarda-Mor, Edição de Publicações Multimédia Lda, 2003, p. 371.

⁵²² PONA, Diogo de Paiva e - *Moller e Muller. Genealogias* » http://genealogias.info/1/upload/ma_ller.pdf. <https://www.myheritage.com.pt/site-family-tree-8462181/de-sousa-e-brito?rootIndivudalID=11003764&familyTreeID=11>

de Lisboa em 30 de Outubro de 1752.

Era natural de S. Vicente de Fora, Lisboa, onde foi baptizado a 7 de Julho de 1718, filho do desembargador Henrique Jansen Moller e D. Joana Micaela Van Praet. Pelo lado paterno era neto de um homem de negócios, alemão imigrado, Pedro Jansen Moller, natural de Lubeck; pelo lado materno, era neto de Jacome Van Praet, também negociante, oriundo da Flandres."⁵²³

*

"Morto Henequim, a história de seu envolvimento com o Infante parecia estar relegada ao esquecimento, ou, ao menos, ao silêncio, não fosse a indiscrição dos descendentes de seus algozes, ávidos de colher os benefícios daquele segredo. (...)

Por volta de 1790, depois de um longo degredo em Angola, Agostinho Jansen Moller e Pamplona regressava a Portugal, decidido a recuperar os cabedais da família, então seriamente comprometidos pelas disputas judiciais que lhe moviam os credores. Uma de suas primeiras medidas foi a de encaminhar à rainha D. Maria I um extenso pedido de mercê, detalhando os motivos que haviam levado a casa Jansen Moller a uma tão difícil situação; entre eles, incluía

os excessivos gastos que o pai do suplicante fez sem lhe deixarem o empenho com que geme a sua casa; mas lhe aumentam a glória de serem aplicados a favor da Pátria, como foram os que fez para ser preso o temível Pedro Rates [Henequim], igualmente os que fez para a existência do Sereníssimo Infante D. Manuel, tio de Vossa Majestade...

Em razão dos tortuosos e intrincados litígios entre os herdeiros, a Rainha ordenou que se consultasse o monsenhor da Patriarcal Joaquim Jansen Moller, tio de Agostinho, a respeito das pretensões apresentadas por este. Aos setenta e dois anos, o velho inquisidor e ex-promotor do Santo Ofício ratificava o requerimento do sobrinho e, em tom de súplica, reportava-se aos serviços prestados ao "Império Lusitano", desde que a sua família se estabelecera em Portugal havia cento e trinta anos. Ademais, arrematava, como que à meia-vos:

Seja me lícito nesta aflição lembrar a Vossa Majestade a primeira, e a segunda difícil prisão conseguidas pelos meus parentes do protervo Pedro de Rattes Enequim, cuja intenção danada, e cuja vida, história, e morte fatal, creio, não são ocultas à Vossa Majestade, e creio também que este serviço feito à Coroa basta para fazer esta família digna de durar feliz.

A prisão de Henequim constituía assim o item mais grandioso da extensa folha de serviços dos Jansen Moller ao longo de todo o século XVIII; tamanha fora sua importância que o inquisidor se eximia de descrevê-lo, certo de que a Rainha, ainda que contasse apenas dez anos à época da morte de Henequim, saberia do que se tratava. Além disso, o monsenhor não escondia um certo constrangimento por aludir ao episódio envolvendo o "protervo Henequim" - alusão apenas justificada pela "aflição" do momento. Numa sociedade em que a punição se projetava no

⁵²³ TAVARES, Pedro V. B. — *Paraísos perdidos, paraísos proibidos: o Novo Mundo na Inquisição. Prefigurações emancipalistas da monarquia brasileira*. FLUP: Península, Revista de Estudos Ibéricos, nº2, 2005, p. 399.

tempo futuro, alcançando e inflamando a descendência do réu, constituindo a memória um património familiar e intemporal, natural pois que a premiação também o fosse, fazendo incorporar à herança os feitos dos ascendentes.

Ao próprio monsenhor, contudo, cabia uma parte no mérito se não da prisão, ao menos da morte de Henequim. No ano de 1744, então deputado da Mesa do Santo Ofício, participara de todas as sessões destinadas a examinar as suas culpas e votara mesmo a favor de sua relaxação à Justiça secular quando o réu, quase à beira do cadafalso, tentara uma última retração. Durante cinquenta anos, os Jansen Moller guardaram zelosamente a memória do ocorrido, sem poder auferir proveito algum dele, submetendo-se assim "à recomendação de inviolável segredo intimados vocalmente pelo Snr. D. João V". Somente agora, em meio à ameaça de ruína, lançavam mão de seu bem mais valioso, e, não obstante os quarenta e seis anos passados desde então, o velho inquisidor não hesitava em observar que tais serviços "parece [me] devem ser remunerados"⁵²⁴

*

"Em 1794 vivia na praça de Setúbal o marechal de campo Agostinho Jansen Moller (de origem alemã) casado com sua prima Catarina Jansen Moller, que era filha de Teresa da Silva Orta.

O seu filho mais velho foi o naturalista Adolfo Frederico Moller, já falecido, inspector do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, que deixou um filho, Henrique Carlos Moller, actual chefe dos serviços postais em Lisboa."⁵²⁵

*

"Não existindo um sistema formal de educação feminina na colônia, esta acontecia nos conventos. Eles surgiram no Brasil apenas na segunda metade do século XVII. Normalmente, o ensino de leitura e a escrita era ministrado ao lado da música, do canto chão, do órgão e dos trabalhos domésticos, principalmente a feitura de doces e de flores artificiais. Até esse período, as mulheres mais abastadas seguiam para Portugal para estudar. Casos raros como o de D.Tereza Margarida da Silva e Orta, a primeira romancista brasileira. Irmã de Matias Aires, ela escreveu em 1752, o livro "Aventuras de Diófanes", atribuído erroneamente durante muitos anos a Alexandre de Gusmão. No Convento de Trinas, em Portugal, instruiu-se em música, artes, poesias e algumas partes de Astronomia. Dorothea era o anagrama utilizado por Tereza e seu livro obteve quatro edições, todas raríssimas, tanto em Portugal como no Brasil. Apesar de ser a primeira obra a compor a história da literatura colonial feminina, é muito pouco conhecida. Mas Tereza, além de pioneira na arte do romance brasileiro, era uma mulher decidida, destemida e de personalidade marcante. Em torno de sua história paira um mistério: foi prisioneira do Marquês de Pombal durante o seu governo, por

⁵²⁴ ROMEIRO, Adriana — *Um Visionário na Corte de D. João V - Revolta e Milenarismo nas Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, p.43 e 44.

⁵²⁵ *Feira da Ladra — Revista Mensal Ilustrada*, tom. IV, n.º 1. Lisboa, 1932, p. 114 e 115.

crime de Lesa Magestade. Ficou em cela onde não via "luz de sol, nem luz da lua" mais de seis anos. "

*

"REAL ERARIO (...) Relação das pessoas, que entregarão no Cofre dos Donativos estabelecido por Decreto de 25 de Junho ultimo, os Donativos segguintes:

(...)

D. Maria Thereza Jansen Moller offerecêo a addição de 100.000 rs. de Tença que tem no Almoxarifado das Tres Cazas, pelos annos de 1823 até o de 1831; e igualmente a addição de 300.000 rs. por anno que leva na Folha das Commendas Vagas, dos annos que se lhe devem até o de 1826."⁵²⁶

*

"Teresa Margarida da Silva e Orta nasceu em São Paulo, em 1711 ou 1712. Filha de José Ramos da Silva, um 'pobre emigrante minhoto'⁵²⁷ que prosperara no Brasil, e de D. Catarina da Horta. Quando em 1711 o Rio de Janeiro foi invadido pelos franceses, o pai - homem já abastado à época -, ganhara notabilidade, pois conseguira obter informações preciosas, que permitiram organizar o contra-ataque e rechaçar os invasores. (...)

Em 1716, a família regressa a Portugal. (...) Em Lisboa, causava constrangimento à nobreza empobrecida a chegada dos 'nouveaux-riches', carregados de ouro e de pedras preciosas. (...) José Ramos da Silva mostra-se, porém, um articulista político notável aumentando a sua influência junto à coroa (...) [que] recompensava-o dos serviços prestados no Brasil".

(...) As duas filhas, Catarina e Teresa Margarida, enviadas ainda meninas para o convento das Trinas, onde serão educadas. Assim, José Ramos da Silva evitaria despesas supérfluas com dotes nupciais, concentrando todo o património nas mãos do filho varão [Matias Aires]. (...) Quanto a Teresa Margarida, sabe-se que, após anos de permanência no convento, recusara-se a professar. Afinal, o convento não podia se constituir num meio de tirar 'a liberdade aos homens e às mulheres', conforme nos diz seu irmão (...). O certo é que a nossa autora consegue convencer o pai e deixa o convento, regressando a casa. Mas logo aos dezasseis anos casa-se com Pedro Jansen Moller, por decisão judicial, contra a vontade da família. O marido é considerado um caça fortuna e arrivista social. O pai que, tanto esforço fizera no Brasil para angariar fortuna, deserda imediatamente a filha. Teresa Margarida enfrentará a hostilidade da família, o que a leva a afirmar que 'em toda a parte é o afeto da boa amizade mais permanente que o amor da sanguinidade; porque a cordialidade dos parentes poucas vezes dura, e o afeto da amizade rara vez se acaba'⁵²⁸."

⁵²⁶ *Gazeta de Lisboa*, n.º165. Lisboa: Imprensa Nacional, Julho 1828, p.906.

⁵²⁷ COELHO, Jacinto do Prado — *O Homem e o Seu Tempo*. cit. in AIRES, Matias — *Reflexões sobre a vaidade dos homens e a carta sobre a fortuna*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1982, p. IV.

⁵²⁸ ORTA, Teresa Margarida da Silva e — *Aventuras de Diófanos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945, pp.63-64.

Mais tarde reconcilia-se com o pai, que lhe atribui dote e renda mensal. (...) Entretanto, o património familiar é corroído pelos empréstimos feitos à nobreza e nunca pagos, o que leva José Ramos da Silva a diminuir a tença à filha freira e a cortar a mesada a Teresa Margarida. A 21 de Dezembro de 1743, o Folheto de Lisboa noticia a morte de José Ramos da Silva, dizendo que este 'passou à América tão pobre, como os que se embarcam para ajuntar; e com tanta fortuna comerceiou naquelle Estado, que foi hum dos sogeytos que vierão de la mas ricos'. (...) Ser o único herdeiro de José Ramos da Silva era, para Matias Aires, valorizar o esforço do pai e não permitir que a fortuna caísse nas mãos de um oportunista como o cunhado [Pedro Jansen Moller]. Deste modo, contesta o direito da irmã Teresa Margarida à herança. Perde, porém, a demanda. (...) segundo Prado Coelho⁵²⁹, no testamento lavrado em janeiro de 1763, Matias Aires 'impõe a todos os futuros sucessores do morgado a inimizade com Teresa Margarida, com quem não poderá haver jamais composição ou reconciliação'.

(...) A causa da inimizade entre os dois irmãos seria provocada pelo apetite financeiro de Teresa Margarida e de seu marido, que não tinham escrúpulos em assaltar a bolsa de José Ramos da Silva. Este, no seu testamento, conta: 'Quando vou à quinta, costume levar bastante dinheiro; assim para as despesas da Quinta como para compra de Fazendas, que naquela vizinhança se costuma oferecer; sabendo muito bem deste costume o dito Senhor meu Genro e minha filha, porque em outra ocasião me tinham ali tirado cinco mil cruzados, buscaram agora o meio, que iam de Romaria ao Senhor da Pedra, e vindo da Romaria esiveram na dita Quinta e o dito Senhor meu Genro e sua mulher saltaram em um Baú, no qual eu tinha quatro mil cruzados com um saco e cousa de cem moedas... e tudo me levaram sem me deixarem um tostão⁵³⁰'.

(...) O romance da autora, publicado inicialmente em 1752, foi sendo editado sob diversos títulos, dos quais destacamos o do século XIX, "História de Diófanes, Clymeneia, e Hemirena Príncipes de Thebas" mas, ainda então, de "autoria anónima". "Todas as edições do século XVIII foram publicadas em vida da escritora. Não temos conhecimento de nenhuma manifestação da autora contestando a atribuição da obra a Alexandre de Gusmão ou assumindo, de público, a autoria. O certo é que o nome que figura nessas edições, isto é, Dorothea Engrassia Tavadra Dalmira é o anagrama perfeito de Dona Teresa Margarida da Silva e Orta.

(...) somando-se à possível execração social, acreditamos que outros fatores estavam em cena: a publicação, no mesmo ano (1752), da obra do irmão e o ódio sibilino que este lhe devotava; o marido, Pedro Jansen Moller, ainda vivo talvez não tivesse conhecimento da obra da mulher, e sendo a autoria revelada provocaria constrangimentos; em 1772, a autora encontrava-se presa no convento por ordem do Marquês de Pombal, por ter prestado falso testemunho em depoimento ao rei D. José. O caso fora que o filho, Agostinho Jansen Moller e Pamplona, enamorado de uma jovem filha de uma rica família, afirmanra tê-la engravidado, a fim de

⁵²⁹ COELHO, Jacinto do Prado — *O Homem e o Seu Tempo*. cit. in: AIRES, Matias - *Reflexões sobre a vaidade dos homens e a carta sobre a fortuna*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1982, pp. III-XXVIII.

⁵³⁰ ATHAYDE, Tristão de — *Teresa Margarida da Silva e Orta, precursora do romance brasileiro*. cit. in. ORTA, Teresa Margarida da Silva e - *Obra Reunida*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993, p.214.

apressar o casamento, no que foi secundado pela mãe. O filho, embora tenha casado com a jovem, foi degredado para a África e Teresa Margarida mantida presa durante sete anos. Só foi posta em liberdade, após ter redigido uma petição à rainha D. Maria I, a quem oferecera as 'Máximas de Virtude e Formosura' [nome da primeira edição do seu romance], em 1752.

Na 'Petição que a presa faz à rainha N. Senhora', a escritora, presa no mosteiro de Ferreira de Aves (Beira), apela a D. Maria I: 'A Púrpura deixai por um momento, / E que sois Mãe meus prantos lede/ Para pesardes bem meus duros golpes'. É uma mulher dirigindo-se a outra mulher, implorando como 'Mãe, como Avó, que a tudo acodem'⁵³¹ (...) Em 1777, Teresa Margarida é solta, tendo vindo a falecer em 1793.⁵³²

⁵³¹ ATHAYDE, Tristão de — *Teresa Margarida da Silva e Orta, precursora do romance brasileiro*. cit. in. ORTA, Teresa Margarida da Silva e — *Obra Reunida*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993, p.54.

⁵³² FLORES, Conceição — *História da Educação Feminina no Século XVIII: Teresa Margarida da Silva Orta, Escritora Brasileira*. UFRN: Artigo para o 13.º COLE (Congresso de Leitura do Brasil), 2001 » http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais13/arquivos/seminarios/flores_conceicao.htm



2. Quinta da Penha Verde
(Sintra)

3. Paço dos Henriques
(Alcáçovas)

4. Palácio Fronteira
(Benfica)

5. Convento dos Capuchos
(Sintra), 2017.



"No último terço de oitocentos, Isaac Conquy Abecassis (1840-1902), sua mulher Helena Nathan Bem Saúde (1852-1933) e seu pai, Fortunato (1799-1877), o primeiro Abecassis nascido em Tânger a fixar-se em Portugal, desembarcaram em Lisboa, vindos de Ponta Delgada, no rescaldo da crise da exportação da laranja. A metrópole coeva desenvolvia-se então para norte segundo traçado do engenheiro de ponts et chaussées Frederico Ressano Garcia (1847-1911), concebido na fleuma da flanne parisiense. O engenho burguês da terceira geração de Abecassis em Portugal servia bem o ímpeto progressista que nos desejava livrar do secularismo, na Lisboa da primeira metade do século XX. Naquela conjuntura de olvido, a casa que o arquiteto Raul Lino (1879-1974) projetou para Max Bensaúde Abecassis (1881-1969) na rua Castilho, n.º 24, entre 1925 e 1932, é (foi), síntese pertinaz de uma possibilidade moderna em continuidade com a tradição.

Família judaica oriunda da diáspora tangerina de Marrocos com ramificações nos Açores e em Inglaterra, os Abecassis deveram à inteligência, fina percepção do ambiente económico-financeiro e dinâmica capacidade de adaptação, a razão da fortuna familiar. Estabelecido em Lisboa no último terço de oitocentos, Isaac Abecassis assistiu à industrialização e transformação da metrópole que se expandia para norte, sob traçado do engenheiro Frederico Ressano Garcia.

Isaac Abecassis fixou a sua primeira residência em Lisboa, na rua do Alecrim, n.º 10, estabelecendo no mesmo prédio o seu negócio familiar, a casa Abecassis (Irmãos) e C.ª, dedicando-se à importação e comercialização de adubos químicos e orgânicos. Na antiga rua de Santos-o-Velho, n.º 26, 2.º, nasceu a sua prole de seis filhos, três de cada sexo, ficando o primogénito varão, Fortunato Bensaúde Abecassis (1875-1940), responsável pelo negócio comercial. Já na sua gestão, transferiu a sede para a praça do Município, n.º 32 e alargou o escopo das atividades à indústria¹⁴, sendo sócios os seus irmãos Frederico Bensaúde Abecassis (1878-1952) e Max Bensaúde Abecassis (1881-1969). Nesse papel e como cuidador do “rebanho” familiar que lhe cabia na tradição judaica, teve grande influência sobre os seus irmãos.

*Apreciador de arte, Fortunato Abecassis juntou uma apreciável coleção, muito influenciada pelo gosto de Alfredo Bensaúde (1856-1941), com quem tinha laços familiares na diáspora micalense. Por sua vez, este melómano do círculo wagneriano de Alexandre Rey Colaço, onde privava com Raul Lino, influenciou Fortunato Abecassis na escolha do arquiteto para elaborar os projetos de remodelação das suas casas na rua Saraiva de Carvalho, n.º 97, em Lisboa (1916-1926) e na avenida Sabóia, no Monte Estoril (1918)."*⁵³³

⁵³³ https://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/cadernos06_3f7e9300a95853/37

*

Fortunato Carlos Bensaúde Abecassis (Lisboa 1875 - Venda Seca 1940) e sua esposa, Sophia Amzalak Buzaglo (Lisboa 1881 - Lisboa 1955) possuíam ambos ascendência judaica e nacionalidade inglesa. Fortunato terá sido nomeado vogal do Comité Israelita de Lisboa em 1906, passando depois a tesoureiro, função que desempenhou até à sua morte. Continuou também o trabalho de seu pai (Isaac) na empresa familiar *Abecassis Irmãos e C.^a*, tornando-a depois *Abecassis (Irmãos) Buzaglo e C.^a*, comércio de produtos químicos. Família dedicada aos negócios, exploraram também atividades industriais nas empresas *Lusalite - Sociedade Portuguesa de Fibrocimento* e *Sociedade de Perfumarias Nally*. Fortunato esteve também ativamente envolvido na companhia de seguros *A Mundial*, onde foi acionista. Era interessado em arte e caça. A esposa, Sophia, possuía vertente humanitária: membro da WIZO (Women's International Zionist Organization), organizava sessões de propaganda caseiras onde projetava imagens de escolas, creches, hospitais e colónias. Para além da Quinta das Águas Férreas, sabe-se que eram também proprietários da Quinta da Saudade, na Rua Saraiva de Carvalho, 97, Lisboa.⁵³⁴

No final da década de 1950, a Quinta das Águas Férreas terá passado para Helena Margarida Buzaglo Abecassis (Lisboa, 1910 - 2000), filha de Fortunato e Sophia Abecassis, e casada com Eduardo Corrêa de Barros (Vila Real 1912 - ?). Eduardo terá sido administrador-delegado dos negócios de seu sogro — a companhia de seguros, *A Mundial* e a *Sociedade Portuguesa de Fibrocimento Lusalite* —, mas também da *Companhia de Seguros Atlas* e terá ocupado ainda outros cargos como membro da direção da *Fábrica de Chocolates Regina*, da *Fábrica de Cabos Eléctricos* e do *Diário Popular*. A par destes cargos, terá tido também uma carreira político-administrativa: de 1934 a 1935 foi Secretário do Ministro das Colónias e no ano seguinte, Secretário do Ministro dos Negócios Estrangeiros; foi também assistente dos serviços de Ação Social do Instituto Nacional do Trabalho e Presidente do Grémio dos Seguradores. O casal partilhava o gosto cosmopolita pelas viagens a diversos pontos do Mundo, documentadas no vasto trabalho fotográfico de Helena.

*

"*Helena Corrêa de Barros nasceu em Lisboa, a 25 de fevereiro de 1910, filha de Fortunato Carlos Bensaude Abecassis e de Sophia Amzalak Buzaglo Abecassis. Casou com Eduardo Corrêa de Barros e teve quatro filhos: Margarida, Teresa, Manuel e Sofia. Foi fotógrafa amadora durante toda a sua vida e participou em*

⁵³⁴ <http://www.abecassis.info/>

concursos e exposições de fotografia, em Portugal e no estrangeiro, tendo sido premiada em algumas participações. As temáticas abordadas nas suas fotografias eram, maioritariamente, paisagens, cenas da vida urbana e campestre, marítima e fluvial, bem como imagens abstratas, representativas do que foi o Salonismo na fotografia portuguesa, nas décadas de 1950 e 1960. De 1947 a 1999, a autora usou, em grande parte do seu trabalho, o diapositivo a cores, dedicando-se à fotografia de família, passeios e viagens. Faleceu em Lisboa, a 26 de maio de 2000."⁵³⁵



6. Helena e Eduardo
Corrêa de Barros, 1970.

⁵³⁵ Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa » <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/>

Miguel Fortunato Abecassis (M), Margarida Vaz Pinto (MA), Tereza Cardoso de Menezes (T), Sofia de Mendia (S)

M — A história da fonte da água férrea, que corria pelas minas abaixo... [as minas] entravam pela quinta fora a irrigar coisas que o meu avô gostava de plantar, como a vinha. E chegando à altura da caça, deixava as comportas abertas que era para todos os caçadores que andavam ali à volta assustarem os coelhos e estes irem pelas comportas e entrarem na quinta. No fim da altura da caça, ele fechava as comportas e 3 ou 4 dias depois faziam uma festa, em casa, em que os amigos dele iam caçar coelhos; não deixava caçar perdizes (isso era impossível, o meu avô não queria que caçassem pássaros). Iam lá os amigos e o Tito Arantes, que era advogado da família e muito amigo, fez um livro de versos (escrito à mão) a dizer “*vamos aos coelhos do Fortunato e aos almoços da Sofia*”. Tinha imensa graça, era uma festa; eu assisti a uma. (...) Havia outras coisas: o avô gostava de caça e de vinho, e a avó gostava de vacas, de leite. Tinham 30 vacas que a avó ia comprando não sei aonde.

S — [Tinham] ali uma vacaria à séria.

M — Tudo muito organizado, cada uma com seu compartimento e calhas para escoar dejetos. E vendia-se o leite.

T — Nós só bebíamos o leite das nossas vacas.

S — E fazia-se manteiga.

M — E queijos (...) [a avó] tinha quem fizesse esse queijo para ela, que era um queijo fabuloso, igual ao *Pont-l'Évêque*. A avó fazia esse queijo e vendia-o para o *Martins&Costa*. Houve um dia que um cliente do *Martins&Costa* comprou um queijo e encontrou uma mosca lá dentro! Fizeram queixa. Os veterinários foram lá à quinta e viram que a avó tinha redes nas janelas da queijaria, mas uma delas tinha lá um burquinho, e então fecharam a queijaria... Mas o veterinário que lá foi, disse: “*ó senhora dona Sophia, leve estes queijos para sua casa, que são tão bons... Não lhe posso deixar abrir a queijaria agora, mas não perca estes queijos, dê-os à sua família*”. Nunca mais se fez...

T — Fecharam a queijaria por causa de uma mosca...

S — Para além das vacas, havia porcos.

M — Que comiam os restos todos da hortalça que se dava às vacas e às galinhas.

S — As galinhas andavam soltas no campo.

T — Eu tenho uma tacinha que a avó ganhou por causa das galinhas, com o nome dela “*Sofia Abecassis, 1º prémio de galinhas...*”

M — “*...pedrosas*”! Até tinha galos. (...) O vinho... O avô adorava o vinho.

T — Muito vinho nós pisámos!

MA — Azeite também se chegou a fazer, não foi? Havia muitas oliveiras.

⁵³⁶ BELO, Inês Marques — *Testemunhos de Margarida, Miguel, Sofia e Tereza* (“*Corrêa de Barros*”). Lapa, Março 2019. 1 registo áudio mp4 (163 min.).

T — Azeite, não me lembra...

M — O vinho era uma zurrapa do pior. Levavam o vinho aqui para a Lisboa, para a garrafeira da Rua Saraiva de Carvalho [outra casa da família]. Uma vez abri uma garrafa daquelas e ia morrendo com o cheiro. Engraçado era o pisar do vinho.

S — Isso é que era divertido! Iamos descalços e era uma grande aventura!

M — Era pisado à séria. Andavam lá os homens todos da quinta a pisar o vinho.

*

S — Foi já no tempo da mãe que puseram lá a rega *gota-a-gota*; que ela trouxe a técnica de Israel. E houve um programa do engenheiro Sousa Veloso... Foi através desse programa que eu soube. A mãe não nos tinha dito nada, que tinha feito isso. E eu vi na televisão e reconheci os caseiros! Digo assim: “*mas isto é a Quinta! Isto é o Delfim... mas o que é isto, esta rega?*” E fui perguntar à minha mãe: “*sim, sim, fiz essa rega gota-a-gota; mas o que é que vos interessa?*”. Ela não nos dizia nada, [achava] que não nos interessava.

T — Nem as fotografias! [sobre o percurso fotográfico de Helena Corrêa de Barros]

M — [Essa rega] não era para as vinhas.

S — Era para a fruta, para as árvores; e para as hortaliças. Porque acho que foi pioneira! Para o engenheiro Veloso ir lá... O triste disto tudo é que não conseguimos encontrar esse vídeo, já não existe.

T — Tentámos procurar por todos os lados.

*

M — Eu tinha a mania de fazer piqueniques pelo pinhal. Vocês lembram-se que havia um pinhal pequeno e um pinhal grande. O pinhal grande era lá ao fundo (era mais eucaliptal do que outra coisa qualquer...)

S — O pinhal pequeno tinha o *court* de ténis; ficava mais cá para dentro.

M — Com pinheiros mansos. Houve um dia em que me disseram “*vamos fazer um barbecue*”. Então eu fui acender o fogo. Agarrei num punhado de caruma e lá ia o pinhal todo! Tiveram de vir os bombeiros. [Eu] tinha para aí dez anos.

S — O *court* de ténis... Havia duas entradas (o portão principal e o dos caseiros). Entrando no dos caseiros, você desce até lá ao fundo, continuando em frente, por um caminho pequeno, e ficava do lado esquerdo [passando o núcleo agrícola].

*

T — Quando nós vendemos a quinta, o homem que a comprou foi preso; um vigarista!

S — Comprou porque dizia que era para aumentar o Clube de Belas [*Belas Clube de Campo*]. Venderam-nos muito bem *o peixe*!

T — E era também para fazer uma casa linda, modelo, espantosa. Que adorava a casa e ia fazer da casa uma coisa espantosa; que arranjava o telhado. Prometeu-nos mundos e fundos.

S — Se calhar não dizia que era para aumentar, mas ele também dizia que era dono de muitos terrenos do Clube de Belas.

T — E ele comprou, mas pelos vistos depois ficou nas mãos de bancos... E a Quinta ficou ali anos sem fim abandonada...

M — A casa está toda destruída!

MA — Tudo o que valia a pena já foi roubado! Canos, tudo.

M — A *boiserie* do escritório do avô, também foi?

S — Mas porque é que ninguém compra aquilo? Não percebo...

MA — Tenho uma pena horrível, era onde eu gostava de viver até morrer, era lá!

M — Mas até que ponto é que aquilo tem interesse em termos de localização?

T — Acho que tem! Tem acessos novos fantásticos, a A16 passa lá ao pé.

MA — A localização não pode ser melhor!

T — Quando eu lhes contei a história da Quinta, eles [amigos estrangeiros] ficaram maravilhados: “*então quando é que podemos ver?*”

*

M — A avó [Sophia Abecassis] morreu em 1955.

S — Depois a nossa mãe é que ficou com a Quinta, porque a casa de Lisboa ficou para o irmão e a casa do Estoril ficou para o outro irmão Eduardo. [A Quinta] era uma casa de férias.

MA — Eu vivi lá. Até vendermos a Praia Grande (2002) [outra casa da família], eu estive lá.

S — Nós vendemos a Quinta em 2004.

*

SOBRE A TEMPORADA DE EVENTOS NA QUINTA

S — Era uma dessas promotoras de casamentos...

T — Infelizmente correu mal, porque ela dizia que era casamentos, mas depois descobrimos que ela fazia daquilo um armazém de loiça. Era um negócio que nós achávamos que era interessante, que ia por a quinta a mexer... Depois um dia descobrimos que passou a ser o armazém dela. E então acabámos a mal. Ela não queria sair, tinha ali um espaço fantástico. Provámos que ela não fazia lá casamentos.

S — Depois, também, quando foi o casamento de uma das nossas sobrinhas, houve logo, no dia seguinte, um roubo de algumas obras de arte que tínhamos lá. E nós achámos que tinha sido um convidado do casamento. Roubaram quadros valiosos... (...) A nossa mãe não vivia lá, mas da Quinta ser roubada, ela teve um desgosto; entrou em decadência a partir daí.

T — [A mãe] ia lá constantemente, passava um mês... A grande distração dela era a horta, as árvores, tudo! Adorava tudo. E isso foi um choque horroroso. Foi a primeira vez que se pôs alarme.

*

SOBRE AS ÁGUAS DA QUINTA

S — Em relação à mina, brincámos lá imenso.

T — Vocês tinham medo das minas.

MA — Eu tinha medo, nunca lá entrei!

S — A mina está debaixo do tal pinhal que está à direita.

M — É um eucaliptal.

MA — O do fundo?

M — Não. Quando se entra na Quinta, à direita... Dantes era um eucaliptal. Por baixo disso é que estava a mina; começava em frente da garagem.

S — E a mina ia desembocar no largo em frente da casa, que tem um lago redondo. E num tanque forrado a azulejos, a mina sai numa portinha ao lado.

T — Ao lado desse tanque, onde começava, organizavam-se jogos de pista todos dentro da mina. Então entrava-se nessa portinha; na mina, depois, tinha-se de subir por umas escadinhas de ferro, pelos poços. Subíamos e entrávamos por outro poço; aquilo era cheio de poços. Para nós era fácilimo, com lanternas.

S — Agora, como é que [a água] ia para o resto da quinta?

M — Aquilo tinha um esgoto por debaixo, por onde ia para o resto da Quinta. Passava por baixo da adega e corria até à vinha.

T — A vinha que era depois do tanque maior, dos dois lados. Era uva americana.

M — Tens a certeza? A americana era a da Rua Saraiva de Carvalho.

T — Eu passava a vida a comer aquelas uvas. [Na Rua] Saraiva de Carvalho acredito, mas a Venda Seca tinha, naquele caminho!

MA — Pois tinha, a seguir às abelhas!

T — Por isso é que o vinho era mau! Mas ela [avó] tinha vinha de uva branca do lado direito.

M — Até tinha uva moscatel, que era extraordinária. Mas era só ali. Porque a uva que se usava para o vinho, não era moscatel: misturavam...

*

S — Antes do meu avô, a casa que lá estava antes não tinha interesse nenhum. Olhem, meninas, o que é um compartimento com abóbadas que tivesse tido...?

MA — A capela, que depois passou a ser casa das máquinas para aquecer a casa. Antes de ser dos nossos avós, isso era uma capela. Que aquilo era muito mais antigo.

T — Por acaso nem sabia e nem vejo como é que havia ali uma capela!

MA — Porque não reparou no formato daquele tecto, era em abóbada! Aquilo já é do tempo anterior, do tempo em que a Carlota Joaquina andou lá!

S — Mas não se sabe se é verdade, essa história da Carlota Joaquina.

M — As torres [torreões] foram feitas...

T — ...Pelo Francisco de Holanda, para a Carlota Joaquina!

S — Mas a Quinta não foi comprada pelo nosso avô a ninguém da família real...

T — Não! Foi ao senhor Silva Araújo, em princípio [segundo informações que lhes disponibilizei]! Ele deve ter comprado a alguém da família real.

MA — No claustro está lá um brasão de pedra por cima de um tanquezinho. Isso é que foi estudado como sendo da família Belas!

*

CONVERSA ACOMPANHADA DA VISUALIZAÇÃO DE FOTOGRAFIAS DA QUINTA

T — Muito linda, essa fonte!

MA — E depois tem aquela parede com um banco; as escadinhas, que sobem, têm um banco forrado a azulejo.

T — O terraço que dava para os quartos; que era apartamento dos avós e depois foi apartamento da mãe.

MA — A hera [dos torreões] era linda, mas estava a dar cabo das paredes.

M — Na Rua Saraiva de Carvalho, quando se entrava na porta grande, cá em cima, no fundo daquela parede havia um nicho com uma escultura... Mas tinha um brasão por cima. Já não me lembro como era.

T — Se calhar era também da família anterior...

S — A Rua Saraiva de Carvalho era também dos nossos avós [entretanto vendida].

*

T — A casa do João e depois do Sebastião [casa do motorista, no edifício da garagem]. Os *chauffeurs* dormiam lá.

MA — Está tudo a cair... Aquilo antes de ser a Quinta das Águas Férreas, era a Quinta dos Olhos d'Água, o nome mais antigo da quinta. Tal era a abundância da água...

*

MA — Já havia porcos no tempo da avó.

T — Mas não se matavam.

M — Com a avó, carne de porco lá em casa não entrava!

T — Todos judeus...!

M — Entrava fiambre e a avó dizia: “*o quê? isto não é porco, é fiambre!*” [risos]. Esta lembro-me eu, como se fosse ontem... “*oh avó ainda bem, a gente gosta imenso!*”

S — Cavalos não tínhamos.

*

T — Olha o que é feito do claustro...

M — Isso é o claustro? Ai que horror...

T — Tinha canteiros lindos, de buxo...

M — Todos desenhados, lindos!

MA — Olha, mas ainda estão lá os bancos com azulejos, que giro...

M — O que a gente brincava ali... Atrás disso havia a sala de bilhar, onde o avô ia fumar charuto e beber *brandy*.

T — Ele morreu quando eu tinha para aí três anos. Ainda tem [na casa] a mesa de bilhar, é tão grande que nunca saiu! Aquela portinha [nicho na parede] era onde estavam os paus do bilhar. A escada cá de baixo para o primeiro andar...

M — Esse torreão [da casa?] era uma coisa do outro mundo.

S — Há uma entrada por baixo, para este piso [térreo]; há uma porta por baixo da porta principal da casa. Portanto não é preciso mais do que uma escada [para o pessoal de serviço].

T — Podiam fazer o caminho por fora ou por dentro, não havia problema! A parte de baixo tinha os quartos do pessoal.

M — E tinha umas cozinhas.

S — Isso já não é do nosso tempo.

M — E havia um quarto para por frutas.

MA — Isso é ao lado dos quartos do pessoal. E tinha uma porta para fora, a casa da fruta.

M — Havia muitos quartos!

S — Ai a *marquise* da sala está cheia de ervas !

T — Que coisa espantosa, que lindo que isto era. Era tão bonita, esta quinta !

MA — Quando estávamos a olhar ali para o claustro, lembrei-me que três dos meus netos faziam equilíbriço em cima do muro que vai do telhado até ao terraço, um atrás do outro em cima daquilo. A Sofia horrorizada: "*ninguém faça um barulho!*", que era para eles chegarem até ao fim. E chegaram ! Aquilo é estreitíssimo e são para aí quatro metros para baixo.

M — Eu também fazia isso !

*

SOBRE O ARQUITETO ANTÓNIO LINO

S — O nosso avô fazia quase tudo no Raul Lino. E depois, não sabemos porquê, mas foi encomendar [essa casa ao António Lino]... Tanto que a casa de Lisboa, o projeto é do Raul Lino.

M — Mas só a parte do lado direito, que foi comprada mais tarde, é que foi pelo Raul Lino. O resto da casa já lá estava. A casa do Estoril foi feita pelo Raul Lino.

S — E a casa da Rua Castilho, do tio Max, foi feita pelo Raul Lino. Por isso é que eu pensava que a Quinta [das Águas Férreas] era do Raul Lino, mas não.

T — Todos pensávamos. Ela [Margarida] sabia que era do António Lino e o Miguel [filho de Margarida] também, porque a nossa mãe disse-lhe que era do António Lino... Se calhar o António trabalhava com o Raul Lino !

S — E depois não devia ter tempo e deve ter dito: "*agora fazes tu!*". Não me admiro nada... A família do avô, os irmãos todos, era com o Raul Lino que *trabalhavam*.

*

S — Este tanque [maior] não era usado para regar, era para tomar banho, mesmo.

MA — Era a nossa piscina.

M — A gente entretia-se muito a tirar os vidrinhos [embrechados].

T — Era uma tentação ! Como é que ainda resta isto ? !

MA — Uns soltos e tal, que a gente apanhava...

T — E o outro tanque, lindo !

S — Aquele pequenino ao pé da mina; é ao pé da adega ! Onde se lavava a roupa !

M — Havia um golfinho, havia ! Nessa parede da adega [escultura integrada na decoração de embrechados].

MA — Nos claustros, também se faziam almoços lá; debaixo daquele corredor enorme, cheio de mesas.

*

CONVERSA ACOMPANHADA DA VISUALIZAÇÃO DE FOTOGRAFIAS DE 1932 (FAMÍLIA SILVA ARAÚJO)

S — A casa anterior, sendo essa, não teria nada a ver com a atual...

T — Mas o senhor [arquiteto António Henriques] diz que é a mesma quinta !...

S — Antes, as pessoas dali conheciam a Quinta como *Quinta do Abecassis* !...

MA — ...A partir da chegada dos nossos avós. Compraram a Quinta em 1934.

T — Eu acho que condiz, porque se o projeto do António Lino era de 1935, compraram um ano antes e depois pediram o projeto.

MA — Ah, mas esta escada é aquela que vai para o sítio onde estão os agapantos! Sem tirar nem por!

T — Pois é, esta escada é daquele terraço enorme! Isso ficou, e a escada era antiga; que dava para aquele sítio onde se davam as festas, para o terraço.

S — Esta escada é aquela que está à direita, com a fonte a meio. E as escadas dão para o bosque.

M — Não era bosque ali, era olival!

S — O bosque era em seguimento para cima; porque, Tereza, as do terraço não têm tantos degraus. Tinham para aí três ou quatro degraus. Quando vamos para baixo, temos a casa à esquerda e à direita estas escadas para o olival. Depois em frente é a fonte redonda.

T — Nos casamentos (da família, anos 1990), era por essas escadas que se ia para as mesas.

S — Os casamentos pararam um ano antes da mãe morrer (em 2000).

T — Fez saudades... Foi muito giro.

*

S — Encontrei aqui uma coisa... Antes da tal senhora fazer lá os casamentos, houve um senhor que nos contactou para fazer também uma coisa qualquer de eventos e então fez-se aqui uma memória descritiva. Uma planta de localização da quinta, depois tem fotografias da casa.

T — Ainda com bom aspeto mas a começar-se a degradar. Quando os pais morreram, [a Quinta] já estava a precisar de umas obras.

S — A nossa mãe fez umas obras ao telhado e foi completamente enganada.

MA — A adega ainda serviu para dar lá uns almoços.

T — Do outro lado do tanque, eram uns balneários. É uma casinha para mudar o fato de banho, mais para visitas.

S — Ah isto [documentos] foi o Henrique que fez já em 2003! Para vender a Quinta. Devem-lhe ter pedido para ele fazer.

*

MA — Quem dizia que era o António Lino [o arquiteto da casa], era o Miguel, meu filho. Outro dia houve uma discussão, em que alguém disse que tinha a certeza que era Raul Lino, e o Miguel, a certeza que era António Lino. Há uma coisa nos telhados que acho que identifica o arquiteto...

M — São umas piramedizinhas com um determinado desenho.

MA — Que é uma espécie de assinatura do arquiteto que faz. Exatamente, nas pontas do telhado.

T — Está lá, portanto!

MA — E isso é Raul Lino! Que se calhar há aqui uma mistura... Depois passou para o sobrinho. Teve aí qualquer coisa!

T — É do atelier dele! O sobrinho devia trabalhar com ele!

*

S — Tenho um dossier [intitulado] “*Roubo Quinta*”. Isto são fotografias da casa, do nosso tempo, já. [Na sala de estar], isto era ainda do tempo da nossa avó, a luz na sanca do tecto; os sofás faziam a curva da parede. Isto foi o processo que eu pus na polícia.

T — E os quadros que estavam na casa de jantar eram bons; eles roubaram exatamente o que quiseram.

S — Estranho, o roubo foi já em 2000...

T — Foi a partir de uma ruazinha ao pé da Quinta. Eles descobriram e partiram o muro para entrar. Foi pelo olival que eles entraram, onde eram os casamentos. A minha mãe ia cada vez menos para lá.

S — Ia-se para Sagres. E porque aquilo já estava muito degradado.

T — Pois foi, foi muito fácil abrir aquela porta. Mas como nunca tinha acontecido...

MA — E eu ainda vivi lá, depois disso.

*

S — Houve também um episódio engraçado. Foi a Transgás que pediu para passar uma conduta de gás junto ao muro do pinhal, lá do fundo. Ainda nos deram uma indemnização.

*

SOBRE O PORQUÊ DA ESCOLHA DESTE LUGAR

S — Não sei, mas uma coisa é certa: a minha avó tinha uma certa fragilidade... sei que ela não aguentava perto do mar, porque o ar era muito forte. E o ar da Quinta era curativo! Aquele ar era extraordinário: repousava, dormia-se maravilhosamente; isso deve ter pesado na decisão. Um cantinho fora de Lisboa... E naquela altura eles tinham carros, mas aquilo era muito fora de Lisboa! Demoravam mais de uma hora a chegar lá. E, ao mesmo tempo, não era o Alentejo. Era onde eles passavam os verões todos; era um ar muito bom.

T — Aquilo tinha um ar fantástico, tinha fama de curar mesmo doenças.

M — Houve alguém que comprou ali ao pé uma casa primeiro, não sei se o avô ou a tia Julieta (irmã dele). Muito perto, para os lados de Mem Martins.

T — Aquele ar era suposto ser muito bom para pessoas com tuberculose.

S — Eu sempre ouvi dizer que a avó ia para a Quinta por ser muito saudável... Deve ter sido por isso que compraram.

M — O ar ali é um ar de serra, muito bom e seco, sem humidade.

S — A Praia Grande, a avó nunca foi para lá!

*

M — Em 1934 já se fazia vinho naquela casa (eu tinha quatro anos e caí no lagar do vinho, na adega!). E era a avó que lá estava!

S — Mas se o projeto é de 1935...!?

M — Não sei, mas a adega lá estava e a casa lá estava, porque eu fui para a casa... Talvez esteja enganado na idade, talvez tivesse seis anos.

*

SOBRE AS ÁGUAS DA QUINTA

MA — E o nome “*Olhos d’Água*” já vinha do outro lado da estrada! De cima! No nosso tempo, não. Antes.

M — Do outro lado da estrada do Cacém, havia aquela coisa das cervejas, a Cergal. E era por causa da água que havia ali. E a quinta lá de cima, era dos Camburnac.

S — Donos da tinturaria.

M — Sim, mas tinham lá uma quinta enorme ainda. Eu fui lá caçar duas ou três vezes. Tinham muita água, mesmo.

MA — Era do outro lado da estrada. Os "*Olhos d'Água*" começavam em cima.

S — Dizem que a *nossa* Quinta é um quinto da quinta toda que era da Carlota Joaquina. Sim! A Venda Seca quase toda! E que aquilo já é uma parte pequena...

T — Também há a quinta dos Empis, que é a do *Bonjardim*. A Carlota Joaquina foi para a *nossa* Quinta para ter aventuras!

M — Ela gostava de ir espreitar para os torreões, ver passar os campinos, e de vez em quando convidava um...!

T — Não deve ter durado muito tempo, a estadia dela ali.

[Terá sido outra princesa: D. Maria Francisca de Bragança, filha de D. José I e anterior a D. Carlota Joaquina]

MA — Mas há alguma ligação [da princesa Carlota Joaquina] com esta princesa!

T — Ela já sabia da quinta! (...) Ah, os Jansen Moller emprestaram a quinta à princesa.

M — Em Lisboa, havia uma fábrica de cerveja da família Jansen...

*

S — O [Arquiteto] Leonardo Castro Freire era amigo dos nossos pais e fazia tudo para eles.

T — Faziam também um mel maravilhoso, que se comia pela manhã com manteiga, acabada de ser feita.

MA — E vendia-se flores, já no tempo da minha mãe... As estrelícias.

T — As floristas iam lá todas as semanas buscar estrelícias. Nem as pudemos tirar, porque eram tão velhas, que só um enorme tractor as poderia tirar.

S — A Glória é mais do tempo da Margarida do que da mãe. Tínhamos também muita fruta e coelhos.

MA — E patos! Eu ia vender patos ao Ritz!

S — Mas não tínhamos nada de jardins franceses, nada!

MA — Havia um bocadinho de buxo, mas era no claustro.

S — Mas os nossos avós não tinham nenhuma tradição francesa, era só inglesa; os jardins ingleses são mais naturais [orgânicos].

T — Estava sempre tão bem arranjado... Com flores muito bonitas.

"Havia ameixas de toda a espécie, peras, maçãs, pêssegos, melancias, hortaliças várias, tudo! Framboesas, ovos,... (...) havia adega, havia azeite, havia vinho, havia tudo!"

*

"Noutros tempos vendiam flores; vinham aqui todos os dias homens de Queluz buscar fruta (tangerinas, toranjas, laranjas, limões) (...) — vendia num instante e vinha logo buscar outras carradas (...); o homem da horta todos os dias vinha cá buscar legumes para vender na praça. Agora por esta altura [julho], andava para lá pessoal, rapazes da escola iam para lá apanhar fruta; no tempo da vida barata chegavam a sair dali uns 700 contos de fruta!"

*

"Quando eu para aqui vim, não havia tratores, (...) andavam aqui dez pessoas diariamente a trabalhar (...), tudo à enxada"; assim como no tratar de animais da quinta."

*

"A água que era muito boa era a do pomar das pereiras — muito clarinha (...), que a patroa encanou lá para casa (para os banhos, louças) (...); era muito fresquinha; a gente à hora do almoço vinha ali com um jarro, punha o motor a trabalhar e levava aquela água!"

⁵³⁷ BELO, Inês Marques — *Testemunhos de dona Glória*. Venda Seca, Julho 2017. 1 registo áudio mp4 (22 min.).

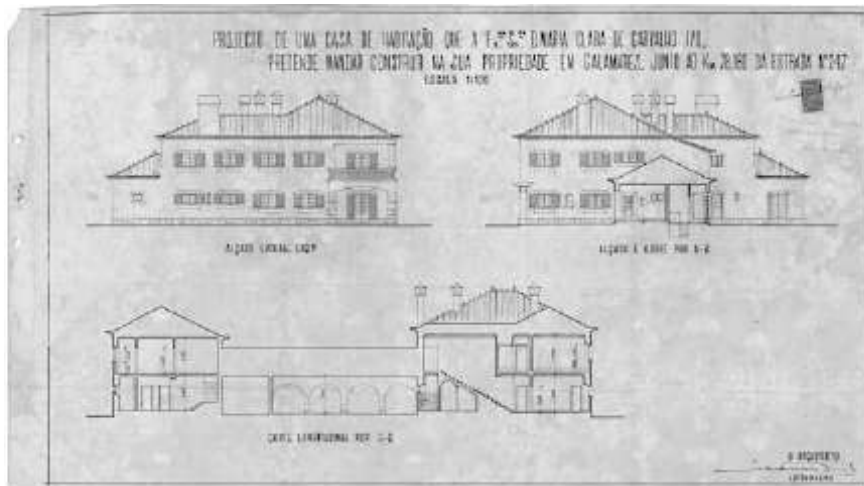
7. ESPELHO DE ÁGUA E BELÉM CLUBE (1940), 1961



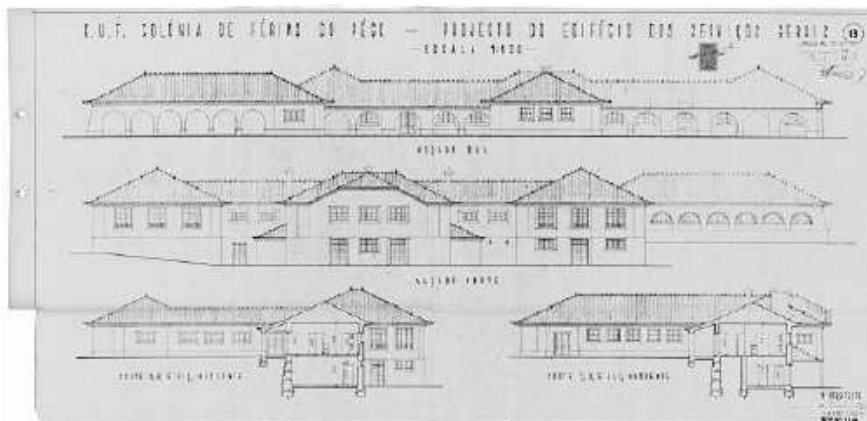
8. COLUNATA DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA,
(1945), 2008



9. HABITAÇÃO UNIFAMILIAR, GALAMARES (1948)



10. COLÓNIA DE FÉRIAS (CUF), RODÍZIO (1948)



IGREJA SÃO JOÃO DE DEUS, PRAÇA DE LONDRES (1951-53)

AGÊNCIA DA CGD, GUIMARÃES (1957)

CAMPUS E LABORATÓRIO DA JUNTA DE ENERGIA NUCLEAR (1957)

MONUMENTO AO CRISTO REI, ALMADA (1959)

CONJUNTO DE MORADIAS, RESTELO

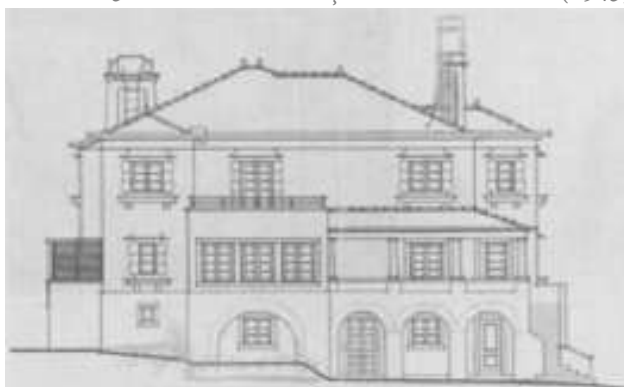
11. Avenida da Torre de Belém n.º 28 (1942)



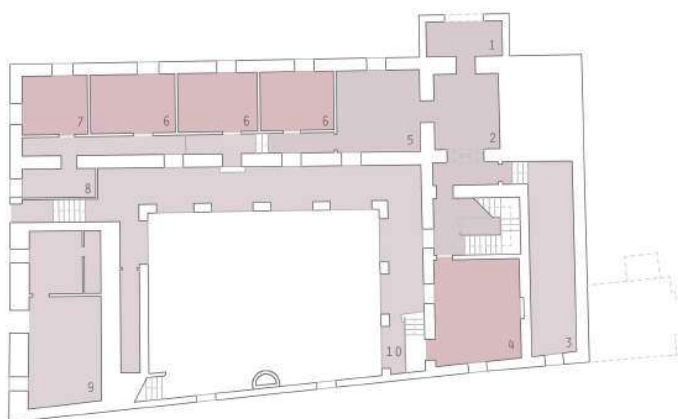
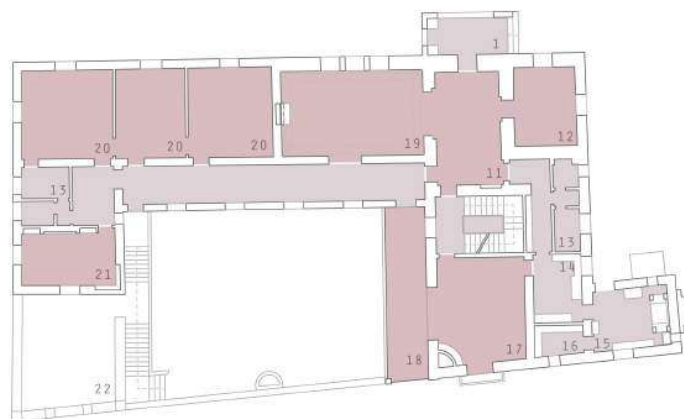
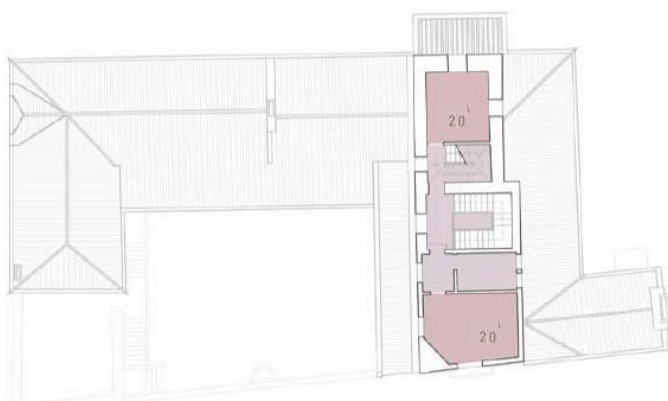
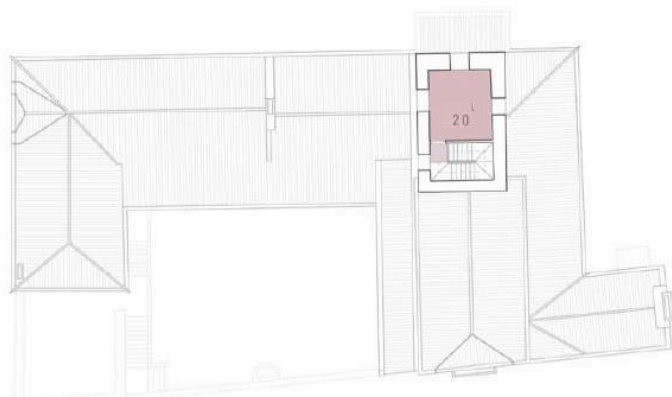
12. Avenida do Restelo n.º 21 —
Rua Dom Lourenço de Almeida n.º 23 (1942)



13. Rua Dom Lourenço de Almeida n.º 21 (1943)



Anexo n.º13 ASPETOS INTERIORES DA CASA

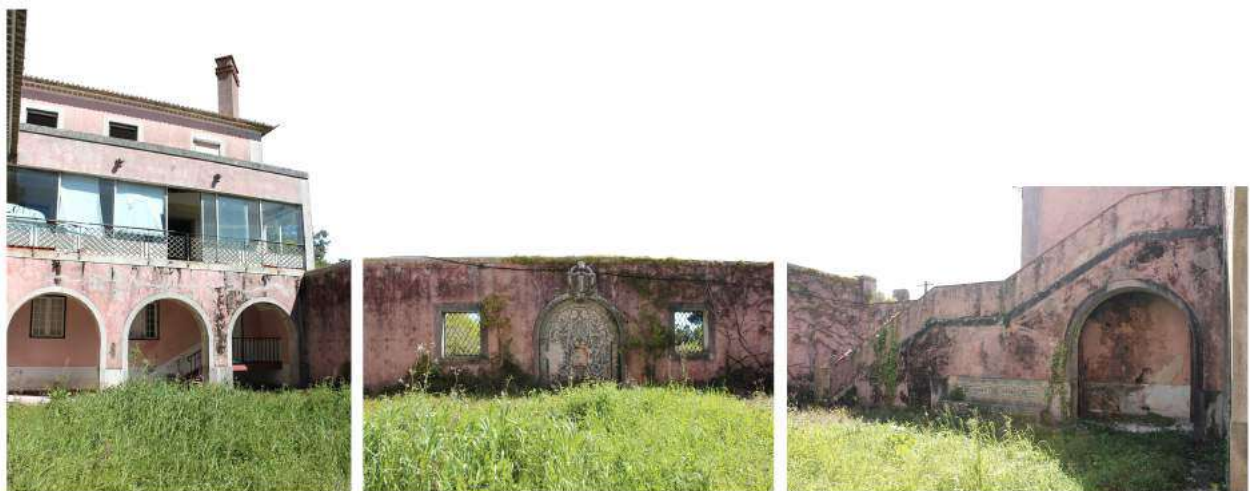


14. (9) casa das máquinas/
antiga capela



15, 16, 17. (10) pátio
interno e arcadas





18, 19. (5, 7) sala de
criadas e IS (antigo
quarto de criadas)



20, 21. (5, 11) corredor
(quartos de criadas) e
acesso vertical ao piso 1





22. (4) sala de bilhar



23. (1) nicho de entrada,
piso térreo



24. (11) vestíbulo de
entrada, piso 1.

25. (15) cozinha



26. (15) cozinha



27. (17) sala de refeições





28, 29. (17, 18) sala de refeições e varanda (marquise)



30, 31. (19, 11) sala de estar e corredor (quartos)

32. (21) escritório



33. (20) quarto, piso 1



34. (11) vestíbulo de
entrada, piso 1



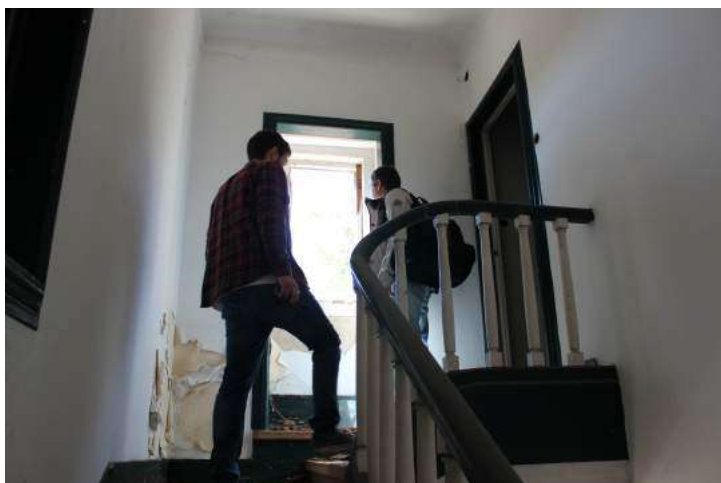


35, 36. (11, 1) acesso
verical ao piso 2e nicho
de entrada do piso 1

37. (20) quarto, piso 2



38. (11) acesso vertical ao
último piso da torre



39. (20) quarto, piso 2



Encontramos no *genius loci* da Quinta das Águas Férreas uma companhia particular que comporta em si um carácter de síntese entre mundos, à partida, opostos: estão presentes no *espírito do lugar* tanto traços que remetem a um modo de ser senhorial quanto contornos mais populares que, neste caso, resultam numa epítome de pendor campestre. Entendemos esta entidade como um personagem masculino, na presença de quem sentimos um apelo à idealização romântica da realidade e a invocação de um certo tipo de esperança, alusivo à criação - aspetos que se relacionam com a energia jovem do personagem. Desta entidade emergem também, e porém, resquícios de uma sensação nostálgica, parte constituinte do pensamento romântico mas não imediatamente associáveis a um personagem ainda jovem.

As raízes nobres de Manuel fazem-se notar no seu porte formal e suficientemente elegante, embora não aparatoso ou presunçoso. O seu parecer vigoroso, conjugado com um vestuário de bom gosto, seduz, provoca interesse, sem porém deslumbrar. Embora sem fazer uso de grandes requintes e despojado de artifícios sofisticados, Manuel é atento aos detalhes na sua apresentação, o que indicia alguma vaidade estética: o lenço no bolso da sua camisa branca é bordado com ramagens, mas discreto. Usa calças de fazenda, de corte direito. O cabelo e a barba são cuidados, embora não demasiado. A imagem geral resulta essencialmente sóbria e com laivos de cor; a sua distinção provém de um fundo de singeleza. Há nele uma graça e um ar terno, mas algo distante e misterioso. O seu sorriso algo tímido e o brilho sonhador no olhar castanho-esverdeado, ainda que com um travo de melancolia, enternecem.

Manuel é essencialmente intuitivo e experiencia os acontecimentos em seu redor com grande intensidade, embora não o demonstre efusivamente aos outros. Por vezes, há nele uma certa impulsividade de quem deseja pôr em prática as suas vontades, mesmo sem preparação. Ainda que seja frequente na sua personalidade que o sentimento se sobreponha à razão, o instinto sonhador e melancólico de Manuel nunca é demasiado fantasioso ou diletante; nunca é um fim em si mesmo, mas antes revela-se como o principal motor de uma vontade de (se) descobrir, de ir para além de si mesmo.

Devido a este aspeto mais impulsivo e desafiante do seu carácter, Manuel deseja afirmar-se num mundo mais adulto, do qual pretende ser parte integrante, por

intermédio de uma representação que lhe empresta uma certa altivez, uma formalidade, que, porém, não resulta numa imagem presunçosa ou arrogante - mas algo ingénua até, inadvertida. Esta altivez forçada funciona um pouco como o *pôr-se em bicos dos pés* - sente a necessidade de ser valorizado, embora não tenha ainda trabalhado muito para que tal se justifique; aliás, este aprumo e imponência não estão totalmente de acordo com o seu carácter interior, ainda carecido daquela densidade que quer aparentar exteriormente. Esta combinação de fatores faz transparecer algumas inseguranças que podemos, mais uma vez, associar à juventude, mas também à educação rígida e conservadora a que Manuel foi sujeito na infância - e a que deve as suas bases clássicas.

Manuel foi filho único e daí guarda memórias solitárias. Sempre encontrou nos contos e na música o seu refúgio, e daí o carácter sonhador e melancólico que veio a adquirir.

O reconhecimento que Manuel deseja obter poderá reportar-se à capacidade de gestão dos seus bens (por exemplo, os campos agrícolas). Porém, a sua relação com a ruralidade é ainda idealizada, romantizada e carente de substância prática - como Jacinto, de *A Cidade e as Serras*, que na chegada à sua quinta em Tormes quer saber tudo sobre as árvores, num ímpeto sonhador, de quem poeticamente imagina poder operar transformações instantâneas na paisagem. A atração e respeito que Manuel nutre pela natureza idealizada e pitoresca deverá assentar numa plataforma mais sólida, que capacite o teor prático das suas intenções.

Enquanto jovem adulto, Manuel encontra-se num ponto de viragem da sua vida e questiona o passado, o presente e o futuro. O matrimónio veio apaziguar e mesmo atenuar alguns traços da sua personalidade: tornou-se mais ponderado e sossegou algumas das suas inquietações; conquistou alguma maturidade e cresceu nele uma vontade maior de cuidar dos seus bens, de criar raízes. Consolida-se, sobretudo, a paz necessária ao estudo, à responsabilidade e à domesticidade. A sua esposa atua como um equilíbrio conciliador na sua vida, um foco de sensatez.

Ainda assim, na sua essência, Manuel mantém-se sonhador e as suas reflexões romântico-ruralistas ganham dimensão no conforto das poltronas forradas a tecidos macios e de cor damasco, onde se recosta por vezes à luz filtrada pelas copas altas dos plátanos, enquanto lê uma colectânea de poemas e bebe um chá de violetas. Há ramos de alfazema nas gavetas dos seus móveis de nogueira tenuemente envernizados e amoras nas taças ornamentadas de saliências vítreas.

Tem gosto em manter vivas as tradições familiares e considera que os *tesouros* de família não são propriamente para exhibir, mas sente vaidade quando algum convidado lhe questiona as origens de certo pormenor mais valioso. Manuel

preza a discrição e a intimidade. É cauteloso com quem de si se aproxima, mas depois de conquistada a sua confiança, revela-se simpático e afetivo, mantendo sempre um cuidado senhoril nas suas maneiras - embora nas palavras seja menos erudito, mais simples, mas sempre com forte presença.

Pelo que descrevemos, a entidade que se nos apresenta na Quinta das Águas Férreas transmite uma ambiência excepcional mas que nos é familiar, fácil de nos identificarmos afetiva e intelectualmente, talvez porque nos introduz a um tipo de erudição que se aproxima do senso comum.

Tal como a poesia de Sophia, possui espírito elaborado mas acessível; tal como os pensamentos de Saint-Exupéry, reconhece-se naquele tipo de esperança associado a alguma mágoa; tal como os embrechados dos tanques da Quinta, no seu porte *quase* erudito há qualquer coisa de *quase* *naïf*.

"(...) A terra é ao mesmo tempo o suporte do construído.

O palácio, visto do exterior, tem uma escala pequena e amável. A qualidade e intensidade da sua presença têm mais a ver, sobretudo com os espaços abertos que o envolvem. (...)

A intervenção consiste basicamente na introdução de mais uma plataforma de terra, hoje construída de uma maneira mais complexa e sofisticada que as anteriores. esta plataforma interessa sobretudo como plano de referência num espaço cartesiano. O nível a que se constrói esta plataforma e os seus limites geométricos introduzem uma ordem de diálogo. As suas medidas foram-se fixando e permitindo a pouco e pouco a aceitação do programa e a sua perfeita ligação ao existente. A pequena escala no exterior e a ressonância do palácio no interior. A terra para além de suporte é matéria de construção, com a água, a pedra, o aço e o vidro a limitá-la.

(...)

Em arte existe a noção de « campo » que é a prévia definição do espaço da intervenção. a necessidade que sinto de redefinir um plano horizontal de referência corresponde à definição do « campo ». materializado, este funciona como a folha branca ou a tela ou o palco iluminado no teatro ou na dança. o plano horizontal de relva, abstracto e matérico é a convenção necessária num universo fragmentário e ligeiramente caótico."

⁵³⁸ <https://www.archdaily.com.br/br/01-37199/centro-de-documentacao-e-informacao-palacio-de-belem-carrilho-da-graca-arquitectos>



40. a 43. Centro de Documentação e Informação do Palácio de Belém (Arq.º João Carrilho da Graça), 2018.

Arquitetura formalizada à semelhança do novo corpo proposto de formação/laboratórios para a Quinta (linear, semienterrado, com pátios e relação com a pré-existência, o jardim e a água.

*"O objectivo fundamental de qualquer acção de reabilitação (...) consiste em resolver os danos físicos e a patologia construtiva e ambiental acumuladas ao longo dos anos, assim como introduzir, sempre que necessário, uma beneficiação geral - modernizando as instalações e equipamentos existentes -, tornando esse edifício apto para o seu completo e actualizado (re)uso (...). Outro objectivo igualmente importante consiste em assegurar a salvaguarda, para gerações vindouras, de todos os elementos com valor cultural e arquitectónico, maximizando também a reutilização de elementos preexistentes por razões ecológicas e de sustentabilidade ambiental."*⁵³⁹

O desgaste pela passagem do tempo e pela ausência de manutenção - ou, ainda, decorrente de tantos outros fatores como a exposição ao meio envolvente, as ações de ordem humana ou as propriedades intrínsecas à sua constituição física e química - impõe aos materiais construtivos um enfraquecimento durante a sua vida útil que, dependendo de variadas condicionantes, poderá conduzir a determinadas patologias e danos construtivos.

Numa abordagem aproximada ao pormenor do contexto construtivo da Quinta das Águas Férreas, propusemo-nos a reconhecer o estado de conservação dos elementos mais representativos no todo edificado e a identificar a provável natureza, causa e origem das diversas anomalias encontradas nas preexistências a intervir - tarefa que consideramos fundamental ao traçar de um projeto de arquitetura que contemple a reabilitação de um lugar.

Tendo por base teórica o *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional*, procurámos não nos limitar a uma concepção generalista dos problemas identificados mas adequar a leitura realizada às especificidades construtivas com que deparámos *in situ* na arquitetura da Quinta. Decorrente desta análise de confronto entre suporte teórico e empírico, apresentam-se para cada caso *soluções* construtivas que se pretendem propostas de resposta fundamentadas às fragilidades encontradas.

Pela representatividade que lhe é inerente e pelo essencial da nossa atuação arquitectónica ser a ela contíguo, entendemos ser na casa, núcleo central à componente edificada da Quinta, que mais se deve concentrar esta análise.

⁵³⁹ AGUIAR, José; PAIVA, José Vasconcelos; PINHO, Ana - *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional*. vol. I, 1ª ed. Lisboa: Instituto Nacional de Habitação e Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2006, p.270

Conforme anteriormente esclarecido, é na sua conformação em U que a casa se abre para o vale que recorta o território, a nascente. Na sua ala norte, o primeiro piso é ocupado, na fachada virada a sul, por uma longa *marquise* que remata a sala de jantar. Nesta varanda fechada fomos confrontados com o **destacamento do tecto falso em gesso**, situação provocada pela humidade por condensação que é manifestada nas transições parede/cobertura (zona vulnerável à ocorrência de ponte térmica) através de fungos e eflorescências, e que concorreu para que o revestimento em gesso perdesse aderência ao suporte de fasquiado de madeira. Podemos também supor que a humidade por precipitação terá atuado através da envolvente exterior (provável fendilhamento dos materiais da cobertura), provocando infiltrações, com consequente apodrecimento das madeiras de suporte (material de elevada higroscopicidade) e da camada de isolamento (aglomerado de cortiça).

Este dano construtivo repete-se no alpendre que dá para o pátio interior da casa (piso térreo). Neste caso, a ocorrência de humidade por condensação na massa de ar contida entre a laje do piso superior e o revestimento de tecto do alpendre terá conduzido ao destacamento deste, pelas diferenças de temperatura interior/exterior. Devido à humidade por precipitação, a partir das paredes exteriores, ter-se-ão também criado condensações superficiais nesta zona tendencial à ocorrência de pontes térmicas.



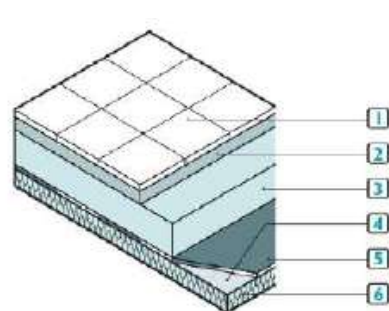
44. Destacamento de tecto falso, marquise, 2017.



45. Destacamento de tecto falso, alpendre, 2017.

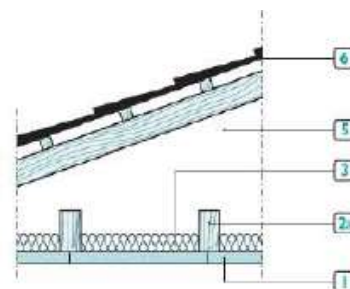
Em ambos os casos, a solução prevista passa por uma primeira fase de eliminação de zonas humedecidas e tratamento de fungos, logo prosseguindo para a substituição geral dos materiais danificados: revestimentos de tecto (novas placas de gesso cartonado com acabamento de pintura), bem como do suporte do revestimento (fasquiado de madeira) e do material isolador (placa XPS) que, na situação de alpendre, deve ser aplicado abaixo da laje e acima do tecto falso, conforme representado em D. No caso da *marquise*, deve também ser executada a reparação da cobertura inclinada, segundo o esquema C.

46. Pavimento sobre espaço exterior ou não-aquecido: isolamento térmico inferior, 2006.



- 1 - Revestimento de piso
- 2 - Betão/ilha de assentamento
- 3 - Pavimento resistente
- 4 - Pontos de colagem
- 5 - Pátria-vapor
- 6 - Isolamento térmico

47. Cobertura inclinada com desvão não-habitável: isolamento térmico na esteira horizontal, 2006.



- 1 - Revestimento de tecto
- 2 - Laje de esteira
- 2a - Estrutura de madeira da esteira
- 3 - Isolamento térmico
- 4 - Protecção superior (eventual) do isolamento térmico
- 4a - Revestimento de piso
- 5 - Desvão
- 6 - Revestimento de cobertura

De facto, de entre os fenómenos químicos que contribuem para o enfraquecimento dos materiais construtivos - sobretudo os de revestimento - a **humidade** é aquele que mais abrangentemente toma parte na massa edificada da Quinta das Águas Férreas - facto também derivado da densa vegetação que envolve estas construções. Do reconhecimento realizado, entendemos que esta causa patológica de forte expressividade ocorre de modo extensivo, tanto em paramentos exteriores quanto interiores.

No caso dos **paramentos exteriores**, os danos percebidos são gerais, embora apresentem maior incidência, naturalmente, nas fachadas voltadas a norte, devido à ausente incidência direta do sol. Tanto nestas quanto noutras fachadas, as consequências da **humidade por precipitação** são sobretudo visíveis em pontos mais críticos, de ligação dos panos de parede de simples preenchimento da malha estrutural com elementos da estrutura e com guarnecimentos de vãos (neste caso, arcos) - partes propícias à ocorrência de pontes térmicas. Os danos visíveis são também causados pela **humidade por capilaridade**. Uma destas situações corresponde à zona de alpendre anteriormente descrita onde, à humidade nos paramentos exteriores, equivale a mesma razão já avançada (questão do tecto falso onde há caixa de ar e acumulação de humidade).

A solução proposta para estas ocorrências passa pela melhoria do isolamento térmico das paredes exteriores, com adequada correção de pontes térmicas (na zona de caixa de ar entre a laje e o tecto falso do alpendre exterior, por exemplo) e intervenção sobre os revestimentos, com o picar da argamassa existente e substituição por uma mais porosa, que permita a aplicação de tinta com boa permeabilidade ao vapor de água, adequada ao suporte.



48. Humidade em paramentos exteriores, pátio, 2017.

49. Humidade em paramentos exteriores, fachada norte, 2017.

A **humidade em paramentos interiores** ocorre essencialmente em dois compartimentos localizados em piso térreo semienterrado - um pertencente ao volume da casa (compartimento abobadado e possivelmente remetente ao século XVIII), outro, integrante do corpo que fecha a sul o pátio de chegada à Quinta. Ambos os compartimentos são afetados por **humidades ascendentes** provenientes de águas freáticas do terreno que tendem a ser absorvidas e a ascender por capilaridade nas paredes. Para além deste incidente, os espaços sofrem também **pressão hidroestática** (que leva à penetração de água através das paredes enterradas) e **humidade por condensação**, dado o deficiente isolamento térmico das divisões. Também nos paramentos, a presença de sais solúveis, aliada à humidade, dá origem a eflorescências e salitre, com conseqüente desenvolvimento de fungos e deterioração de revestimentos.



50. Humidade em paramentos interiores, antiga adega, 2017.

51. Humidade em paramentos interiores, compartimento abobadado, 2017.

A solução que propomos para estes graves danos deverá passar, pelo menos, por três fases: a reabilitação/criação de uma vala periférica de drenagem junto às paredes enterradas; a limpeza e secagem das paredes e adição de produtos impermeabilizantes numa camada horizontal contínua que impeça a ascensão de água; a constante ventilação dos espaços ou o optar pelo processo de remoção dos rebocos até à profundidade de 3cm e adicionar placas de gesso cartonado hidrofugado e afastado 2 a 3cm da parede original (F), o que irá reparar as eflorescências.

Por fim, também o pavimento deve ser reconstruído, contemplando a interposição de um filme de polietileno sobre a betonilha (e posterior execução das camadas superiores do pavimento).

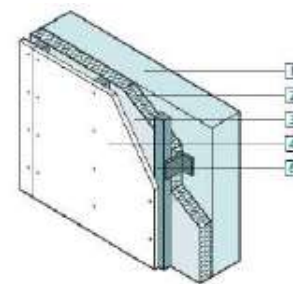


Fig. 52 - Contra-fachada de peso suspenso

- 1 - Parede exterior
- 2 - Isolante
- 3 - Caixa de ar
- 4 - Contra-fachada
- 5 - Revestimento interior
- 6 - Estrutura de suporte da contra-fachada

52. Contra-fachadas executada no lado interior da parede, 2006.

Um outro dano construtivo que concorre para a afetação do aspeto (e da resistência aos elementos exteriores) dos paramentos é o **destacamento de revestimentos** que, no volume correspondente à casa, ocorre tanto em **paramentos exteriores** como **interiores**.

Relativamente a esta patologia, identificamos diversas causas possíveis, cada qual correspondente a uma dada situação. Interpretamos que na situação dos paramentos interiores, o destacamento de pintura (fendilhação e descolamento) ter-se-à sobretudo devido à incompatibilidade entre revestimento e suporte, pelo provável uso de tintas com reduzida permeabilidade ao vapor de água. Nos paramentos exteriores, os danos observados ter-se-ão devido ao desgaste dos elementos de suporte, pela concentração de cargas nos nembos das paredes - o que originou fendas inclinadas ou verticais a partir dos ângulos dos vãos. A este fenómeno poder-se-à também ter associado a ocorrência de retrações do próprio revestimento devido ao constante processo de humedecimento-secagem - que provoca a perda de coesão e o amolecimento da pintura.



53. Destacamento de revestimentos interiores, 2017.



54. e 55. Destacamento de revestimentos exteriores, 2017.

Independentemente da causa, a solução que abrange qualquer uma destas situações deverá passar pela eliminação de revestimentos de tinta fissurados por escovagem manual ou pulverização de água. Posteriormente, no caso da reparação localizada de fendas exteriores mais pronunciadas, deve-se contemplar o processo de picar a argamassa preexistente e aplicar novas argamassas com base em cal aérea (o que torna o material mais flexível e retarda a presa, agarrando melhor ao suporte preexistente). Para a repintura exterior propõem-se tintas de silicato formuladas com ligante orgânico (resinas acrílicas) que são resistentes e adequadas a rebocos antigos e, para a interior, tintas plásticas adequadas ao suporte existente.

Embora com menor expressividade e importância menos significativa para o projeto de reabilitação que propomos, encontramos ainda dois tipos de patologia que afetam sobretudo outros elementos edificados da Quinta.

As **patologias em elementos pétreos** são recorrentes em edifícios de alguma idade, por possuírem estes materiais certas propriedades que os tornam susceptíveis à acumulação de sujidades várias. Tanto as cantarias de vãos da casa como os elementos dos torreões são compostos por calcário tipo "Lioz". No primeiro caso, o grau de degradação é mínimo, reconhecendo-se apenas alguma tendência para a ocorrência de eflorescências (formação e destacamento de placas superficiais sob forma de areia ou pó, devido à migração de sais) e de colonização biológica (fungos, líquenes e musgos) derivada de condições propícias de humidade e luz, na superfície ou sob as pedras. No caso do mármore de Estremoz, para além da maturação de ambas as patologias descritas, desenvolveu-se também desgaste de peças de ferro ou por ações estruturais).



56. Patologias em elementos pétreos, arco dos torreões, 2017.

57. Patologias em elementos pétreos, torreões, 2017.

58. Patologias em elementos pétreos, cantaria de vão, 2017.

A solução adequada a estas ocorrências prevê um processo de limpeza para eliminação de sais e parasitas, com recurso a pulverização de água, escovagem e pastas biológicas (processo não nocivo). No caso de eventuais fissuras, recorre-se a resinas epoxi (com eventual adição de pigmento) para a sua colmatação.

O **aparecimento de armaduras de betão** verificou-se em dois locais distintos da Quinta. Em ambos os casos, os danos decorridos deveram-se à fendilhação e delaminação de betão de recobrimento devido à corrosão de armaduras (ferrugem) pelas alterações químicas do próprio betão (perda de passivação das armaduras) pela sua porosidade, fenómeno em que concorrem a humidade relativa ambiente (no caso da viga do compartimento interior) ou a exposição direta à chuva (no caso do lintel em paramento exterior).

59. Aparecimento de armaduras de betão, lintel em paramento exterior, 2017.



60. Aparecimento de armaduras de betão, viga de compartimento interior, 2017.



O processo corretivo para os danos descritos pressupõe alguma complexidade: após a remoção das zonas deterioradas, deve-se proceder à remoção do betão danificado em 15mm de profundidade das armaduras; preparar as armaduras com limpeza a jacto abrasivo e pintura anticorrosiva; humedecer a superfície do betão para depois aplicar betão projetado ou autocompactável em camadas de 10 a 25mm; e, por fim, proteger os elementos intervencionados (inibidores da corrosão).

Por último, atentamos num tipo de patologia associado ao particular conjunto artístico de **embrechados** que muito importa tanto à significação própria do lugar como à proposta de reabilitação presente neste trabalho. O **destacamento de peças**⁵⁴⁰ na composição de embrechados atua como grave fenómeno à integridade deste conjunto patrimonial, pelo que importa considerar não apenas as suas

⁵⁴⁰ Esta patologia ocorre também, embora de modo diferente, no painel de azulejos que emoldura a pequena fonte localizada no pátio interior da casa. Neste caso, para além da limpeza e eliminação de irregularidades da base de assentamento, poder-se-ia também proceder a um estudo da composição preexistente de azulejos para eventual substituição de elementos em falta, com recurso a colas adequadas ao suporte e aos elementos de revestimento (propõe-se esta solução dada a maior facilidade em reproduzir o aspeto figurativo dos azulejos e de colmatar os espaços vazios, face à mais complexa situação dos embrechados; não obstante, nenhuma ação de restauro será bastante para recuperar o carácter original das composições); nota da autora.

causas como as suas consequências e, sobretudo, a tomada de medidas para a devida prevenção do agravamento desta patologia.

Para a ocorrência de perda de aderência e desprendimento de peças deverá contribuir o provável acesso de humidade à base de aplicação, pela ação de agentes atmosféricos e/ou pela degradação da própria base (porosidade excessiva, fendilhação), com consequentes fenómenos de retração nas camadas subjacentes. No entanto, dado o longo período de abandono a que a Quinta tem sido votada, impõe-se como causa lógica e provável à ocorrência destes danos as ações de vandalismo e roubo. Seja devido a causas naturais, químicas ou humanas, o suporte fica exposto e torna-se, portanto, mais susceptível à infiltração de água - o que poderá contribuir para uma perda contínua dos inertes que ainda persistam.

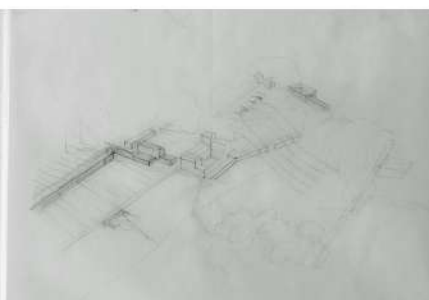
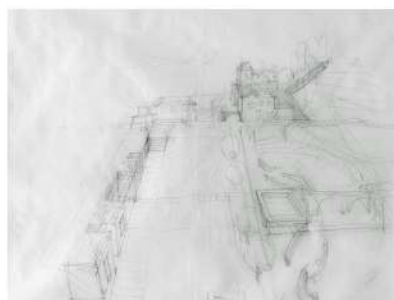


61. Destacamento de peças, painel de azulejos, 2017.

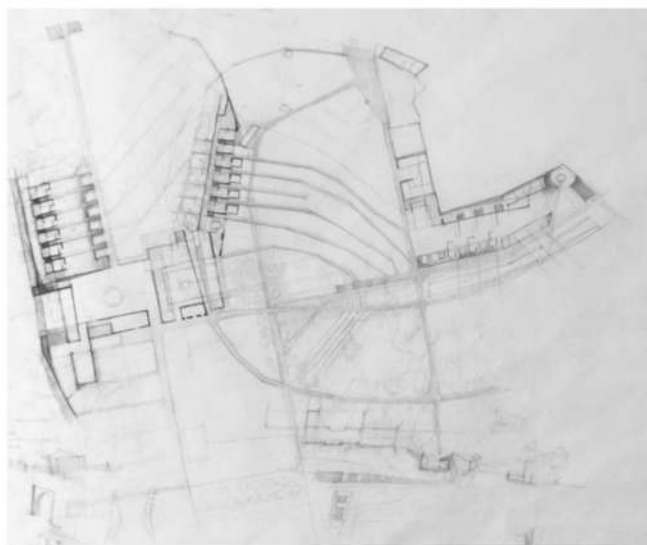
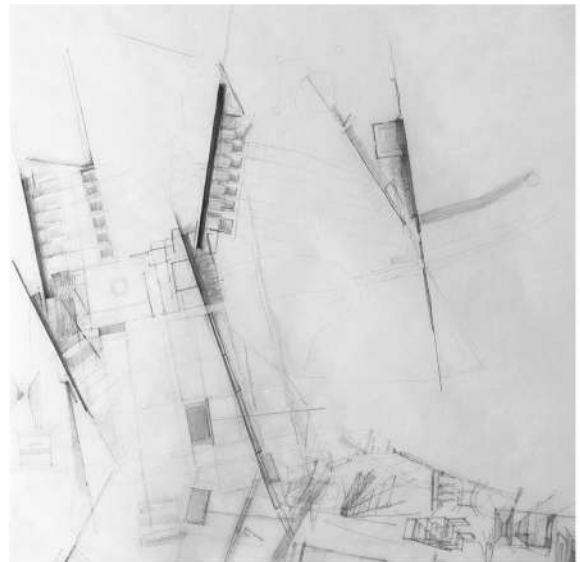
62. Destacamento de peças, espaldar de embrechados, 2017.

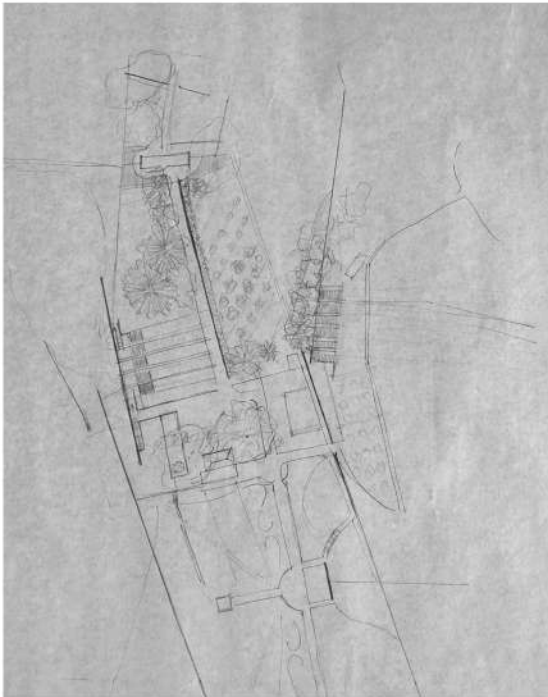
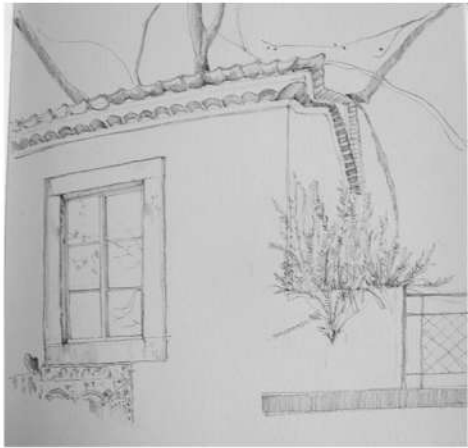
Dado o avançado estado de decomposição destes trabalhos, não seria possível estabelecer uma recuperação eficaz ou, mesmo, *adequada* dos conjuntos figurativos, uma vez que cada peça perdida possuía a sua unicidade, tornando-se portanto irrepetível o carácter inicial da obra (dada a natureza artesanal do embrechado). Neste sentido, propomos apenas uma ação de limpeza e eliminação de irregularidades da base de assentamento. Devido à delicadeza destes trabalhos, impõe-se também, para a conservação das peças restantes, uma manutenção regular com adequada limpeza.

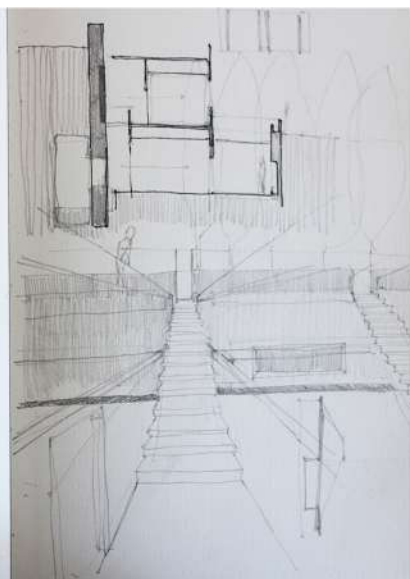
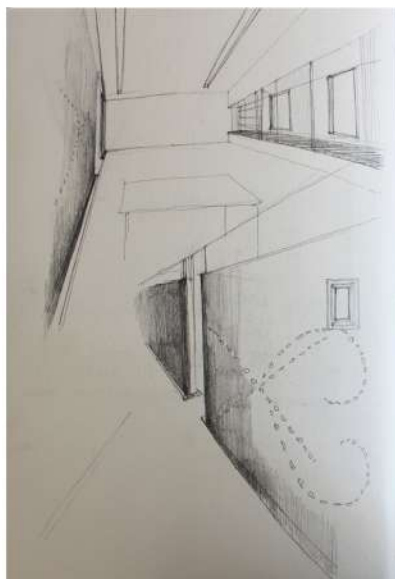
7.1. PEÇAS DESENHADAS
SELEÇÃO DE ESQUISSOS

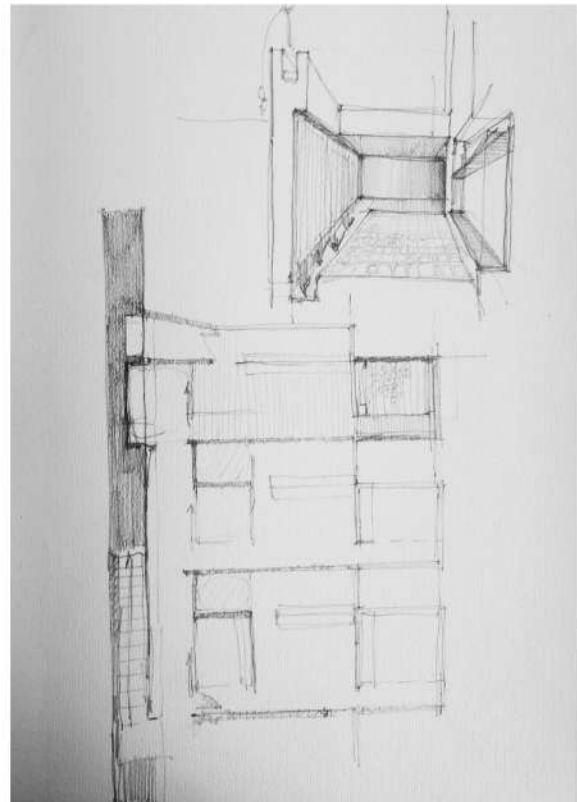
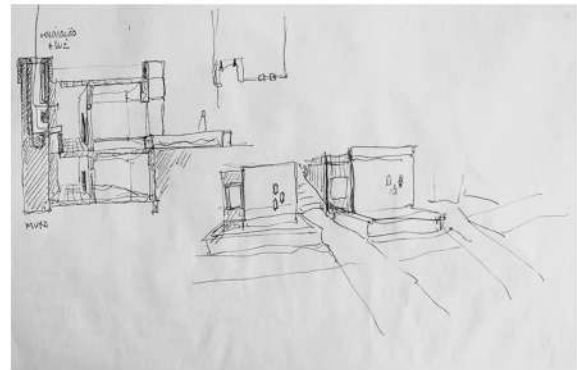
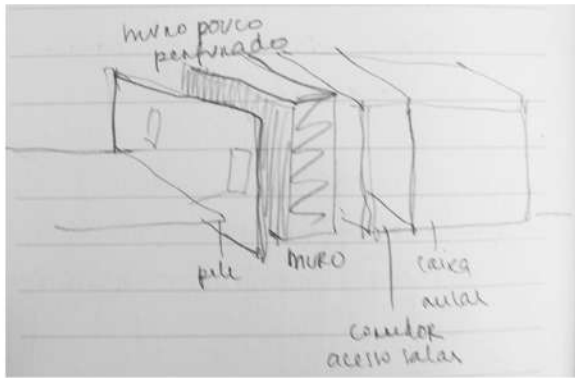
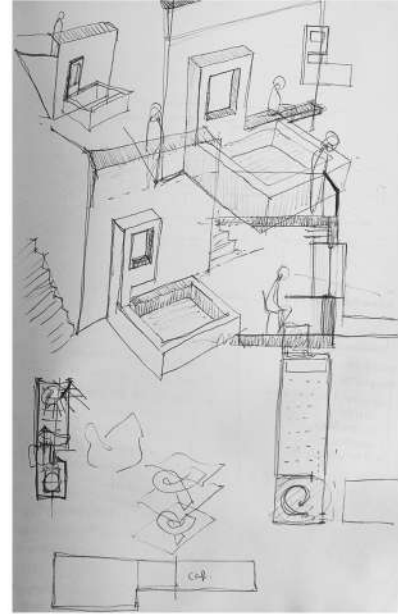
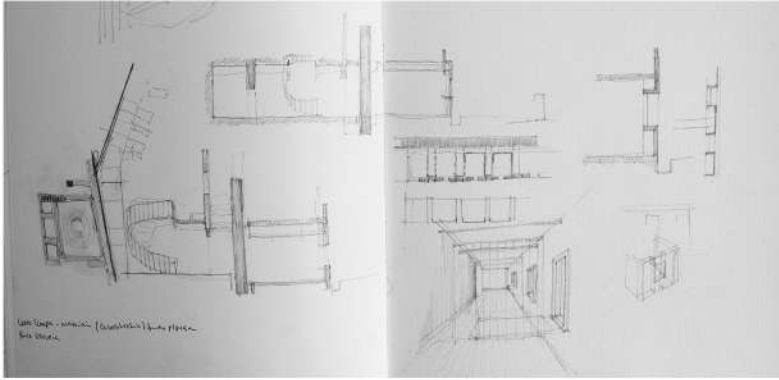


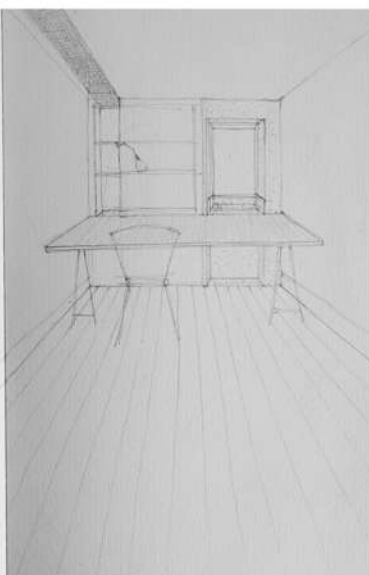
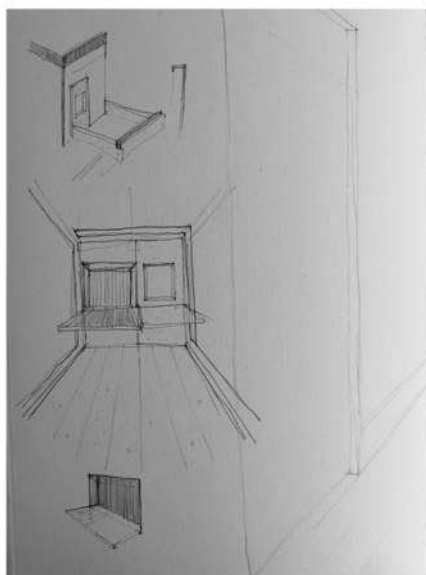
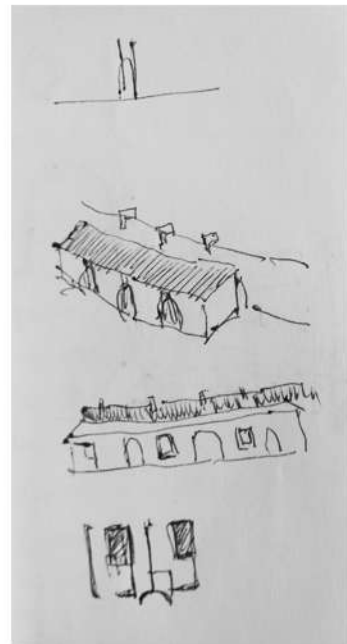
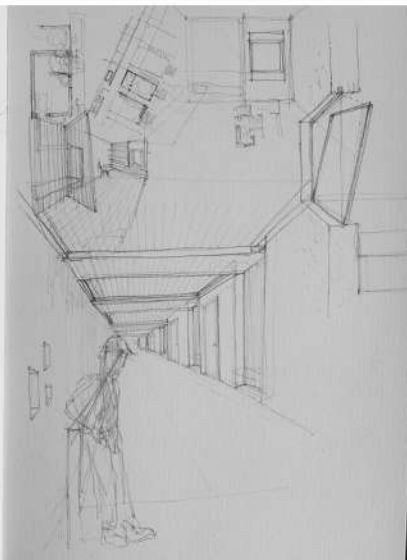
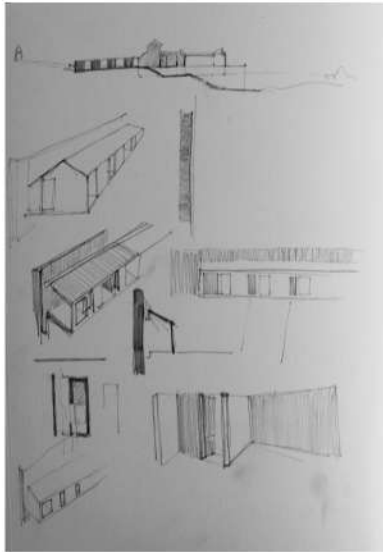












7.1. PEÇAS DESENHADAS

PAINÉIS FINAIS

A REGIÃO

A meio caminho entre Lisboa e Sintra, o lugar de Venda Seca compreende a área noroeste da freguesia de Queluz-Belas, inserida no concelho de Sintra. Por entre terrenos acidentados, vales férteis e numerosas linhas de água, a região usufrui de um particular contexto geográfico que em muito terá influenciado os assentamentos humanos que dela tomaram parte ao longo dos tempos.

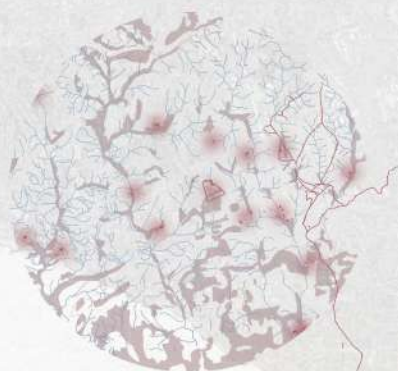
"No fundo, a terra saloia representou sempre para o libboeta de todas as classes a satisfação de uma série de ansiedades míticas: o ar puro, a água limpa e leve, a comida viva e abundante, o vinho puro e inofensivo do lavrador - o quadro dos prazeres simples e naturais." (MONTEIRO, L.)

As quintas que até hoje resistiram a todo urbanística nestas periferias foram-se tornando cada vez mais alheias à existência contemporânea. Muitas delas encontram-se em situação de abandono e o seu valor histórico é objeto de verdadeiro desconhecimento por parte da população geral.

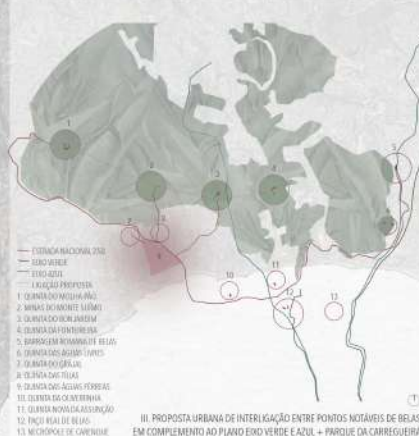
A QUINTA DAS ÁGUAS FERREAS

Limite sul ao casario com que se desenha a povoação de Venda Seca, lugar de Belas, a Quinta das Águas Ferreas distende-se nos seus quinze hectares verdejantes como uma promessa fecunda entre traços eruditos e vernaculares, sintetizada nos contornos de uma adaptação da Casa Portuguesa de Raul Lino.

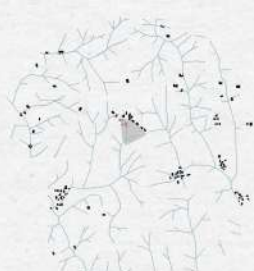
A sua força estruturante, em muito decorrente da relação territorial que estabelece com o entorno - mas, sobretudo, do seu pulsar interno, expresso nas qualidades da água e da vegetação, afirma-se hoje enquanto condição mítica à atratividade outrossa exercida sobre uma burguesia lisboeta de inícios do século XX - que ali recreou uma bucólica realidade segundo um modo de vida já moderno e urbano.



● VÃO DE FLECHEIRO VÁRIAS REDELOGOS
1. ADEBUTO DAS ÁGUAS FERREAS
2. QUINTA
3. LINHAS DE ÁGUA

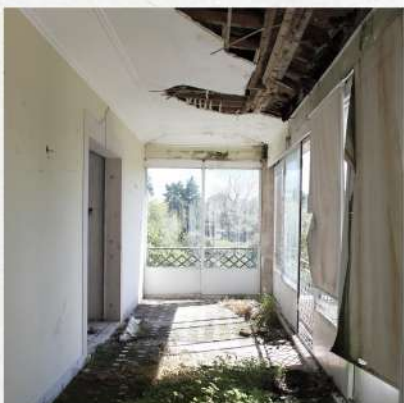


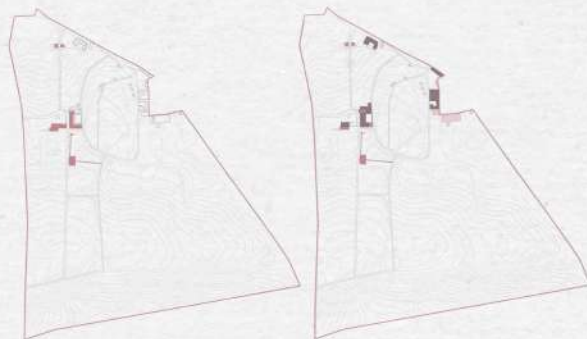
1. ESTADIA NACIONAL 250
2. ENDO VERDE
3. ENDO AZUL
4. LINHAS DE ÁGUA
5. QUINTA DAS ÁGUAS FERREAS
6. QUINTA DAS ÁGUAS FERREAS
7. QUINTA DAS ÁGUAS FERREAS
8. QUINTA DAS ÁGUAS FERREAS
9. QUINTA DAS ÁGUAS FERREAS
10. QUINTA DAS ÁGUAS FERREAS
11. QUINTA DAS ÁGUAS FERREAS
12. QUINTA DAS ÁGUAS FERREAS
13. QUINTA DAS ÁGUAS FERREAS



IV. LINHAS DE ÁGUA E CONCENTRAÇÃO DE EDIFÍCIO NO TERRITÓRIO DE BELAS E PROXIMIDADES 1856 - 1900 - 1940 - 2019







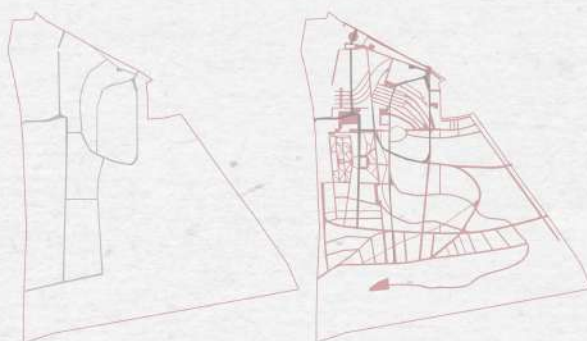
I. POSSÍVEIS CONSTRUÇÕES ANTERIORES A 1935
 II. POSSÍVEIS CONSTRUÇÕES ANTERIORES A 1935, MANTIDAS ATÉ HOJE (A PRESERVAR) ●
 EDIFICADO DE 1935 (A REABILITAR) ●
 EDIFICADO DE 1935 E POSTERIOR (A DEMOLIR) ■



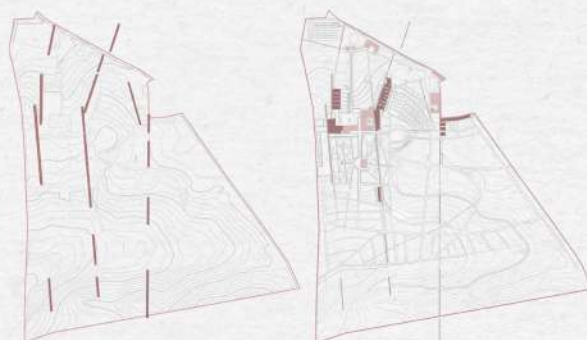
III. COMPOSIÇÃO VEGETAL PRÉ-EXISTENTE
 IV. COMPOSIÇÃO VEGETAL PROPOSTA + ZONAMENTO



V. SISTEMA DE ÁGUAS PRÉ-EXISTENTE
 VI. SISTEMA DE ÁGUAS PROPOSTO



VII. SISTEMA DE PERCURSOS PRÉ-EXISTENTE
 VIII. SISTEMA DE PERCURSOS PROPOSTO



IX. SISTEMA DE MURROS PROPOSTO + RELAÇÃO COM TOPOGRAFIA
 X. PROPOSTA GERAL: EDIFICADO PRÉ-EXISTENTE MANTIDO E REABILITADO ■
 EDIFICADO NOVO ●



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO - escala 1/1000

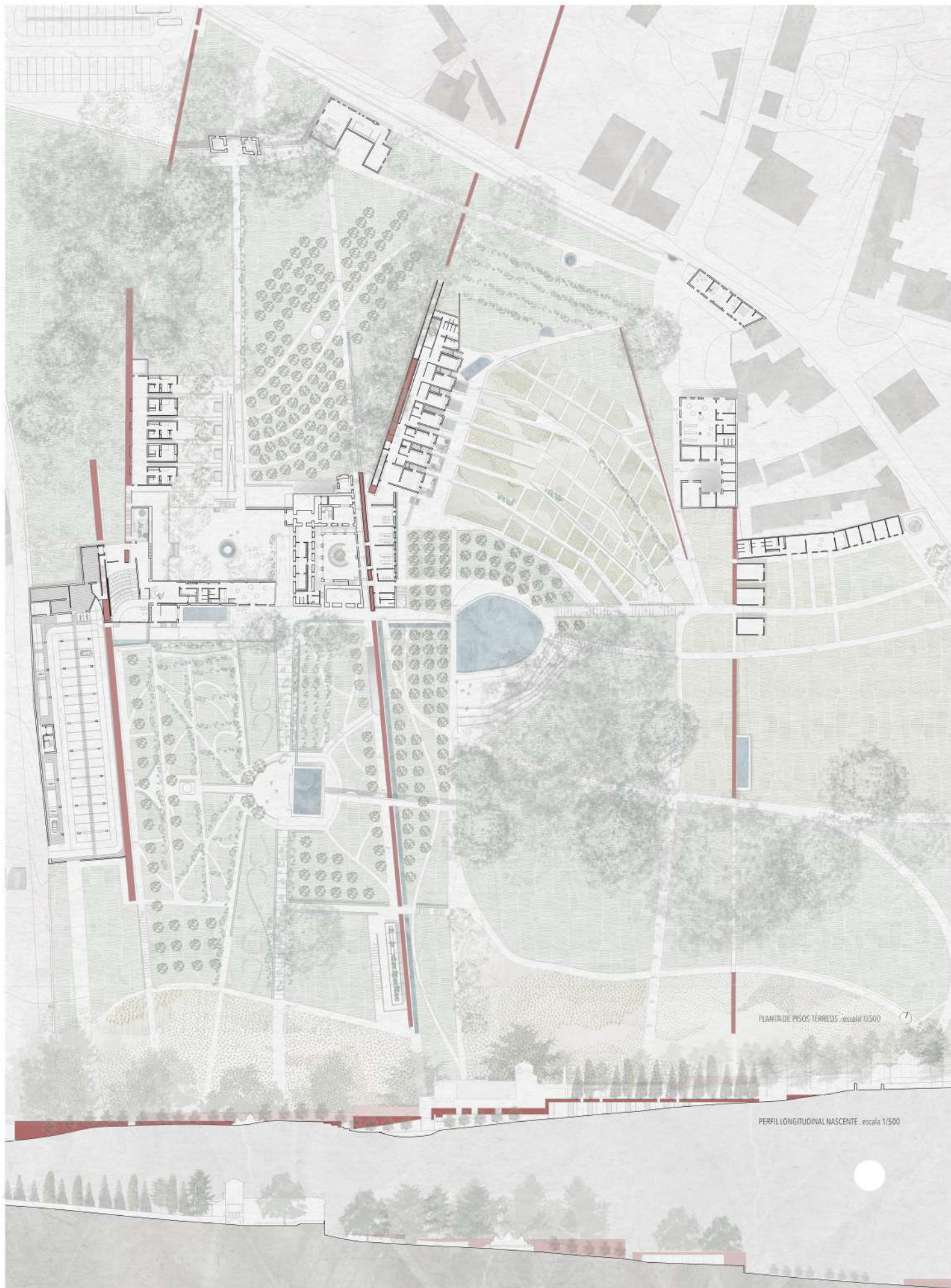
DESENVOLVIDO POR: PROF. DR. JOÃO

1. ESTACIONAMENTO (ESTRADA); 2. ENTRADA PRINCIPAL E TORREÕES; 3. MERCADO "CASA DO MICROBIO"; 4. MATAS (PINHEIROS E EUCALÍPTOS); 5. POMAR DE FRUTAS E BLENQUE DE CIPRESTES; 6. NÚCLEO DE ALUGUEMENTOS TEMPORÁRIOS; 7. PATIO (PLANTAS); 8. AUDITÓRIO E CAFETERIA "ADRIANA"; 9. BIBLIOTECA JOAQUIM E CENTRO DE ECOLOGIA APLICADA ("CACA"); 10. ESTACIONAMENTO SUBTERRÂNEO; 11. JARDIM DO PESQUISO; 12. PEQUENA ESTUA; 13. CAMPOS AGRÍCOLAS DE GRANDE EXTENSÃO E VIVÍEROS ILUSTRAIS; 14. HERBÁRIO E CUBA; 15. CAMPOS AGRÍCOLAS DE PROXIMIDADE; 16. NÚCLEO DE FORMAÇÃO E INVESTIGAÇÃO AGRÍCOLA; 17. POMAR DE AGUA (CITRINOS); 18. BACIA DE RETENÇÃO E AMP. TEATRO; 19. MATAS PEQUENAS (CASTANHEIRAS E PINHEIROS); 20. ENTRADA SECUNDÁRIA E NÚCLEO PEDAGÓGICO; 21. RESTAURANTE "CELBRO"; 22. NÚCLEO AGROPECUÁRIO E ÁREAS AGRÍCOLAS; 23. POSTO APLICADO; 24. PASTAGENS; 25. RESERVA BOTÂNICA; 26. MATA DE DELIMITAÇÃO SUL.

05



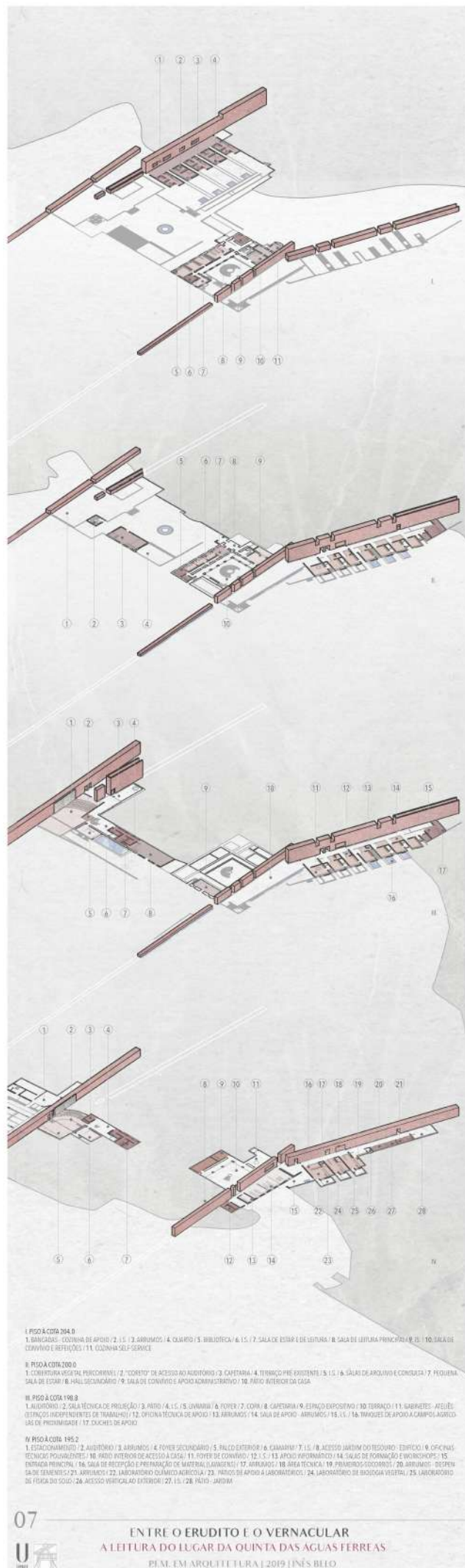
ENTRE O ERUDITO E O VERNACULAR
A FÉUTURA DO LUGAR DA QUINTA DAS ÁGUAS FERREAS COMO PROCESSO PARA A SUA REABILITAÇÃO: CONCEPÇÃO DE UM POLO DE INVESTIGAÇÃO AGRÍCOLA
PROJETO FINAL DE MESTRADO EM ARQUITECTURA | 2019 | ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: PROF. DR. ANTONIO LETTE E PROF. DR. PEDRO ABREU | DISCENTES: INÉS BELO (20121205)



PLANTA DE PISOS TERREOS - escala 1/300

PERFIL LONGITUDINAL NASCENTE - escala 1/500

PERFIL LONGITUDINAL POENTE - escala 1/500





ENTRE O ERUDITO E O VERNACULAR

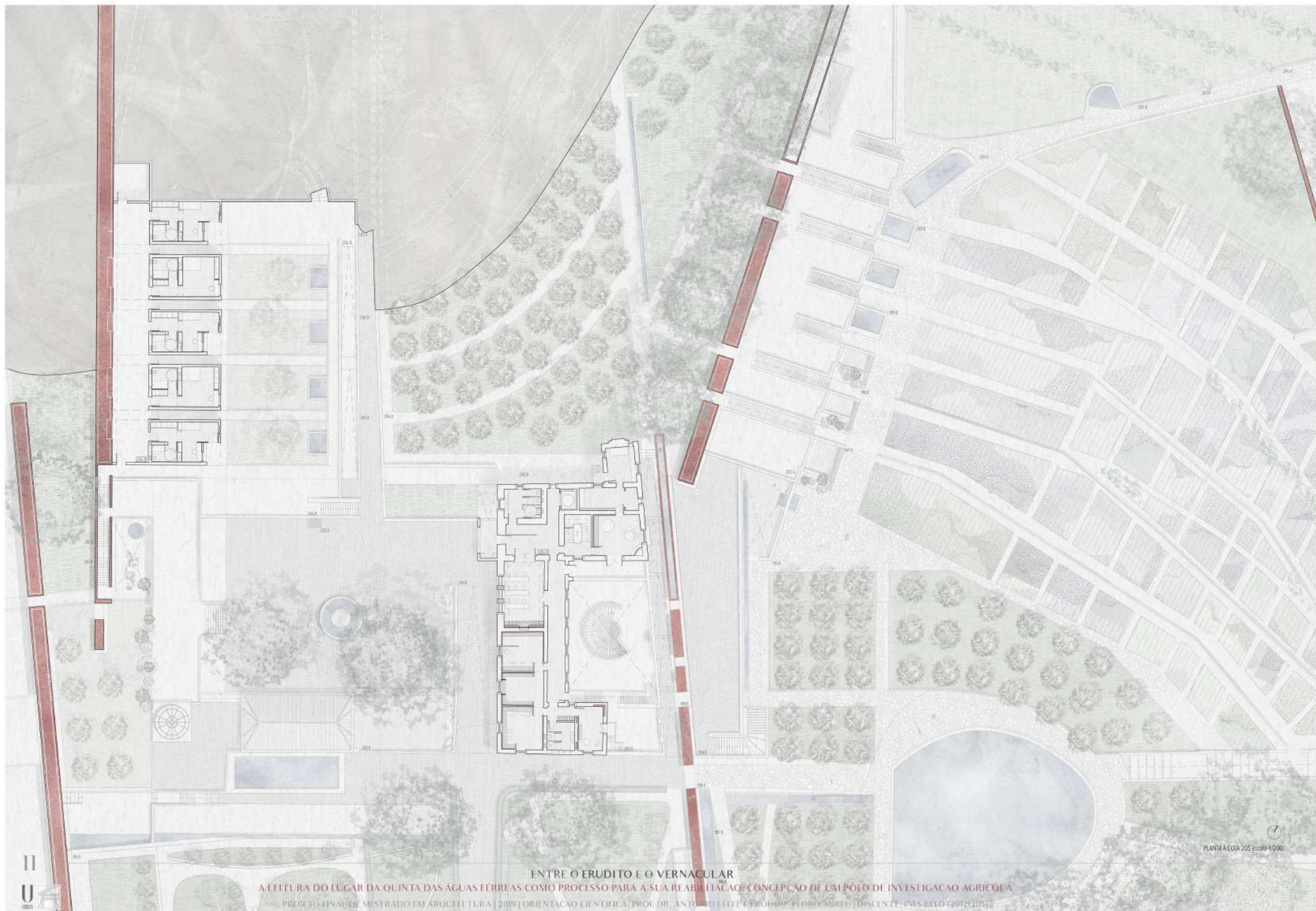
A LEITURA DO LUGAR DA QUINTA DAS ÁGUAS FÉRRAS COMO PROCESSO PARA A SUA REABILITAÇÃO: CONCEPÇÃO DE UM POLO DE INVESTIGAÇÃO AGRÍCOLA

PROJETO FINAL DE MESTRADO EM ARQUITETURA | 2019 | ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA: PROF. DR. ANTONIO LUIZ DE ALMEIDA | PROJ. DR. PEDRO ABREU | DISCENTES: INES BELO (20121205)

PLANTA A COTA 190 escala 1:200









IMAGENS DE PRIMEIRAS VISÕES DE VÁRIOS MOMENTOS DO PROJETO

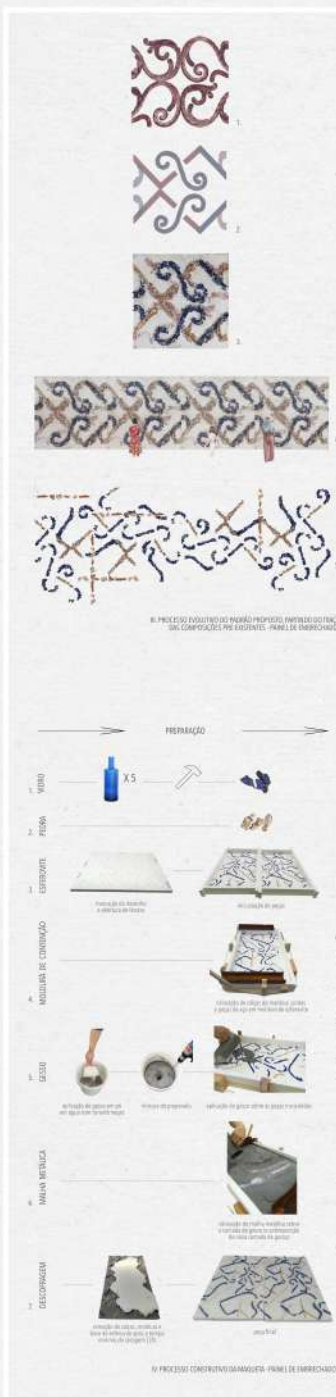


Corresponde esta particular expressão à técnica de emblechado, inovação decorativa durante os períodos maneirista e barroco, que recorre à utilização de fragmentos vários, de reduzidas dimensões, para criar um revestimento murário que propõe a re-significação das suas partes a partir do todo resultante.

Poderão ser as singulares composições de embrechado remanescentes à presença dos Jansen Moller na Quinta da Venda Seca, coadunando-se a graça e o traço dos trabalhos aos tempos de enaltecimento daquelas águas ferreas que por obra da família ali ter o chegado para sempre marcar a identidade do lugar nomeando-o até.

As composições, embora distintas nos elementos que ligam, pertencem a um único conjunto, já que surgem da mesma materialidade: mosaico, fragmentos de louça, conchas, pedras e vidros italianos (os "mais ricos em quantidade, qualidade e variedade de vidro veneziano ou a façon de Venise no nosso país" (SILVA, A.L.).

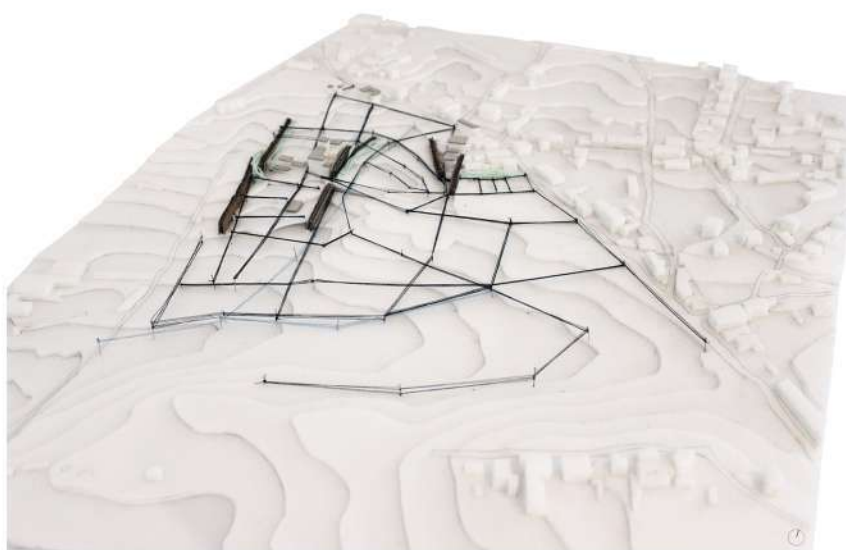
A obra resultante, que tanto empresta à arquitetura em termos materiais e conceptuais e é um misto entre espontaneidade e eloquência, graça e minuciosidade: *quase como uma arte pobre instituída em facetas do estudo* (SILVA, A.L.) - uma íntima relação que se estabelece num uma natureza cultivada e controlada, afinal assim mimetizada pela arquitetura.



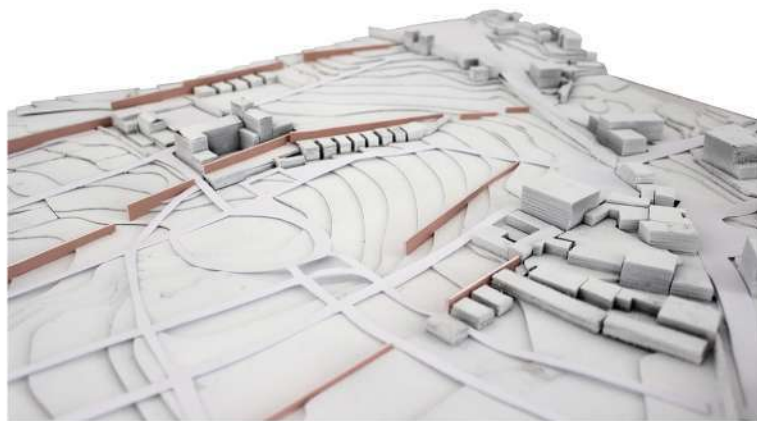
7.2. MAQUETAS



I. SERRA DE SINTRA – SERRA DA CARREGUEIRA . ESCALA 1:30 000



II. ESTRATÉGIA GERAL: MUROS, REDE DE PERCURSOS E REDE DE ÁGUAS . ESCALA 1:1000



III. PROPOSTA PARA O TERRITÓRIO DA QUINTA DAS ÁGUAS FÉRREAS . ESCALA 1:500



IV. PROPOSTA PARA A QUINTA DAS ÁGUAS FÉRREAS . ESCALA 1:200



V. PROPOSTA PARA A QUINTA DAS ÁGUAS FÉRRÉAS . ESCALA 1:200



VI. PROPOSTA PARA A QUINTA DAS ÁGUAS FÉRRÉAS (PISOS À COTA 205 - À ESQ. / PISO À COTA 202 - À DRT.) . ESCALA 1:200



VII. PROPOSTA PARA A QUINTA DAS ÁGUAS FÉRRÉAS (PISO À COTA 200 - À ESQ. / PISOS À COTA 196 - À DRT.) . ESCALA 1:200



VIII. ESTUDO DA CASA PRÉ-EXISTENTE . ESCALA 1:100



IX. REINTERPRETAÇÃO DE PADRÃO DE EMBRECHADO . 0,30M X 0,30M



X. PROPOSTA PARA PADRÃO DE EMBRECHADO . FRAGMENTOS DE VIDRO E PEDRAS EM GESSO



XI. PROPOSTA PARA PADRÃO DE EMBRECHADO – VISUALIZAÇÃO DE ESCALA A APLICAR